

Odisséia

HOMERO

Tradução do grego, prefácios e Notas
pelos Padres E. Dias Palmeira e M. Alves Correia
Edição revista por E. Dias Palmeira

LIVRARIA Sá DA COSTA EDITORA
Lisboa

Nota da Edição informática: Esta obra foi digitada por Francisco
Alves com o OCR WordScan 3. Porque o prefácio ficou com muitos
erros, foi transferido para depois do texto, antes das notas.

LIVRARIA Sá DA COSTA EDITORA
Augusto Sá da Costa, Lda.
Rua Garrett, 100-102 - Lisboa
6.ª EDIÇÃO, 1994

Todos os direitos reservados, de harmonia com a lei em vigor

Impresso em Portugal
ISBN-972-562-324-N

ÍNDICE,

DA PRESENTE EDIÇÃO
ORIGEM E SIGNIFICADO DA "ODISSEIA"
o CARÁCTER DE ULISSES

RAPSÓDIAS:

I Assembleia dos deuses. Exortação de Atena a Telémaco 1



II Assembleia dos Itacenses. Viagem de Telémaco 14

III Telémaco em Pilo 26

iv Telémaco em Lacedemónia 41

v A jangada de Ulisses 65

vi Chegada de Ulisses ao país dos Feácios 79

vii Entrada de Ulisses no palácio de Alcínoo 89

VIII Apresentação de Ulisses aos Feácios 99

ix Narrações de Ulisses: Ciclopeia 116

x Acerca de Éolo, dos Lestrígonos e de Circe r32

xi Evocação dos mortos 149

XII Sereias, Ua, Caribdes e Vacas do Sol 167

XIII Partida de Ulisses do país dos Feácios e a sua chegada a Ítaca 180

XIV Colóquio de Ulisses com Eumeu 193

xv Telémaco chega à morada de Eumeu 206

XVI Reconhecimento de Ulisses por Telémaco 22.6

XVII Regresso de Telémaco à cidade 240

XVIII Pugilato de Ulisses e de Iro 258

XIX Colóquio de Ulisses com Penélope. Lavagem dos pés 271

xx O que precedeu o morticínio dos pretendentes 288

XXI Apresentação do arco 300

XXII Morticínio dos pretendentes 313

XXIII Penélope reconhece a Ulisses 328

NOTAS

v

355

DA PRESENTE EDIÇÃO

A primeira edição deste livro foi publicado em 1938, na primeira série da Colecção de Clássicos Sá da Costa.

Acrescida de um novo prefácio, a presente edição, além das correcções necessárias, foi provida da indicação das principais interpolações e acréscimos ao texto homérico, segundo os escólios e o parecer de alguns críticos antigos e modernos, bem como da numeração correspondente aos versos do texto grego. As notas, igualmente, foram revistas, às quais se ajuntaram outras que pareceram indispensáveis para a compreensão mais fácil do texto.

Quanto ao texto sobre que foi feita esta tradução, deve notar-se que ela se baseia na editio stereopa publicado por C. Henzè, em 1897 (Lipsiae, in Aedibus B. G. Teubneri), a qual reproduz o texto da quarta edição dindorfiana, de que todavia o editor se afasta, em certos casos, segundo aconselhava a autoridade e o testemunho dos textos. Além disso, foi utilizada também, em certos passos, a edição de L'Odyssée de V. Bérard (Société d'Édition Les Belles Lettres, Paris, 1962), que adopta, em geral, o texto de A. Ludwich e de Th. W. Allen, cujos trabalhos paleográficos se referem a quase todos os códices e papiros desde o século III a. C. até à Renascença. Não deve, porém, julgar o leitor que, após estes trabalhos da crítica, nós possamos hoje ler a Odisseia autêntica, tal como foi concebida pelo autor ou pelos seus autores. A sua história é demasiado longa para que possamos apreciar todas as vicissitudes por que passou. Sobretudo, desde que foi fixada pela escrita até aos críticos de Alexandria, ela andou por muitas mãos e foi lida em muitas partes da Grécia; e, como o texto nem sempre era

inspeccionado, ou, pelo menos, não o era com rigor, por isso facilmente sofreu alterações e foram introduzidos variantes ou interpelações. Isto em teoria é admitido

VII

por toda a gente, mas na prática os críticos limitam-se apenas a indicar os passos suspeitos, à imitação de Aristarco, que condenava certos versos, mas no seu texto conservava-os todos, mesmo aqueles contra os quais a condenação era mais motivada. Contudo, apesar da nossa ignorância acerca da primitiva história do texto homérico, casos há em que a crítica pode chegar a conclusões seguras. Assim, o critério baseado nos anacronismos da Odisseia pode levar-nos a rejeitar tal verso ou tal episódio e a considerá-los alheios às realidades homéricas. Está neste caso o "Transporte das Armas", na rapsódia XIX (1-46), onde Atena com uma lâmpada de ouro alumia a Ulisses e a Telémaco para a execução deste trabalho, porquanto o poema desconhece tal gênero de iluminação. Igualmente na Odisseia (XXIV, 74) a menção da ânfora de Dionisos, onde foram colocadas as cinzas de Aquiles, indica por si só que se trata aqui de uma interpelação, pois que o poema desconhece o deus do vinho.

Interpolações de outro gênero, muito comuns na Antiguidade, são as políticas, provenientes de um patriotismo exagerado. Os Cretenses, por exemplo, tinham tentado introduzir Creta na "Viagem de Telémaco" (Odisseia, I, 93, etc.; II, 214), onde Zenódoto substituiu "Creta" por "Esparta"; e conseguiram, de facto, interpelar alguns versos, para fazerem remontar a população de Creta aos tempos homéricos (Odisseia, XIX, 175 e segs.). Estas e outras interpelações, porém, como já vimos acima, os críticos costumam conservá-las nas suas edições, contentando-se apenas com indicá-las com um sinal para informação do leitor.

Por último, convém observar que certas repetições que ocorrem no texto não têm nada que ver com as interpelações. Tais repetições pertencem ao texto homérico autêntico; são características do estilo composto de fórmulas e remontam, como

hoje é admitido, à tradição aédica.

DIAS PALMEIRA

RAPSfDIA I

Assembleia dos deuses. Exortação de Atena
a Telémaco

f Musa, fala-me do solerte varão, que, depois de ter destruído a cidade sagrada de Tróia, andou errante por muitas terras, viu as cidades de numerosas gentes e conheceu-lhes os costumes; e, por sobre o mar, sofreu no seu coração aflições sem conta, no intento de salvar a sua vida e de conseguir o regresso dos companheiros. Mas, não obstante o seu desejo, não os salvou, pois pereceram por desatino próprio os insensatos, que devoraram as vacas do Sol, filho de Hiperíone, pelo que este não os deixou ver o dia do regresso. Deusa, filha de Zeus, conta-nos a nós também algumas dessas empresas, começando por qualquer delas.

já estavam todos na pátria os que, na guerra e no mar, tinham escapado a uma cruel morte; Ulisses era o único que suspirava pelo regresso e pela esposa, detido numa côncava gruta pela veneranda ninfa Calipso, a deusa preclara, que o desejava para marido. E, quando, no curso dos tempos, chegou a época decretada pelos deuses para ele voltar a Ítaca, a sua pátria, nem sequer então, estando entre os que lhe eram caros, foi livre de trabalhos.

Todos os deuses se compadecem dele, excepto Posidão, que permaneceu encolerizado contra o deiforme Ulisses, enquanto não chegou à sua terra.

Ora o deus tinha ido à afastada região dos Etíopes -povo que vive nos confins da terra e se divide em dois ramos: um para o lado do poente e outro para o levante, - a fim de receber uma hecatombe de toiros e de cordeiros. E, enquanto se deli-

O-1

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [26-621

ciava, assentado à mesa do festim, os outros deuses reuniam-se no palácio de Zeus Olímpico. O primeiro a falar foi o pai dos homens e dos deuses, porquanto tinha presente, no seu espírito, o irrepreensível Egisto, ao qual matara o famoso Orestes, filho de Agamémnone. Lembrado dele, disse aos imortais:

- Oh, que exprobação não fazem os homens aos deuses! Dizem que de nós procedem os males, quando só eles, por loucura própria e contra a vontade do destino, são os seus autores, como sucedeu a Egisto que, contrariando o fado, desposou a legítima mulher do filho de Atreu, a quem matou no regresso, apesar de saber que o esperava uma morte cruel. E nós tínhamo-lo aconselhado antes, por meio de Hermes, o vigilante Argifonte', que o não matasse, nem lhe cobiçasse a esposa, pois Orestes vingaria o filho de Atreu, logo que chegasse à idade núbil e sentisse saudades da sua terra. Assim lho declarara Hermes; sem embargo, os seus bons conselhos não persuadiram o espírito de Egisto, que expiou todos os crimes de uma só vez.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu-lhe:

- Pai nosso, filho de Crono, dominador supremo, ele sucumbiu a uma morte muito justa; e assim morra quem praticar obras semelhantes. Mas o prudente Ulisses confrange-me o coração, o infeliz, que pena, há tanto tempo, longe dos amigos, numa ilha circundada pelas ondas, onde está o centro do mar. A ilha é nemorosa e nela tem a sua habitação uma deusa, a filha do pernicioso Atlas, o qual conhece todas as profundidades marinhas e sustenta as altas colunas que separam a Terra do céu. Ela retém-no aí, apesar dos seus queixumes, e não cessa de seduzi-lo com palavras doces e lisonjeiras, afim de que se esqueça de Ítaca. Ulisses, porém, que desejaria ver ainda que não fosse mais que o fumo que sobe da sua terra, suspira pela morte. E isto, Olímpico, não te comove o coração? Não te foi Ulisses

grato, quando, junto das naus dos Argivos, na vasta Tróia, te ofereceu sacrifícios? Porque estás, pois, ó Zeus, tão irritado contra ele ?

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [63-ioi]

Zeus, o amontoador das nuvens, em resposta disse-lhe:

- Minha filha, que palavra te escapou do cerco dos dentes? Como poderia esquecer-me do divino Ulisses, em inteligência o primeiro dos homens, que ofereceu mais sacrifícios que ninguém aos deuses imortais, moradores do vasto céu? Mas Posidão, o Sacudidor da terra, tem-lhe ódio, por ter cegado o único olho do Ciclope, de Polifemo, semelhante a um deus. Este é de todos os Ciclopes o mais valente e nasceu da ninfa Toosa, filha de Forco', dominador do mar estéril, a qual se ajuntara com Posidão numa gruta côncava. Desde então, o Sacudidor da terra, se bem que não matou Ulisses, fá-lo errar longe da pátria. Mas nós, todos os presentes, ponderemos o modo como se realizará o regresso dele; e Posidão deporá a sua cólera, pois ser-lhe-ia impossível, não concordando com os deuses, contender só com todos os imortais juntos.

Respondeu-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

- Pai nosso, filho de Crono, dominador supremo, se é do agrado dos bem-aventurados deuses que o prudente Ulisses volte a seu lar, enviemos à ilha de Ogígia a Hermes, o mensageiro Argifonte, a fim de anunciar, sem demora, à ninfa de belas tranças o decreto irrevogável, acerca do regresso do paciente Ulisses. Entretanto, eu irei a Ítaca incitar ainda mais a seu filho e incutir-lhe no coração ânimo, para que convoque a assembléia dos Aqueus de longa cabeleira e proíba a todos os pretendentes a entrada no palácio, os quais não cessam de abater-lhe ovelhas em grande número e bois de rodantes cascos e de bamboleante andar'. E enviá-lo-ei, depois, a Esparta e à arenosa Pilo, em busca de notícias a respeito da volta do seu pai e para que entre os homens adquira nomeada honrosa. Tendo assim falado, ligou aos pés belas e divinas sandálias de ouro que, com a rapidez do vento, a levavam por sobre as águas e a terra imensa; e tomou a forte lança, de aguda e énea ponta,

pesada, grande e potente, com a qual ela, a filha de poderoso pai, subjuga as fileiras dos heróis, quando se encoleriza contra r@

ODISSEIA - RAPSfDIA I [io2.-i371

eles. Desceu, depois, célere, os cumes do Olimpo e, na figura de um estrangeiro, de Mentos, rei dos Tálios, parou em terras de Ítaca, ao portal de Ulisses, sobre a soleira do pátio 4@ com a lança de bronze na mão. Encontrou os altivos pretendentes assentados diante da porta, em peles de bois, que eles próprios tinham matado, divertindo o espírito com pedrinhas de jogar. Vários arautos e servos diligentes iam-lhes misturando nas crateras vinho e água, enquanto outros lavavam com esponjas de muitos olhos as mesas, as dispunham à sua frente e trinchavam carnes abundantes. O deiforme Telêmaco foi o primeiro que a viu. Ele estava assentado no meio dos pretendentes, de coração amargurado, contemplando em espírito o seu pai valoroso: como ele, caso regressasse, [os expulsaria do palácio], reaveria os seus direitos de senhor e governaria na sua casa. Assentado, pois, entre os pretendentes, pensava nisto, quando percebeu Atena. Foi logo direito ao portal, todo indignado, por um estrangeiro esperar tanto tempo ali; e, aproximando-se dela, tomou-a pela mão direita, recebeu: a lança de bronze e saudou-a com estas aladas palavras:

- Salve, estrangeiro! Tu serás entre nós amigavelmente acolhido; e, depois do jantar, dirás que necessidade te trouxe. Assim falando, guiava Palas Atena, que o ia seguindo. Quando já estavam dentro da alta casa, ele foi pôr a lança num lanceiro bem polido, ao pé de uma elevada coluna, onde havia muitas outras lanças pertencentes ao paciente Ulisses; a ela fê-la assentar numa poltrona magnífica, artisticamente trabalhada, depois de estender por cima um pano e colocar no chão um escabelo para os pés. Para si dispôs uma cadeira com favores artísticos, ao lado dela, longe da turba dos pretendentes, com receio de que, entre esses homens soberbos, o estrangeiro fosse incomodado pelo barulho ou lhe desagradasse a refeição, bem como para ele o poder

interrogar, a respeito do pai ausente. Uma criada trouxe, então, água para lavarem as mãos, num jarro de ouro, que lhes deitou sobre uma bacia argêntea, e dispôs uma polida

ODISSEIA -RAPSÓDIA I [138-177)

mesa adiante deles. [Uma dispenseira venerável serviu-lhes pão, além de muitas outras iguarias das provisões guardadas, de que distribuía com prazer.] E um trinchante trouxe pratos de variadas carnes, que lhes ofereceu; e colocou copos de ouro à sua beira, nos quais um arauto ia, repetidas vezes, deitando vinho. Entraram os pretendentes altivos. Logo que se assentaram por ordem em cadeiras e poltronas, os arautos deitaram-lhes água nas mãos, as escravas cogularam açafates de pão e os escravos encheram crateras de bebida até às bordas. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, cuidaram os pretendentes na sua alma de outras diversões: do canto e da dança, que são os enfeites do banquete. O arauto pôs uma magnífica cítara nas mãos de Fêmio, que era obrigado a cantar junto dos pretendentes; e o tangedor principiou um inspirado canto. Telêmaco disse, então, para Atena de olhos brilhantes, aproximando a cabeça da sua, para que os outros não ouvissem:

- Meu hóspede, indignar-te-ás pelo que te vou dizer? A estes interessam a cítara e o canto - coisa cómoda, pois consomem, impunemente, a fazenda de outrem, de um homem, cujos ossos 'brancos talvez, espalhamos pela praia, se putrefaçam à chuva, ou rolem no mar, mercê das ondas. Mas, se o vissem de volta a Ítaca, todos desejariam ter antes pés ligeiros do que abundância de ouro e de vestidos, Ele, porém, sucumbiu a um fatal destino e não temos esperança de que torne, embora haja quem o afirme, entre a gente da terra. Oh, não! O dia do seu regresso não despontará, Mas fala e responde-me sem reboço-. Quem és tu? Qual é a tua terra? Onde fica a tua pátria? Teus pais onde moram? [Em que nau vieste e como te trouxeram os marinheiros a Ítaca? E quem etão ecos? p@s @,3 q@e- vtono-p-s para aqui a pé].
mm Éran<kuez,&, ga&a ficam: bem informado,

cí pela @£imeità vez, ou se és hóspede de meu Pai;
POrst @c,@s @ue à noss,& casa é conhecida de muitos homens,
com os quais ele , @h,& con@,l@o.

ODISSEIA - RAPSÖDIA I [178-216]

Disse-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

- Vou responder-te com toda a sinceridade. Eu honro-me de ser chamado Mentos, filho do prudente Anquíalo; e reino sobre os Táfiros, remadores exímios. Com os meus homens naveguei para aqui sobre o mar vinhoso a caminho de uma gente de falar estranho: vou a Témesa buscar bronze e levo para lá reluzente ferro. A minha nau ancorei-a junto da praia, a distância da cidade, no porto Retro, que é dominado pelo nemoroso Neio. Nós, Ulisses e eu, honramo-nos de ser hóspedes um do outro, por uma antiga herança paterna, como o podes perguntar ao velho herói Laertes. Este, dizem, não volta mais à cidade, mas vive, suportando as suas penas, no campo, com uma velha escrava, que lhe serve o comer e o beber, quando sente cansadas as pernas de se arrastar pelo terreno fecundo da sua vinha. Eu vim, porque me disseram que o teu pai já estava em casa; mas, como vejo, os deuses impedem-lhe o regresso, porquanto não morreu o preclaro Ulisses. Vive, talvez ainda, no vasto mar, numa ilha circundada pelas ondas, prisioneiro de homens cruéis e selvagens que o detêm contra a vontade. Sem ser adivinho ou conhecedor de presságios, vou, contudo, anunciar-te o que inspiram os imortais ao meu espírito e que, segundo creio, terá execução. Ele não permanecerá já por muito tempo longe da sua pátria, ainda que o prendam com cadeias de ferro, porque é homem engenhoso e descobrirá meio de voltar.

- Tu fala e responde com sinceridade: Ulisses já tem um filho tão crescido? Na cabeça e nos olhos belos pareces-te perfeitamente com ele. Nós visitávamo-nos muitas vezes, antes da sua ida para Tróia, para onde foram, nas naus bojudas, os mais valentes dos Argivos. Desde então, não tornei a ver Ulisses, nem ele a mim.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

- ó hóspede, eu quero responder-te com toda a franqueza. Minha mãe afirma que sou filho dele; mas eu não sei, porque jamais alguém conheceu por si mesmo a sua própria origem.
ODISSEIA-RAPSO DIA I [217-2511

Quem dera que tivesse a felicidade de ser filho de um homem que chegasse à velhice na posse dos seus bens. Aquele, porém, que dizem ser o meu pai, é, já que tu o queres saber, o mais infeliz de todos os homens.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, tornou-lhe:

- Os deuses não te reservam uma linhagem obscura, no porvir, visto Penélope ter dado à luz um filho tal, como tu. Mas dize e responde-me sem reboço: Que festim é este? Porque se reúne esta gente aqui? Tens necessidade disto? Será um banquete ou uma boda? Pois não é uma refeição a escote; e os convivas são, ao que me parece, em tão alto grau insolentes, que qualquer homem sensato, que entrasse aqui, indignar-se-ia, vendo os seus excessos.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Meu hóspede, esta casa, pois me interrogas e inquires isso de mim, devia ter sido, outrora, opulenta e nobre, enquanto o Laértida ainda não estava ausente; mas os deuses maquinadores de males determinaram agora outra coisa: fizeram-no o mais ignorado de todos os homens - desgraça que me aflige mais do que se ele perecesse, vencido, entre os seus companheiros, no país dos Troianos, ou nos braços dos amigos, uma vez terminada a guerra. Então, os Panaqueus erigir-lhe-iam um túmulo e ele alcançaria a seu filho grande renome, no porvir; agora, porém, as Harpias arrebataram-no sem glória e ele desapareceu sem ninguém notar, deixando-me em herança aflições e queixas. E não é só o seu destino que lamento e choro. Os deuses enredaram-me ainda noutros cuidados funestos. Os próceres que dominam nas ilhas, em Dulíquio, Sarna e na nemorosa Zacinto, bem como os que imperam na rude Ítaca, todos eles pretendem a minha mãe para esposa e consomem-me a fazenda. E ela não recusa um casamento detestável nem é capaz de terminar com este estado de coisas; entretanto,

os pretendentes arruinam e devoram os meus bens e em breve acabarão também comigo.

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [252-zgi]

Indignada, Palas Atena retorquiui-lhe:

- Ai, na verdade, é grande a falta que o ausente Ulisses te faz, o qual saberia castigar com as suas mãos os pretendentes sem vergonha. Oxalá, neste momento, assomasse ao portal da casa, de elmo e escudo e com duas lanças, tal como na nossa o vi, pela primeira vez, a beber e a divertir-se, quando regressava de ěfira, do palácio de Ilos, filho de Mérmero (Ulisses tinha ido lá, numa ligeira nau, em busca de um veneno mortal para untar as éneas flechas; Ilos, porém, temendo os deuses sempiternos, não lho quis dar, mas o meu pai, que o amava muito, deu-lho); se, tal como então, Ulisses arremettesse contra os pretendentes, teriam todos morte prematura e umas bodas enlutadas. Mas está oculto no seio dos deuses se voltará ou não, para se vingar deles na sua casa. Como quer que seja, exorto-te a pensar no modo de pôr fora esses malvados. Escuta e atende as minhas palavras !

Convoca amanhã a assembléia dos heróis Aqueus e expõe-lhes a tua situação, tomando os deuses por testemunha. Intima os pretendentes a ir cada um para a sua casa; e a tua mãe, se o seu coração se sente inclinado a casar, que vá de novo para o palácio do seu poderoso pai [e a família que disponha o casamento e prepare um grande dote, como convém a uma filha querida]. A ti quero dar-te um conselho prudente, que talvez sigas. Depois de equipar uma boa nau com vinte remadores, parte a colher informações do teu pai, há muito ausente. Pode ser que algum mortal te fale dele ou oiças a fama proveniente de Zeus, que é a que mais glória dá aos homens. Em primeiro lugar, vai a Pilo e interroga o ilustre Nestor; dali dirige-te a Esparta, ao palácio do fulvo Menelau, porque, dos Aqueus de éneas couraças, foi este o último que regressou. Se ouvires dizer que o teu pai vive e que está de volta, ainda que te aflijam os cuidados, sofre com paciência um ano mais. Mas, se te informares da sua morte, então torna para a terra pátria e, tendo-lhe erigido um monumento e prestado todas as honras fúnebres, que a ele convém,

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [292-3271

dá um esposo à tua mãe. Logo que tiveres terminado e cumprido isto, pensa no teu espírito e no teu coração no modo como hás-de matar os pretendentes na tua casa, seja usando de dolo ou cara a cara. E deixa-te de meninices, pois já não és criança. Não sabes quão grande glória alcançou entre os homens o preclaro Orestes, depois de ter feito perecer o traiçoeiro Egisto, o assassino que matara o seu ilustre pai? Assim, amigo, tu, que tens tão bela aparência e estás tão crescido, sê audaz, para que a posteridade te louve. E agora vou descer à nau ligeira, para junto dos meus homens, que estão talvez agastados de esperar tanto. Pensa, pois, em ti próprio e recorda os meus conselhos.

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

- Meu hóspede, o teu falar é tão benévolo como o de um pai a seu filho. Jamais poderei esquecer as tuas palavras. Não obstante a urgência da viagem, espera um pouco. Depois de tomares banho e de recreares o teu coração, irás para a nau de ânimo satisfeito; e levarás contigo um presente de grande valor e magnífico, que guardarás como preciosa lembrança de mim, como o que os hospedeiros amigos costumam dar aos que recebem na sua casa.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, replicou-lhe:

- Não me detenhas por mais tempo, que tenho grande desejo de partir. O presente, que o teu coração te impele a dar-me, entrega-mo no regresso, para o levar para casa. Escolhe no teu tesoiro um muito belo; ele far-te-á digno de retribuição.

Depois de dizer isto, Atena de olhos brilhantes ausentou-se: ergueu voo, como uma ave, e desapareceu', deixando no coração de Telémaco ânimo e valor e uma lembrança do pai mais viva do que antes. E, entrando em reflexões, ficou atónito, porque suspeitava que o seu hóspede era um deus. Logo, em seguida, o homem de aspecto divino acercou-se dos pretendentes.

Um aedo cantava entre eles, que, assentados em volta, o ouviam em silêncio. Cantava da viagem lastimosa que Palas Atena decre-

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [32.8-3651

tara contra os Aqueus, ao virem de Tróia. A sensata Penélope, filha de Icário, ouvindo o inspirado canto, desceu, seguida de duas escravas, do seu aposento, no andar superior da casa. Quando a mulher preclara chegou junto dos pretendentes, as faces cobertas com um véu precioso e uma escrava de cada lado, deteve-se ao pé de um pilar do sólido tecto. Depois, a chorar, falou assim para o aedo:

- Fémio, tu sabes muitas outras maravilhas que deliciam os mortais -façanhas de homens e de deuses, celebradas pelos aedos. Assentado, canta a esses uma, e eles que vão em silencio bebendo vinho. Mas deixa esse canto triste, que não cessa de me afligir o coração, no peito. Ele esmaga-me com uma dor inolvidável. Deixa-o, que me causa saudades de um ente querido e traz-me à memória um varão, cuja fama enche toda a Hélade e chega até ao centro de Argos.

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

- Minha mãe, porque proíbes ao aedo amado deleitar-nos conforme lhe inspira o estro? Não são os aedos quem tem a culpa, mas Zeus, que outorga os seus dons aos homens laboriosos ', segundo lhe apraz. Não censures a Fémio, por cantar a funesta sorte dos Dánaos, pois o canto que os homens louvam mais é o último que chega aos seus ouvidos. Que ouse o teu coração e o teu ânimo escutá-lo, que Ulisses não foi o único que perdeu em Tróia o dia do regresso; muitos outros varões aí morreram. Mas recolhe-te à tua câmara e trata dos favores que te são próprios, do tear e da roca, e ordena às escravas que vão para o trabalho. De falar terão cuidado os homens, sobretudo eu, que sou quem governa em casa.

Ela, admirada, voltou para o andar superior, tendo calado no seu coração a prudente palavra do filho. E, depois de ter em

companhia das escravas subido ao seu aposento, pôs-se a carpir sobre Ulisses, o seu esposo, até que Atena, a deusa de olhos brilhantes, lhe derramou nas pálpebras um doce sono. Os pretendentes, porém, levantaram na sala sombria grande tumulto e

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [366-401]

queriam todos reclinar-se no leito de Penélope. Mas o prudente Telêmaco, tomando a palavra, disse-lhes:

- Pretendentes de minha mãe, de insolência arrogante! Neste momento gozemos do festim; e não levanteis alarido, porquanto é agradável escutar um aedo como este, cuja voz se assemelha à dos deuses. Depois, ao romper da aurora, reunamo-nos todos em assembléia, para eu vos dizer claramente que saiais do palácio e trateis doutros banquetes, [indo pelas casas uns dos outros consumir os vossos próprios bens. Todavia, se entendeis que é melhor e preferível arruinar, impunemente, a fazenda de um só homem, arruinara; que eu clamarei aos deuses sempiternos; e pode ser que Zeus permita, um dia, que sejam castigadas as vossas obras e pereçais dentro do palácio, sem terdes quem vos vingue.]

Assim disse; e todos eles morderam os lábios, admirados de Telêmaco falar com tal ousadia. Replicou-lhe Antínoo, filho de Eutípes:

- Telêmaco, são os deuses, por certo, quem te ensina a falar com tanto orgulho e tão ousadamente. Não permita o filho de Crono que reines em Ítaca rodeada pelas ondas, o que aliás por nascimento te é devido.

O prudente Telêmaco retorquiu-lhe:

- Antínoo, indignar-te-ás pelo que te vou dizer? Eu desejaria ser rei aqui, se Zeus mo concedesse. julgas, porventura, que, entre os homens, é esta a pior sorte? Reinar não é um mal, porque a casa do rei, em breve, se torna opulenta e ele próprio é mais estimado. Mas existem em Ítaca, circundada pelo mar, muitos outros príncipes aqueus, novos e velhos. Destes, reine aqui algum, uma vez que já não vive o egrégio

Ulisses; e eu serei senhor da nossa casa [e das escravas que ele como despojo me adquiriu.]

Respondeu-lhe Eurímaco, filho de Pólibo:

- Telémaco, sem dúvida, está oculto no seio dos deuses, quem é, de entre os Aqueus, que reinará em Ítaca, circundada

li

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [407-437]

pelo mar. Tu, porém, administra a tua fazenda e governa a tua casa; e que nenhum homem, enquanto em Ítaca houver gente, venha privar-te, contra a vontade e à força, dos teus bens. Eu desejaria, ó caríssimo, interrogar-te a respeito do estrangeiro. Onde veio esse homem? De que país se honra ele de ser? Onde é a sua terra natal? Trouxe alguma notícia da volta do teu pai ou veio exigir o pagamento de uma dívida? Como desapareceu tão repentinamente, sem dar tempo a que fosse conhecido. Pelo aspecto não parecia má pessoa.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

- Eurímaco, quanto ao regresso do meu pai, acabou-se tudo e já não acredito em novas, venham elas donde vierem; nem me importa o oráculo, que um adivinho anuncie a minha mãe, chamado por ela à sala. A respeito do estrangeiro, é um hóspede meu, de Tafo, que já o era do meu pai; e honra-se de ser chamado Mentis, filho do prudente Anquialo, que reina sobre os Tálios, remadores exímios.

Assim disse Telémaco; mas, no seu espírito, tinha reconhecido que ele era uma deusa imortal. Os pretendentes volveram a divertir-se com a dança e cantos alegres, à espera de que viesse a noite. Quando, porém, anoiteceu, então, partiram, cada um para a sua casa, com vontade de se deitar. Telémaco, da sua parte, retirou-se para o seu aposento, edificado no pátio magnífico, num lugar desimpedido em volta. E, enquanto se

dirigia para a cama, o seu espírito era agitado por muitas reflexões. Acompanhava-o, com um archote aceso, a diligente Euricleia, filha de Ops Pisenórida, a qual, ainda jovem, Laertes comprara, outrora, com os seus próprios bens-pelo preço de vinte bois-e que honrou no palácio como a uma fiel esposa, sem nunca a admitir no leito, para não excitar a cólera da sua mulher.

Euricleia, pois, de entre as escravas a mais estimada de Telémaco, a quem ela criara em pequeno, acompanhava-o com um archote aceso. Ele abriu a porta do aposento solidamente construído e, assentando-se no leito, despiu a túnica macia que pôs

ODISSEIA - RAPSÓDIA I [438-4"1

nas mãos da circumspecta velha. Esta, depois de a ter dobrado com esmero e suspendido de um cabide, junto do leito de artística talha, saiu do aposento, fechou a porta, puxando por uma argola de prata, e correu a tranqueta, por intermédio de uma correia. Então, Telémaco, coberto com um velo de ovelha, pensou toda a noite na viagem a que Atena o exortara.

13

RAPSÓDIA II

Assembleia dos Itacenses. Viagem de Telémaco

Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, levantou-se do leito o filho amado de Ulisses. Depois de se vestido, suspendeu do ombro a cortante espada, ligou as sandálias aos pés luzidios e saiu do aposento, igual, no aspecto a um deus.

Imediatamente, ordenou aos arautos de voz sonora que convocassem para a assembléia os Aqueus de cabeleira longa. Eles lançaram o pregão e os Aqueus reuniram-se a toda a pressa. Quando tinham comparecido e estavam todos congregados, dirigiu-se Telémaco, a lança de bronze na mão, para a assembleia. Mas não ia só; os seus dois cães, correndo, seguiam com ele, sobre quem Atena derramara uma graça extraordinária; isso, quando chegou, todo o

povo o olhava com admiração. Os anciãos deram-lhe lugar e ele foi assentar-se na cadeira de seu pai. O primeiro dos assistentes que tomou a palavra foi o herói# Egípcio, que vergava já sob o peso dos anos e cuja experiência era grande. Um filho dele, Antifo, combatente de lança, tinha ido nas naus bojudas, em companhia do divino Ulisses, para ílion de belos corcéis. O fero Ciclope, porém, matara-o na sua gruta côncava. Foi o último com quem preparara a ceia. Mas tinha ainda mais três filhos: um, Eurínomos, estava entre os pretendentes os outros dois continuavam a trabalhar as terras do pai. E não obstante, não esquecia Antifo; e de pena chorava e lamentava-o. A derramar lágrimas por ele, Egípcio falou assim:

- Ouvi, ó Itacenses, o que vou dizer! Nunca, desde que divino Ulisses partiu nas bojudas naus, se reuniu mais a asse

ODISSEIA - RAPSÓDIA II [28-651]

bleia, nem tivemos sessão. Quem nos convocou hoje? Que moço ou que ancião sentiu tão urgente necessidade? Ouviu esse, por acaso, alguma notícia da vinda do exército, a qual, sendo o primeiro a sabê-la, não-lhe queira comunicar? Ou deseja expor algum negócio de interesse público e falar-nos sobre ele? Eu tenho para mim que esse homem é honrado e repleto dos bens da sorte. Oxalá dê Zeus feliz cumprimento ao que revolve na sua mentel Assim falou.

O filho de Ulisses, contente com o bom presságio, não permaneceu longo tempo assentado, mas, ansioso, de falar, pôs-se de pé no meio da assembléia.

Pisenor, o arauto de prudentes conselhos, entregou-lhe o ceptro; e ele, dirigindo-se em primeiro lugar a Egípcio, disse:

- f ancião, não está longe esse homem. Vais já conhecer quem convocou o povo: fui eu, a quem uma grande aflição 'sobreveio. Nenhuma notícia ouvi da vinda do exército, [a qual vos queira comunicar]; nem desejo expor algum negócio de interesse público e falar-vos sobre ele. É um assunto de interesse próprio o que vos quero apresentar. Duas desgraças caíram sobre -a minha casa:

uma é a morte do meu ilustre pai, que, um dia, com doçura paternal reinou entre vós, os presentes; a outra, muito maior, é a iminente e total ruína de toda a minha casa e a destruição de toda a minha fortuna. Certos pretendentes, filhos amados de homens ilustres de aqui, assediam a minha mãe contra a sua vontade e acanham-se de ir à casa de Icário, pai dela, pedir-lhe que dote a filha e a dê em casamento a quem ele quiser e lhe seja agradável. Eles frequentam todos os dias o nosso palácio e comem em banquetes bois, ovelhas e gordas cabras, que abatem, e bebem loucamente o vinho rutilante. Assim consomem grande parte da minha fazenda, sem que haja um varão, tal como Ulisses, que impeça a ruína da casa. Eu não a posso evitar: sou fraco e não sei onde buscar auxílio. Se me fosse possível, defender-me-ia, porque os excessos cometidos não se podem suportar, nem é decoroso que a minha casa pereça deste modo. Enchei-vos, pois, de indignação, tende verg'onha dos povos vizinhos, que

15

ODISSEIA - RAPSfDIA II [66-io3]

habitam em roda, e temei que os deuses, encolerizados, façam desabar sobre vós o castigo de tão criminosas acções. Eu peço-vos, amigos, por Zeus Olímpico e por Tétis, que dissolve e reúne as assembléias dos homens: impedi estes abusos e deixai que eu sofra sozinho a minha deplorável dor, a não ser que o meu pai, o ilustre Ulisses, tivesse, de malevolência, feito algum dia mal aos Aqueus de belas grevas e vós, por vingança, tenhais má vontade contra mim e me queirais arruinar, excitando os pretendentes a isso. Para mim seria mais vantajoso que fosseis vós quem me consumisse as riquezas e os rebanhos. Se assim sucedesse, eu viria talvez a ser indemnizado, pois, neste caso, iria pela cidade pedindo os meus bens e reclamando-os, até que os tivesse reavido todos; mas, deste modo, abris-me no coração feridas incuráveis.

Assim falou Telêmaco, todo indignado; e, rompendo em pranto, arrojou o ceptro ao chão. Todo o povo se compadecia dele e se conservara em silêncio, sem que alguém ousasse dirigir-lhe palavras duras. Só Antínoo lhe disse em resposta:

- Telêmaco, de falar altivo e de ânimo indomável, disseste isso, para nos cobrir de vergonha, desejoso de macular-nos a reputação? A culpa não a imputes aos pretendentes aqueus, mas a tua mãe que, mais que outrem, é hábil em ardis. Há já três anos, e em breve chegará o quarto, que ela anda a enganar o coração que bate no peito dos Aqueus. A todos dá esperanças e envia a cada um mensagens com promessas; mas outros são os planos que maquina o seu espírito. Eis um novo ardil que ela cogitou na sua mente. Como tivesse levantado no palácio um grande tear, pôs-se a tecer um véu fino e imenso; depois veio dizer-nos: jovens, meus pretendentesjá que o divino Ulisses morreu, não apresseis as minhas bodas, até que eu termine a mortalha para o herói Laertes, - temo que se inutilizem os meus fios -para o tempo em que o fatal destino da dolorosa " morte o fizer sucumbir, não suceda que alguma das Aqueias por esta terra me censure de ser enterrado sem mortalha quem possuía tantos bens. Assim disse ela e o nosso intrépido coração deixou-se convencer. Então, durante o dia,

ODISSEIA - RAPSÓDIA H [104-1371

trabalhava numa grande teia; desfazia-a, porém, de noite, depois ao seu lado ter acendido as tedas. Deste modo, conseguiu, três anos, esconder o ardil e que os Aqueus acreditassem; mas, quando entrou o quarto, nesta última Primavera, das suas mulheres, que conhecia bem o caso, contou-o a s, que fomos surpreendê-la a desmanchar a esplêndida teia. Foi assim que ela, mau grado seu, se viu obrigada a concluí-la. isto, pois, o que os pretendentes respondem, a fim de que tu saibas e todos os Aqueus o conheçam. Despede a tua mãe ordena-lhe que case com quem o seu pai lhe mandar e for do seu agrado. Mas, se continuar ainda por muito tempo a vexar os filhos dos Aqueus, cõscia das prerrogativas com que Atena, alto grau, a dotou: habilidade para favores primorosos, inteligência perspicaz e astúcia, - prerrogativas que nunca ouvimos dizer que possuíssem nem mesmo as antigas Aqueias de belas, Tiro, Alcmena e a Micena de magnífico diadema, as quais foram todas inferiores a Penélope nos dotes do espírito saiba que pensou com desacerto, porque, enquanto tiver ele propósito, que os deuses lhe infundiram no peito, serão umidos os teus bens e

as tuas riquezas. É verdade que ela adquire grande fama para si; a ti, porém, só dá causa a ficares pena da tua copiosa fortuna; e nós não trataremos de nossos os, nem iremos para outra parte, enquanto ela não se decida a casar com aquele dos Aqueus que preferir.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

- Antínoo, eu não posso expulsar de casa contra a sua vontade me deu o ser e me criou. Meu pai está, vivo ou morto, em alguma parte da terra; e ser-me-ia difícil compensar Icário tantos bens, se, voluntariamente, me resolvesse a despedir mãe. Neste caso, teria de sofrer, além dos males que me advi do seu pai, outros que uma divindade me infligiria; por to a minha mãe, ao sair de casa, havia de entregar-me às s Erínies; e, doutra parte, a censura dos homens cairia em mim. Por isso é que eu nunca lhe darei essa ordem. Caso

17

ODISSEIA-RAPSOÓDIA II [38-1751

o vosso ânimo sinta pejo do que tendes praticado, saí do meu palácio e tratai doutros banquetes, indo pelas casas uns dos outros consumir os vossos próprios bens. Todavia, se entendeis que é melhor e preferível arruinar impunemente a fazenda de um só homem, arruinara, que eu clamarei aos deuses sempiternos e pode ser que Zeus permita, um dia, que sejam castigadas as vossas obras e pereçais dentro do palácio, sem terdes quem vos vingue.

Assim disse Telémaco; e o longividente " Zeus enviou-lhe duas águias, que vieram a voar do alto cimo dum monte. Durante algum tempo, voaram à mercê da aragem, asas estendidas, ao lado uma da outra; mas, quando chegaram sobre o meio da assembléia ruidosa, descreveram círculos no ar e bateram, céleres, as asas, lançando sobre as cabeças de todos olhares sinistros; depois, dilacerando-se mutuamente com as garras a cabeça e o pescoço, dirigiram o voo para o lado direito, por sobre as casas da cidade. E todos olhavam as aves com admiração, pensando, no seu espírito, no que poderia suceder. Então, o velho herói "Haliterses, filho de Mastor, que se distinguia entre os varões da sua idade no

conhecimento de presságios e em pronunciar vaticínios, falou-lhes, benévolo, e disse:

- Ouvi, Itacenses, o que vos quero dizer e anunciar, sobretudo aos pretendentes. Uma grande desgraça impende sobre estes, porque Ulisses não se demorará por muito tempo longe dos seus; encontra-se, talvez, já perto, premeditando a morte e o extermínio de todos eles e para ser o flagelo de muitos outros que habitam em Ítaca, visível ao longe. Pensemos, pois, antes que venha, na maneira de impedir os excessos dos pretendentes, a não ser que estes, por si próprios, lhes ponham imediatamente termo, o que seria melhor para eles; porquanto eu não prognostico sem ter experiência, mas sei bem o que digo; e a prova é que ao solerte Ulisses sucedeu tudo como lhe tinha anunciado, quando os Argivos navegaram para Ílion, entre os quais ele ia também. Eu dissera-lhe que, passados vinte anos, regressaria ao seu lar, sem que alguém o conhecesse e depois

ODISSEIA-RAPSAF DIA 11 [176-214]

de ter sofrido muitos trabalhos e perder todos os companheiros. Ora tudo isto tem agora cumprimento.

Eurímaco, filho de Pólibo replicou-lhe:

- Ó velho, vai para casa fazer predições a teus filhos e cuida que não lhes suceda algum mal, no futuro. Nestas coisas sou melhor adivinho do que tu. Muitas aves voam para um do e para outro, sob os raios do sol; nem todas, porém, prognosticam. Pelo que respeita a Ulisses, ele morreu, longe daqui; e oxalá tiveras perecido com ele. Não farias tantos vaticínios, nem provocarias assim a ira de Telémaco, na esperança, talvez, de te mandar um presente a casa. Eu vou dizer-te o que há-de realizar-se. Se, apesar de conheceres muitas coisas antigas, enganares a este moço e excitares com as tuas palavras a sua cólera, isto, primeiramente, aumentará o seu mal, [sem que todavia os teus vaticínios lhe possam ser proveitosos.] Depois, a ti, velho, imporemos uma multa, que terás de pagar, com indignação do teu espírito, e te causará grande pesar. A Telémaco darei, na presença de todos, este conselho: ordene à mãe

que volte à casa paterna; e a família que disponha o casamento e prepare um grande dote, como convém a uma filha querida. Antes disto, creio que os filhos dos Aqueus não renunciam à trabalhosa pretensão; pois não tememos Telémaco com toda a sua loquacidade, nem nos importa o vaticínio que tu, velho, pronuncias em vão e te faz mais odiado. Desbarataremos em banquetes os seus bens, sem que seja indenizado jamais, enquanto a mãe dilatar aos Aqueus o seu casamento; e passaremos, à espera que este se realize, os dias a contender a respeito das prerrogativas dela, não indo procurar outras núpcias, que nos possam convir.

O prudente Telémaco disse-lhe em resposta:

- Eurímaco e vós todos, ilustres pretendentes, não vos faço mais rogos, nem vos volto a falar sobre este assunto, porque os deuses e os Aqueus já estão informados disso. Dai-me uma nau ligeira com vinte companheiros, que, para além e aquém-mar, sulquem as ondas comigo. Quero ir a Esparta e à arenosa Pilo

19

ODISSEIA-RAPSO DIA H [215-249]

colher informações acerca do regresso do meu pai e da sua longa ausência. Pode ser que algum mortal me fale dele ou oiça a fama proveniente de Zeus, que é a que mais glória dá aos homens. Se ouvir dizer que o meu pai vive e que está de volta, apesar de me afligirem os cuidados, sofrerei com paciência um ano mais. Mas, se me informar da sua morte e de que já não existe, então tomarei para a minha terra pátria e alevantar-lhe-ei um monumento; e, prestadas todas as honras fúnebres, que a ele convêm, darei um esposo a minha mãe.

Depois de ter assim falado, assentou-se. Então, no meio da assembléia, ergueu-se Mentor, o companheiro do nobre Ulisses, a quem este, quando partiu com as naus, confiou toda a sua casa, de sorte que a família devia obedecer ao ancião e conservar tudo intacto. A todos falou com benevolência, dizendo:

- Ouvi, Itacenses, o que vos quero dizer! Nenhum rei, que

empunha o ceptro, jamais seja amigo, bondoso e afável nem alimente no seu espírito pensamentos de justiça, mas torne-se duro e pratique acções iníquas, visto, entre o povo, sobre o qual o divino Ulisses reinou com uma doçura paternal, ninguém se lembrar mais dele. Na verdade, tolero que os altivos pretendentes cometam violências, levados pela sua malvadez, porquanto, devorando à força os bens de Ulisses, na convicção de que não volta mais, põem assim em perigo as próprias cabeças.

Indigno-me, porém, contra o resto do povo, ao ver como todos vos conservais assentados, em silêncio; e, apesar de serdes muitos, não pondeis, por meio de palavras de censura, um freio ao pequeno número dos pretendentes.

Respondeu-lhe Liócrita, filho de Evenor:

- Ó Mentor insolente e louco, tu incitas estes a refrear-nos? É coisa arriscada contender, por causa de um festim, com homens, ainda que sejam em número inferior. Se o próprio Ulisses itacense surpreendesse os pretendentes ilustres a banquetear-se, no palácio, e pensasse no seu espírito pô-los fora, a esposa não gozaria do prazer do seu regresso, pelo qual muito anseia; mas ali

ODISSEIA - RAPSÓDIA II [2.50-i87]

mesmo o herói receberia morte vil, caso ousasse combater com homens em maior número". Não falaste, por isso, como era justo. Agora separai-vos e vá cada um para as suas ocupações! Mentor e Haliterses, porém, que são antigos companheiros de Ulisses, irão animar Telémaco à viagem. Mas eu creio que, se ele permanecer em Ítaca muito tempo, ouvirá aqui as notícias e nunca realizará o seu projecto.

Com estas palavras, dissolveu a diligente" assembléia. E todos se dispersaram, indo cada um para a sua casa, menos os Pretendentes, que foram para o palácio do divino Ulisses.

Telémaco, então, afastou-se para a praia do mar [e, depois

de lavar as mãos nas ondas alvacentas, clamou assim a Atena:

- Escuta-me, ó deus " que ontem vieste a nossa casa e me ordenaste ir numa nau, sobre o brumoso mar, colher informações acerca do regresso do meu pai, há muito ausente ! Os Aqueus põem-me todos os obstáculos, sobretudo os pretendentes malvados e orgulhosos !

Assim orou]; e perto dele surgiu Atena, semelhante a Mentor no aspecto e na voz, que lhe dirigiu estas palavras aladas:

Telémaco, tu não deves ser, no futuro, pusilânime nem leviano, se em ti já se radicou o ânimo valente que o teu pai tinha para levar a cabo empresas e promessas. Sendo como ele, a tua viagem não será, certamente, um vão projecto. Eu não espero, porém, que chegues a realizar o que pretendes, se não te mostrares ser filho de Ulisses e de Penélope. Poucos filhos há que se assemelhem aos pais. Na maioria dos casos são piores e só alguns melhores do que eles. Mas, como no futuro não serás pusilânime ou leviano, nem a prudência de Ulisses te abandonou, há esperanças de que leves a cabo a tua empresa. Por isso, deixa as deliberações e modos de pensar dos pretendentes insensatos; eles não são circunspectos nem justos e ignoram que já está perto a morte e o negro destino, para os fazer perecer a todos num só dia. A viagem que desejas fazer não tardará a realizar-se, que eu, como companheiro do teu pai, preparar-te-ei uma nau e até seguirei con-

21

ODISSEIA - RAPSÓDIA II [288-325]

tigo. Agora volta para casa, a fazer companhia aos pretendentes; e prepara as provisões, acondicionando-as bem: o vinho em ânforas e a farinha de cevada - o fortificante alimento dos homens - em sacos de coiro. Entretanto, apressar-me-ei pela terra a reunir companheiros voluntários. Em Ítaca circundada pelas ondas, há muitas naus, novas e velhas, das quais escolherei a melhor, que, equipada sem demora, lançaremos ao vasto mar.

Assim falou Atena, filha de Zeus; e Telémaco, como tivesse ouvido a voz da deusa, não hesitou longo tempo. Encaminhou-se para casa, de coração amargurado, onde encontrou os soberbos pretendentes esfolando cabras, no pátio, e chamuscando porcos. Antínoo foi a rir em direcção a ele, tomou-o pela mão e dirigiu-lhe estas palavras:

- Telémaco, de falar altivo e de ânimo indomável, não te preocupem o peito maus cuidados, obras ou palavras; mas come e bebe, como antes fazias. Os Aqueus arranjar-te-ão tudo, nau e remadores escolhidos, para ires, em breve, à divina Pilo, em busca de notícias do teu egrégio pai.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

- Antínoo, eu não posso banquetear-me em silêncio, nem divertir-me, descansado, entre homens tão orgulhosos como vós. Por ventura, não bastou aos pretendentes, quando era ainda pequeno, ter consumido muitos dos meus preciosos bens? Agora que já sou grande e estou informado, por ouvir o que os outros dizem, o ânimo cresce no meu peito e farei que um destino funesto vos surpreenda, seja que vá a Pilo, seja que fique aqui, nesta terra. [Mas partirei, na verdade, e não será baldada a viagem de que falo; irei na qualidade de passageiro, pois não consigo arranjar nau nem remadores, o que, sem dúvida, vos parecerá melhor.]

Assim falara ele; e retirou, sem dificuldade a sua mão da de Antínoo. Os pretendentes, porém, que andavam atarefados pela casa com os preparativos do festim, escarneciam dele e dirigiam-lhe sarcasmos. Um dos jovens soberbos falava deste modo:

- Telémaco, por certo, pensa na maneira como nos dará

campos de Éfira em busca de drogas mortais para lançar na cratera e fazer-nos sucumbir a todos.

Outro dos soberbos jovens dizia:

- Quem sabe se, depois de partir na bojuda nau, encontrará a morte longe dos amigos, como sucedeu a Ulisses? Neste caso, seria maior o nosso trabalho: deveríamos distribuir todos os seus bens e deixar a casa à mãe e a quem a desposasse. Assim diziam eles. Mas Telêmaco baixou à câmara do seu pai de alto tecto e espaçosa, onde, além de ouro e de bronze em montões, vestidos em arcas e óleo odorífero em abundância, se encontravam, dispostas em fileira contra a parede, vasilhas de velho e saboroso vinho, que continham sem mistura a divinal bebida, à espera que Ulisses regressasse, enfim, a casa, depois de ter sofrido muitos trabalhos. A porta estava fechada, com os batentes bem justos um ao outro, por meio de um duplo ferrolho; e aí costumava permanecer, de dia e de noite, a intendente Euricleia, a filha de Ops Pisenórida, que, cuidadosa, vigiava tudo. Telêmaco, chamando-a à dispensa, disse-lhe:

- Ama, deita-me já em ânforas saboroso vinho, o melhor depois daquele que guardas para quando, por ventura, chegar, salvo da morte e do destino, o infeliz que esperas, Ulisses da estirpe de Zeus. Enche doze e fecha cada uma com a sua tampa. Depois, põe-me em sacos de coiro bem cosidos farinha de cevada; devem ser vinte medidas. E não digas nada a ninguém. Prepara tudo sem interromper o trabalho, que eu virei buscar isso logo, à noite, quando a mãe subir à sua estância e cuidar de se recolher ao leito. Eu quero ir a Esparta e à arenosa Pilo colher informações acerca do regresso do meu pai. Pode ser que oiça notícias dele.

Assim falou; e Euricleia, a sua ama, pôs-se a chorar. Por entre suspiros, disse-lhe, então, estas aladas palavras:

- Porque te veio essa ideia à cabeça, meu filho? Para onde

ODISSEIA - RAPSÓDIA II [364-3981

queres ir, pela terra imensa, tu, único objecto do nosso amor? Ulisses, da estirpe de Zeus, morreu, longe da pátria, numa terra estranha; e os pretendentes armar-te-ão ciladas, logo depois de partires, a fim de que pereças; e distribuirão todos os teus bens entre si. Fica, pois, aqui, no meio do que te pertence, que nenhuma necessidade tens de sofrer desventuras, por sobre o mar estéril, e de andar errante.!

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

- Não te aflijas, ama. Eu não tomei esta resolução sem o concurso de um deus. Olha, jura que não dirás nada à minha mãe, antes do undécimo ou duodécimo dia, a não ser que ela dê pela minha falta ou oiça falar da minha viagem, não suceda que com as lágrimas desfigure a beleza do rosto.

Assim disse; e a velha fez juramento solene pelos deuses de que não diria nada. Depois, quando tinha completado o juramento 16, começou a encher as ânforas de vinho e a deitar nos sacos de coiro bem cosidos a farinha de cevada. Telémaco, porém, foi para a sala, para o meio dos pretendentes.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, executava, então, este projecto. Percorria a cidade, na figura de Telémaco e, aproximando-se de cada um dos homens, conversava com eles e ordenava-lhes que se reunissem, à noite, junto da nau ligeira. Esta pedira-a a Noémone, filho egrégio de Frónio, que, benévolo, lha prometeu. Quando o Sol se tinha posto e todos os caminhos escureciam, arrastou-a para o mar e pôs-lhe dentro todos os aparelhos, que guarnecem as naus de boa coberta. Colocara-a à entrada do porto, onde, junto a ela, se reuniram os expertos companheiros. E a deusa incutia ânimo a todos.

Depois, Atena, a deusa de olhos brilhantes, executou outro projecto. Foi para o palácio do divino Ulisses e infundiu aos pretendentes um doce sono. Transtornava-lhes o espírito, quando bebiam, e fazia que largassem as taças das mãos. Ergueram-se,

por isso, para ir dormir. Não permaneceram por mais tempo assentados, por o sono lhes ter caído sobre as pálpebras. Atena

ODISSEIA - RAPSfDIA II [399-4341

de olhos brilhantes, porém, [que tinha tomado o aspecto e a voz de Mentor,] disse a Telémaco, depois de o chamar para fora do palácio confortável:

- Telémaco, os companheiros de belas grevas estão já assentados aos remos, à espera da ordem de partida. Vamos, pois, e não retardemos mais a viagem.

Tendo assim falado, Palas Atena pôs-se a caminhar apressadamente; e ele, atrás, seguia as pegadas da deusa. [Ao chegarem à nau e ao mar], encontraram na praia os -companheiros de cabeleira comprida, aos quais o forte Telémaco disse:

- Eia, amigos! Vamos buscar as provisões, que estão todas reunidas no palácio. A miinha mãe ignora tudo, assim como as escravas, excepto uma, que obedeceu à minha ordem.

Ditas estas palavras, meteu-se ao caminho e eles, atrás, seguiam-no. Depois de transportarem as provisões, depuseram-nas sobre a nau de boa coberta, conforme o filho de Ulisses lhes ordenou. Telémaco, então, subiu para a nau, precedido de Atena, e ambos foram assentar-se na popa, lado a lado. Os companheiros, porém, desataram as amarras e, tendo subido também, assentaram-se nos bancos dos remadores. E Atena de olhos brilhantes fez soprar um vento favorável, o forte Zéfiro, que ressoava pelo mar vinhoso. Telémaco exortou os seus companheiros e ordenou-lhes que lançassem mão dos aparelhos. Eles obedeceram à sua ordem. Levantado o mastro de pinho ao alto, introduziram-no no encaixe do travessão; em seguida, prenderam-no com os estais e içaram a branca vela por meio das adriças de coiro bem torcido. E o vento inchou-a no centro, enquanto a onda roxa sussurrava forte em volta da quilha da nau, [que ia, célere, sobre as águas, seguindo o seu rumo]. Ligados os aparelhos da nau ligeira e escura, os mareantes levantaram as crateras cheias de vinho até às bordas

e fizeram libações aos deuses imortais e sempiternos, nomeadamente à filha de Zeus, a deusa de olhos brilhantes. [E a nau foi seguindo a sua rota, durante toda a noite e ainda de madrugada.]

25

RAPSO DIA III Telémaco em Pilo

O Sol erguia-se do mar esplêndido para o Armamento brônzeo, a iluminar os deuses imortais e os homens perecedoiros, por sobre a terra fecunda, quando eles chegaram a Pilo, a bem construída cidade de Neleu". Os habitantes sacrificavam, então, na praia do mar, toiros inteiramente pretos ao Sacudidor da terra " de cerúlea cabeleira. Eram nove as séries de assentos, em cada uma das quais estavam assentadas quinhentas pessoas; e em frente de cada série havia nove toiros. Estando eles, depois de comidas as vísceras, a queimar as coxas em honra do deus, vieram os navegantes direitos ao porto, onde, erguidas e ferradas as velas à nau bem proporcionada, a ancoraram e saíram para terra. Telémaco desembarcou, precedido de Atena, a deusa dos olhos brilhantes, que foi a primeira a falar:

- Telémaco, tu não deves ter o mínimo acanhamento. O fim da tua viagem é informar-te a respeito do teu pai e saber em que ponto a terra o esconde, ou qual o destino que teve. Caminha, pois, direito a Nestor, o domador de cavalos, e vejamos que conselho tem oculto no seu peito. [Pede-lhe que diga a verdade. Ele, que é varão muito sensato, não mentirá.]

O prudente Telémaco interrogou:

- Mentor, de que modo chegarei até ele? Como devo saudá-lo? Eu não tenho ainda prática de falar; além disso, um jovem intimida-se de interrogar um velho.

Atena, a deusa dos olhos brilhantes, tornou-lhe:

- Telémaco, uns pensamentos descobri -los-ás por ti próprio,

no teu espírito, outros há-de sugerir-tos uma divindade; por-

ODISSEIA - RAPSÓDIA III [2.8-6 i]

quanto não julgo que tivesses nascido ou sido criado contra a vontade dos deuses.

Tendo assim falado, Palas Atena pôs-se a caminhar apressadamente; e ele, atrás, seguia as pegadas da deusa, até que chegaram à assembléia e ao lugar, onde os homens de Pilo estavam assentados. Entre estes, encontrava-se Nestor com os seus filhos e os companheiros em volta, que iam preparando o festim, assando carne ou pondo talhadas em espetos. Como vissem os estrangeiros, adiantaram-se todos e, depois de os saudarem com as mãos, convidaram-nos a assentar-se. Pisístrato, filho de Nestor, foi o primeiro que se abeirou deles e, tomando-os pela mão, ofereceu-lhes lugar no festim, sobre velos macios colocados na areia da praia, junto do seu irmão Trasimedes e do pai. Serviu-lhes, em seguida, parte das vísceras e deitou-lhes vinho num copo de ouro. Depois, brindando a Palas Atena, filha de Zeus, portador da égide, disse:

- Estrangeiro, eleva os teus votos ao soberano Posidão, porque vós encontrastes um festim em sua honra, à vossa chegada aqui. E depois de teres feito a libação e orado, como é uso, dá a este o copo de vinho melífluo, para libar também. Creio que presta igualmente culto aos deuses imortais, de quem todos os homens precisam. Mas a ti ofereço primeiro a taça de ouro, porque ele é mais jovem e da mesma idade que eu.

Tendo assim falado, pôs-lhe na mão um copo de vinho melífluo. A Atena agradou o varão prudente e justo, por ter dado primeiro a si a taça de ouro. Imediatamente, elevou fervorosa prece ao soberano Posidão:

- Escuta-me, ó deus, Sacudidor da terra. Não recuses a nós, teus suplicantes, o cumprimento dos nossos rogos. Primeiro, concede prosperidade a Nestor e aos seus filhos; -depois, dá aos outros, a todos os de Pilo, grata remuneração pela solene hecatombe; finalmente, a Telémaco e a mim concede-nos feliz

regresso, na ligeira e escura nau, depois de conseguirmos aquilo a que viemos aqui.

27

ODISSEIA - RAPSÓDIA III [62-961

Assim orou; e ela própria deu cumprimento à oração. Em seguida, ofereceu a Telémaco o belo copo duplo", e o caro filho de Ulisses ergueu a sua prece de um modo idêntico. Logo, porém, que foram assadas as carnes e tiradas dos espetos, dividiram-nas em pedaços e fizeram um banquete esplêndido. Mas, quando tinham saciado o desejo de beber e de comer, Nestor, o cavaleiro gerénio", tomando a palavra, disse-lhes:

- Agora, que os estrangeiros já gozaram da refeição, é mais decoroso interrogá-los e inquirir a respeito das suas pessoas. ó estrangeiros, quem sois vós? Donde navegais pelos húmidos caminhos? [Vindes tratar de algum negócio ou cruzais o mar, à toa, como piratas, que andam errantes, com perigo de suas vidas, só para fazer mal a gentes estranhas?]

O prudente Telémaco respondeu-lhe, corajoso, pois Atena incutiu-lhe no espírito ânimo para o interrogar acerca do seu pai ausente [e adquirir assim, entre os homens, renome ilustre]:

- ó Nestor, filho de Neleu, excelsa glória dos povos da Acaia! Tu perguntas donde somos. Vou responder-te. Nós vimos de Ítaca, que é dominada pelo monte Neio; e o negócio de que trato é particular, não de interesse público. Vou em busca de ecos da dilatada fama do meu pai, no intento de ouvir notícias do ilustre e paciente Ulisses, que dizem ter saqueado, outrora, a cidade dos Troianos, a combate na tua companhia. Nós sabemos onde sucumbiram a uma morte deplorável todos quantos fizeram a guerra contra Tróia; a morte 'daquele, porém, o filho de Crono tornou-a desconhecida, pois ninguém sabe dizer ao certo onde morreu: se sucumbiu na terra firme, às mãos dos homens, seus inimigos, ou se, no mar, no meio das ondas de Anfitrite. Por essa razão, venho abraçar os teus joelhos, na esperança de que te dignes declarar-me a morte deplorável do meu pai, caso tenhas

sido testemunha dela ou ouvido a algum vagamundo falar de Ulisses, cuja mãe o deu à luz, para ser o mais infeliz dos homens. Não dulcifiques a notícia, por piedade ou

ODISSEIA-RAPSÓDIA III 197-i30]

consideração para contigo; mas conta-me exactamente como o viste. Eu rogo-te: se alguma vez o egrégio Ulisses, meu pai, executou ou disse alguma coisa em teu favor, segundo a sua promessa, lá, no país dos Troianos, onde vós, os Aqueus, sofrestes calamidades, lembra-te agora disso e dize-me toda a verdade. Em seguida,

Nestor, o cavaleiro gerénio, respondeu-lhe:

- ó meu amigo, tu recordas-me a tribulação, que sofreram os filhos dos Aqueus, de ânimo indomável, naquele país, e todos os trabalhos por que passaram, já navegando, errantes, sobre o mar brumoso, para onde Aquiles os conduzia em busca de presa, já combatendo, em volta da grande cidade do rei Príamo. Lá perderam a vida os mais valentes capitães: o belicoso Ajax, Aquiles e Pátroclo, em conselho igual aos deuses, bem como o meu querido filho, o forte e irrepreensível Antíloco, lutador velocíssimo na carreira. Além disso, sofremos muitas outras desgraças. Quem, entre os mortais, as poderia enumerar todas? Nem que permanecesses aqui durante cinco ou seis anos, a interrogar-me acerca dos males que os Aqueus ilustres lá sofreram, não os poderias saber todos; primeiro voltarias cansado à tua terra pátria. Durante um novénio, empenhados em fazer mal aos Troianos, urdimos contra eles toda a espécie de embustes; e foi com dificuldade que o filho de Crono pôs termo a todos os nossos trabalhos. Houve lá um de nós, a quem ninguém pôde igualar em prudência e que se salientou em toda a sorte de engenhosos expedientes. Era o ilustre Ulisses, o teu pai, se realmente tu és seu filho. Eu olho-te com admiração, porque a tua linguagem é igual à sua e ninguém diria que um jovem falasse como ele. Eu e o ilustre Ulisses, enquanto estivemos em Tróia, nunca expusemos na assembléia e no conselho um parecer diferente; mas, animados do mesmo espírito, aconselhámos aos Aqueus com sabedoria e madura reflexão, a fim de que tudo nos sucedesse o melhor possível. Mas, quando, destruída a alta cidade de Príamo, partimos

ODISSEIA - RAPSÓDIA III [i3i-i68]

nas naus e uma divindade no-las dispersou, Zeus, então, urdiu no seu espírito um lamentável regresso aos Aqueus, porque nem todos eram circunspectos nem justos. Muitos deles tiveram um destino desgraçado, devido à cólera perniciosa da deusa de olhos brilhantes, filha de um poderoso pai, a qual dera causa à discórdia entre os dois filhos de Atreu. Eles tinham, pelo sol-posto, leviana e indevidamente, convocado a assembléia de todos os Aqueus; e, acudindo estes, pesados do vinho, os dois arengaram, expondo o motivo pelo qual o exército se reunira. Menelau exortava todos os Aqueus a pensarem na retirada sobre o vasto dorso do mar, o que não agradou a Agamémnone, que preferia deter o exército e oferecer hecatombes sagradas, a fim de aplacar a cólera terrível de Atena. Insensato! Não sabia que a não poderia persuadir, pois o espírito dos deuses sempiternos não se muda de repente. Ora, estando eles a trocar entre si palavras violentas, os Aqueus de belas grevas levantaram-se com grande alarido. A uns agradava uma opinião, a outros, outra. Aquela noite passámo-la a meditar no espírito males recíprocos, enquanto Zeus nos preparava a desgraça das desgraças. De manhã, arrastámos as naus para o mar brilhante e colocámos-lhes dentro as nossas riquezas e as mulheres de baixa cinta". Metade, porém, do exército ficava-se com Agamémnone, filho de Atreu, pastor dos povos; nós partíamos nas nossas naus, que com toda a velocidade se fizeram ao largo, serenado por um deus o mar imenso. E, apenas chegámos a Ténedo, oferecemos, ansiosos da pátria, sacrifícios aos deuses; mas o regresso não tinha ainda sido determinado por Zeus, o deus funesto, que suscitara, pela segunda vez, uma discórdia fatal. Alguns com Ulisses, o rei prudente e engenhoso, entrando nas naus movidas a remos, voltaram atrás, para serem agradáveis a Agamémnone, filho de Atreu. Eu, porém, com a frota que me seguia, fugi, porque sabia que uma divindade meditava males contra nós. E o belicoso filho de Tideu fugiu também e incitou a isso os companheiros. já tarde, veio ter connosco o fulvo Mene-

lau, que nos alcançou em Lesbos, ainda perplexos sobre a longa navegação: se deveríamos passar pela ilha de Psira, aquém da escabrosa Quio, deixando esta à esquerda, ou por além de Quio, por junto de Mimante, exposto aos ventos". Pedimos a um deus que nos desse um sinal. E ele deu-no-lo e ordenou- nos que sulcássemos o mar em direcção a Eubeia, para escaparmos, o mais depressa possível, ao infortúnio.

Começou a soprar uma monção sonora e as naus, percorrendo com rapidez a piscosa via, chegaram de noite a Geresto ", onde oferecemos muitas coxas de toiros a Posidão, por termos feito a travessia do mar extenso. No quarto dia, os companheiros do filho de Tideu, de Diomedes, domador de cavalos, detiveram em Argos as naus bem proporcionadas; mas eu segui o rumo de Pilo, pois nunca tinha cessado a monção, desde que um deus, no princípio da viagem, a fizera soprar. Assim cheguei, meu filho, sem saber nada, e ignoro quais dos Aqueus se salvaram e quais pereceram. Mas de tudo quanto eu, no sossego do meu palácio, ouvi dizer, quero informar-te, como é justo, e nada te ocultarei. Segundo dizem, os Mirmídones, célebres na lança, que comandava o filho preclaro do magnânimo Aquiles, chegaram bem, assim como Filoctetes, filho ilustre de Peias. Idomeneu, igualmente, reconduziu a Creta todos os companheiros que escaparam da guerra, dos quais o mar não lhe arrebatou nenhum. Quanto ao filho de Atreu, vós, apesar de serdes de longe, tendes ouvido dizer que voltou e que Egisto lhe urdiu morte lamentável. Mas este expiou-a ignominiosamente, porque Orestes - como é bom ao varão que morre deixar um filho após de si I - vingou-se do ardiloso Egisto, o assassino que lhe matara o seu ilustre pai. [Assim tu, amigo, que tens tão bela aparência e estás tão crescido, sê valente, para que a posteridade te louve.]

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- ó Nestor, filho de Neleu, excelsa glória dos povos da Acaia I Ele desafiou-se, é verdade, e os Aqueus difundirão ao longe a sua glória, que a posteridade há-de conhecer também.

ODISSEIA - RAPSÓDIA III [205-2381]

Oxalá os deuses me revestissem de uma tão grande força, para me vingar da petulância molesta dos pretendentes, que se atrevem a maquinar acções iníquas contra mim. Mas os deuses não me deram uma tal fortuna a mim nem a meu pai; por isso, é preciso suportar agora tudo.

Nestor, o cavaleiro gerénio, respondeu-lhe:

- Contam, meu amigo, que numerosos pretendentes da tua mãe - lembraste-mo, por mencionar isso - maquinam, mau grado teu, ciladas no palácio contra ti.

Dize-me se tu te deixas dominar por eles ou se na terra o povo te quer mal, em obediência ao oráculo de um deus. Quem sabe se o teu pai, regressando um dia, se vingará das suas violências, já só, já na companhia de todos os Aqueus juntos? Quem dera que Atena de olhos brilhantes se dignasse amar-te, assim, como no país dos Troianos, onde nós, Aqueus, sofremos calamidades, se desvelou pelo glorioso Ulisses. Eu, na verdade, nunca vi que deuses amassem de um modo tão manifesto - tal foi a evidência com que Palas Atena lhe assistiu. Se ela se dignasse amar-te assim e ocupar-se de ti no seu coração, neste caso, mais de um dos pretendentes havia de esquecer-se das bodas. O prudente

Telémaco replicou-lhe:

- ó ancião, não creio que isso se venha jamais a realizar. É tão extraordinário o que dizes, que me causa admiração. Comigo, ainda que o esperasse, não sucederia assim, nem mesmo, se os deuses quisessem.

Disse-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

- Telémaco, que palavra te escapou do cerco dos dentes! Um deus, quando quer, pode, até de longe, com facilidade socorrer

ao homem. [Eu preferiria sofrer muitos trabalhos, antes de chegar a casa e de ver o dia do regresso, a perecer, apenas tivesse chegado lá, como pereceu Agamémnone pela traição de Egisto e de Clitemnestra. Na verdade, morrer é comum a todos; e os deuses não podem evitar isso nem mesmo ao varão que lhes é caro, quando a Parca da morte prostradora o alcançou.]

ODISSEIA - RAPSÓDIA RI [239-273]

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Mentor, se bem que estejamos em cuidados, não falemos mais disso. O seu regresso nunca se realizará e os deuses imortais já pensaram na morte e no negro destino que ele deve ter. Agora quero inquirir de Nestor uma outra coisa e interrogá-lo, porque ele sobrepuja os outros em justiça e prudência e já reinou por três vezes, dizem, sobre as gerações dos homens, de sorte que a meus olhos tem a aparência de um imortal. Ó Nestor filho de Neleu, dize-me a verdade! Como foi a morte de Agamémnone, senhor de um império extenso, filho de Atreu? Onde estava Menelau? Que morte maquinou contra ele o traiçoeiro Egisto, para matar a quem era muito mais valente? Não se encontrava Menelau em Argos da Acaia ou errava em terras de outras gentes, para aquele ter a ousadia de assassinar o herói?

Então, respondeu-lhe Nestor, o cavaleiro gerénio:

- Eu quero, filho, contar-te tudo fielmente. Tu próprio suspeitas, sem dúvida, como o caso se passou. Se o fulvo Menelau, filho de Atreu, na sua chegada de Tróia, encontrasse Egisto vivo no seu palácio, não lhe seria levantado um túmulo, depois de morto, mas os cães e as aves haviam de dilacerar o seu cadáver, estendido na planície, longe da cidade; nem tão pouco alguma das Aqueias o choraria, por ser monstruoso o crime que meditara. Nós, porém, estávamos em Tróia, obrando muitas proezas; e Egisto, no recôndito de Argos, de bom pasto para cavalos, usava com sossego de lisonjas, para seduzir a esposa de Agamémnone. É verdade que a ilustre Clitemnestra recusou, a princípio, obrar de um modo infame, não só por ter bons sentimentos, mas, além disso, porque lhe assistia um aedo", a

quem o filho de Atreu, ao ir para Tróia, recomendou com empenho que lhe guardasse a esposa. Mas, quando o destino a forçou a submeter-se, então Egisto, conduzindo o aedo para uma ilha deserta, abandonou-o aí, para ser pasto e presa das aves; e a Clitemnestra levou-a consigo para a sua casa, conforme o seu desejo e o dela. Depois queimou muitos pedaços de carne sobre os altares sagrados

33

O -3

ODISSEIA - RAPSfDIA 1111 [274-307)

dos deuses e suspendeu nos templos numerosas oferendas, tecidos e ouro, por ter feito uma grande acção que nunca esperou no seu ânimo levar a cabo.

Nós, o Atrida e eu, na volta de Tróia, navegámos juntos, como bons amigos. Quando, porém, chegámos ao sagrado Súnio, ao promontório de Atenas, Febo Apolo, sobrevivendo com as suas frechas suaves, matou o piloto de Menelau, Fróntis, filho de Anetor, que tinha nas mãos o leme da- nau ligeira e se distinguia, entre às nações dos homens, no governo de uma nau, quando as tempestades investiam contra ela. Assim, não obstante ir com muita pressa, Menelau interrompeu a viagem, para sepultar o companheiro e prestar-lhe as honras fúnebres. Quando, porém, as suas naus côncavas, navegando sobre o mar vinhoso, tinham chegado, céleres, ao promontório escarpado de Maleia", então o longividente Zeus dificultou-lhe a viagem e soltou sobre as águas o sopro dos ventos sonoros, de sorte que as ondas entumeciam-se, gigantescas como serras. E, separando-se as naus, foram algumas impelidas para Creta, onde os Cidónios habitam, junto das margens do járdano. Existe nos extremos de Gortina", no mar brumoso, um rochedo liso e íngreme, que avança pelas águas dentro. Ali o Noto arremessa a inflada onda para os lados de Festo, contra o promontório, que olha para o ocidente, indo quebrar-se contra essa pequena rocha. Para aqui foram arrojadas as naus, que se despedaçaram contra os recifes, a custo escapando os homens da morte. Quanto às outras naus de escura proa, em número de cinco,

arremessou-as o vento e o mar para o Egito. Menelau andava assim a errar com as suas naus, por entre gentes de línguas estranhas, a reunir abundância de provisões e de ouro, enquanto Egisto meditava no seu palácio, feitos deploráveis. Depois do assassinio do filho de Atreu, reinou, durante sete anos, em Micenas, rica em ouro, e o povo foi subjugado por ele. Mas, no oitavo, regressou de Atenas, para sua desgraça, o preclaro Orestes, que fez perecer o traiçoeiro Egisto, o assas-

ODISSEIA - RAPSfDIA 111 [308-343]

sino que matara o seu ilustre pai. Morto ele, ofereceu aos Argivos um banquete, no funeral de sua odiada mãe e do cobarde Egisto; e, nesse mesmo dia, chegava Menelau, valente no combate, com muitas riquezas, com tantas quantas as suas naus podiam conter.

Tu, amigo, não vagueies por muito tempo longe do lar, tendo deixado os bens e uns homens tão insolentes na tua casa, não suceda que te devorem tudo, depois distribuam entre si a tua fazenda, e tu faças uma viagem inútil. Todavia exorto-te a que vás ter com Menelau, pois ele chegou há pouco de além, de entre os povos, donde não esperaria voltar aquele a quem, pela primeira vez, as tempestades arremessassem para esse pélago tão vasto, que nem as aves podem vir daí num ano, por ser imenso e horrível. Vai, pois, com a tua nau e a tua gente ter com ele. Se preferes viajar por terra, tens aí carro e cavalos; e os meus filhos acompanhar-te-ão à magnífica Lacedemónia, onde vive o herói. Pede-lhe que te diga a verdade. Ele é muito cordato e não mentirá.

Assim falou. Entretanto, o Sol tinha-se posto e sobreviera o crepúsculo. Entre eles, então, Atena, a deusa de olhos brilhantes, disse:

- *f* ancião, tu falaste como era justo. Agora cortei as línguas das vítimas e misturai o vinho, para que, depois de executadas as libações a Posidão e aos outros deuses imortais, cuidemos de dormir, pois é tempo disso. O Sol já mergulhou no Ocaso e não convém prolongar muito o festim dos deuses. É melhor

que nos vamos.

Assim disse a filha de Zeus; e eles escutaram as suas palavras. Os arautos deitaram-lhes água nas mãos e os escravos encheram de bebida as crateras até às bordas e distribuíram-na a todos, vertendo primeiro nos copos as pri#cias, para libarem. Em seguida, colocaram no fogo as línguas das vítimas e, de pé, fizeram as libações. Quando, porém, já tinham executado isto e bebido tanto, quanto a vontade deles quisera, Atena e o divino

35

ODISSEIA - RAPSÓDIA RI [344-380]

Telémaco desejaram retirar-se para a bojuda nau. Mas Nestor deteve-os, com estas palavras:

- Não permita Zeus e os outros deuses imortais que vades de junto de mim para a nau ligeira, como de junto de um homem em extremo necessitado e sem roupa, que não tem em casa mantos nem abundância de coberturas, para ele e para os hóspedes aí dormirem confortavelmente. No meu palácio há mantos e belas cobertas. O filho do herói Ulisses não se deitará jamais sobre as tábuas da nau, enquanto eu viver ou morarem, depois de mim, os meus filhos, no palácio, para receberem qualquer hóspede que a ele chegue.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu-lhe:

- Falaste bem, caro ancião, e convém que Telémaco te obedeça, porque é muito melhor desse modo. Por isso, agora irá contigo, para dormir no teu palácio. Eu, porém, vou para a nau escura, a fim de animar os companheiros e ordenar-lhes o que for preciso. Entre eles, só me honro de ser o mais velho. Essa gente veio connosco por dedicação; são todos moços da mesma idade que o magnânimo Telémaco. Ali me vou agora deitar, a bordo da nau escura; e, de manhã dirigir-me-ei para o país dos magnânimos CaucõeS, 27 onde devo ser pago de uma dívida antiga, não

insignificante. Visto ir este agora para o teu palácio, envia-o depois, num carro, em companhia do teu filho; e dá-lhe os cavalos mais velozes na carreira e mais fortes.

Tendo assim falado, Atena de olhos brilhantes partiu, na forma de um xofre, com espanto de todos quantos a viram. O ancião admirou-se também do que presenciara; e, com a sua mão na de Telémaco, dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

- *f* amigo, eu espero que não virás a ser tímido nem cobarde, porque, apesar de tão jovem, os deuses fazem-te companhia. Esta divindade não pode ser outra, de entre as que moram no Olimpo, senão a filha de Zeus, a gloriosíssima Tritogénia, que, entre os Argivos, honrava o teu intrépido pai. Rainha, sê-me propícia e dá-me brilhante glória a mim, aos meus filhos e à

ODISSEIA - RAPSÓDIA III [38i-4i8]

esposa veneranda. Eu hei-de sacrificar-te uma vitela de um ano, de larga fronte e indomada, a que nenhum homem ainda pôs o jugo; sacrificar-ta-ei, após lhe ter doirado as pontas.

Tal foi a sua súplica; e Palas Atena escutou-a. Nestor, o cavaleiro gerénio, dirigiu-se, depois, para a sua bela morada, à frente dos filhos e dos genros. Apenas chegaram ao magnífico palácio do rei, assentaram-se por ordem em cadeiras e poltronas. Para os recém-vindos o ancião misturou na cratera um bom vinho, de onze anos, após a dispenseira abrir uma ânfora, desligando a tampa. Feita a mistura na cratera, o ancião, ao mesmo tempo que libava, ia fazendo ardentes votos a Atena, filha de Zeus, portador da égide. Quando já tinham terminado as libações e bebido tanto quanto a vontade deles quis, então, como desejassem dormir, foi cada um para o seu aposento. A Telémaco, o caro filho do divino Ulisses, Nestor, o cavaleiro gerénio, fê-lo deitar ali, sob o pórtico retumbante, num leito de artística talha, [ao pé de Pisístrato, experto na lança e capitão de guerreiros, que era dos seus filhos aquele que se conservava no palácio ainda sem casar.] Quanto a ele, dormiu no interior do alto palácio, no leito e nas almofadas, que a sua esposa lhe preparara.

Logo que apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, Nestor, o cavaleiro gerénio, levantou-se do leito e, saindo da câmara, foi assentar-se numas pedras lisas, alvas e com um lustre de unguento, que tinha diante da alta porta, sobre as quais, antes, se assentava Neleu, em conselho igual aos deuses. Mas este partira para o Hades, subjugado pela Parca; e agora estava o gerénio Nestor, baluarte dos Aqueus, assentado nelas, com o ceptro na mão. Os filhos, apenas saíram dos seus aposentos, reuniram-se todos em volta dele: Equéfrone, Estratio, Perseu, Areto e o divino Trasimedes, aos quais, depois, se ajuntou o sexto, o herói Pisítrato. Eles conduziram Telémaco, semelhante a um deus, e convidaram-no a assentar-se ao pé de Nestor, o cavaleiro gerénio, que, tomou a palavra e disse:

- Meus filhos, satisfazer depressa o meu desejo, a fim de

ODISSEIA - RAPSÖDIA M [4i 9-45 z]

que, primeiro que os outros deuses, me propicie Atena, que veio visivelmente ao opulento festim em honra do nosso deus. Um vá ao campo buscar uma vaca; e, para que chegue com a maior brevidade, o vaqueiro que a tanja; outro dirija-se à escura nau do magnânimo Telémaco e guie para aqui todos os seus homens, deixando lá apenas dois; e um terceiro mande cá vir o ourives Laerces, para doirar as pontas da vaca. Quanto a vós, os restantes, ficai aqui todos e ide lá dentro, ao nosso palácio, dizer às escravas que preparem o festim e tragam assentos, lenha e água limpa.

Assim falou ele; e todos se apressaram a executar as ordens. Do campo chegou a vaca; os companheiros do magnânimo Telémaco vieram da nau ligeira também; e o artífice apresentou-se com os instrumentos de bronze na mão, utensílios da sua arte -a safra, o martelo e as tenazes bem feitas -com os quais trabalhava o oiro. Atena compareceu também, para receber o sacrifício. Nestor, o velho cavaleiro, deu o oiro, com que o ourives doirou, conforme a sua arte, as pontas da vaca, para que a deusa, vendo a oferenda, se regozijasse. Em seguida, Estratio e o ilustre Equéfrone aproximaram o animal e seguraram-no pelas pontas.

Areto veio da dispensa com água lustral numa bacia floreada e, na mão esquerda, as molas" dentro de um açafate. Ao pé da vaca estava o belicoso Trasimedes com uma acha afiada, com que devia abatê-la; e Perseu sustinha o vaso para recolher o sangue. Depois, o velho Nestor, o condutor de cavalos, começou a cerimónia da lustração " e a espalhar as molas; em seguida, fez muitos votos a Atena e deitou no fogo os cabelos da cabeça da vítima.

Acabada a súplica e espalhadas as molas, o valente Trasimedes, que se conservava ainda ao lado da vaca, feriu-a com a machada: cortou-lhe os tendões do pescoço, o que lhe tirou toda a força vital. As mulheres ergueram, então, para os deuses as suas vozes em grita: as filhas, as noras e a pudica esposa de Nestor, Eurídica, venerável entre as filhas de Clímeno. Eles, depois, ergueram

ODISSEIA - RAPSÓDIA M 1453-4861

a vítima da terra de largos caminhos e conservaram-na assim, enquanto Pisístrato, capitão de guerreiros, a degolava. Em seguida, como se tivesse estancado o sangue negro e a vida lhe abandonasse os ossos, sem dilação esquartejaram-na, extraíram-lhe os ossos inteiros das coxas, segundo o rito, e envolveram-nos com uma dupla camada da gordura, sobre a qual colocaram, enfim, pedaços de carne. Feito isto, o ancião, assistido dos jovens, com garfos de cinco dentes nas mãos, pôs o sacrifício sobre lenha acesa e derramou-lhe por cima vinho rutilante. Depois de as coxas terem sido queimadas e as vísceras comidas, espostejaram a outra carne e assaram os bocados em espetos pontiagudos que seguravam nas mãos.

Entretanto, a filha mais nova de Nestor, filho de Neleu, a bela Policasta, banhara a Telémaco. E, quando ele saiu do banho, ungido com óleo de oliveira e com um manto esplêndido sobre a túnica, o seu corpo assemelhava-se ao dos deuses imortais. Dirigiu-se, depois, para Nestor, pastor de povos e assentou-se à sua beira.

Apenas, porém, foram assadas as carnes exteriores e tiradas

dos espetos, assentaram-se todos para celebrar o festim; e serventes nobres, que estavam vigilantes, iam-lhes deitando vinho nos copos de ouro. Quando já tinham saciado o desejo de beber e de comer, Nestor, o cavaleiro gerénio, tomando a palavra, disse-lhes:

- Meus filhos, conduzi os cavalos de belas crinas e atrelamos ao carro, para que Telémaco leve a cabo a sua viagem.

Assim falou. Eles, tendo ouvido as suas palavras, obedeceram e os cavalos ligeiros foram rapidamente jungidos ao carro.

Dentro deste, uma dispenseira colocou pão, vinho e ' conduto, que os reis, alunos de Zeus, costumam comer. Depois de Telémaco subir para o carro magnífico, Pisístrato, capitão de guerreiros, filho de Nestor, foi assentar-se a seu lado. E, tomadas as rédeas na mão, com o chicote pôs em andamento os cavalos, que voaram com ardor para a planície, deixando atrás a alta cidade de Pilo.

Durante todo o dia, não cessaram de agitar o jugo, que

39

ODISSEIA - RAPSÓDIA 111 [487-4971

sustinham pelas extremidades.

Quando o Sol se tinha posto e todos os caminhos escureciam, chegaram a Feras, ao palácio de Diocles, filho de Ortíloco, que tinha por pai a Alfeu. Ali pernoitaram; e Diocles ofereceu-lhes os dons da hospitalidade. Logo que apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, atrelados os cavalos e tendo subido para o carro de ornato vário, guiaram-no para fora do portal e do pórtico sonoro.

E Pisístrato, com o chicote, pôs em andamento os cavalos, que voaram com ardor em direcção à planície fértil em trigo e terminaram, em seguida, a viagem -tal foi a rapidez, com que os

cavalos os transportaram.

Pusera-se o Sol e todos os caminhos iam escurecendo...

[I-291

RAPSfDIA IV

Telémaco em Lacedemónia

Chegados à funda Lacedemónia e de grandes desfiladeiros, dirigiram-se para o palácio do afamado Menelau, que encontraram em casa, na companhia de muitos parentes, a celebrar com um banquete as núpcias do seu filho e da sua nobre filha. Esta enviava-a ele ao filho de Aquiles, rompedor das hostes, porque lha prometera em Tróia, pela primeira vez, e afirmara que lha daria; e agora os deuses efectuavam-lhes o casamento. Mandava-a ir, pois, num carro a cavalos, para a cidade dos Mirmídones, sobre os quais aquele reinava. Para o filho, porém, escolhera em Esparta a filha de Alector. Ele, o audaz Megapentes, era o filho predilecto, " que lhe nascera de uma escrava, pois os deuses não davam mais descendência a Helena, depois do nascimento da engraçada criança H#rmíona, de feições iguais às da áurea Afrodita.

Assim se deleitavam com o festim no palácio grande e de alto tecto os vizinhos e parentes do afamado Menelau, entre os quais um divino aedo cantava, acompanhando com a cítara o canto, ao mesmo tempo que dois dançarinos iam dançando pelo meio dos convivas. Ora os dois, o herói Telémaco e o glorioso filho de Nestor, tinham feito parar os cavalos em frente do portal da casa. O poderoso Eteoneu, o criado diligente do afamado Menelau, saiu fora e viu-os; e foi através da sala dar a notícia ao pastor dos povos, junto do qual parou e proferiu estas aladas palavras:

- f Menelau, aluno de Zeus, estão aí dois estrangeiros, dois varões, que parecem da família do grande Zeus. Dize se devemos desatrelar-lhes os ligeiros cavalos ou mandá-los ir a outrem, que lhes dê amigável acolhimento.

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [30-641]

O fulvo Menelau, veementemente indignado, replicou-lhe:

- Tu, outrora, Eteoneu Boetida, não eras tão louco; mas agora dizes tolices como uma criança. Também nós, antes da nossa chegada, comemos, muitas vezes, à mesa hospitaleira de outros homens. Oxalá Zeus, no futuro, nos livre de tal miséria! Desatrele os cavalos e guia os estrangeiros para aqui, para se banquetearem.

Assim disse; e Eteoneu atravessou a sala com toda a pressa e ordenou a outros escravos que, diligentes, o acompanhassem. Tiraram, então, do jugo os cavalos alagados em suor e prenderam-nos às manjedoiras; depois, lançaram-lhes adiante uma mistura de espelta e de cevada branca, encostaram o carro à parede reluzente, ao lado da porta, e introduziram os hóspedes na morada divina. Eles olhavam para o palácio do rei, aluno de Zeus, admirados do brilho semelhante ao do Sol e da Lua, que resplandecia dentro dessa mansão de alto tecto do famigerado Menelau. Quando os seus olhos se tinham fartado de contemplar o espectáculo, dirigiram-se a banheiras bem polidas, onde se banharam. As escravas, depois do banho e que os ungiram com óleo, deitaram-lhes aos ombros mantos de lã sobre as túnicas; e eles, em seguida, foram assentar-se em cadeiras, ao pé do filho de Atreu. Uma escrava trouxe, então, água para lavarem as mãos, num belo jarro de ouro, que lhes deitou sobre uma argêntea bacia; e pôs uma mesa polida adiante deles. Uma diáspenseira veneranda serviu-lhes pão, [além de muitos outros manjares existentes de reserva, dos quais distribuía com gosto. E um trinchante trouxe pratos de carnes variadas, que lhes ofereceu; e colocou copos de ouro à sua beira.] O fulvo Menelau saudou-os, dizendo:

- Pegai em alimentos e regozijai-vos. Depois, quando terminardes a refeição, perguntar-vos-ei quem sois. A linhagem de vossos pais não degenerou em vós. Sem dúvida, sois descendentes de reis, alunos de Zeus, portadores do ceptro, pois

a gente plebeia não poderia ter semelhantes filhos.

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [65-99]

Assim falou; e tomou logo na mão um gordo lombo de boi assado, com que o tinham distinguido, o qual ofereceu a ambos. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Depois de saciarem a vontade de beber e de comer, Telêmaco disse ao filho de Nestor, aproximando a sua cabeça da dele, para que os outros não o ouvissem:

- Considera, filho de Nestor, amado do meu coração, como pelo palácio ressoante resplandece o bronze, o ouro, o electro 31, a prata e o marfim. Certamente é como este o interior do palácio de Zeus Olímpico. A língua não pode exprimir todas estas maravilhas e eu fico assombrado a olhar para elas. O fulvo

Menelau percebeu o que ele dizia e dirigiu aos dois estas aladas palavras:

- Meus filhos, nenhum mortal poderia, certamente, ser émulo de Zeus. As suas moradas e os seus bens são perenes. Quanto a mim, poderá algum dos homens exceder-me ou não em riquezas. A verdade é que, no regresso, ao oitavo ano, as trouxe, nas rainhas naus, depois de sofrer numerosos trabalhos e de andar errante por muitas terras: por Chipre, Fenícia e Egipto, e de ter chegado até à região dos Etíopes, dos Sidónios e dos Erembos e até à Líbia, onde aos anhos os chifres nascem cedo e as ovelhas criam três vezes cada ano. Ali o amo e o pastor não carecem de queijo e carne ou de leite fresco; elas podem ser ordenhadas em qualquer tempo. Enquanto eu, porém, andava por aquelas terras, reunindo grande fortuna, um homem, na sombra, matou-me inopinadamente o irmão, por traição da sua esposa funesta. Assim não me alegro de ser senhor de todas estas riquezas. Vós deveis ter ouvido isto a vossos pais, quem quer que eles sejam. Eu, além de sofrer numerosos trabalhos, perdi um palácio -muito confortável, que continha preciosidades em abundância. Oxalá vivesse numa habitação apenas com a terça parte desses bens e se tivessem salvado os varões que pereceram, um dia, na vasta Tróia, longe de Argos, de bom pasto para cavalos! Ainda que, assentado

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [100-i 391

em nossa casa, frequentemente os choro e lamento a todos, agora aliviando o coração com as lágrimas, logo parando, - pois depressa cansam as terríveis queixas, - contudo, por nenhum choro tanto, na minha aflição, como por um, cuja lembrança me faz aborrecer o sono e a comida, porquanto ninguém, entre os Aqueus, passou por tantos trabalhos quantos Ulisses suportou e empreendeu por minha causa. A ele estavam-lhe reservadas as tribulações e a mim uma perpétua tristeza, pois, devido à sua longa ausência, ignoramos se está vivo ou morto. E naturalmente chora-o o velho Laertes com a sensata Penélope e Telémaco, que ele deixou recém-nascido, na sua casa. Assim disse; e a Telémaco causaram estas palavras ânsias de chorar por seu pai. Ao ouvir o nome de Ulisses, as lágrimas começaram a correr-lhe das pálpebras e, erguendo com as duas mãos o manto purpúreo, conservou-o adiante dos olhos. Percebeu isto Menelau e considerou no seu espírito e no seu coração se o deixaria espontaneamente mencionar o pai ou se devia ser o primeiro a interrogá-lo e a informar-se de tudo. Enquanto assim pensava, saiu Helena do aposento perfumado e de alto tecto semelhante a Artemis das frechas de oiro. Adrasta dispôs para ela uma poltrona artisticamente trabalhada, Alcipe trouxe um tapete de macia lã e Filo um cestinho de prata, que lhe dera Alcandra, esposa de Pólibo, o qual habitava em Tebas, no Egipto, cujas habitações encerram grandes preciosidades. Este presenteara a Menelau duas banheiras argênteas, duas trípodas e dez talentos de oiro. Da sua parte, a esposa dera a Helena preciosos dons: uma roca de oiro e um cestinho de prata, guarnecido de rodas, cujas bordas tinham sido trabalhadas a oiro. A escrava Filo apresentara este cestinho a Helena cheio de fio habilmente fiado, sobre o qual estava a roca carregada de lã preta. Ela assentou-se na poltrona e pôs os pés sobre um escabelo. Imediatamente indagou tudo do esposo, com estas palavras:

- já sabemos, Menelau, aluno de Zeus, que homens se honram

de ter vindo a nossa casa? Estarei enganada ou não? O cora-

ODISSEIA-RAPSO DIA IV [140-1741

ção incita-me a ser sincera. Creio que nunca vi ninguém, homem ou mulher, que se parecesse tanto com outrem - eu estou assombrada a olhar para ele - como este se parece com Telêmaco, o filho do magnânimo Ulisses, que este verão deixou na sua casa recém-nascido, quando vós, os Aqueus, cercastes os muros de Tróia para travar rija batalha por causa de mim, desta cara sem vergonha.

O fulvo Menelau, em resposta, disse-lhe:

- Também eu, mulher, noto agora a mesma semelhança, que tu julgas ver; os pés e as mãos de Ulisses eram assim, bem como o olhar, a cabeça e a cabeleira. E há pouco, como aludisse a Ulisses e falasse nas aflições e trabalhos que ele suportou por mim, a este começaram a correr as lágrimas das pálpebras e com o manto purpúreo escondeu os olhos.

Em seguida, replicou-lhe Pisístrato, filho de Nestor:

- f Menelau Atrida, aluno de Zeus e chefe de povos, este é, na verdade, filho de Ulisses, como dizes. [Ele tem discrição e julga indecoroso deixar, na sua primeira visita, sair da boca muitas palavras na presença de ti, cuja voz nos deleita, como se fora a de um velho deus]. Quanto a mim, fui enviado por Nestor, o velho condutor de cavalos, para acompanhá-lo, visto Telêmaco desejar ver-te, para que o aconselhes ou lhe declares o que tem a fazer. Um filho, se em casa lhe falta o pai, padece muitas aflições e não tem quem o ampare. Assim acontece agora a Telêmaco, cujo pai se ausentou, ficando sem ninguém na sua terra que o possa defender do infortúnio.

O fulvo Menelau voltou a falar:

- Oh, I sempre é certo que veio a minha casa o filho do verão querido, que por causa de mim sofreu tantos trabalhos! Eu propunha-me acolher Ulisses, na sua vinda, com mais carinho do

que a qualquer dos Argivos, se o longividente Zeus Olímpico permitisse que voltássemos ambos, nas ligeiras naus, por sobre as ondas. E dar-lhe-ia uma cidade, em Argos, para habitar e construir-lhe-ia um palácio; depois, havia de o trazer de Ítaca com os

45

ODISSEIA-RAPSÓDIA IV 1175-212]

seus bens, o seu filho e todo o seu povo; e despovoaria para eles uma das cidades circunvizinhas, sobre as quais domino. Vivendo perto um do outro, visitar-nos-íamos muitas vezes; e nada nos separaria da nossa amizade e do nosso contentamento, até que a negra nuvem da morte nos envolvesse. Mas um deus devia ter-nos invejado tal felicidade, ao privar a este infeliz do regresso.

Assim disse; e a todos causaram estas palavras ânsias de chorar. Chorava a argiva Helena, nascida de Zeus; e chorava Telêmaco e Menelau Atrida. Nem sequer o filho de Nestor ficou com os olhos enxutos, porque se recordou do irrepreensível Antíloco que foi morto pelo filho ilustre da brilhante Aurora". Lembrando-se dele, disse estas aladas palavras:

- f filho de Atreu, dizia o velho Nestor, quando no seu palácio nos lembrávamos de ti e nos interrogávamos mutuamente, que tu eras celebrado por tua prudência, entre os mortais. Agora, se é possível, segue o meu conselho: eu não sinto prazer nas lágrimas durante a ceia; mas, quando despontar a madrugada Aurora, não censuro que se chorem aqueles que deixaram de existir, em cumprimento do seu destino. Sem dúvida, a esses infelizes a única honra que lhes podemos tributar é esta: cortar a cabeleira e deixar correr as lágrimas pelas faces. Também morreu o meu irmão, que não era o mais pusilânime dos Argivos - tu deves saber isto; eu não o encontrei, nem consegui ver Antíloco - e, segundo dizem, superava os outros na luta e na carreira.

O fulvo Menelau, em resposta, disse-lhe:

- *f* amigo, tu proferiste tais coisas quais um homem sensato e só um mais idoso do que tu podia dizer. Apenas um filho de tal pai pode falar com tanta prudência. É fácil conhecer a prole do varão, que o filho de Crono determinou que fosse feliz nas núpcias e no seu nascimento, como sucede agora com Nestor, a quem ele concedeu que através da vida envelhecesse confortavelmente no seu palácio, e tivesse filhos prudentes e hábeis no combate da lança. Mas deixemos o choro, que nos sobreveio.

46

ODISSEIA-RAPSO DIA IV [23-25 i]

Pensem de novo na ceia e que nos deitem água nas mãos. De manhã, Telémaco e eu conversaremos sobre o que nos importa.

Assim disse; e Asfalíone, o servo diligente do afamado Menelau, deitou-lhes água nas mãos. E eles estenderam-nas para os manjares colocados à sua frente.

Helena, nascida de Zeus, teve, então, uma lembrança. No vinho, de que eles bebiam, lançou de súbito uma droga, um calmante da dor e da cólera, que fazia esquecer todos os males. E àquele que a tragasse, depois de ter sido misturada na cratera, não lhe correriam mais, em todo o dia, as lágrimas pelas faces, nem mesmo se lhe morresse a mãe e o pai ou lhe matassem com o bronze, na sua presença, o irmão ou o filho. Drogas tão úteis e excelentes possuía-as a filha de Zeus, como dádiva da esposa de Tão, da egípcia Polidamna, em cujo país a terra, fértil em trigo, produz grande abundância delas, de muitas das quais a mistura é salutar e a de outras prejudicial. Al, cada homem é um médico superior a todos os demais, pois descende da raça de Peão. Ora depois de ter deitado a droga no vinho e mandado distribuí-lo, Helena falou assim:

- Menelau Atrida, aluno de Zeus, e vós, filhos de varões ousados, Zeus concede ora bens a uns, ora males a outros, porque pode tudo. Agora banquetear-vos, assentados no palácio, e

entretende-vos conversando, que eu quero dizer-vos coisas apropriadas à ocasião. Na verdade, não vou contar nem referir todos os feitos do paciente Ulisses; mas falarei somente de quanto o varão ousado tentou e fez em terras de Tróia, onde vós, Aqueus, sofrestes tantos reveses. Tendo-se golpeado a si próprio de uma maneira aviltante e lançado aos ombros uns vis andrajos, penetrou, em figura de escravo, na cidade de largas ruas, habitada pelos seus inimigos. Disfarçado, pois, desta maneira e semelhante a um mendigo, ele, que não era tal, entrou, sob essa aparência, na cidade dos Troianos. Estes não o conheceram; só eu o reconheci, apesar do seu disfarce, e interroguei-o. Ele, porém, procurou evitar-me, com astúcia; mas, quando, depois

47

ODISSEIA-RAPSAFIA IV 1252-2891

do banho e de o ter ungido com óleo, lhe dei vestidos e lhe fiz solene juramento de não revelar aos inimigos a sua identidade, sem primeiro ter chegado às naus ligeiras e às tendas, só, então, me expôs todo o plano dos Aqueus. Após ter dado a morte com o bronze de longo fio a numerosos Troianos, voltou com muitas informações ao campo dos Argivos. Nesse tempo, as outras mulheres de Tróia carpiam alto; mas o meu peito exultava, porque já o coração se tinha inclinado a voltar para casa; e sentia pena da loucura causada por Afrodita, quando me levou da minha terra pátria para Tróia, deixando a minha filha, a câmara nupcial e um esposo, que não é inferior a ninguém, tanto no espírito como na figura.

O fulvo Menelau, em resposta, disse-lhe:

- Sim, mulher; tu contaste tudo isso com justeza. Eu já tive ocasião de ponderar quanto vale a cabeça e o braço de heróis de mui variado feitio. Visitei muitas terras; mas nunca vi com os meus olhos ninguém que tivesse um coração como o paciente Ulisses. Quanto não empreendeu e realizou aquele varão ousado, dentro do cavalo de madeira, onde os mais valentes dos Argivos estavam emboscados, para levarem aos Troianos o extermínio e a

morte. Tu aproximaste-te da máquina, [seguida por Délfobo, semelhante a um deus.] Uma divindade, desejando que os Troianos alcançassem glória, devia ter-te suscitado. E rodeaste por três vezes o cavalo bojudo, tateando-o e chamando por seu nome os mais valentes dos Argivos, com uma voz igual à das suas esposas. Eu e o Tídamo estávamos assentados com o ilustre Ulisses no meio deles e ouvíamos o teu apelo. E a nós ambos o desejo incitava-nos a sair para fora ou a responder-te logo do interior; Ulisses, porém, deteve-nos e reprimiu a nossa vontade. Dentro, todos os filhos dos Aqueus se aquietavam em silêncio, excepto Anticlo, que queria responder-te; mas Ulisses, com as suas poderosas mãos, tapava-lhe de contínuo a boca, salvando assim a todos os Aqueus; e só o deixou livre, quando Palas Atena te levou para longe.

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [zgo-32.3]

O prudente Telémaco interveio:

- Menelau Atrida, aluno de Zeus e chefe de povos, isso aumenta-me a dor, porque tais feitos não lhe evitaram uma morte lamentável, nem lhe evitariam, ainda que tivesse no peito um coração de ferro. Mas conduz-nos para a cama, a fim de que, deitados, gozemos do doce sono.

Assim disse; e a argiva Helena ordenou às escravas que lhes preparassem os leitos no pórtico e pusessem neles belas mantas purpúreas; que estendessem colchas por cima e os guarnecessem de mantos de lã, para os hóspedes se cobrirem. Elas saíram da sala com um archote e prepararam as camas, para as quais os hóspedes foram guiados por um arauto. O herói Telémaco e o ilustre filho de Nestor deitaram-se, pois, ali, no pórtico da casa. O filho de Atreu, porém, dormiu no recôndito do palácio de alto tecto; e, ao lado, deitou-se Helena, de longo peplo, a mulher preclara.

Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos levantou-se do leito Menelau, valente no combate; e, depois de se ter vestido, suspendeu do ombro a cortante espada, ligou belas sandálias aos pés luzidios e saiu do aposento, no aspecto igual a um deus. Em seguida, foi assentar-se junto de Telémaco, a quem dirigiu logo a palavra:

- Herói Telémaco, que necessidade te trouxe aqui, à magnífica Lacedemónia, por sobre o vasto dorso do mar? Foi um negócio de interesse público ou particular? Expõe-me isso com toda a franqueza.

Replicou-lhe então o prudente Telémaco:

- Menelau Atrida, aluno de Zeus e chefe de povos, eu vinha ver se me poderias dar notícias do meu pai. A minha casa é devorada, as produtivas terras arruínam-se e o palácio está cheio de homens inimigos, os quais não cessam de abater-me ovelhas em grande número e bois de rodantes cáscos e de bamboleante andar; além disso, têm a insolência petulante de pretender a minha mãe para esposa. Por esta razão, venho abraçar os teus joelhos, na esperança de que te dignes declarar-me a morte deplo-

49

O-4

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [324-361]

rável do meu pai, caso tenhas sido testemunha dela ou ouvido a algum viajante falar de Ulisses, cuja mãe o deu à luz para ser o mais infeliz dos homens. Não atenues os factos por piedade ou consideração para comigo, mas conta-me exactamente como os teus olhos o viram. Eu rogo-te: se alguma vez o egrégio Ulisses, meu pai, executou ou disse alguma coisa em teu favor, segundo a sua promessa, lá no país dos Troianos, onde vós, os Aqueus, sofrestes calamidades, lembra-te agora disso e expõe-me toda a verdade.

Muito indignado, respondeu-lhe o fulvo Menelau:

- Oh! É, pois, certo que esses imbecis pretendem deitar-se no leito do varão de ânimo valoroso! Como quando, na espessura do bosque, a corça vai depor as crias na cama do leão e segue, depois, a pastar por cerros e vales ervosos; mas, de volta à sua cova, o leão mata de morte vil a corça e os veadinhos, assim Ulisses dará morte vil aos pretendentes. Quem dera, pai Zeus e

vós, Atena e Apolo, que o homem que, um dia, na bem construída Lesbos combateu com Filomelida, numa contenda; e para alegria de todos os Aqueus, o deitou com violência ao chão-quem dera que esse mesmo Ulisses arremettesse contra os pretendentes. Todos então, teriam morte prematura e bodas enlutadas. Quanto à tua pergunta e ao que me pedes, não me afastarei da verdade, nem te enganarei; antes quero revelar-te tudo, sem omitir uma palavra sequer, quanto um infalível ancião marinho me contou.

Por não lhes ter sacrificado as hecatombes da lei, os deuses, [que desejam que nos recordemos sempre dos seus mandados,] retinham-me no Egito, apesar da @a ânsia de partir. Ora existe, no muito undoso mar, defronte dessa terra, uma ilha chamada Faro, a qual dista da costa o espaço que percorre, de ordinário, num dia, uma nau côncava, quando a monção sonora lhe dá na popa. Nela há um porto com um ancoradouro excelente, donde saem as naus bem proporcionadas para o mar, depois de abastecidos de água potável. Ali detiveram-me os deuses vinte dias, e nunca, nesse tempo, soprou a monção marinha,

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [362-395]

que leva as naus sobre o vasto dorso dos mares. E certamente todas as provisões se teriam extinguido, bem como o ânimo dos homens, se uma divindade não se compadecesse de mim e me salvasse - Idótea, a filha do poderoso Proteu, o ancião do mar, à qual tinha comovido vivamente o peito. Ela veio ao meu encontro, quando divagava sozinho longe dos companheiros. Estes, apertados pela fome, erravam de contínuo em volta da ilha, a pescar com os curvos anzóis. E, parando ao pé de mim, dirigiu-me estas palavras:

- *f* estrangeiro, és assim tão louco e inconsiderado, que até te esqueces de ti próprio e sentes gosto em sofrer trabalhos? Pois, desde longo tempo, estás detido nesta ilha, sem poder encontrar fim a tal situação, e o ânimo dos teus companheiros vai já esmorecendo.

Assim falou; e eu repliquei-lhe:

- Quero notificar-te, quem quer que tu sejas dentre as deusas, que não estou detido voluntariamente; sem dúvida, hei-de ter pecado contra os imortais que habitam no vasto céu. Tu, porém, já que os deuses tudo sabem, dize-me quem é dos imortais que me prende aqui e me impede a viagem e o regresso por sobre o mar piscoso.

Assim disse; e logo a deusa preclara me respondeu:

- *f* estrangeiro, eu vou informar-te disso com toda a sinceridade. Frequenta estes sítios o infalível ancião do mar-o imortal Proteu, o Egípcio, servo de Posidão, que conhece todas as profundidades marinhas e, segundo dizem, foi quem me deu o ser. Se tu, armando-lhe uma cilada, o pudesses apanhar, ele declarar-te-ia o roteiro e a extensão do teu caminho, bem como o modo de regressares, por sobre o mar piscoso; e, se quisesses, aluno de Zeus, dir-te-ia também os sucessos, bons ou maus, que têm ocorrido na tua casa durante a tua ausência e esta longa e dolorosa viagem.

Assim falou; e eu disse-lhe:

- Ensina-me então a cilada que devo armar ao ancião divino.

51

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [396-432]

Temo que ele, notando-me de longe ou conhecendo-a antes, se escape, pois um homem mortal a custo subjuga um deus.

Assim falei; e logo a deusa preclara me tornou:

- *f* estrangeiro, eu vou dizer-te muito exactamente. Quando o Sol chega ao meio do céu, emerge, nesse momento, da onda, ao sopro do Zéfiro, o infalível ancião do mar, encoberto pela escura madria; e, saindo para fora, deita-se a dormir numa gruta côncava, no meio das focas de pés nadadores" da bela deusa marinha. Todas elas dormem reunidas à sua volta, depois de emergirem do mar pardacento, exalando o forte odor dos abismos

profundos. Ao romper da aurora, eu conduzir-te-ei para aí, onde vos colocarei por ordem, a ti e aos teus companheiros, dos quais deves cuidadosamente escolher três, os melhores que tiveres nas naves de boa coberta. Vou revelar-te todas as funestas artimanhas do ancião. Primeiramente, contará e inspeccionará as focas; e, depois de as ter contado todas e percorrido com os olhos, deita-se no meio delas, como um pastor entre o rebanho das suas ovelhas. Apenas o virdes deitado, cuidai, então, de usar de força e violência. Detende-o no mesmo sítio, não obstante o seu desejo de fugir e os esforços que para isso faça. Ele tentará consegui-lo, transformando-se nos seres que rastejam pelo solo e na água e no fogo de ardor violento; mas vós segurai-o bem e apertai-o ainda mais. Depois, quando o ancião, tomando a forma, em que o tiverdes visto deitado, te interrogar verbalmente, não o violentes mais; solta-o, herói, e pergunta-lhe qual dos deuses está indignado contra ti, bem como o modo de regressares, por sobre o mar piscoso.

Ditas estas palavras, Idótea mergulhou no mar ondulante-, e eu dirigi-me para a praia, onde estavam as naus, com o coração muito sobressaltado. Logo que cheguei à minha nau, junto do mar, preparámos a ceia. Sobreveio, depois, a -noite divina; e, então, fomos deitar-nos nos rochedos marítimos. Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, caminhava eu ao longo da praia do mar, de amplos caminhos, fazendo muitas

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [433-466]

súplicas aos deuses, com os três companheiros, em quem punha mais confiança para a execução de qualquer empresa audaciosa. Entretanto, Idótea, que imergira do vasto seio do mar, trouxera daí quatro peles de foca, todas arrancadas recentemente para as artimanhas imaginadas contra o seu pai. E, depois de abrir umas covas na areia da praia, ficou assentada à nossa espera. Apenas chegámos à sua beira, deitou-nos aí, por ordem, e cobriu a cada um de nós com uma das peles. Dentro das covas, a cilada custou-nos muito caro, porque o cheiro em extremo repugnante das focas, filhas do mar, incomodava-nos horivelmente. Quem poderia deitar-se junto de um monstro marinho? Mas Idótea valeu-nos por meio de um confortante enérgico: colocou ambrósia, que consigo

trouxera e exala um agradabilíssimo aroma, no nariz de cada um, e o mau cheiro do monstro foi assim aniquilado.

Durante toda a manhã, esperámos, de ânimo paciente, até que as focas saíram juntas do mar e se deitaram em seguida, por ordem, ao pé de um rochedo marítimo. Pelo meio-dia, o ancião emergiu das ondas e procurou as gordas focas; e, depois de as examinar todas, contou o seu número. Entre os monstros, nós fomos os primeiros que ele contou, o qual não suspeitava de nenhuma cilada. Por fim, deitou-se também. Então nós, aos gritos, lançámo-nos contra ele e cingimos-lhe o corpo com os braços. O ancião, porém, não esquecendo as suas artimanhas, transformou-se, em primeiro lugar, num leão de grande juba; logo num dragão, numa pantera e num enorme javali. Tornou-se também em água líquida e numa árvore de altas frondes, enquanto nós, de ânimo paciente, o segurávamos com força. Mas, como o velho, hábil em funestas artes, já estivesse aflito, dirigiu-me a palavra e interrogou:

- *f* filho de Atreu, qual dos deuses te aconselhou a prender-me contra a minha vontade, por meio de uma cilada? Que desejas? Assim disse; e eu repliquei-lhe:

- Tu sabes, ó ancião - porque me perguntas isso, tentando disfarçar? - tu sabes que sou há longo tempo detido nesta

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [467-5 021

ilha, sem poder encontrar fim a tal situação, e que no meu peito o ânimo vai já esmorecendo. Declara-me, já que os deuses tudo conhecem, quem é dos imortais que me prende aqui e me impede a viagem e o regresso por sobre o mar piscoso.

Assim falei; e ele disse-me logo em resposta:

- Tu só devias embarcar, depois de ter oferecido a Zeus e aos demais deuses sacrifícios excelentes, para que, navegando por sobre o mar vinhoso, chegasses, sem demora, à tua pátria. O teu destino é não ver os amigos e não tornar à bem construída casa e à tua terra pátria, sem primeiro voltar de novo às águas do rio

Egipto, que as chuvas alimentam, e oferecer hecatombes sagradas aos deuses imortais, moradores do vasto céu. Só depois disso é que eles concederão que faças a viagem desejada. Assim disse; e o meu coração confrangeu-se pelo facto de me prescrever uma longa e penosa viagem, - que voltasse por sobre o mar brumoso de novo para o Egipto. Não obstante, em resposta, disse-lhe:

- Cumprirei, ancião, isso que ordenas, Mas dize e relata-me sinceramente se os Aqueus tiveram todos um feliz regresso, dos quais Nestor e eu, ao partirmos de Tróia, nos separámos; ou se algum sucumbiu à morte cruel, na sua nau ou nos braços dos amigos, uma vez terminada a guerra.

Assim falei; e ele respondeu-me logo:

- Filho de Atreu, porque me perguntas isso? Não te convém sabê-lo nem desvendar o meu espírito; e não creio que fiques por muito tempo com os olhos enxutos, depois de ser informado de tudo. Sabe: muitos deles pereceram e muitos outros salvaram-se. Os dois chefes dos Aqueus de couraças brônzeas foram os únicos que morreram no regresso. A respeito do sucedido na batalha, tu também assististe a ela. Há, porém, um que vive ainda, detido algures, no vasto mar. Ajax sucumbiu com as suas naus de longos remos. Posidão, impelindo-o, primeiro, para as grandes rochas Gírias," salvara-o das ondas; e escapar-se-ia da morte, apesar do ódio de Arena, se, loucamente

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [503-538]

obcecado, não pronunciasse uma palavra atrevida: ele dissera que tinha fugido dos profundos abismos do mar contra a vontade dos deuses. Ora, Posidão ouviu este dito jactancioso; e logo, tomando o tridente nas mãos vigorosas, feriu uma das rochas Gírias, que se quebrou em duas. Um pedaço permaneceu no mesmo sítio, enquanto o outro, sobre o qual Ajax, quando estava assentado aí, se deixara obcecar pela jactância, esse caiu nas ondas e arrastou o criminoso para o fundo do imenso mar ondulante. [Deste modo, pereceu ali, depois de beber água salgada.] Teu irmão fugiu ao destino na côncava nau. A veneranda Hera foi quem o salvou. [Mas, quando já ia a chegar ao

promontório íngreme de Maleia, uma tempestade arrebatou o infeliz, que soltava fortes gemidos, e levou-o pelo mar piscoso, para o extremo da região, na qual anteriormente Tiestes tinha o seu palácio, que, nesse tempo, era habitado por Egisto, o seu filho. Desde aquele ponto, como os deuses voltassem a monção, pareceu-lhe que já o regresso seria feliz. Ele e os companheiros chegaram, enfim, à pátria.] Com alegria, Agamémnone pôs pé na terra natal, que beijou, a derramar lágrimas copiosas e ardentes, pelo gozo que sentia de tornar a vê-la. Mas da#atawa observou-o o espia, que o traiçoeiro Egisto trouxera e postara lá, prometendo-lhe em paga dois talentos de ouro. E ele, que vigiava, havia um ano, para que Agamémnone não viesse sem ser visto e não se lembrasse de alguma proeza audaz, notou-o e foi ao palácio anunciá-lo ao pastor de povos. Imediatamente Egisto pensou num ardil: escolheu vinte dos homens mais valentes da terra e pô-los de emboscada; e, doutra parte, mandou preparar um banquete. Entretanto, imaginando pérfidos planos, foi com cavalos e carros convidar Agamémnone, o pastor de povos. E trouxe o herói, que não sabia que ia para a morte, o qual matou durante o banquete, como quem mata um boi na mangedoura. Não escaparam os companheiros que seguiram com o filho de Atreu, nem tão-pouco os de Egisto; pereceram todos na sala. Assim disse; e o meu coração confrangeu-se; e, assentado

55

ODISSEIA - RAPSfDIA IV 15 39-5 751

sobre a areia pus-me a chorar, sem ânimo para viver mais nem para ver a luz do Sol. Quando estava cansado de chorar e de rolar-me pela terra, o infalível ancião marinho disse-me:

- Não chores, filho de Atreu, durante tão longo tempo, pois nada alcanças com isso; tenta antes chegar a tua terra pátria, o mais depressa possível. Tu encontrarás Egisto ainda vivo; ou, se Orestes o tiver matado já, neste caso, poderás tomar parte no banquete fúnebre.

Assim falou; e o meu coração reanimou-se e o ânimo, apesar da aflição, renasceu, dentro do peito. Dirigindo-me a ele,

pronunciei, então, estas palavras aladas:

- Já conheço a sorte desses varões; fala-me agora do terceiro, daquele que, vivo ou morto, é detido no vasto mar. [Não obstante a minha aflição, desejo ser informado a seu respeito.]

Deste modo falei eu; e ele respondeu-me logo:

- O filho de Laertes, de Ítaca, vi-o a derramar abundantes lágrimas numa ilha, no palácio da ninfa Calipso, que lá o retém contrafeito. Ele não pode ir para a sua terra pátria, porque lhe faltam naus providas de remos e companheiros, que o conduzam por sobre o vasto dorso do mar. Quanto a ti, Menelau, aluno de Zeus, os deuses determinaram que não morras em Argos, de bom pasto para cavalos, e completes aí o teu destino. Eles enviar-te-ão para os Campos Elísios, para os confins da terra, onde vive o fulvo Radamanto e os homens logram vida mui ditosa e onde não cai neve, não há tempestades violentas nem chove nunca, mas de contínuo o Oceano envia as brisas do Zéfiro de hálito sonoro, para refrescar os homens. Eles enviar-te-ão para lá, [porque tens Helena por esposa e és a seus olhos genro de Zeus.]

Ditas estas palavras, mergulhou no mar ondulante; e eu com os companheiros deiformes dirigi-me para as naus, pelo canúnh, com o meu coração muito sobressaltado. Logo que cheguei à minha nau, junto do mar, preparámos a ceia. Sobreveio depois a noite divina e, então, fomos deitar-nos nos rochedos maríti-

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV 15 76-608]

mos. Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, arrastámos, antes de tudo, as naus bem proporcionadas para o mar brilhante e colocámos nelas os mastros com as velas; em seguida, depois de termos embarcado, os remadores tomaram lugar nos seus bancos e, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento. De volta ao rio do Egipto, que as chuvas alimentam, ancorei as naus e ofereci hecatombes rituais. E, depois de ter aplacado a cólera dos deuses sempiternos, levantei um túmulo a Agamémnone, a fim de que a sua glória não se extinguísse. Feito isto, parti; e a monção foi-me concedida pelos deuses imortais,

que depressa me reconduziram à minha pátria.

Tu permanece no meu palácio, onze ou doze dias, que depois reenviar-te-ei com dons brilhantes: três cavalos e um carro bem construído; além disso, dar-te-ei uma bela taça, para que faças libações aos deuses imortais e todos os dias te lembres de mim.

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

- Filho de Atreu, não me detinhas aqui por muito tempo. Eu consentiria, sem dúvida, em ficar no teu palácio, durante um ano, sem ter saudades de casa nem dos pais, porque sinto imenso prazer em ouvir os teus discursos e as tuas narrações; mas os meus companheiros devem já estar enfadados, na sagrada Pilo, pois há longo tempo que me deténs aqui. O presente, qualquer que me dês, aceito-o como lembrança. Os cavalos não os levarei para Ítaca; deixo-tos para teu regalo, porque imperas sobre uma planície extensa, onde cresce o trevo em abundância, a junça, o trigo, a espelta e a branca cevada de larga espiga. Em Ítaca, porém, não existem lugares vastos para corridas, nem prado algum; abundam aí só pastagens para cabras, em lugares mais altos do que os campos que nutrem cavalos. Nenhuma das ilhas situadas no mar tem caminhos próprios para se andar de carro ou a cavalo, nem é rica em prados; e Ítaca menos que qualquer outra.

57

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [609-643]

Assim falou; e Menelau, valente no combate, sorriu-se. Acariciando-o com a mão, dirigiu-lhe estas palavras:

- Meu filho, no teu falar mostras que és de sangue ilustre. Eu trocar-te-ei, então, os presentes, pois posso fazê-lo. De quantos há em minha casa, que se possam guardar como lembrança, quero dar-te o mais belo e precioso: oferecer-te-ei uma cratera artística, toda de prata, cujas bordas foram trabalhadas a ouro e é obra de Hefesto. O herói Fédimo, rei dos Sidónios, ofereceu-ma, quando me acolheu na sua casa, onde passei, no meu regresso. Este é o presente que te quero dar.

Tal era o colóquio que tinham entre si.

Entretanto ", [os convivas entravam para o palácio do divino rei. Estes traziam ovelhas e vinhos reconfortantes, aos quais as esposas de véus preciosos tinham enviado pão. Enquanto andavam pela casa, ocupados com os preparos do jantar], os pretendentes divertiam-se a arremessar discos e venábulo, adiante do palácio de Ulisses, sobre o pavimento bem trabalhado, onde costumavam praticar as suas insolências. Antínoo estava assentado com o deiforme Eurímaco, que eram os chefes dos pretendentes e os que em valentia se distinguiam mais. Noémone filho de Frónio, aproximou-se deles e dirigiu a Antínoo estas palavras:

- Antínoo, é ou não conhecido quando Telémaco regressará da arenosa Pilo? Ele ausentou-se com a minha nau, da qual preciso para atravessar para a dilatada Élide, onde tenho doze éguas com os seus infatigáveis mulos, de mama ainda e indomados. Destes, desejava trazer um para o domesticar.

Assim falou; e os dois admiraram-se, porque não julgavam que Telémaco tivesse ido a Pilo de Neleu; criam que se encontrava algures, no campo, junto dos rebanhos ou do porqueiro. Antínoo, filho de Eupites, inquiriu:

- Responde-me com franqueza. Quando partiu ele e quais foram os jovens escolhidos de Ítaca, que o seguiram? Ou acompanharam-no, porventura, os seus próprios jornaleiros e escra-

ODISSEIA - RAPSÓDIA rV [644-6781

vos? Pois também poderia ter feito assim. Fala-me verdade, para que saiba ao certo se te levou a nau escura, com violência e mau grado teu, ou se tu lha deste voluntariamente, depois de pedir-ta com instâncias.

Replicou-lhe Noémone, filho de Frónio:

- Eu dei-lha de bom grado. Que faria outro qualquer, se um varão semelhante, de ânimo preocupado, lhe pedisse um favor? Dificilmente lho recusaria. A respeito dos jovens que o seguiram, estes foram os que na terra são mais distintos entre nós; e, como chefe, notei que embarcava Mentor ou um deus semelhante a ele em tudo. Mas eu estou admirado: ontem de manhã vi aqui o ilustre Mentor, o qual tinha embarcado para Pilo há dias.

Depois de assim falar, afastou-se para o palácio do seu pai. E, cedendo ao ânimo irritado, os dois @eram cessar os jogos e mandaram assentar os pretendentes. Entre eles, tomou a palavra Antínoo, filho de Eupites, [todo pesaroso e o coração repleto de cólera, que lhe punha os olhos em brasa:]

- Oh! Telémaco, na verdade, fazendo esta viagem, levou audaciosamente a cabo uma grande empresa. E nós pensávamos que não a realizaria. Contra a vontade de nós todos, o rapaz foi-se e, sem mais nem menos, arrastou uma nau para o mar, depois de escolher, por esta terra, os melhores companheiros. Ele começará daqui a pouco a ser a nossa ruína. Privasse-o Zeus da sua força, antes de chegar à idade viril. Dai-me uma nau ligeira e vinte companheiros, para, no seu regresso, lhe armarmos uma cilada, no estreito, entre Ítaca e a áspera Sama, a fim de que se lhe torne desastrosa a viagem, que faz, por causa do pai.

Assim falou; e todos o aplaudiram e animaram. Em seguida, levantaram-se e entraram no palácio de Ulisses.

Penélope não esteve muito tempo sem ser informada dos propósitos que os pretendentes meditavam no íntimo de seus corações. O arauto Medonte contara-lhos. Ele estava fora do pátio e ouvira as deliberações que aqueles faziam lá dentro. E foi

através do palácio anunciar isto a Penélope. Esta disse-lhe, apenas tinha transposto a soleira da porta:

- Arauto, porque te enviaram os ilustres pretendentes? Foi, porventura, para mandares às escravas do divino Ulisses que deixem as suas ocupações e lhes preparem o banquete? Oxalá nunca me pretendessem, nem se reunissem mais; e fosse hoje a última vez que comessem aqui. Com as vossas reuniões frequentes consumis muitos bens - propriedade do sensato Telémaco. Nunca ouvistes dizer a vossos pais, quando éreis ainda pequenos, como se portava Ulisses? Não cometia injustiças contra ninguém, nem dizia palavras de injúria entre o povo, como têm por costume os reis divinos, que odeiam a uns e querem bem a outros. Aquele nunca obrou criminosamente contra nenhum homem, ao contrário de vós, que sois ingratos aos favores recebidos, como o vosso ânimo e as vossas acções indignas mostram.

O discreto Medonte replicou-lhe:

- Quem dera, rainha, que este fosse o pior mal! Os pretendentes, porém, maquinam um muito maior e mais doloroso, que oxalá o filho de Crono não lhes permita. Eles querem matar com o afiado bronze na volta para casa, a Telémaco, que foi à sagrada Pilo e à preclara Lacedemónia em busca de notícias do pai.

Dito isto, imediatamente os joelhos e o coração de Penélope desfaleceram e a mudez não a deixou por largo tempo; os seus olhos encheram-se de lágrimas e embargou-se-lhe a voz forte. Só passado longo intervalo é que ela tomou a palavra:

- Arauto, porque se ausentou o meu filho? Ele não tinha necessidade de embarcar nas naus de curso rápido, que para os homens são como cavalos marinhos e navegam sobre a imensidade líquida. Partiu, porventura, para que não ficasse a sua memória entre os homens?

O prudente Medonte respondeu-lhe:

- Eu não sei se um deus o incitou ou se o impeliu o próprio

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [713-746]

coração a ir a Pilo, para se informar a respeito do regresso do seu pai ou do destino que teve.

Depois de assim falar, foi-se através do palácio de Ulisses. E a dor, que dilacera o coração, envolveu a Penélope, que nem sequer teve ânimo para assentar-se numa cadeira das muitas que havia em casa; deixou-se cair sobre a soleira do aposento cuidadosamente trabalhado, a lamentar-se de tal modo, que dava pena. E as escravas que estavam no palácio, novas e velhas, gemiam todas à sua volta. A elas disse Penélope, por entre altos suspiros:

- Escutai, amigas. O Olímpico enviou-me mais aflições que a quantas nasceram e foram criadas ao mesmo tempo que eu: perdi, primeiro, um esposo ousado, de ânimo de leão, que sobressaía entre os Dánaos em todo o gênero de prerrogativas - [homem valente, cuja fama enche toda a Hélade e chega até ao centro de Argos. E agora as procelas arrebataram-me do palácio o meu filho amado, sem que alguém saiba notícias dele e que eu tivesse ouvido sequer uma palavra acerca da sua partida. Cruéis. Nenhuma de vós se resolveu, no seu espírito, a fazer-me levantar do leito, apesar de terdes sabido ao certo, quando ele partia para a nau bojuda e negra, porque se fosse informada de que projectava essa viagem, por mais que desejasse fazê-la, ficaria comigo ou deixar-me-ia morta no palácio. Que alguém corra a chamar o velho Dólio, o escravo que me deu o meu pai, quando vim para aqui e me cuida do muito arborizado horto, para que, sem demora, vá ter com Laertes e lhe conte tudo. Pode ser que este conceba algum plano e se vá lamentar na presença dos cidadãos de que querem fazer perecer a sua descendência e a do deiforme Ulisses.

Respondeu-lhe Euricleia, a sua aia:

- Minha filha, mata-me com o bronze cruel ou deita-me fora do palácio; não quero, muito embora, ocultar-te o que sei. De tudo era sabedora e dei a Telémaco quanto me ordenou, - pão e vinho saboroso, depois de ele me ter feito jurar solenemente

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV 1747-7831

que não te diria nada, antes do duodécimo dia, a não ser que desses pela sua falta ou ouvisses falar da sua viagem, com receio de que as lágrimas te desfigurassem a beleza. Banha-te e, envolvido o corpo em vestes limpas, sobe com as escravas ao teu aposento, no andar superior da casa, a implorar Atena, filha de Zeus, portador da égide, porque ela salvará a Telémaco da morte. Não atormentes mais o amargurado ancião; pois não posso crer que a descendência do filho de Arcésio seja odiosa aos deuses bem-aventurados. Por certo, há-de ficar alguém para possuir o palácio de elevado tecto e os campos férteis, ao longe.

Com estas palavras, serenou os gemidos de Penélope e fez-lhe cessar as lágrimas. Ela, depois de banhada e de envolver o corpo em roupa lavada, subiu ao andar superior da casa com as criadas, e, colocadas as molas num açafate, orou a Atena:

- Escuta-me, ó indomável filha de Zeus, portador da égide. Se alguma vez o solerte Ulisses queimou, no seu palácio, pingues coxas de boi ou de ovelha em tua honra, lembrada agora disso, salva-me o filho querido e afasta os malvados e orgulhosos pretendentes.

Depois de assim orar, ergueu a voz em grito e a deusa escutou-lhe a prece. Os pretendentes, porém, faziam ruído na sala sombria; e alguns dos soberbos jovens falavam deste modo:

- Sem dúvida, a rainha, que muitos pretendem, prepara-nos o casamento e não sabe que o seu filho está votado à morte.' Assim diziam; mas ignoravam o que se passava. Antínoo, tomando, então, a palavra, falou-lhes:

- Estultos, deixai-vos de discursos arrogantes, não suceda que alguém os vá denunciar lá dentro. Levantemo-nos muito caladinhos e ponhamos por obra o projecto, que todos aprovámos.

Tendo dito isto, escolheu vinte homens dos mais valentes e dirigiram-se à praia do mar e à nau ligeira. Antes de mais nada, puseram a escura nave a flutuar sobre as ondas e colocaram-lhe

o mastro e as velas; em seguida, seguraram os remos por meio 'de correias, [tudo, como convinha, e desfraldaram as brancas

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV 1784-8181

velas;] os servos ousados, enfim, trouxeram-lhes os aparelhos. Ancoraram, depois, a nau, onde a água era funda; e, saltando para um cabo de acesso, cearam e ficaram à espera do crepúsculo.

Entretanto, a sensata Penélope estava deitada no andar superior da casa, sem nada ter comido ou bebido, a pensar se o filho irrepreensível escaparia à morte ou se seria vítima dos orgulhosos pretendentes. Quantos cuidados afligem o leão, no meio de um grupo de caçadores, quando estes lhe apertam o cerco insidioso, outros tantos a agitavam também a ela, até que lhe sobreveio um doce sono. Dormia, reclinada para trás e com os membros estendidos.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, planeou, então, este projecto. Fez um fantasma semelhante, no aspecto, a Lítima, filha do magnânimo Icário, com a qual casara Eumelo, que morava em Feras; e enviou-o ao palácio do divino Ulisses, no intuito de pôr termo aos suspiros lacrimosos da aflita e consternada Penélope. O fantasma entrou na câmara por junto da correia do ferrolho e, parando próximo da sua cabeça, disse-lhe estas palavras:

- Tu, Penélope, dormes com o coração tão angustiado. Os deuses que vivem uma vida feliz não consentem que chores e que te aflijas, pois o teu filho há-de voltar, porque não os ofendeu em nada.

Retorquiu-lhe a sensata Penélope, mergulhada à porta dos sonhos num sono dulcíssimo:

- Porque vieste aqui, irmã? Antes não costumavas visitar-me, por ser muito distante o teu palácio. Tu exortas-me a deixar a tristeza e as muitas dores, que conturbam o meu espírito e o meu coração, a mim que perdi, primeiro, um esposo ousado, de íssimo de leão, que sobressaía entre os Dánaos em todo

o gênero de prerrogativas - homem valente, cuja fama enche toda a Hélade e chega até ao centro de Argos; e agora o meu filho amado, esse pobre rapaz, sem experiência dos trabalhos da guerra e da

63

ODISSEIA - RAPSÓDIA IV [819-8471

arte de falar nas assembléias, partiu numa bojuda nau. Por causa deste aflijo-me mais do que por amor do outro"; e estou em cuidados e com medo de que lhe aconteça algum mal, já entre os homens, lá para onde se ausentou, já no'mar; porque há muitos malvados que se conjuram contra ele e pretendem tirar-lhe a vida, antes do seu regresso à terra pátria.

O fantasma obscuro disse-lhe em resposta:

- Animo! e não se preocupe demasiado o teu espírito! Acompanha-o aquela, cuja assistência, por ser poderosa, outros homens desejariam: é Palas Atena, que, compadecida da tua aflição, me enviou agora a trazer-te a boa nova.

A sensata Penélope falou-lhe então:

- Se tu verdadeiramente és deusa e ouviste a voz duma divindade, dize-me também se o outro infeliz vive, algures, ainda e goza da luz do Sol ou se já morreu e está no Hades.

O fantasma obscuro respondeu-lhe:

- A respeito desse, não te direi claramente se está vivo ou morto. Não é bom falar de coisas vãs.

Dito isto, saiu da estância, por junto do ferrolho e foi dissolver-se no hálito dos ventos. A filha de Icário, porém, levantou-se do sono, já com o seu coração alegre, por, na obscuridade da noite, um tão claro sonho se ter revelado a ela.

Os pretendentes, entretanto, depois de embarcados, navegavam pelos húmidos caminhos, cogitando na morte cruel que dariam a

Telémaco. No meio do mar, entre Ítaca e a rude Sarna, existe uma ilha rochosa, Âsteris, a qual, se bem que não é grande, possui, todavia, portos de entrada dupla, bons ancoradouros para os navios. Aí, os Aqueus esperavam, emboscados, a Telémaco.

[I-271

RAPSO DIA V
A jangada de Ulisses

[A Aurora surgia do leito, de junto do Titono ilustre, para ir levar a sua luz aos imortais e aos homens, quando os deuses se assentavam para celebrar conselho, na companhia de Zeus altitonante, cujo poder é sumo. Entre eles, falou Atena, lembrada dos muitos trabalhos de Ulisses, porquanto estava em cuidados, por se encontrar o herói no palácio da ninfa:

- Pai Zeus e vós, bem-aventurados deuses sempiternos, nenhum rei, que empunha o ceptro, jamais seja benévolo, bondoso e afável, nem alimente no seu espírito pensamentos de justiça, mas torne-se duro e pratique acções iníquas, visto que ninguém, entre o povo, sobre o qual o divino Ulisses reinou com uma doçura paternal, se lembra mais dele, infeliz, que sofre aflições violentas, abandonado numa ilha, no palácio da ninfa Calipso, que o detém contra a sua vontade; e ele não pode ir para a sua terra pátria, porque lhe faltam naus providas de remos e companheiros, que o conduzam sobre o vasto dorso do mar. E agora desejam matar o seu filho amado, no seu regresso a casa, o qual foi à sagrada Pilo e à preclara Lacedemónia em busca de notícias do pai.]

Zeus, o amontoador das nuvens, em resposta disse-lhe:

- Minha filha, que palavra te escapou do cerco dos dentes!
I Não urdiste tu própria esse plano, de que Ulisses, na sua volta, se vingaria daqueles malvados? Guia Telémaco com a inteligência e firmeza, de que és dotada, de modo que ele chegue, ileso, à sua terra pátria e os pretendentes, logrados, tenham de retroceder com a nau.

ODISSEIA - RAPSÓDIA V [28-661

Disse; e a Hermes, seu filho, falou assim:

- Hermes, tu, que nos demais negócios és o nosso mensageiro, vai anunciar à ninfa de belas tranças o irrevogável decreto, acerca do regresso do paciente Ulisses: que o herói parta sem a companhia dos deuses nem dos homens e que chegue, no vigésimo dia, sobre uma jangada de sólida construção e após numerosos trabalhos, à Esquéria fecunda, terra dos Feácios, parentes dos deuses. Eles de todo o coração o honrarão como a um deus e acompanhá-lo-ão numa nave à terra pátria, depois de lhe darem bronze, ouro em abundância e vestidos - tantas riquezas, quantas Ulisses nunca levaria de Tróia, se tivesse um regresso feliz e participasse dos despojos; porquanto o seu destino é este: que veja os amigos e volte ao palácio de alto tecto e à sua terra pátria.

Assim falou; e o mensageiro Argifonte obedeceu-lhe.

Imediatamente, ligou aos pés belas e divinas sandálias de ouro, que, com a rapidez do vento, o levavam por sobre as águas e a terra imensa; [e tomou a vara mágica, com a qual, a seu bel-prazer, adormece os homens e desperta os que dormem. De caduceu, pois, na mão, o poderoso Argifonte ergueu voo.] Tendo sobrevoado Piéria, baixou do éter sobre as águas e partiu, célere, pelas ondas, semelhante a uma gaivota, a qual, a pescar nos vastos seios do mar estéril, molha na água a sua espessa plumagem. Semelhante a uma tal ave, Hermes deixava-se transportar pelas ondas numerosas. Mas logo que chegou à remota ilha", então saiu do mar violáceo e saltou em terra, para se dirigir à gruta espaçosa, onde habitava a ninfa de belas tranças, que encontrou dentro. Ardia no lar uma grande fogueira e o aroma do cedro, fácil de rachar, e da tuia rescendia ao longe, pela ilha, enquanto ela, no interior, ao som da sua linda voz e meneando-se no tear, tecia com uma lançadeira de ouro.

Em volta da gruta tinha crescido um bosque luxuriante de amieiros, álamos pretos e de ciprestes odoríferos, onde buscavam abrigo as aves de rápido voo: corujas, falcões e gralhas

ODISSEIA - RAPSÓDIA V [67-102)

do mar de bico comprido, que se ocupam nas lidas da pesca. Ali, uma pujante cepa, a vergar sob o peso dos cachos, estendia os seus braços em redor da gruta côncava. De quatro fontes vizinhas umas das outras, manava água cristalina em direcções diversas; e, pela redondeza, em macios prados, floresciam a violeta e o aipo. Até um imortal, que aí fosse, se admiraria e sentiria prazer no seu coração, ao contemplar o espectáculo.

O mensageiro Argifonte deteve-se a admirá-lo; em seguida, sem mais detença, entrou na gruta. Reconheceu-o Calipso, a deusa preclara, quando o viu diante de si, porque os deuses imortais reconhecem-se facilmente uns aos outros, ainda quando são distantes as suas moradas. Hermes, porém, não encontrou dentro ao magnânimo Ulisses; ele estava a chorar, assentado na praia, onde, já antes, lágrimas, suspiros e aflições lhe tinham consumido o peito. [Ali chorava, pois, contemplando o mar estéril.].

Calipso, a deusa preclara, depois de convidar Hermes a assentar-se num sólio claro e refulgente, interrogou-o

- Porque vieste aqui, ó Hermes do bastão de ouro, a quem tanto respeito e amo? Antes, não frequentavas estes sítios. Revela-me o teu pensamento, que o meu ânimo está disposto a executá-lo, caso possa ou seja exequível. Mas, primeiro, segue-me, para que te ofereça os dons da hospitalidade.

Depois destas palavras, a deusa apresentou-lhe uma mesa cheia de ambrósia e misturou o vermelho néctar. E o mensageiro Argifonte bebia e comia. Quando, porém, acabara de comer e o seu coração tinha sido reconfortado pelo alimento, respondeu com estas palavras:

- *f* deusa, tu perguntas-me a que vim. Quero declarar-to sem reboço, já que me exortas a isso. Zeus ordenou-me, contra minha vontade, que viesse aqui. Quem de bom grado atravessaria tanta água salgada, de indizível extensão, sem haver perto nenhuma cidade, em que os mortais ofereçam sacrifícios aos deuses e excelentes hecatombes? Mas não é possível a nenhum

ODISSEIA - RAPSÓDIA V [l. 3-1381]

portador da égide. Ele diz que existe aqui um varão, o mais infeliz de todos quantos, durante nove anos, combateram em volta da cidade de Príamo [e, no décimo, regressaram à pátria, depois de a terem destruído. Como, porém, no regresso, ofendessem a Atena, a deusa excitou contra eles ventos funestos e grandes vagas. Então, todos os ousados companheiros de Ulisses encontraram a morte; mas a ele o vento e as ondas trouxeram-no para esta ilha.] Ora, Zeus ordena-te que o deixes partir, o mais depressa possível, pois não é o seu destino morrer aqui, longe dos que lhe são caros, mas que reveja os amigos e volte ao palácio de alto tecto e à terra pátria.

Assim falou; e Calipso, a deusa preclara, estremeceu; e, dirigindo-se a Hermes, disse estas aladas palavras:

- *f* deuses, vós sois cruéis e invejosos mais do que ninguém! Se alguma das deusas toma como esposo um varão que lhe é caro e o recebe no seu leito, às claras, vós indignais-vos contra ela. Assim, quando [a Aurora de róseos dedos raptou Orião", vós, deuses, que leveis uma vida sem cuidados, indignastes-vos contra ela, até que, a casta Ártemis de áureo trono o matou com as suas flechas suaves, em Ortígia". Assim, quando] Deméter de belas tranças, cedendo à sua inclinação, se ajuntou com Jásão, num pousio, Zeus, que em breve soube do caso, fê-lo perecer, Culminado pelo raio deslumbrante.

Também agora, ó deuses, vos indignais por ter comigo um varão mortal, que salvei, quando era o único que montava sobre uma quilha, depois que Zeus, no meio do mar vinhoso, lhe fendeu a nau ligeira, ferindo-a com um fúlgido raio. Então, todos os ousados companheiros aí encontraram a morte; mas a ele o vento

e as ondas trouxeram-no para esta ilha. E eu acolhi-o carinhosamente, alimentei-o e afirmava que o havia de tornar imortal e que durante todos os seus dias seria preservado da velhice. Mas, visto não ser possível a nenhum dos deuses infringir ou deixar sem efeito a vontade de Zeus, portador da égide,

ODISSEIA - RAPSÓDIA V li 39-1731

que se vá, por sobre o mar estéril, se o filho de Crono ordena isso. Eu, porém, não o mandarei partir, pois não tenho naus providas de remos, nem companheiros, que o conduzam por sobre o vasto dorso do mar. Todavia aconselhá-lo-ei, de bom grado e sem dissimulação, acerca do modo de chegar, ileso, à sua terra pátria.

Tornou-lhe o mensageiro Argifonte:

- Despede-o já e teme que a cólera de Zeus seja, no futuro, excitada contra ti.

O poderoso Argifonte, tendo assim falado, retirou-se; e a venerável ninfa, depois de ouvir a mensagem de Zeus, foi ter com o magnânimo Ulisses. Encontrou-o assentado na praia. Nos seus olhos nunca se extinguiu o pranto; ia-lhe decorrendo a vida a suspirar pelo regresso, pois a ninfa já não lhe era grata. As noites era obrigado a passá-las, mau grado seu, na côncava gruta, junto dela, que assim o desejava; e de dia permanecia assentado pelos rochedos da praia, [a consumir o peito com lágrimas, suspiros e aflições.] Ali chorava, contemplando o mar estéril.

A deusa preclara parou junto dele e disse-lhe:

- *f* infeliz, não chores mais, nem consumas a tua vida aqui, porque já estou inclinada a deixar-te partir. Corta com o bronze grandes troncos de árvores e constrói com eles uma boa jangada. Fixa, depois, pranchas sobre ela, de maneira que formem a parte superior do casco", para que atravesasses o mar brumoso. Eu colocar-lhe-ei dentro pão, água e vinho tinto em abundância, que

não te hão-de deixar passar fome. Além disso, dar-te-ei vestidos e farei soprar a monção, para que chegues, ileso, à tua terra pátria, se o permitirem os deuses, habitantes do vasto céu, que me sobrepujam na execução de projectos.

Assim falou; e o paciente e egrégio Ulisses estremeceu. Em resposta disse-lhe estas aladas palavras:

- *f* deusa, tu, certamente, não tens em vista o meu regresso à pátria, mas outro projecto qualquer, ao exortar-me a que atra-

[I74-21 11

vesse, numa jangada, o profundo abismo do mar, tão terrível e perigoso, que nem o atravessam as naus bem proporcionadas e de rápido curso, quando as impele a monção de Zeus. Mau grado teu, não embarcarei na jangada, sem que tu, ó deusa, me faças solene juramento de que não intentas nenhum mal para minha perdição.

Assim falou; e Calipso, a deusa preclara, sorriu-se; e, acariciando-o com a mão, retorquiu: - És deveras velhaco e de ânimo astuto, para te atreveres a exigir semelhante juramento. Sejam testemunhas a Terra, a abóboda do Céu e a água da Estige, que decorre para as profundidades - este é o maior e mais terrível juramento para os deuses bem-aventurados - de que não intento algum mal para a tua ruína. O que eu penso e desejo aconselhar-te é o mesmo que para mim própria desejaria, se me encontrasse em necessidade igual. A minha intenção é recta e abrigo no peito não um coração de ferro, mas compassivo.

Dito isto, a preclara deusa começou a caminhar apressadamente adiante de Ulisses, que seguia as suas pegadas. Quando chegaram à gruta côncava, este foi assentar-se no trono, donde Hermes se levantara, e a ninfa serviu-lhe toda a espécie de alimentos, tanto comida como bebida, dos quais se nutrem os varões mortais. Em seguida, tomou lugar defronte do divino Ulisses e as servas colocaram diante dela ambrósia e néctar. Eles estenderam então as mãos para os manjares colocados à sua frente. Depois de terem saciado o desejo de comer e de beber, Calipso,

a deusa preclara, começou a falar:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, engenhoso Ulisses, queres então voltar, sem mais delongas, à tua casa e à tua terra pátria? Sê feliz, muito embora. Mas, se o teu espírito conhecesse quantos males te reserva o destino, antes de chegares à tua terra, ficarias comigo aqui, nesta mansão, a gosar da imortalidade, por mais ânsias que sentisses de ver a tua esposa, por quem de contínuo suspiras. Sem embargo, glorio-me de não ser inferior

[212-246]

a ela, tanto na estatura como no aspecto, pois não é justo que as mortais rivalizem com as imortais, na estatura ou na forma do corpo.

Respondeu-lhe o ardiloso Ulisses:

- *f* deusa veneranda, não me leves isto a mal! Eu conheço muito bem que a sensata Penélope, vista de perto, não se pode comparar a ti, na beleza e no aspecto, porque ela é mortal e tu não estás sujeita à morte nem à velhice. Não obstante, anseio e suspiro por voltar a casa e por ver o dia do meu regresso. E se algum deus, no mar vinhoso, me perseguir, o coração paciente que bate no meu peito sofrerá isso, resignado. Já sofri muitos males e suportei inumeráveis trabalhos, no mar e na guerra. Que venham outros ajuntar-se a estes.

Assim falou; e, posto o Sol, sobreveio a noite. Eles então, retiraram-se para o interior da gruta côncava e permaneceram aí juntos.

Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, imediatamente Ulisses vestiu a túnica e o manto; e a ninfa pôs um fino e gracioso vestido, longo e alvo como a prata, que apertou com um belo cinto de oiro, e envolveu, depois, a cabeça num véu. Em seguida, começou a ocupar-se da partida do magnânimo Ulisses: deu-lhe, primeiro, uma grande bipene de bronze, fácil de manejar e afiada de ambos os lados, com um excelente cabo de

oliveira, encabado com segurança, assim como uma enxó " bem polida; e conduziu-o, depois, para o extremo da ilha, onde havia grandes árvores - amieiros, álamos negros e abetos tão altos como o céu -há muito tempo sem seiva e de todo secas, que sem dificuldade se mantinham à flor da água. Logo que lhe indicou onde as árvores tinham crescido, a preclara deusa Calipso tornou para a sua habitação, enquanto Ulisses se pôs a cortar os troncos - trabalho que depressa concluiu.

Cortara vinte árvores ao todo, que desbastou com o bronze, alisou habilmente e endireitou, servindo-se dum fio ". Entretanto, a preclara deusa Calipso trouxera-lhe trados. Com estes

[247-2931

furou todos os paus e ajustou-os uns aos outros, por meio de cavilhas e travessas e a golpes de martelo. É tão grande a curvatura que um carpinteiro conhecedor da sua arte dá ao fundo de uma vasta nau de carga, como a que Ulisses deu ao fundo da jangada. Levantou, em seguida, a coberta ", adaptando-a a grossas vigas laterais; e, por fim, revestiu os lados com tábuas compridas. Fez também um mastro, a que ajustou a verga, assim como um leme para dirigir a jangada. Concluída esta, protegeu-a de todos os lados, por meio dum entrelaçamento de varas de vime, contra a investida das ondas; e espalhou pelo seu pavimento muita lenha. Entretanto, a preclara deusa Calipso trouxera a Ulisses pano de linho para as velas, que ele fez também com arte e às quais ligou os braços, as driças e as escotas. Depois, arrastou a jangada para o mar brilhante, com a ajuda de alavancas.

No quarto dia, estava acabada toda a obra; e no quinto, a preclara Calipso, depois de oferecer a Ulisses perfumados vestidos e de o ter banhado, despediu-o da ilha. A deusa pusera-lhe na jangada um odre de vinho tinto e outro maior de água, além de um saco de coiro com diversas coisas e em que ia grande quantidade de alimentos deliciosos. Por fim, enviou após ele uma brisa propícia e tépida à qual o ínclito Ulisses desfraldou, satisfeito, as velas. Ia assentado, a dirigir com destreza o leme, e o sono não lhe pesava nos olhos, que tinha

fixos nas Pléiadas, no Boieiro, que se põe tarde, e na Ursa, a que chamam também Carro - constelação que gira sempre no mesmo sítio, a olhar para o Orião, e é a única que não se banha no oceano -pois a preclara deusa Calipso ordenara-lhe que na sua viagem tivesse a Ursa sempre à esquerda. Durante dezassete dias, Ulisses sulcou as ondas; e, no décimo oitavo, apareceram os montes sombrios da Feácia. A terra estava muito próxima, a qual se assemelhava a um escudo" no meio do mar brumoso.

Ora o poderoso Sacudidor da terra, que vinha de entre os Etíopes, viu-o, de longe, de cima dos montes Sólimos, a nave-

[284-3i9]

gar na sua jangada. E, de coração aceso em ira redobrada, sacudindo a cabeça, falou para si:

- Oh I certamente os deuses, durante a minha ausência entre os Etíopes, mudaram de resolução a respeito de Ulisses. Ele já se encontra perto da terra dos Feácios, onde o destino o deve livrar do cúmulo da desgraça que o ameaçava. Mas eu afirmo que ainda lhe acarretarei males bastantes.

Assim falando, reuniu as nuvens e, com o tridente que tomara nas mãos, agitou o mar; tornou todos os ventos em procelas e, encobertos com nuvens terra e mar juntamente, fez descer a noite do céu. O Euro, o Noto, o impetuoso Zéfiro e o Bóreas, que nasce no éter e suscita ondas gigantescas, sopravam, entrechocando-se. Então, os joelhos e o coração de Ulisses desfaleceram e disse, aflito, para o seu espírito magnânimo:

- Ai, infeliz que sou I Que será, finalmente, de mim? Temo que a deusa falasse verdade, ao predizer-me que no mar seria cumulado de angústias, antes de chegar à terra pátria. Agora tudo se está realizando. Com quantas nuvens encobriu Zeus o vasto céu, em volta! Ele perturbou o mar; e as procelas precipitam-se todas sobre mim, que vou sofrer agora, com certeza, uma cruel morte. Três e quatro vezes felizes os Dánaos, que pereceram na vasta Tróia, por comprazerem com os Atridas. Antes eu tivesse também morrido aí e cumprisse o meu destino, naquele

dia, em que os Troianos, em grande número, arremessaram contra mim éneas lanças, no combate pela posse do corpo do filho de Peleu. Então, teria as honras fúnebres que me eram devidas e os Aqueus divulgariam a minha fama; mas agora o destino faz-me sucumbir a uma morte lamentável.

Dito isto, veio do alto uma grande vaga que, ruindo sobre ele, lhe abalou a jangada e o impeliu para longe dela, depois de largar o leme das mãos. Um turbilhão horrível de misturados ventos sobreveio, o qual lhe partiu o mastro e fez cair a vela com a verga a grande distância, no mar. E Ulisses permaneceu, durante longo tempo, debaixo de água, porque a impetuosidade

73 [3zo-3561

da vaga não o deixou emergir logo; demais, os vestidos, que Calipso lhe tinha dado, faziam-no mais pesado. Finalmente, veio à superfície e expeliu da boca a água salgada e amargosa, que em abundância lhe escorria da cabeça. Mas, apesar da sua prostração, nem por isso se esqueceu da jangada. Avançando por entre as ondas, agarrou-se a ela e assentou-se no meio, para escapar à morte. As grandes ondas transportavam-na ora para um lado, ora para outro, conforme a corrente. Como no Outono o Bóreas arrasta pela planície os cardos, que se conservam agarrados entre si, assim os ventos levavam a jangada pelo mar, dum lado para o outro: umas vezes era o Noto que a arremessava ao Bóreas, para que este a levasse, outras era o Euro que deixava o Zéfiro ir em perseguição dela.

Ulisses foi visto pela filha de Cadmo, Ino Leucoteia, de belos pés, que antes fora mortal e dotada de voz humana e agora, nos abismos do mar, participa das honras divinas. Compadecida dele, que andava oprimido de dores, à mercê das vagas, [veio das profundezas do mar, na figura de um mergulhão;] e, tendo-se poisado na jangada, falou deste modo:

- *f* infeliz, porque se indignou Posidão, o Sacudidor da terra, tão ferozmente contra ti e te oprime assim com males? Mas ele não te fará perecer, por mais que o deseje. Tu, que pareces

cordato, procede assim: despe esses vestidos e abandona a jangada aos ventos; e, a nado, procura alcançar contra a ressaca a terra dos Feácios, onde deves encontrar salvação. Toma este véu imortal, estende-o sobre o peito; e não receies nada, nem mesmo a morte. Logo que com as mãos tocares a terra firme, desata-o e arroja-o ao mar vinhoso, para longe da praia; em seguida, volta-te para o outro lado.

Após estas palavras, a deusa deu-lhe o véu e mergulhou outra vez no mar, semelhante a um mergulhão, desaparecendo debaixo das ondas escuras. Mas o paciente e egrégio Ulisses hesitava; e, gemendo, disse para o seu espírito magnânimo:

- Ai de mim! Temo que algum deus imortal me prepare

[357-393]

uma traição, ao ordenar-me que abandone a jangada. Não seguirei ainda o conselho, porque a terra está longe da vista, na qual, conforme dizia a deusa, devo encontrar salvação. Farei antes assim, por me parecer mais acertado: enquanto as pranchas estiverem ajustadas às travessas, permanecerei aqui e resignar-me-ei a sofrer trabalhos; mas quando a onda brilhante me desconjuntar a jangada, então lançar-me-ei a nadar, pois não é possível descobrir coisa melhor.

Enquanto Ulisses assim reflectia, Posidão, o Sacudidor da terra, fez surgir uma enorme vaga, medonha, trabalhosa e arqueada, que lançou sobre ele, Como o vento impetuoso espalha um montão de moinha seca, levando parte para aqui, parte para acolá, assim se espalharam as grandes pranchas da jangada.

Ulisses montou, então, sobre uma, como se cavalgasse num corcel, e arrojou de si os vestidos, que a preclara Calipso lhe dera. Imediatamente, estendeu o véu contra o peito, abriu os braços na ânsia de nadar e deixou-se cair para diante, nas ondas.

O poderoso Sacudidor da terra viu-o e, abanando a cabeça, disse:

- Tu, que já padeceste muitos males, voga agora sobre as ondas, até que te ajuntes aos homens, alunos de Zeus. Espero que não ficarás descontente com a tua desgraça.

Ditas estas palavras, chicoteou os cavalos de belas crinas e dirigiu-se para Egas, onde tinha um palácio célebre.

Mas Arena, a filha de Zeus, pensou neste novo expediente. Obstruiu os caminhos a todos os ventos e ordenou-lhes que sossegassem e fossem dormir (só deixou desperto o ligeiro Bóreas); e fez que as ondas se acalmassem adiante de Ulisses da estirpe de Zeus, para que, escapando à morte e ao destino, se pudesse ajuntar aos Feácios, hábeis remadores.

Dois dias e duas noites andou, Ulisses sobre as ondas, vendo, frequentes vezes, a morte adiante dos olhos. Mas, quando chegou o terceiro, precedido pela Aurora de belas tranças, então, cessou o vento e sobreveio a calmaria; e ele, do alto de uma grande onda, viu com penetrante olhar que estava perto da terra.

[394-43 i]

Do mesmo modo que os filhos se alegram com a vida do pai, que, em boa hora, os deuses lhes livraram de uma doença, depois de sofrer atrozes dores, prostrado no leito, e de se consumir, longo tempo, perseguido por uma divindade funesta, - assim Ulisses se alegrava de ver a terra e os bosques e nadava, ansioso, por pisar a margem. Mas, quando estava tão próximo da praia, que podia fazer-se ouvir, gritando, distinguiu o bramido do mar contra os rochedos. Grandes ondas troavam, quebrando-se com medonho fragor na costa árida, e tudo era envolvido pela espuma. Ali não havia portos, onde as naus se acolhessem, nem enseadas, mas só arribas íngremes, rochedos e alcantis. Então, os joelhos e o coração de Ulisses desfaleceram e disse, gemendo, para o seu espírito magnânimo:

- Ai de mim! Quando Zeus me mostrava inesperadamente a terra, depois da minha viagem através deste abismo, eis que surgem na costa agudos alcantis, em volta dos quais as ruidosas ondas bramem; e eu não vejo meio de sair do mar pardacento. A

rocha é escarpada e o mar profundo, sem nenhum lugar, onde pôr os pés, para escapar da morte. Temo que uma grande vaga me arrebate, ao tentar sair da água, e me atire contra a rocha dura; assim, seria baldado o meu esforço. Se avançar ainda mais, nadando, em busca de uma costa em declive ou de um porto, receio que um turbilhão me arrebate outra vez e me leve pelo mar piscoso, a lançar fortes lamentos, ou que uma divindade marinha incite contra mim algum monstro dos muitos que nutre a ilustre Anfitrite. Eu sei que o egrégio Sacudidor da terra está irado contra mim.

Enquanto assim dizia para consigo, uma grande vaga levou-o contra a costa rude. Ali teria dilacerado a pele e partido os ossos, se Atena, a deusa de olhos brilhantes, não lhe sugerisse ao espírito a ideia de se lançar para a rocha e de agarrá-la com ambas as mãos, à qual se conservou preso, a gemer, até que a grande vaga passou. Deste modo, escapou do lance; mas, ao refluir, ela bateu-lhe e atirou-o ao mar, a distância. Como o polvo, quando

76 [432-4711

é arrancado do esconderijo, leva muitas pedrinhas nas ventosas, assim a pele das mãos Ousadas de Ulisses ficou aderente à rocha. A grossa onda envolveu-o; e o infeliz teria perecido, se Atena de olhos brilhantes não lhe inspirasse circunspecção. Emergindo das ondas que se iam quebrar contra a terra firme, nadou para o largo, a olhar para terra, em busca de uma costa em declive ou de um porto. Assim nadando, chegou à foz de um rio de bela corrente, que lhe pareceu lugar óptimo, sem rochas e ao abrigo das ventanías. Reconheceu onde estava e suplicou ao rio:

- Escuta-me, quem quer que tu sejas! Eu venho fugido das ondas e das ameaças de Posidão e a ti dirijo as minhas preces. É digno de respeito, até perante os deuses ímortais, o homem que cheg a do seu curso errante, tal como eu, que venho à tua corrente e aos teus joelhos, depois de sofrer infintos trabalhos. Tem compaixão de mim, senhor, eu te suplico.

Tal foi a sua súplica. Logo o rio fez parar a corrente e

deteve as suas ondas; e, acalmado diante de Ulisses, salvou-o na sua desembocadura. Então, ele dobrou os joelhos e os braços vigorosos, extenuado da luta com as ondas. Tinha o corpo todo inchado e da boca e nariz escorria-lhe grande abundância de água. Caiu depois em extrema fraqueza e ficou por terra desmaiado, sem respiração e sem voz. Mas, quando já respirava e tinha voltado a si, desatou o véu da deusa e lançou-o ao rio que fluía para o mar. Como uma grande onda o arrastasse para a corrente, em breve foi ter às mãos de Ino. Ulisses, em seguida, afastando-se do rio, deitou-se num juncal, depois de beijar a terra fecunda. E disse, gemendo, para o seu magnânimo espírito:

- Ai, infeliz que sou! Que terei de sofrer ainda? Que será finalmente de mim? Se passo a rigorosa noite ao pé do rio, temo que a geada funesta e a humidade do orvalho me acabem com a vida, exausto como estou. Além disso, de madrugada sopra do rio uma brisa fresca. Se, porém, subo à colina, direito ao bosque umbroso, para dormir debaixo dos arbustos espessos,

77 1472-493]

caso possa, receio que me sobrevenha o sono e seja presa e pasto das bestas feras. Depois destas reflexões, pareceu-lhe melhor ir para o bosque, que estava sobranceiro ao rio; e acolheu-se debaixo de dois arbustos nascidos da mesma raiz: uma oliveira brava e outra mansa. Ali não chegava o sopro húmido dos ventos, não luziam os raios do Sol brilhante, nem penetrava a chuva, tão entrelaçados um no outro tinham crescido. Debaixo deles, pois, se recolheu Ulisses. E arranjou logo uma cama, reunindo folhas com as mãos, porque havia ali tão grande abundância delas, que poderiam abrigar dois ou três homens em tempo de inverno, por mais rigoroso que fosse. Alegrou-se o paciente e nobre Ulisses, ao ver o leito preparado; e, depois de se deitar, espalhou sobre si uma camada de folhas. Como aquele que vive sem v#hos, no extremo de um campo, para conservar o germe do fogo e não ir buscá-lo a outra parte, esconde um tição debaixo da cinza, assim se escondeu Ulisses sob a folhagem. Em seguida, Atena difundiu-lhe o sono nos olhos, para que, cerradas as pálpebras, lhe fizesse cessar, o mais brevemente possível, a fadiga causada

pelos seus extenuantes trabalhos.

78

RAPSO DIA VI Chegada de Ulisses ao país dos Feácios

Enquanto o paciente e egrégio Ulisses ali dormia, vencido do sono e do cansaço, dirigiu-se Atena para a terra e cidade dos Feácios. Estes, anteriormente, viviam na vasta Hiperia, ao pé dos Ciclopes soberbos, que lhes saqueavam a região, por lhes serem superiores em força. O deiforme Nausítoo foi quem os levou daí e estabeleceu na Esquéria, longe dos homens laboriosos. Rodeou a sua cidade com uma muralha, edificou casas e templos e distribuiu as terras. Mas Nausítoo já tinha partido para o Hades, dominado pelo destino, e agora reinava Alcínoo, a quem os deuses inspiravam conselhos.

Ora foi ao palácio deste que Atena, a deusa de olhos brilhantes, se dirigiu, meditando no regresso do magnânimo Ulisses. Ela penetrou numa câmara trabalhada com grande esmero, onde dormia uma donzela, na estatura e no aspecto semelhante às deusas imortais - Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo. Duas escravas, cuja beleza tinham recebido das Graças, encontravam-se a cada lado da porta, que era brilhante e estava só encostada. Atena, como hálito de vento, sob o aspecto da filha do célebre marinheiro Dimas, que era da mesma idade que Nausícaa e grata ao seu espírito, avançou para o leito da donzela. Sob este aspecto, a deusa de olhos brilhantes pairou-lhe por cima da cabeça e, dirigindo-lhe a palavra, disse:

- Nausícaa, porque tem a tua mãe em ti uma filha tão negligente? Os teus vestidos esplêndidos jazem abandonados, nas vésperas do teu casamento, no qual deves ostentar belos atavios e oferecê-los também àqueles que te hão-de acompanhar. Deles

[z9-661

origina-se grande fama entre os homens; e o pai e a mãe veneranda comprazem-se nisso. Eia, vamos lavar, apenas desponte a aurora!

Eu irei contigo e ajudar-te-ei, para que termines o mais cedo possível, pois não está longe o dia de tuas núpcias. Nesta terra, já te pretendem os mais nobres de todos os Feácios, de cuja linhagem descendes. Exorta o teu ilustre pai a que te mande de madrugada preparar as mulas e o carro, para transportar os teus cintos, os peplos e as cobertas magníficas. É preferível que vás de carro a caminhar a pé, porque os lavadoiros estão a grande distância da cidade.

Dito isto, Atena de olhos brilhantes afastou-se para o Olimpo, onde, dizem, os deuses têm a sede perpetuamente segura. Não é sacudida pelos ventos ou molhada das chuvas, nem ali cai neve; mas cobre-a um céu puro, sem nuvens e de uma esplendente claridade. Para aqui, onde os deuses bem-aventurados vivem em continuo gozo, afastou-se a deusa dos olhos brilhantes, depois de aconselhar a donzela.

Imediatamente, surgiu a Aurora de belo trono, que despertou a Nausícaa, de bonito peplo. Ela, admirada do sonho, correu através do palácio, para o contar aos pais. Encontrou estes lá dentro: a mãe assentada à lareira com as escravas, a fiar lã tingida com púrpura marinha; e o pai, quando ia a sair, para celebrar conselho com os reis ilustres, aonde era chamado pelos nobres Feácios. Ela, aproximando-se do pai, disse-lhe:

- Querido pai, não poderias mandar-me preparar um carro alto e de boas rodas, para me levar ao rio as formosas vestes para lavar, pois que estão sujas? A ti próprio convém-te ter roupa lavada no corpo, quando, em companhia dos próceres, celebras conselho. Além disso, os teus cinco filhos, que vivem no palácio, dois casados e três na flor da juventude, sempre que vão ao baile, desejam ter vestidos lavados de há pouco. Ora, é a mim que incumbe esta tarefa.

Assim disse; mas envergonhou-se de mencionar ao pai o casamento, apesar de estar em plena idade núbil.

Ele, porém, compreendeu-a e respondeu-lhe:

- Não te nego as mulas, filha, nem nenhuma outra coisa.
Vai! E os escravos preparar-te-ão um carro alto, de boas rodas
e guarnecido de xalmas.

Tendo assim falado, deu ordens aos escravos, que, obedientes, prepararam fora do palácio o carro de boas rodas, próprio para mulas, às quais puseram o jugo e atrelaram-nas. Entretanto, a donzela trazia do seu aposento as vestes esplêndidas e colocava-as dentro do carro. Ao mesmo tempo, a sua mãe pôs num cabaz provisões saborosas e variadas, além de conduto; e encheu de vinho um odre de pele de cabra. Quando a donzela subiu para o carro, entregou-lhe também um frasco de oiro com óleo fluido, para que ela e as escravas se ungissem, depois do banho. Em seguida, Nausícaa, tomando o chicote e as rédeas luzidias, incitou as mulas a correrem; e elas faziam estrépido com as patas e não cessavam de estender o corpo na carreira. Transportavam, além da roupa e da donzela, também outras jovens, suas escravas.

Logo que chegaram à corrente límpida, onde estavam os lavadouros cheios, todo o ano, de água pura em quantidade bastante para se lavar a roupa mais encardida, desatrelaram as mulas do carro e lançaram-nas para a borda do rio de muitos turbilhões a pastar a erva tenra. E elas levaram os vestidos do carro para a água, que estava à sombra; e, com grande desembaraço, recalçaram-nos à porfia, em bacias de pedra. Lavados a preceito, estenderam-nos, depois, ordenadamente, ao longo da praia do mar, nos seixos branqueados pelas ondas. Em seguida, banharam-se e ungiram-se com óleo de oliveira. Por fim, tomaram a sua refeição, na margem do rio, à espera que o sol lhes secasse a roupa. Quando, porém, já estavam saciadas, lançaram de si os véus e puseram-se todas a jogar a bola, entre as quais Nausícaa de níveos braços dirigia o canto e a dança". Como a frecheira Artemis, quando vai pelos montes, pelo muito alto Táigeto ou pelo Erito " a deleitar-se com a caça dos

[IO4-14I]

javalis e dos veados ligeiros, seguida das ninfas agrestes, filhas de Zeus, portador da égide, e a divertir-se com elas, pela cabeça e pela fronte sobressai, para alegria de Latona, entre todas, e é bem fácil de distinguir, apesar de todas serem formosas, - assim a casta donzela sobressaía entre as escravas.

Estando já para regressar a casa, jungidas as mulas e dobradas as roupas esplêndidas, Atena, a deusa de olhos brilhantes excogitou este projecto: fez que Ulisses acordasse e visse a donzela de formoso rosto, que o havia de conduzir à cidade dos Feácios. A filha do rei atirara a bola para uma escrava; mas, como não acertasse e a bola fosse cair num profundo sorvedouro do rio, todas prorromperam em altos gritos. Com o ruído, Ulisses despertou; e, assentando-se, dizia para consigo:

- Ai de mim! Que homens habitarão esta terra, a que cheguei? Serão violentos, selvagens e injustos ou hospitaleiros e de espírito temente aos deuses? Aos meus ouvidos chegam gritos de donzelas [ou de ninfas que habitam os altos cimos das montanhas, as nascentes dos rios e os ervosos prados.] Estarei perto de homens dotados de linguagem? Quero sabê-lo por experiência e vê-los com os meus próprios olhos.

Depois de assim falar, o egrégio Ulisses saiu de sob os arbustos e com a mão forte, cortou da densa floresta um ramo, para com as suas folhas rodear o corpo e esconder as suas vergonhas. Como o leão nutrido nas montanhas caminha, desafiando chuvas e ventos, confiado na sua força; e, de olhos dardejantes, persegue bois, ovelhas ou corças silvestres, porque a fome o impele a acometer os rebanhos e a assaltar os currais, - assim Ulisses era obrigado a ir para entre as donzelas de belas tranças, apesar de estar nu, pois a necessidade o constrangia. Mostrou-se-lhes, pois, horivelmente desfigurado, por causa da água do mar; e elas, assustadas, dispersaram-se pela margem do rio, cada uma para o seu lado. Só a filha de Alcínoo não fugiu, porque Atena deu ânimo ao seu espírito e tirou-lhe o medo dos membros. Ela deteve-se diante de Ulisses; este, porém, estava em

[142-1751

dúvida, se suplicaria à donzela de faces formosas, abraçando os

seus joelhos, [ou se com palavras afectuosas lhe pediria de longe que lhe mostrasse a cidade e lhe desse roupa.] Depois destas reflexões, pareceu-lhe melhor suplicar de longe com palavras meigas, não sucedesse que a donzela se indignasse no seu coração contra ele, por tocar os seus joelhos. Sem mais demora, dirigiu-lhe este discurso afectuoso e astuto:

- Eis-me de joelhos, ó rainha, quer sejas deusa ou mortal. Se és alguma das deusas, que habitam o vasto céu, pareces na beleza, na estatura e no aspecto, muito semelhante a Artemis, a filha do grande Zeus. Se és mortal, do número das que vivem sobre a terra, três vezes felizes sejam o teu pai, a tua veneranda mãe e os teus irmãos, porque o coração deles deve sentir muita alegria, por causa de ti, sempre que vêm uma tão bela vergôntea entrar no coro da dança. Mas ditoso mais que ninguém o coração daquele que, sendo o primeiro por seus presentes, te levar para casa. Os meus olhos, na verdade, nunca viram ente mortal assim, homem ou mulher; por isso, olho-te com admiração. Beleza semelhante só vi em Delos, outrora, onde tinha ido acompanhado de um grande exército (viagem, na qual me deviam suceder trabalhos funestos): - foi um rebento novo de palmeira, que crescia, junto ao altar de Apolo. Do mesmo modo que o meu espírito ficou longo tempo maravilhado, ao ver o prodígio, pois nunca brotara da terra planta igual, assim, donzela, eu te admiro e me extasio diante de ti; e é grande o meu receio de abraçar os teus joelhos, se bem que me encontro num lance bem trabalhoso. Ontem, depois de vinte dias de viagem, salvei-me do mar vinhoso. Durante todo esse tempo, as ondas e as procelas rápidas não cessaram de me açoitarem, desde a ilha de Ogígia até aqui. E agora uma divindade arrojou-me para esta costa, para sofrer ainda mais trabalhos, porque não espero que eles acabem. Os deuses far-me-ão passar, talvez, por muitos outros. Mas tu, rainha, tem compaixão de mim. Tu, que és a primeira

[I76-2ii]

de quem, depois de suportar tantos infortúnios, venho ao encontro, sem saber que homens habitam nesta terra, mostra-me a cidade; e dá-me um farrapo para me cobrir, se tens algum que, ao vir para aqui, tivesses trazido para embrulhar a roupa.

Concedam-te os deuses tantos bens, quantos deseja o teu coração,
- marido, casa e feliz concórdia, porque nada há mais excelente
do que marido e esposa governarem a casa em unidade de espíritos.
Eles percebem as invejas dos inimigos e a satisfação dos amigos;
e - o que vale mais - sentem dentro do próprio peito quão grande
é a sua felicidade.

Respondeu-lhe Nausícaa de níveos braços:

- Estrangeiro, visto não me pareceres mau nem insensato,
deves saber que Zeus Olímpico distribui a cada um os bens,
conforme quer, aos bons e aos maus; por isso, debes levar com
paciência a sorte que te deu. Mas, já que vieste à nossa cidade
e a esta terra, não terás falta de roupa nem de nenhuma coisa das
que necessita um pobre desgraçado, que vem ao nosso encontro.
Quero indicar-te a cidade e dizer-te o nome destas gentes. Os
Feácios são quem habita na cidade e nesta terra; e eu sou filha
do magnânimo Alcínoo, que impera e domina sobre estes povos.

Depois de assim falar, ordenou às escravas de belas tranças:

- Parai, servas! Para onde fugis vós, à vista de um homem?
julgais, porventura, que é algum inimigo? Não é este um varão
que assuste; nem haverá alguém que venha hostilizar a terra dos
Feácios porque os deuses imortais são seus amigos. Nós vivemos
isolados, nos confins da terra, no meio do mar undoso", e nenhum
mortal nos visita. Este, que chegou aqui, é um infeliz que anda
errante. Nós devemos cuidar dele, porquanto são de Zeus todos
os estrangeiros e indigentes; e o bem que se lhes faz, por
pequeno que seja, é precioso. Dai-lhe, pois, de comer e de
beber; e, em seguida, lavai-o no rio, num lugar abrigado do
vento.

Assim falou; e elas detiveram-se. Animando-se umas às
outras,

1217-2481

convidaram Ulisses a assentar-se ao abrigo do vento, conforme
Nausícaa, a filha do magnânimo Alcínoo, lhes ordenara. Depois,
colocaram junto dele um manto e uma túnica, deram-lhe um frasco

de ouro com óleo fluido e mandaram que se lavasse na corrente do rio. O egrégio Ulisses disse, então, às escravas:

- Conservai-vos um pouco afastadas, para eu lavar os meus ombros da água do mar e ungir-me com óleo, pois há já muito tempo que não faço isto. Na vossa presença não me lavarei, porque tenho pejo de desnudar-me, no meio das jovens de belas tranças.

Assim falou; e elas afastaram-se e foram informar a filha do rei. Entretanto, o egrégio Ulisses lavava-se no rio do sal marinho, que lhe cobria o dorso e os ombros largos, e limpava a cabeça da espuma do mar estéril. Depois que se lavou e ungiu com óleo de oliveira e vestiu a roupa que a casta donzela lhe dera, Atena, filha de Zeus, fê-lo parecer de melhor aspecto e mais encorpado e que da cabeça lhe descesse a espessa cabeleira em caracóis, semelhante à flor do jacinto. Do mesmo modo que um habilidoso artista, a quem Hefesto e Palas Atena ensinaram o segredo da ourivesaria, derrama o ouro por sobre a prata e executa belos trabalhos, assim ela derramou a graça em volta da cabeça e dos ombros de Ulisses. Este foi, em seguida, assentar-se na praia do mar, resplandecente de beleza e graça. Nausícaa, que o olhava com admiração, disse para as criadas de belas tranças:

- Escutai, escravas de níveos braços, o que vos quero dizer. Não é contra a vontade dos deuses, moradores do Olimpo, que este varão vem ter com os Feácios deiformes. Ele parecia-me antes desprezível; agora, porém, assemelha-se aos deuses que habitam no vasto céu. [Quem dera que lhe agradasse estabelecer a sua morada entre nós e que fosse o meu esposo!] Escravas, dai de comer e de beber ao estrangeiro!

Assim falou; e elas escutaram a sua ordem e, obedientes,

85 124@2871

ofereceram-lhe comida e bebida. E o paciente e preclaro Ulisses, por não ter, há muito, provado alimento, bebia e comia com avidez. Nausícaa de níveos braços, porém, tomou esta resolução: depois de ter dobrado a roupa, pô-la no carro esplêndido, jungiu as mulas de fortes cascos e, subindo para ele, exortou a Ulisses

por estas palavras:

- Levanta-te, estrangeiro. Vamos para a cidade. Quero acompanhar-te ao palácio de meu pai. Ele é prudente; e afirmo que hás-de ver aí os mais nobres de todos os Feácios. Tu, que me pareces sensato, deves proceder deste modo: enquanto caminharmos por campos e terrenos cultivados, apressa o passo com as escravas, seguindo as mulas e o carro, que eu adiante mostrarei o caminho. Logo que chegarmos à cidade, vê-la-ás cingida por uma alta muralha com as suas torres, no meio de um belo porto duplo, de entrada estreita", no qual as naus movidas a remos têm abrigo. Aí, ao longo da via, para onde as puxam, encontra-se a ágora, em volta do magnífico templo de Posidão, feita de blocos que para lá arrastaram e embutiram no solo. Nesse lugar fabricam-se os aparelhos das naus escuras, as cordagens e as velas; e aplainam-se também aí os remos, porque os Feácios não tratam de arcos e de aljavas, mas de velas, de remos e de naus bem proporcionadas, com que, alegres, atravessam o mar pardacento.

Eu quero evitar os ditos picantes deste povo. Pode suceder que alguém atrás de nós murmure, pois são muito insolentes os homens cá da terra. Talvez, algum mais malicioso, que nos encontre, diga assim: [Quem é este estrangeiro de belo aspecto e de grande estatura que segue Nausícaa? Onde o encontraria? Será o seu esposo ou um náufrago que ela recolheu? É, talvez um varão de longes terras, pois nós não temos vizinhos; ou enfin algum deus, que a seus ardentes rogos baixou do céu, para ser o seu marido. Fez bem ir a outra terra buscar esposo, visto desprezar os Feácios, entre os quais muitos nobres a pretendem. É isto o que poderiam dizer e as censuras que teria de ouvir. Eu própria censuraria também aquela que obrasse

[288-32i]

deste modo: que contra a vontade dos que lhe são caros, do seu pai e da sua mãe, vivos ainda, se ajuntasse com homens, antes de se casar publicamente].

Estrangeiro, escuta, sem mais demora, o que te vou dizer,

para que consigas do meu pai, o mais cedo possível, companheiros e o teu regresso à pátria. Hás-de encontrar junto ao caminho o bosque magnífico de negros álamos, consagrado a Atena, onde corre uma fonte, com um prado em volta. Ali está a tapada do meu pai e uma florescente vinha, a tal distância da cidade, que um grito se pode aí ouvir. Conserva-te nesse lugar assentado, até que nós entremos na cidade e cheguemos ao palácio do meu pai. Quando, porém, puderes supor que tenhamos chegado lá, então encaminha-te para a cidade dos Feácios e pergunta pelo palácio do magnânimo Alcínoo, meu pai. Ele é fácil de conhecer e até uma criança ingénua te poderia ensinar o caminho, pois que as habitações dos Feácios não têm nenhuma semelhança com a do herói Alcínoo. Apenas chegues ao palácio e entres no pátio, passa rapidamente através da sala; assim irás ter onde se encontra a minha mãe. Ela está assentada à lareira, a fiar, ao clarão do fogo, lã tingida com púrpura marinha, cujo aspecto é maravilhoso; tem por encosto uma coluna; e as escravas estão também assentadas atrás dela.

A essa mesma coluna apoia-se o trono de meu pai, no qual bebe vinho, assentado como um deus. Passa por diante dele e vai abraçar os joelhos da minha mãe, para que te alegres de ver, em breve, o dia do teu regresso, ainda que estejas muito longe da pátria. Se ela te for propícia, podes ter esperança de ver os amigos e de voltar a tua casa e à terra pátria.

Dito isto, feriu com o chicote brilhante as mulas, que deixaram, velozes, a margem do rio e trotaram a largos passos na sua carreira. Mas Nausícaa continha-as e chicoteava-as moderadamente, para que as escravas e Ulisses a pudessem acompanhar a pé. Quando o Sol se punha, chegaram ao célebre bosque consagrado a Atena, onde o egrégio Ulisses ficou

[322-33i]

assentado. Este ergueu logo a sua prece à filha do grande Zeus:

- Escuta-me, ó indomável filha de Zeus, portador da égide, tu que nunca antes me ouviste, quando e'r'a maltratado e me: feria o ilustre Sacudidor da terra. Concede que os Feácios me dêem

bom acolhimento e se compadeçam de mim.

Assim orou; e Palas Atena ouviu-o. Ainda não se tinha manifestado a ele claramente, por temer o irmão do seu pai, que estava muito indignado contra o divino Ulisses, antes da sua chegada à terra pátria.

RAPSO DIA VII

Entrada de Ulisses no palácio de Alcínoo

O paciente e egrégio Ulisses orava ali deste modo, enquanto as mulas fortes iam levando a donzela para a cidade. Quando, esta chegou ao célebre palácio do seu pai, fê-las parar ao portal; e os irmãos, semelhantes aos deuses imortais, rodearam o carro e, desatreladas as mulas, levaram os vestidos para dentro. Nausícaa dirigiu-se para a sua câmara, onde lhe estava a acender o lume a velha aia Eurimedusa, de Apira. Esta trouxeram-na, outrora, dessa terra nas naus movidas a remos. Fora dada como presente a Alcínoo, que reinava sobre todos os Feácios; e o povo obedecia-lhe como a um deus. Ela tinha criado a Nausícaa de níveos braços, no palácio; [acendia-lhe o lume e preparava-lhe a ceia, no seu aposento].

Por esta ocasião, Ulisses levantou-se e dirigiu-se para a cidade. Atena, que lhe queria bem, difundiu um espesso nevoeiro à sua volta, com medo de que algum dos Feácios magnânimos, encontrando-o, escarnecesse dele e lhe perguntasse quem era. No momento, porém, em que ia a entrar na encantadora cidade, eis que Atena, a deusa de olhos brilhantes, veio ao seu encontro, na forma de uma jovem donzela com um cântaro na mão. E, como se detivesse adiante do egrégio Ulisses, este interrogou-a:

- *f* menina, não me poderias guiar ao palácio de um varão de nome Alcínoo, que reina sobre esta gente? Eu sou um estrangeiro que tem passado por muitos trabalhos e venho, de longe, de uma terra afastada daqui; por isso, não conheço nenhum dos moradores desta cidade, nem dos habitantes deste país.

127-60]

Atena, a deusa de olhos brilhantes, replicou-lhe:

- Eu indicar-te-ei, bom estrangeiro, o palácio por que me perguntas. Ele está situado- ao pé da casa do meu nobre pai. Anda em silêncio, que eu te ensinarei o caminho; e não olhes para os outros homens, nem lhes dirijas a palavra, porque eles não suportam, de maneira nenhuma, entre si os estrangeiros nem dão acolhimento amável àquele que vem doutro país. Confiando na rapidez das suas naus, atravessam o abismo profundo do mar, pois este é o dom que o Sacudidor da terra lhes concedeu. Elas são ágeis, como se tivessem asas ou como o Pensamento.

Tendo assim falado, Palas Atena pôs-se a caminhar apressadamente; e Ulisses, atrás, seguia as pègadas da deusa. Mas os Feácios, marinheiros célebres, não perceberam quem ia pela cidade, pelo meio deles, porque a poderosa deusa, Atena de belas tranças, que no seu coração lhe queria bem, não deixava, por ter difundido à sua volta uma prodigiosa névoa. Ulisses contemplava admirado os portos, as naus bem proporcionadas, a ágora dos heróis e as muralhas longas e altas, providas de estacaria, cujo aspecto era maravilhoso. Quando chegaram ao célebre palácio do rei, Atena, a deusa de olhos brilhantes, tomando a palavra, disse:

- f bom estrangeiro, este é o palácio, pelo qual perguntas. Nele encontrarás os reis, alunos de Zeus, entregues a um festim. Tu, porém, entra para dentro e não se perturbe o teu ânimo, que o varão ousado é feliz em todas as suas empresas, ainda que venha de uma terra estranha. Primeiramente, encontrarás na sala a dona da casa, cujo nome é Areta e descende dos mesmos antepassados que o rei Alcínoo. [Nausítoos foi o primeiro filho de Posidão, o Sacudidor da terra, e de Peribeia, a mais bela das mulheres e a filha mais nova do magnânimo Eurimedonte, o qual reinou, outrora, sobre os Gigantes orgulhosos. Ele fez perecer o seu povo Impio e morreu, enfim, também. De Peribeia, pois, e de Posidão nasceu um filho, o magnânimo

[61-971

Nausítoos, que reinou sobre os Feácios e foi pai de Rexenor e de Alcínoo. O primeiro destes não teve filhos; foi morto por Apolo do arco argênteo, quando estava ainda recém-casado, e deixou no palácio uma única filha, de nome Areta. Esta tomou-a Alcínoo para esposa e honrou-a tanto, como nenhuma outra mulher é honrada sobre a terra, entre todas as que hoje em dia governam a casa, sujeitas ao seu marido. Foi sempre estimada de todo o coração e é-o ainda por seus filhos, pelo próprio Alcínoo e pelo povo, que a olha como uma deusa e saúda-a de viva voz, quando vai pela cidade; porquanto é dotada de bom senso e dirime os litígios entre os que lhe são afeiçoados e até entre os guerreiros]. Se ela, no seu coração, te for propícia, podes ter esperança de ver os amigos e de regressar à casa de alto tecto e à tua terra pátria.

Após estas palavras, Atena dos olhos brilhantes afastou-se por sobre o mar estéril. Depois de deixar a Esquéria encantadora foi para Maratona e Atenas de largas ruas e entrou na casa segura de Erecteu. Entretanto, Ulisses caminhava para o palácio célebre de Alcínoo; mas, antes de chegar à soleira brônzea, parou, agitado no seu coração por muitos pensamentos.

Pelo palácio de alto tecto do magnânimo Alcínoo brilhava um esplendor como o do Sol ou da Lua. Paredes de bronze elevavam-se de um lado e doutro, corriam da fachada até ao fundo e rematavam-as em volta uma cornija de cor azul 41. Impediam a entrada no palácio, solidamente edificado, portas também de bronze, cujas ombreiras de prata se apoiavam sobre o limiar éneo. De prata era igualmente a torça, mas a argola, de ouro. De cada lado havia uns cães de ouro e de prata, imortais e isentos perpetuamente da velhice, que Hefesto tinha executado com arte, para guardarem o palácio do magnânimo Alcínoo.

No interior, ao correr das paredes, desde a fachada até ao fundo, estavam, à direita e à esquerda, poltronas encostadas, cobertas com finos véus, artisticamente tecidos por mãos de mulheres. Ali assentavam-se os chefes dos Feácios, a beber e a

comer,

91 [98-i35]

cujos festins tinham pábulo todo o ano. Efebos de oiro, colocados em cima de pedestais bem feitos, de noite, alumiam aos convivas no palácio, com fachos acesos nas mãos. Cinquenta escravas residem nos paços de Alcínoo: umas moem nos moinhos o grão loiro, outras urdem teias ou, assentadas, movem o fuso com tanta Presteza como se movem as folhas do esbelto álamo. E da tela finamente tecida goteja o óleo fluido. Quanto os Feácios excedem todos os outros homens em conduzir pelo mar uma ligeira nau, tanto as suas mulheres se distinguem em executar uma tela com arte, porque Atena concedeu-lhes mais que a ninguém engenho excelente e o dom de executarem finíssimos favores. Fora do pátio, ao pé da porta, existe um grande horto, de quatro geiras de extensão, cingido de ambos os lados por uma sebe. Nele crescem árvores grandes e viçosas: pereiras, romãzeiras, macieiras de belo fruto, figueiras encantadoras e verdejantes oliveiras. Nestas árvores, a fruta nunca se estraga nem falta, tanto no Inverno como no Verão; dura todo o ano, porque o zéfiro, soprando de contínuo, faz crescer uma e amadurar outra. Assim, a pera amadurece depois da pera, a maçã depois da maçã, a uva depois da uva e o figo depois do figo. Também ali plantaram a Alcínoo uma vinha fértil, cujos cachos são secados, uns num lugar plano e exposto ao sol, ao passo que os outros são vindimados e pisados. Na parte dianteira da vinha há cepas, das quais umas deixam cair a flor, quando nas outras começam as uvas a amadurecer. Ao longo da parte extrema do horto, crescem, em canteiros bem ordenados, todas as espécies de legumes, que verdejam todo o ano. Há ali duas fontes: uma rega todo o horto; e a outra, que é onde a gente da cidade vai buscar água, abastece o palácio excelso, passando por debaixo da soleira do pátio. Tais eram, os dons magníficos dos deuses ao rei Alcínoo. O paciente e egrégio Ulisses deteve-se a contemplar isto. Mas, depois que admirara tudo, transpôs rapidamente o limiar

[i36-1701

da porta do palácio. Dentro, encontrou os chefes e os

conselheiros dos Feácios fazendo libações em honra do mensageiro Argifonte, que era o último, a quem libavam, quando queriam recolher-se ao leito. O paciente e egrégio Ulisses, porém, foi através do palácio, oculto na espessa névoa, em que Atena o envolvera, até que chegou junto de Areta e do rei Alcínoo. Então cingiu com os braços os joelhos de Areta e em volta dele, dissipou-se a maravilhosa névoa. A vista de um homem estranho no palácio, os circunstantes emudeceram e olhavam-no, admirados, enquanto Ulisses suplicava assim:

- f Areta, filha do deiforme Rexenor, eu, depois de sofrer muitos trabalhos, venho ao encontro do teu esposo, dos teus joelhos e de todos estes convivas. Que vos concedam os deuses vida feliz e vos permitam deixar riquezas aos filhos, bem como as honras de que o povo vos cumulou. Oh, apressei a minha viagem, para que chegue depressa à pátria, pois já há longo tempo que sofro aflições, longe dos que me são caros.

Depois de assim falar, assentou-se à lareira, na cinza, junto ao lume e todos se conservaram tranquilos e em silêncio. Passado algum tempo, tomou a palavra o velho herói Equeneu, versado em muitas coisas antigas, que era o mais idoso entre os Feácios e se distinguia por seus discursos. Este, pois, movido de benevolência, tomando a palavra, disse:

- Alcínoo, não é decente, nem convém que um hóspede fique à lareira, assentado no chão, sobre a cinza. Estes estão calados, à espera de que tu fales. Manda-o erguer-se e assentar-se numa cadeira cravejada de prata; e que os arautos misturem o vinho, para que façamos libações em honra de Zeus, que se comprem no raio ", o qual faz companhia aos suplicantes e os - protege. Que a dispenseira dê de cear ao hóspede das provisões que tem lá dentro.

Como o poderoso Alcinoou ouvisse estas palavras, tomou pela mão o prudente e solerte Ulisses e, erguendo-o da lareira, ofereceu-lhe uma poltrona, de que tinha mandado levantar o seu

filho, o audaz Laodamante, que estava ao pé dele e era o seu filho predilecto. Uma escrava trouxe, então, água, num belo jarro de ouro, para Ulisses se lavar, deitou-lha nas mãos, [sobre uma bacia argêntea e pôs diante dele uma mesa polida]. Uma dispenseira veneranda serviu-lhe pão, além de muitas iguarias dentre as provisões que tinha guardadas, das quais distribuía com prazer. E o paciente e egrégio Ulisses ia comendo e bebendo. Então, o poderoso Alcínoo disse para o arauto:

- Pontónoo, mistura vinho na cratera e distribui-o a quantos estão no palácio, para que façamos libações em honra de Zeus, que se compraz no raio, o qual faz companhia aos suplicantes e os protege.

Falou assim; e Pontónoo misturou o vinho melífluo e distribuiu-o a todos, vertendo primeiro as primícias, para que libassem. Quando, porém, tinham feito as libações e bebido tanto quanto lhes pedia a vontade, Alcínoo tomou a palavra e disse-lhes:

- Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios. Quero declarar-vos o que me inspira o coração no peito. Agora que terminastes o banquete, ide para vossas casas deitar-vos; mas, de manhã, convocado um maior número de anciãos, receberemos o hóspede nos nossos paços e sacrificaremos aos deuses agradáveis vítimas; em seguida, trataremos do seu regresso à pátria, para que, guiado por nós, se alegre de chegar brevemente e sem trabalhos nem incómodos, ao seu país, ainda que' esteja muito longe dele; e cuidaremos de que não padeça algum mal ou contrariedade, antes de pisar a sua terra. Depois, quando lá chegar, sofrerá o que o destino e as graves fiandeiras" lhe fiaram, no dia em que a sua mãe o dera à luz. Se, porém, for algum dos imortais que baixou do céu, é porque os deuses co#ltam num projecto novo a nosso respeito. Na verdade, eles têm-se-nos sempre manifestado claramente, quando lhes oferecemos hecatombes ínclitas, e vêm banquetear-se para a nossa beira, assentados nos mesmos assentos que nós. E, se

[205-2.39]

algum de nós, caminhando só#o, vai ao seu encontro, não se ocultam, porquanto somos por linhagem seus parentes, assim como os Ciclopes e as tribos selvagens dos Gigantes.

Em resposta disse-lhe o solerte Ulisses:

- Alcínoo, ocupa o teu espírito com outros pensamentos, porque eu, tanto na estatura como no aspecto, não me assemelho aos imortais, moradores do vasto céu; nisto sou igual aos homens perecedouros. æqueles varões vossos conhecidos, que suportaram mais angústias, a esses posso ser equiparado pelos sofrimentos. Sim; e poderia contar ainda males maiores, se dissesse tudo quanto, por vontade dos deuses, sofri. [Mas, não obstante a minha aflição, deixai-me cear, pois que nada há mais atrevido do que este maldito estômago, o qual nos constrange a pensar nele; e, por maiores que sejam as tribulações e por mais consumido de penas que esteja o espírito, como o meu está, incita-nos sempre a comer e a beber; e faz-me esquecer, actualmente, quanto sofri, e insiste comigo para que o sacie]. Vós, apenas desponte a Aurora, apressai-vos a fazer pisar o chão da pátria a este infeliz, depois dos muitos trabalhos que sofreu. A minha vida pode, depois, acabar, quando tiver visto os meus bens, as escravas e a casa grande e de alto tecto.

Assim falou, com aplauso de todos; e eles deram voto de que fosse reconduzido à pátria, porquanto era justo o que dizia. Em seguida, depois das libações e de ter bebido quanto lhes pedia a vontade, foram deitar-se, cada um para a sua casa. O egrégio Ulisses, porém, ficou na sala, assentado junto de Areta e do deiforme Alcínoo, enquanto as escravas recolham os aprestos do banquete. Dentre eles, Areta de braços níveos foi a primeira a falar. Ela, reparando nos belos vestidos de Ulisses, reconheceu o manto e a túnica, em que trabalhara com as suas escravas; por isso, dirigiu-lhe estas aladas palavras:

- Hóspede, antes de mais nada quero dirigir-te estas perguntas: Quem és tu? Qual é o teu país? Quem te deu esses vestidos? Não disseste que chegaste aqui, errando por sobre o mar?

Em resposta disse-lhe o solerte Ulisses:

- f rainha, seria difícil contar minuciosamente os meus infortúnios, pois que os deuses celestes mos concederam em abundância; mas responderei ao que me perguntas e pretendes saber de mim. Longe, no mar, está situada uma ilha, Ogígia, onde mora uma deusa terrível, a ardilosa Calipso de belas tranças, filha de Atlante. Com ela não convive nenhum dos deuses nem algum dos homens mortais. Só a mim, infeliz, me levou uma divindade para o seu lar, depois que, no meio do mar vinhoso, Zeus me fendeu a nau ligeira com o fúlgido raio. [Então, pereceram todos os meus esforçados companheiros; mas eu abracei-me à quilha da nave movida a remos e assim andei, durante nove dias. No décimo, numa escura noite, os deuses aproximaram-me da ilha de Ogígia, onde mora essa deusa terrível, Calipso de belas tranças, a qual me recolheu, me tratou com carinho, me alimentou e prometia fazer-me imortal e perpetuamente isento da velhice. Todavia, o meu coração não se deixou jamais convencer].

Ali estive detido sete anos, molhando de contínuo com lágrimas os vestidos imortais que Calipso me dera. Mas, quando, no curso dos tempos chegou o oitavo, então ela, quer por ordem de Zeus, quer por o seu ânimo ter mudado, ordenou-me e incitou-me a partir. Depois de me ter dado muitos mantimentos, pão e vinho saboroso e de me cobrir com vestes imortais, despediu-me da ilha numa jangada de sólida construção; e enviou após de mim uma brisa propícia e tépida.

Durante dezassete dias, naveguei através das ondas. No décimo oitavo, apareceram os montes sombrios da vossa terra. O meu coração alegrou-se; mas, para minha desgraça, devia sofrer ainda muitos reveses causados por Posidão, o Sacudidor da terra. Ele levantou os ventos contra mim, que me impediram a rota; e @. @@ & m@r #-w enquanto eu gritava e gemia.

Ela foi, em seguida, dispersa pelos ventos. Então, nadei através

desse abismo do mar, até que a tempestade e as ondas me aproximaram da vossa terra. Mas, se tentasse sair naquele ponto, onde chegara, as ondas, impelindo-me, arremessar-me-iam contra uns grandes rochedos e para um sítio funesto. Por esse motivo, retrocedi nadando, até chegar a um rio, que me pareceu lugar óptimo, sem rochas e ao abrigo das ventanias. Aí, saí da água e deitei-me no chão, para recobrar forças. A noite divina sobreveio. Depois afastei-me do rio, que as chuvas alimentam, para ir dormir entre uns arbustos. Amontoei folhas e um deus infundiu-me um sono interminável. E, de coração aflito, lá do ## entre a folhagem, toda a noite e de madrugada, até ao meio dia.

O Sol declinava já, quando me deixou de todo o sono. Então, percebi a brincar na praia as criadas da tua filha, que entre elas era semelhante às deusas. Implorei; e ela mostrou ser de boa índole, procedendo como não seria de esperar de uma jovem, que vem ao nosso encontro; porque a gente moça é sempre considerada. Deu-me pão em abundância e vinho rutilante; mandou que me lavassem no rio e forneceu-me estes vestidos. Isto que acabo de contar-te, é a verdade pura.

Alcínoo replicou-lhe:

- Hóspede, a minha filha não pensou acertadamente no que fez, pois não te conduziu para o nosso palácio com as escravas, depois de lho teres pedido antes.

Disse-lhe em resposta o solerte Ulisses:

- Senhor, por causa disso não censures a tua filha, pois que é irrepreensível. Ela ordenou-me que a seguisse com as escravas, mas eu não quis, não sucedesse que, ao ver-me, te indignasses no teu #o contra mim, porquanto são in#das à ira as raças dos homens que vivem sobre a terra. Alcínoo tornou-lhe, dizendo:

- Hóspede, eu não tenho no peito um coração tal, que levianamente se encolerize. Prefiro a justa medida em tudo. Oh,

pelo pai Zeus, por Atena e Apolo,' quem dera que tu, com esse teu carácter e com os mesmos sentimentos que eu, ficasses

O-7 97 [3i3-347)

entre nós como esposo da minha filha e meu genro. Se permanecesses de bom grado, dar-te-ia casa e riquezas; mas, não querendo, nenhum Feácio te deterá; que isto desagradaria a Zeus, nosso pai. Quanto à tua partida, determino (tem a certeza disso) que seja amanhã. Enquanto dormes, vencido do sono, os meus homens levar-te-ão a remos sobre o mar calmo, até que chegues à pátria e a tua casa ou a outra parte que tu queiras, ainda que seja muito mais longe do que Eubeia, a qual dista muito daqui, segundo dizem aqueles dos nossos que a viram, quando levaram o fulvo Radamanto a visitar Títio, filho de Terra. Eles foram lá; e, sem se cansarem, fizeram num só dia a viagem e volveram de novo a casa. Tu conhecerás, por experiência, como são excelentes as minhas naus e hábeis os homens em manejar os remos.

Assim falou; e o paciente e egrégio Ulisses alegrou-se. Então, tomando a palavra, fez esta prece:

- Pai Zeus, oxalá Alcínoo leve a cabo tudo quanto disse; que a sua glória seja perpétua sobre a terra fecunda em trigo e que eu regresse à pátria.

Assim falavam eles. Entretanto Areta de níveos braços, ordenou às escravas que lhe colocassem um leito no pórtico, o guarnecessem de belas mantas purpúreas e que por cima estendessem tapetes e pusessem mantas de lã, para o hóspede se recobrir.

Elas saíram da sala com um facho na mão; e, preparado com diligência o leito, aproximaram-se de Ulisses e convidaram-no por estas palavras:

- Hóspede, vai-te deitar, que o leito está pronto. Assim disseram; e a ele pareceu-lhe coisa agradável entregar-se ao sono. Ali, pois, sob o pórtico retumbante, dormiu o paciente e egrégio Ulisses, num leito de artística talha; e Alcínoo foi

deitar-se no interior do alto palácio com a sua nobre esposa, no leito e nas almofadas que esta preparara.

[I-28]

RAPSO DIA VIII

Apresentação de Ulisses aos Feácios

Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, o poderoso Alcínoo e o expugnador de cidades, Ulisses, da estirpe de Zeus, levantaram-se ambos do leito; e foram, Alcínoo à frente, para a ágora dos Feácios, a qual fora codificada junto das naus. Chegados aí, assentaram-se numas pedras lisas, um ao pé do outro. Entretanto, Palas Atena, sob a forma de um arauto do prudente Alcínoo, ia pela cidade a tratar do regresso do magnânimo Ulisses; e, aproximando-se de cada cidadão, dirigia-lhe estas palavras:

- Eia, chefes e conselheiros dos Feácios! Ide à ágora ouvir o hóspede que chegou, há pouco, ao palácio do prudente Alcínoo, depois de andar errante pelo mar, e que no aspecto se assemelha aos deuses imortais.

Com estas palavras incitava o ânimo e o desejo de cada um. Assim, a ágora e os assentos depressa se encheram de homens que iam concorrendo. E muitos olhavam com admiração para o prudente filho de Laertes, porque Atena derramara uma graça extraordinária em volta da sua cabeça e dos seus ombros e fazia-o parecer maior e mais encorpado, para que todos os Feácios o acolhessem com agrado, o temessem e respeitassem e ele pudesse sair vitorioso dos numerosos jogos, em que o haviam de provar. Depois de terem comparecido e estando todos congregados, Alcínoo tomou a palavra e disse-lhes:

- Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios. Vou manifestar-vos o que no peito me inspira o coração. Este estrangeiro, a mim desconhecido, chegou ao meu palácio, vindo

quer das

99 [29-651

partes do Oriente, quer do Ocidente, depois de ter andado errante. Ele pede que o reenviem à pátria e que isto seja irrevogável. Apressemos-nos, por isso, a despedi-lo, como anteriormente temos feito com outros, pois nunca ninguém veio ao meu palácio, que permanecesse aqui longo tempo, a suspirar pelo regresso. Lancemos ao mar brilhante uma nau escura recentemente construída e sejam escolhidos entre o povo cinquenta e dois remadores, os que até hoje se tenham mostrado mais hábeis. Depois de atar bem os remos aos bancos, eles desembarcarão; e virão a nosso palácio preparar rapidamente um festim, que oferecerei a todos, sem excepção. É isto o que ordeno aos moços. Vós, porém, reis, portadores do ceptro, vinde, e que ninguém se recuse, a meus paços magníficos, para que na sala recebamos com todas as honras o nosso hóspede. Chamai também o divino aedo, Demódoco, a quem a divindade concedeu, mais que a ninguém, o dom de deleitar com o seu canto, quando o coração o incita a cantar.

Dito isto, deixou a ágora, e os reis, portadores do ceptro, seguiram-no. O arauto foi convidar o divino aedo; e os cinquenta e dois moços, antes escolhidos, esses encaminharam-se, como Alcínoo ordenara, para a praia do mar estéril. Tendo lá chegado, levaram a nau escura para um sítio fundo e puseram-lhe o mastro e as velas. Em seguida, seguraram os remos por meio de correias e desfraldaram as brancas velas. Por fim, ancoraram a nau, onde a água era mais funda e puseram-se a caminho do grande palácio do prudente Alcínoo. Aqui, os pórticos, os pátios e as salas estavam cheios de homens, [que tinham concorrido, novos e velhos], para os quais Alcínoo imolara doze ovelhas, oito porcos de alvos dentes e dois bois de rodantes cascos. Com eles, uma vez esfolados, prepararam o banquete jucundo. O arauto compareceu com o estimado aedo, sobremaneira amado pela musa, que lhe dera o bom e o mau: privara-o da vista e concedera-lhe o dom de cantar com suavidade. Pontónoo colocou-lhe, no meio dos convivas, uma poltrona cravejada de

166-981

prata, que encostou a uma coluna; suspendeu de um cabide, por cima da sua cabeça, a lira sonora e indicou-lhe como devia tomá-la com as suas próprias mãos. Depois, pôs adiante dele uma bela mesa com um açafate e um copo de vinho para beber, quando quisesse. E os convidados estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente.

Quando, porém, tinham saciado a vontade de comer e de beber, a musa incitou o aedo a celebrar as proezas dos guerreiros num canto, cuja fama chegava, então, até ao vasto céu, - a querela entre Ulisses e Aquiles, filho de Peleu: como eles, um dia, num opulento festim em honra dos deuses, contenderam com palavras terríveis, enquanto o ânimo de Agamémnone, capitão do exército, se comprazia na disputa dos dois mais valentes dos Aqueus; pois este era o oráculo que Febo Apolo, na sagrada Pito, lhe deu, [quando, para o consultar, transpôs o limiar de pedra: que, nesse momento, começariam as calamidades dos Troianos e Dánaos, por determinação do grande Zeus.

Tal era o canto do ilustre aedo. Mas Ulisses tomara uma extremidade do largo manto de púrpura nas mãos vigorosas, puxou-a para cima da cabeça e escondeu a sua bela face, porque se envergonhava de que, diante dos Feácios, as lágrimas lhe caíssem dos olhos. Quando, porém, o divino aedo acabara o canto, então, depois de enxugar as lágrimas, tirou o manto da sua cabeça e, com um copo duplo, fez libações em honra dos deuses. Mas, como o aedo recomeçasse a cantar, rogado pelos próceres dos Feácios, a quem deleitava a letra, Ulisses envolveu de novo a cabeça, para abafar os seus suspiros.

A todos passou despercebido que ele chorava; Alcínoo, que estava assentado à sua beira, foi o único que o notou e que ouviu os seus profundos suspiros. Imediatamente, disse aos Feácios, remadores e#os:

- Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios! Nós delidámos já o coração com uma porção igual do banquete e com a lira,

a companheira do festim opulento. Vamos agora fazer prova de todos os jogos, para que o hóspede, quando voltar à pátria, possa contar aos amigos quanto nós excedemos aos outros homens no pugilato, na luta, no salto e na corrida.

Dito isto, pôs-se a caminhar à frente dos outros. O arauto suspendeu do cabide a lira sonora e, tomando a Demódoco pela mão, levou-o para fora da sala. Ia adiante dele pelo mesmo cantinho, por onde os próceres dos Feácios foram ver os jogos, os quais, seguidos de uma inumerável multidão, se dirigiram para a ágora. Aí levantaram-se muitos jovens valentes. Estes foram os que se puseram de pé: Acróneo, Ocíalo, Elatreu, Nauteu, Primneu, Anquíalo, Eretmeu, Ponteu, Proreu, Tóone, Anabesíneo e Anfíalo, filho de Políneo Tectoriida. Além destes, ergueu-se Euríalo, semelhante a Ares, funesto aos mortais, filho de Náubolo, que, depois do nobre Laodamante, era entre todos os Feácios o que mais se distinguia em beleza e pela estatura. Os três filhos do nobre Alcínoo, Laodamante, Hálío e Clitóneo, semelhante a um deus, estavam também de pé. Estes foram os primeiros que contenderam na corrida. A prova fazia-se desde a barra, no extremo da pista; e todos voavam, céleres, na planície, por entre uma nuvem de pó, que erguiam. O irrepreensível Clitóneo foi o vencedor na carreira. É tão longo o sulco que abrem duas mulas num baldio, quanto ele ultrapassara os companheiros; depois, voltou para a assistência. Outros contenderam na luta trabalhosa, na qual Euríalo triunfou de todos os mais valentes. No salto, Anfíalo foi o mais distinto; mas no disco Elatreu provou ser o melhor; e no pugilato, Laodamante, o filho valente de Alcínoo.

Quando todos tinham divertido o seu coração com os jogos, Laodamante, o filho de Alcínoo disse-lhes: - Eia, amigos, perguntemos ao hóspede se aprendeu algum jogo e se tem disso experiência. O seu aspecto, -as coxas, as pernas, ambos os braços, o pescoço musculoso e o seu peito amplo não são de um homem ordinário; demais, está no vigor

da idade. Os muitos sofrimentos é que o quebrantaram, pois julgo que nada é pior do que o mar para abater um homem, por mais forte que seja.

Respondeu-lhe Euríalo:

- Laodamante, falaste muito a propósito. Vai tu próprio convidá-lo e expor-lhe o teu pensamento.

Quando o valente filho de Alcínoo ouviu estas palavras, avançou para o meio de todos e falou a Ulisses deste modo:

- Bom estrangeiro, prova também os jogos, se por acaso aprendeste alguns. Tu conhece-los, certamente, porque não há maior glória para o homem, enquanto vive, do que fazer alguma coisa com os pés e com as suas mãos. Apresenta as tuas provas e dá tréguas aos cuidados. A tua viagem não tardará muito, que a nau já foi arrastada para o mar e os homens estão Prontos.

O solerte Ulisses replicou-lhe:

- Laodamante, porque me desafia, por escámeo? O meu espírito preocupa-se mais com as suas aflições do que com os jogos. São muitas as que antes tive de sofrer e que suportei; e, agora, assentado na vossa ágora, sinto ânsias de regressar à pátria; e imploro ao rei e a todo o povo que mo concedam.

Mas Euríalo respondeu-lhe, lançando-lhe este insulto à cara:

- Estrangeiro, na verdade parece-me que não conheces os muitos jogos, em que se exercitam os homens; assemelhas-te a um capitão de piratas, que vai e vem com a nau de muitos remos, lembrado só da carga e atento às mercadorias -fruto das suas rapinas. Não; tu não tens a aparência de um atleta.

O solerte Ulisses, olhando-o de soslaio, retorquiu-lhe:

- Meu hóspede, tu não falaste com discrição; pareces-me um louco. Como se vê, os deuses não concedem a todos os homens iguais dons: aspecto, engenho ou eloquência. A um falta-lhe a beleza do corpo, mas a divindade outorga-lhe a da palavra. Por

isso, todos se comprazem em vê-lo, quando fala na assembleia com firmeza e com uma modéstia encantadora, que o distingue

103 1173-2041

dos demais; e, se vai pela cidade, olham-no como a um deus. O outro, na aparência, iguala os imortais, mas a graça não irradia das suas palavras, como sucede contigo, cujo aspecto é magnífico e a quem até um deus não formaria melhor"; falta-te, porém, o espírito. Tu dirigiste-me palavras inconvenientes e excitaste o ânimo no meu peito. Ora eu não sou, como dizes, inexerto nos jogos; antes julgo que era dos primeiros, quando, na flor da idade, confiava nos meus braços. Mas agora encontro-me oprimido pela desgraça e pelos sofrimentos, porque suportei muitos trabalhos, em combate contra os homens e através das agitadas ondas. Não obstante, mesmo assim, apesar do muito que tenho sofrido, tentarei os jogos. O teu discurso foi mordaz e incitaste-me com ele.

Disse; e, sem depor o manto, tomou um disco maior, mais grosso e muito mais maciço do que aquele que os Feácios lançavam. Fê-lo girar com o braço e da sua forte mão despediu a pedra que zunia, enquanto os Feácios, marinheiros célebres, habituados aos remos compridos, se abaixavam até à terra, por causa do ímpeto, com que fora lançado o disco. E este, que partira, rápido, da sua mão, ultrapassou todos os sinais, aonde tinham chegado os outros. Atena, na figura dum varão, marcou o lugar do tiro e, dirigindo a Ulisses a palavra, disse:

- *f* estrangeiro, até um cego, às apalpadelas, distinguiria o sinal, pois que ele não se confunde com os outros, mas está muito mais além. Tu podes animar-te, pelo menos com esta espécie de jogo; nenhum dos Feácios aqui chegará, nem atirárá mais longe.

Assim disse; e alegrou-se o paciente e egrégio Ulisses, lisonjeado, por ver nos jogos um companheiro benévolo. Então, falou aos Feácios, de coração mais aliviado:

- Agora, jovens, chegai àquele ponto. Eu creio que lançarei, em breve, outro disco tão longe, ou ainda mais além. Quanto aos

outros jogos, aquele que no seu coração e no ânimo se sinta

1205-2411

impelido a tentá-los, venha daí, já que me irritaram tão excessivamente. No pugilato, na luta ou na carreira, aceito tudo com qualquer dos Feácios, à excepção apenas de Laodamante, porque este recebeu-me na sua casa. 'Quem combateria com aquele que o acolhe amigavelmente? É insensato e imbecil o varão que, estando em terra estranha, joga ao desafio com quem lhe dá hospedagem; pois assim degrada as suas mais nobres qualidades". Mas, diante dos outros, não recuo, nem desprezo a nenhum; só os quero conhecer e experimentá-los face a face. Em nenhum dos jogos que se usam entre as gentes sou desajeitado: sei manejar bem o polido arco e seria o primeiro a ferir com uma frecha um homem no meio da turba dos inimigos, ainda que muitos companheiros estivessem ao pé de mim ", a dardejá-los. [Filoctetes era o único que me excedia no arco, quando no país dos Troianos nós, os Aqueus, disparávamos setas. A todos os outros homens, porém, que actualmente sobre a terra vivem de pão, julgo-me muito superior. Quanto aos heróis antigos, com esses não quero contender: com Heracles, ou com Éurito de Ecália, que no arco rivalizavam com os imortais. Foi por isso que o grande Éurito morreu cedo e não pôde no seu palácio chegar à velhice; Apolo, indignado contra ele, que o desafiara a atirar com o arco, matou-o.(6) A respeito da lança, arremessos aonde ninguém é capaz de chegar com uma seta. unicamente na carreira temo ser vencido pelos Feácios. Fui alquebrado, deploravelmente, pelos muitos embates das ondas, porque não tinha à mão os mantimentos quotidianos; por isso, fiquei com os membros lassos.

Assim falou; e todos se conservaram tranquilos e em silêncio. Só Alcínoo lhe respondeu, dizendo:

- Estrangeiro, as tuas palavras não nos desagradam; tu só quiseste fazer-nos ver a tua valentia, indignado por este homem te menosprezar, no meio da ágora, quando nenhum mortal desprezaria o teu valor com palavras impróprias de um varão sensato. Mas atende agora ao meu discurso, para que, e

lembrando-te das nossas prerrogativas, ao banquetear-te na tua casa, junto da esposa e dos filhos, possas contar a outro herói que lá esteja os dons que Zeus nos tem outorgado, já desde os nossos avós. Não somos distintos no pugilato e na luta; mas corremos com agilidade e distinguimo-nos em governar uma nau. Além disso, gostamos de banquetes, da cítara, das danças acompanhadas de canto, de roupa lavada, de banhos quentes e de leitos. Vós, ó bailadores mais e#os dos Feácios, dançai! Quero que o hóspede, de volta a sua pátria, possa dizer aos amigos quanto excedemos os outros homens na navegação, na carreira, na dança e no canto. Que alguém vá imediatamente buscar a lira sonora a Demódoco, que ficou, algures, nos nossos paços.

Assim falou o deiforme Alcínoo; e o arauto pôs-se de pé, para ir buscar o instrumento ao palácio do rei. Levantaram-se também nove árbitros, eleitos pelo povo, que nos jogos cuidavam de tudo; eles aplanaram o lugar para a dança e desimpediram a vasta arena. O arauto chegou com a lira sonora para Demódoco. Este avançou, depois, para o meio, em roda do qual os adolescentes, há pouco ainda entrados na juventude e que eram exímios na dança, se colocaram e feriam com os pés o solo divino. Ulisses contemplava, admirado no seu espírito, os rápidos movimentos dos pés dos bailadores.

[O tangedor da lira, começou a cantar melodiosamente os amores de Ares e de Afrodita da bela coroa". Cantava como se encontraram, pela primeira vez, no palácio de Hefesto e desonraram o leito do soberano, a quem o Sol, que vira o ajuntamento, fora denunciar o caso. Hefesto, logo que ouviu a pungente nova, dirigiu-se para a sua forja, a maquinar no espírito propósitos sinistros. Colocou uma enorme bigorna sobre um suporte e forjou uns laços fortes e inquebráveis, para que os dois aí ficassem presos. Depois de ter fabricado esta armadilha, entrou no aposento; e estendeu os laços por toda a parte, em volta do leito, suspensos

grande parte deles, como fina teia de aranha, das vigas do tecto, os quais ninguém poderia ver, nem os bem-aventurados deuses, porque foram trabalhados com muita astúcia. Em seguida, disposta a armadilha em volta da cama, fingiu ir para Lemnos, para a bem edificada cidade, que é de todas as terras a que mais lhe apraz. Ares, o deus das rédeas de ouro, não vigiava debalde. Apenas viu que Hefesto, o artista ilustre, se afastara, dirigiu-se para o seu palácio célebre, atraído pela Citéria de linda coroa. Esta chegara, havia pouco, de junto do seu pai, o potentíssimo filho de Crono, e assentara-se à espera. Ares entrou depois; e, tomando-lhe a mão, falou assim:

- Amiga, vamos para o leito. Hefesto não está em casa. Vai, sem dúvida, a caminho de Lemnos, para entre os Síntios de linguagem bárbara. Assim disse; e de bom grado ela aceitou o convite. Mas, quando subiram para o leito, as finas redes do astuto Hefesto envolveram-nos de tal sorte, que não podiam mover nem levantar os membros. Conheceram, então, que não lhes era possível fugir. O ínclito coxo regressara nesse momento. Ele tinha voltado para trás, antes de chegar à terra de Lemnos, porque o Sol estivera à espreita e contara-lhe tudo. De volta, pois, ao seu palácio, de coração aflito, deteve-se no vestíbulo, tomado de uma cólera feroz; e gritou tão horrendamente, que todos os deuses o ouviram:

- Pai Zeus e todos os outros bem-aventurados deuses sempiternos! Vinde cá presenciar uma cena ridícula e intolerável: como Afrodita, filha de Zeus, por eu ser coxo, me desonra de contínuo e prefere o pernicioso Ares a mim, que é belo e tem os membros sãos, ao passo que eu sou defeituoso de nascença. Mas a culpa não é minha; é dos meus pais, que oxalá nunca me tivessem gerado. Vêde um espectáculo que me causa aflição: como eles, tendo ido para o meu leito, dormem juntos. Espero, porém, que não hão-de desejar permanecer ali por mais tempo, por muito que se amem. Em breve, quererão levantar-se;

[3i7-3531

mas a armadilha e os laços hão-de prendê-los até que o pai me restitua todos os presentes que lhe dei por sua descarada filha;

porquanto é bela, mas não tem vergonha.

Assim falou; e os deuses reuniram-se no palácio de pavimento éneo. Compareceu Posidão, o Sacudidor da terra, e veio também o benéfico Hermes com o rei Apolo, cujos dardos acertam ao longe. As deusas, por vergonha, ficaram cada uma na sua casa. Os deuses, distribuidores de dons, detiveram-se no vestíbulo; e, ao verem o artifício do astuto Hefesto, irromperam numa interminável gargalhada. E alguns dos imortais, a olhar para o seu vizinho, diziam:

- Das más acções não advém proveito algum; e o vagaroso alcança o que é ágil, como sucedeu agora com Hefesto, que, sendo tardo e coxo, apanhou com o seu artifício a Ares, o mais rápido dos deuses, moradores do Olimpo, o qual tem de pagar-lhe a multa do seu crime.

Assim conversavam uns com os outros. O rei Apolo, filho de Zeus, esse disse para Hermes:

- f Hermes, filho de Zeus, mensageiro, distribuidor de dons, querias tu, preso com fortes laços, dormir no leito, ao pé da áurea Afrodita?

Assim disse; e uma gargalhada ecoou no meio dos deuses imortais. Só Posidão, que estava de contínuo a rogar a Hefesto, o ilustre artista, que libertasse Ares, não se riu. Dirigindo-se a ele, disse: estas palavras aladas:

- Solta-o, que eu prometo-te que, como tu ordenas, ele pagar-te-á tudo o que é devido. Respondo por ele, perante os deuses imortais.

Replicou-lhe o ilustre coxo:

- Posidão, Sacudidor da terra, não me exortes a isso! É má fiança abonar os maus. E como poderia eu prender-te entre os deuses imortais, se Ares partisse livre dos laços e sem pagar a dívida?

[354-390]

Posidão, o Sacudidor da terra, respondeu-lhe:

- Hefesto, se Ares fugir, recusando pagá-la, eu próprio ta pagarei.

O ilustre coxo tornou-lhe:

- Não é possível nem conveniente negar-te o que pedes.

Dito isto, o poderoso Hefesto desatou os laços. E os dois, apenas foram livres das suas prisões, levantaram-se imediatamente e partiram: Ares para a Trácia e a risonha Afrodita para Pafos, em Chipre, onde tem um bosque e um altar perfumado pelo incenso. Ali, as Graças, depois de a banharem e a ungirem com óleo divino, como o que brilha nos deuses sempiternos, envolveram-na em lindos vestidos, que eram um encanto para os olhos.

Deste modo cantava o ilustre aedo. Ulisses e os Feácios de longos remos, marinheiros célebres, ouviam-no, deliciados.]

Depois, Alcínoo mandou a Hália e a Laodamante que dançassem sós, com os quais ninguém rivalizava. Eles tomaram nas mãos uma bonita bola, purpúrea, que o hábil Pólibo lhes fizera; e, enquanto um, curvando-se para trás, a lançava para as nuvens sombrias, o outro, erguendo-se de um salto, apanhava-a sem dificuldade, antes de tocar o chão com os pés. Depois de mostrar a sua destreza no atirar a bola a prumo ao ar, passaram, em seguida, à dança; e, sobre a terra fecunda, trocavam rapidamente o lugar um com o outro, enquanto os demais que estavam na arena batiam o compasso, resultando daí grande barulho. Então, o egrégio Ulisses falou para Alcínoo:

- Poderoso Alcínoo, ínclito soberano da mais excelente grei, tu gloriaste-te de que os teus bailadores são os mais e#os; e a prova ei-la aí. Eu contemplo isto, admirado.

Assim disse; e alegrou-se o poderoso Alcínoo, que dirigiu imediatamente a palavra aos Feácios, remadores exímios:

- Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios. O nosso hóspede parece-me varão muito cordato. Ofereçamos-lhe, como é justo, os dons da hospitalidade. Vós sois doze reis ilustres, os

109 [39i-424]

príncipes que governam nesta terra, e eu o décimo terceiro. Cada um traga um manto bem lavado, uma túnica e um talento de ouro; e, juntos, ofereçamos isto, sem demora, ao nosso hóspede, para ir para a ceia contente, por ter estes presentes nas suas mãos. E Euríalo, por meio de palavras e de um donativo, faça as pazes com ele, porque não falou como devia.

Assim disse com aplauso de todos; e cada um deu ordens ao seu arauto para ir buscar os presentes.

Euríalo,-porém, disse-lhe em resposta:

- Poderoso Alcínoo, rei ilustre de nobre gente, eu quero fazer as pazes com o nosso hóspede, como tu ordenas. E vou dar-lhe esta espada toda de-bronze, cujo punho é de prata e a bainha que a envolve, de marfim recentemente cortado. Isto será de grande estima para ele.

Dito isto, colocou nas mãos de Ulisses a espada com, cravejamento de prata e dirigiu-lhe estas palavras aladas:

- Salve, hóspede. Se pronunciei alguma palavra ofensiva, que as impetuosas procelas a levem já. E que os deuses te concedam ver a esposa e a pátria, porquanto há muito tempo que andas longe dos teus, a sofrer trabalhos.

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

- Eu também te saúdo, amigo, com efusão. Oxalá os deuses te cumulem de felicidades e que nunca, no futuro, sintas a falta desta espada que me deste, ao fazer com as tuas palavras as pazes

comigo.

Assim disse; e suspendeu dos ombros a' espada com cravejamento de prata.

Quando se pôs o Sol, já Ulisses estava na posse dos presentes preciosos. Os arautos ilustres levavam-lhos para o palácio de Alcínoo, onde os filhos do'nobre rei receberam esses magníficos dons, para os colocar junto da sua veneranda mãe. æ frente do séquito ia o poderoso Alcínoo; e, chegados ao palácio, assentaram-se todos nas suas poltronas. Então, disse o rei a Areta:

- Mulher, traz para aqui uma boa caixa, a melhor de todas,
[425-4581

e coloca-lhe dentro um manto bem lavado e uma túnica. Em seguida, ponde ao lume uma caldeira e aquecei água, para que o nosso hóspede, depois do banho e vendo bem acondicionados todos os presentes que os nobres Feácios lhe trouxeram, se deleite com o festim e com o canto do aedo. Da minha parte, quero presenteá-lo com esta magnífica taça de ouro, para que se lembre de mim todos os dias, quando na sua casa fizer libações a Zeus e aos outros deuses.

Assim falou; e Areta disse às escravas que, sem demora, pusessem ao lume uma grande trípode. Elas colocaram ao fogo ardente uma própria para água de banho; deitaram-lhe dentro água e acenderam-lhe mais lenha debaixo. E o fogo envolveu o bojo da trípode e aquecia a água. Entretanto, Areta trouxe de uma estância uma excelente caixa para o hóspede; e dispôs nela as magníficas dádivas, -vestidos e ouro, que os Feácios lhe ofereceram, além de um manto e de uma bonita túnica, oferta sua; depois, dirigindo-se a ele, disse estas aladas palavras:

- Examina tu próprio a tampa e ata-a depressa com uma corda, não suceda que te roubem na viagem, quando, na escura nau, te entregares ao sono.

O paciente e egrégio Ulisses, como a ouvisse, adaptou logo

a tampa à caixa e ligou-a, com um nó complicado, como aprendera, um dia, dos dedos ágeis da veneranda Circe. Acto contínuo, a dispenseira convidou-o para o banho. E ele olhou com prazer do seu espírito para a água quente, porque, desde que abandonara a habitação de Calipso de bela cabeleira, não estava acostumado a um tal conforto. Durante o tempo, em que esteve com ela, foi sempre tratado como um deus. Depois de sair do banho e de ser ungido com óleo pingue pelas escravas, estas envolveram-no num belo manto e numa túnica; e ele foi para o meio dos convivas.

Nausícaa, a quem os deuses fizeram bela, estava de pé junto de um suporte do tecto solidamente construído; e, fixando os

111

[459-490]

olhos nos de Ulisses, ficou admirada e disse-lhe estas aladas palavras:

- Eu digo-te adeus, meu hóspede! Um dia, quando estiveres na terra pátria, lembra-te de mim, pois sou a primeira a quem deves agradecer a salvação da tua vida.

Respondeu-lhe o engenhoso Ulisses:

- Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo, permita Zeus, o altitonante esposo de Hera, que volte a minha casa e veja o dia do regresso. Eu de lá também, como a uma deusa, enviar-te-ei todos os dias os meus votos, porque a ti, donzela, devo a minha vida.

Disse; e assentou-se numa poltrona, ao lado do rei Alcínoo, ao tempo em que já se distribuíam as porções e se misturava o vinho. O arauto aproximou-se também com o estimado Demódoco, o aedo que era caro ao povo; e fê-lo assentar no meio dos convivas, junto de uma grande coluna, que lhe servia de encosto. Então, o prudente Ulisses, depois de cortar de um lombo de porco de alvos dentes, do qual deixava a maior parte, um pedaço coberto de abundante gordura, falou assim para o arauto:

- Arauto, toma. Dá esta talhada a Demódoco, para que ele a coma. Apesar da minha aflição, quero brindá-lo com isto, porque os aedos merecem da parte dos homens, que vivem sobre a terra, honra e reverência, pelos cantos que a musa lhes ensinou. Ela ama a classe dos poetas.

Assim falou; e o arauto levou o naco e pô-lo nas mãos do senhor Demódoco, cujo coração se alegrou, ao recebê-lo. E os convivas estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Quando tinham satisfeito o desejo de beber e de comer, o prudente Ulisses disse, então, para Demódoco:

- Demódoco, eu louvo-te muito mais que a todos os outros homens. Quer tivesses sido ensinado pela musa, filha de Zeus, quer por Apolo, cantas muito bem os reveses dos Aqueus, todos os seus feitos e todas as suas penas e trabalhos, como se com

[49i-527]

os teus olhos os viras ou os ouvisses contar a quem os viu. Pulsa outra corda da lira e canta o ardil do cavalo de madeira, feito por Epeu, com o auxílio de Atena, que o divino Ulisses, um dia, meteu na acrópole, cheio de guerreiros, para saquear Ílion. Se isto contares como convém, proclamarei, desde logo, a todos os homens que uma divindade te outorgou, benévola, o privilégio do canto divino.

Assim disse; e o aedo, movido por um deus, começou a entoar o canto, partindo do momento em que parte dos Argivos, depois de incendiar as tendas, se retiravam com as naus de boa cobertura, quando outros já estavam na ágora de Tróia, assentados em volta do muito afamado Ulisses, dentro do cavalo, que os próprios Troianos arrastaram para a acrópole. Ele erguia-se aí e os Teucros, à sua volta, faziam muitas propostas desencontradas. Eram três as preferidas: trespassar com o cruel bronze o bojo de madeira; ou arrastá-lo para o cimo dos rochedos e arremessá-lo, depois, daí a baixo; ou, enfim, poupar o grande simulacro como oferta propiciatória aos deuses. A terceira devia cumprir-se. Era destino da cidade

ser arruinada, quando tivesse dentro o grande cavalo de madeira, onde se escondiam todos os mais valentes dos Argivos, que levavam aos Troianos a morte. E o aedo cantava como os filhos dos Aqueus, depois de sair do cavalo, de dentro do bojo da emboscada, destruíram Tróia. Cantava também como cada um ia devastando a cidade alta; e como Ulisses, qual outros Ares, se dirigiu com o deiforme Menelau, para o palácio de Déifobo. Finalmente, cantava como aquele suportara ali um terrível combate, de que saiu vitorioso, com ajuda da magnânima Atena.

Tal era o canto do inspirado aedo. Ulisses, porém, afligia-se, e as lágrimas, correndo-lhe 'das pálpebras, molhavam as suas faces. Do mesmo modo que uma esposa chora, prostrada junto do marido, que caiu diante da cidade e dos seus habitantes, a defender esta e os seus filhos do dia fatal; e, ao vê-lo moribundo e palpitante, solta agudos ais, abraçada a ele, enquanto outros,

113 O-8 [52.8-5651

de trás, a ferem com lanças no dorso e nas espaldas e a levam como escrava, a sofrer trabalhos e aflições, apesar de consumi-la já a dor mais miseranda, - assim derramava Ulisses dos seus olhos comovedoras lágrimas. A todos passou despercebido que ele chorava; Alcínoo, que estava assentado à sua beira, foi o único que o notou, ao ouvir os seus profundos suspiros. Imediatamente, disse aos Feácios, amadores de remos:

- Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios I Cesse já Demódoco de tocar a sonora lira I Talvez, não agrade a todos o que ele canta. Depois que ceámos e que se levantou o divino aedo, lágrimas aflitivas não têm deixado o nosso hóspede. Uma grande dor, por certo, aflige-lhe o espírito. Cesse, pois, para que nos regozijemos todos juntamente, os hospedeiros e o seu hóspede. Assim é muito melhor. Por atenção a ele, foi preparado tudo: regresso à pátria e os presentes de amigo oferecidos como um penhor de amizade. Um suplicante e um hóspede equivalem a um irmão para o homem que não é de todo desprovido de sentimento. Por isso, meu hóspede, não me

ocultes agora com simuladas intenções o que te vou perguntar;
fala com franqueza. Dize-me como na pátria o teu pai e a tua
mãe e os outros homens da cidade e dos arredores te chamam;
porquanto todos os homens, sem excepção, bons e maus, desde
que nascem, têm um nome, que lhes impõem os pais, quando eles
vêm à luz. Nomeia também a tua terra, o teu povo e a tua
cidade, para que as nossas naus que navegam com inteligência
te levem lá; pois as naus dos Feácios não usam de pilotos nem
de lemes, como as outras naus. Elas, por si mesmas, conhecem
as intenções e os pensamentos dos homens, bem como as cidades
e os campos férteis de todos os povos; e atravessam com
rapidez o abismo do mar, ainda que esteja encoberto pela névoa
ou pelas nuvens, sem temor de serem danificados ou de se
afundarem. Escutai o que ouvi, outrora, a meu pai Nausícoo.
Dizia ele que Posidão estava indignado contra nós, por

1566-586]

portarmos, indenmes, a todos os homens; e que, um dia, ao
volver uma bem construída nau dos Feácios de levar alguém,
-havia de destruí-la no mar brumoso e de rodear a nossa cidade
com uma elevada montanha. Assim contava o velho; e o deus
pode fazer isto ou não, conforme - o seu ânimo quiser. Vamos.
Fala e conta-me sinceramente por onde andaste errante, em que
países estiveste e que povos e cidades bem habitadas viste,
bem como quais são os homens cruéis, selvagens e injustos e
quais os hospitaleiros e tementes aos deuses. Dize-me,
igualmente, porque choras e se aflige o teu coração, ao ouvir
os reveses dos Argivos, dos Dánaos e de Ilion. Foram os
deuses a causa disso e quem determinou a morte desses homens,
para que desse aos vindouros o assunto de seu canto.
Perdeste, porventura, diante de Ilion, algum parente
esforçado, algum genro ou sogro? (Estas são as pessoas mais
caras, depois das ligadas a nós pelo sangue e pela linhagem).
Ou foi, talvez, algum bom companheiro que te estimava?
Porquanto não é inferior a um irmão o companheiro prudente.

115

RAPSDIA IX

Narrações de Ulisses: Ciclopeia

Disse-lhe em resposta o avisado Ulisses:

- *f* rei Alcínoo, rei excelente da mais ínclita grei, é, por certo, delicioso ouvir um aedo como este, cuja voz é igual à dos deuses. Eu não creio que haja coisa mais agradável do que ver todo o povo alegre e os convivas, no palácio, assentados, por ordem, a mesas abastecidas de pão e de carne, a escutar o aedo, enquanto o copeiro tira o vinho das crateras e o vai deitando nos copos. Meu espírito acha este espectáculo muito belo. Os meus suspiros, porém, levaram-te a interrogar-me acerca das minhas penas lacrimosas, para que eu chore e me aflija ainda mais. Sendo tantas as aflições que os deuses celestes me infligiram, que vos devo contar primeiro e que deixarei para o fim? Antes de mais nada, quero dizer-vos o meu nome, para que vós o saibais e eu continue a ser o vosso hóspede, se escapar ao dia cruel, não obstante viver longe.

Eu sou Ulisses, filho de Laertes, por minhas astúcias objecto dos pensamentos de todos os homens, e cuja fama chega até ao céu. Habito em Ítaca, bem visível ao longe, onde se levanta o arborizado e esplêndido Nérito. Em volta há muitas ilhas, bem perto umas das outras: Dulíquio, Sarna e a nemorosa Zacinto. Ítaca, que no mar sobressai pouco, é a última de todas para o lado do ocidente, ao passo que as outras estão situadas a leste e ao meio-dia. É áspera, mas criadora de uma boa raça de homens; e eu, na verdade, não posso encontrar coisa mais agradável à vista do que esta terra. Calipso, a deusa preclara, deteve-me na sua ilha, [numa gruta côncava, e desejava-me para esposo].

IX [3i-641

Da mesma sorte, a artificiosa Circe de Eeia conservou-me no seu palácio e queria que eu fosse o seu marido. Mas nunca conseguiram mover-me no peito o coração, porque nada há mais doce do que a pátria e do que os pais, ainda que um homem

habite longe, em terra estranha, num opulento palácio, ausente dos seus progenitores. Deixa-me, então, contar-te o regresso trabalhoso que Zeus me determinou, depois que parti de Tróia.

Apenas deixei Ílion, o vento levou-me para o país dos
59

Cíconos, para Ísmaro. Aqui saqueei a cidade e matei os homens; depois, tomando as suas mulheres e muitas riquezas, distribuímo-las, para que nenhum dos meus homens partisse, sem ter do espólio uma parte igual. Então, exortei os companheiros a que fugissem depressa; mas eles, os grandes loucos, não se deixaram convencer. Bebiam vinho em abundância e degolavam, na praia, muitas ovelhas e bois de rodantes cascos e andar bamboleante. Entrementes, porém, os Cíconos foram pedir auxílio a outros Cíconos, seus vizinhos, habitantes do continente, mais numerosos e esforçados, que sabiam combater a cavalo e também a pé, quando era preciso.

Surgiram, numa manhã de nevoeiro, em tão grande número como as folhas e as flores na Primavera. Nessa ocasião, realizou-se o destino funesto decretado por Zeus contra nós, infelizes, de que sofrêssemos muitas aflições. [Postos em ordem, eles deram-nos batalha junto das naus ligeiras, e ferimo-nos mutuamente com as lanças de bronze]. Durante a manhã e enquanto o sagrado dia foi aumentando, pudemos repeli-los, apesar de nós sermos inferiores em número; mas quando o Sol começou a baixar para o Ocaso, então os Cíconos venceram os Aqueus e puseram-nos em fuga. Em cada nau morreram seis dos meus companheiros de belas grevas; nós, os restantes, escapámos à morte e ao destino. Dali continuámos a viagem, de coração triste, por perdermos os nossos companheiros; mas contentes, não obstante, por nos salvarmos da morte. Todavia não partiram as naus movidas

117 IX [65-102]

a remos, sem primeiro chamarmos, três vezes, por cada um dos desventurados, que morreram na planície às mãos dos Cíconos. Zeus, amontoador das nuvens, suscitou, depois, contra as naus

uma violenta tempestade do Bóreas; e, cobrindo com nuvens terra e mar juntamente, fez descer a noite do céu. As naus corriam de proa baixa. A impetuosidade do vento rasgara-lhes as velas em três e em quatro partes: por isso, amainámo-las, temendo a nossa perdição; e à força de remos, levámos precipitadamente as naus para a terra firme. Dois dias e duas noites permanecemos ali, de ânimo consumido pelo cansaço e pela tristeza. Mas, quando a Aurora de belas tranças anunciou o dia terceiro, erguidos os mastros e içadas as velas brancas, assentámo-nos nas naves e deixámos que o vento e os pilotos as dirigissem. E teria certamente chegado incólume à terra pátria, se a corrente, as ondas e o Bóreas não me repelisses, ao dobrar Maleia, e me afastassem da rota de Citera". Dali fui levado, durante nove dias, pelos ventos funestos sobre o mar piscoso; mas, no décimo, apartámos ao país dos Lotófagos ", que se alimentam de flores. Desembarcámos, fizemos aguada e tomámos a nossa refeição, junto das naus ligeiras. Quando, tínhamos acabado de comer e de beber, escolhi dois homens e, dando-lhes um terceiro como arauto, enviei-os a colher informações acerca dos habitantes daquela terra. Eles partiram imediatamente e ajuntaram-se aos Lotófagos, que não só não pensaram em fazer-lhes mal, mas até lhes deram do seu lódão a comer. E aquele que o saboreava não queria trazer notícias nem voltar, mas preferia ficar ali, entre os Lotófagos, a comer lódão, esquecido do regresso. Contudo, apesar das suas lágrimas, trouxe-os, à força, para as naus côncavas e arrastei-os para debaixo dos bancos dos remadores, onde os preendi. Quanto aos outros companheiros, ordenei-lhes que se apressassem a entrar para as naus ligeiras, não sucedesse que algum deles, comendo lódão, se esquecesse de voltar. Logo que embarcaram, os

IX [i03-141]

remadores tomaram imediatamente lugar nos bancos e, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento.

Dali continuámos viagem, de coração triste, e chegámos à terra dos Ciclopes", homens soberbos e sem lei, que, confiados nos deuses imortais, não plantam nem lavram, mas tudo lhes

nasce espontâneamente, sem ser preciso semear nem lavrar, porque a chuva de Zeus faz-lhes crescer todos os frutos: trigo, cevada e vinha, que produz uns cachos muito grandes. Não têm ágoras, onde deliberem, nem leis, mas vivem em grutas côncavas, no cimo dos altos montes; e cada um impera sobre os filhos e as mulheres, sem cuidar dos outros.

Há uma pequena ilha ⁶¹ arborizada fora do porto dos Ciclopes, situada nem longe nem perto da terra, onde vivem cabras montesas em incontável número, porque os passos do homem não as afugentam, nem tão-pouco o lugar é frequentado pelos caçadores, que sofrem trabalhos para percorrer, por entre florestas, os cimos dos montes. Nessa ilha não existem rebanhos, nem o arado aí entrou. Como não há gente aí, ninguém a semeia ou lava; e só pastam nela as cabras berrantes. Na verdade, os Ciclopes não têm naus de vermelho costado, nem carpinteiros que lhas construam, para ir às cidades doutros povos, como fazem os homens que atravessam o mar, traficando entre si. Isto obrigá-los-ia a cultivar a ilha, cujo terreno não é mau, e seria capaz de produzir frutos em todas as estações do ano, pois tem junto às margens do mar pardacento prados húmidos e amenos e próprios para vinha. Na parte inferior, é plana e arável; e, no tempo oportuno, poderia aí ceifar-se uma colheita muito abundante, porque o solo é fértil. Possui a ilha um bom porto, onde as naus dispensam cordas e âncoras, nem é preciso lançar amarras; mas, apartando aí, podem permanecer dentro, até que o ânimo incite os marinheiros a partirem e os ventos soprem prósperos. Na extremidade do porto corre uma fonte de água límpida, nascida numa gruta, em volta da qual crescem negros álamos.

119 IX [142-180)

Aqui, pois, apartámos nós, guiados por algum deus, através de uma noite tão escura, que não podíamos distinguir nada. Uma densa névoa envolvia as naus e a Lua não brilhava no céu, oculta atrás das nuvens. Ninguém, nessa ocasião, pôde com os seus olhos ver a ilha nem as grandes ondas que rolavam para a costa, antes de as naus movidas a remos terem aportado.

Então, depois de amainarmos todas as velas, saltámos para a praia do mar e deitámo-nos a dormir, à espera da Aurora brilhante.

Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos já nós andávamos a admirar a ilha. As ninfas, filhas de Zeus, portador da égide, fizeram levantar as cabras montesas, para que os meus companheiros pudessem ter a sua refeição. Tomámos logo das naus os arcos curvos e os venábulo de longa haste e, em grupos de três, começámos a atirar contra elas, sob os auspícios de um deus, que nos ofereceu logo abundante caça. As naus que seguiam comigo eram doze; e a cada uma tocaram nove cabras. Só para mim separaram os meus companheiros dez. Assim, pois, durante todo o dia até o pôr do Sol, estivemos assentados, a banquetear-nos com grande abundância de carne e vinho saboroso, de que ainda tínhamos provisão nas naus, porque cada um de nós, quando tomámos a cidade dos Cíconos, enchera as ânforas. Ora, olhando nós para a terra dos Ciclopes, que estava perto, vimos fumo e ouvimos as suas vozes e os balidos das ovelhas e das cabras.

Logo que se pôs o Sol e a noite sobreveio, deitámo-nos na praia do mar. Quando, porém, apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, então, reunindo os companheiros, disse-lhes: Meus amigos, ficai aqui, enquanto eu com a minha nau e alguns mais vamos tentar saber que homens são estes: se violentos, selvagens e injustos ou se hospitaleiros e tementes aos deuses.

Depois de assim falar, entrei para a nau e ordenei aos companheiros que entrassem também e soltassem as amarras. Eles embarcaram logo; e os remadores tomaram lugar nos bancos; e, assentados por ordem, feriram com os remos o mar

IX [181-219]

pardacento. Apenas tínhamos chegado a terra, que estava próxima, vimos nos extremos dela, perto do mar, uma elevada gruta", à sombra de loureiros. Ali descansava muito gado miúdo, ovelhas e cabras, em volta das quais havia uma alta

cerca construída de pedras enterradas no chão, de grandes pinheiros e de carvalhos de elevada copa. Na gruta habitava um gigante, que vivia solitário, a apascentar o seu rebanho. Não tinha relações com os seus vizinhos; morava só e não respeitava nenhuma lei. Era um portento colossal, em nada semelhante aos homens que comem pão; fazia antes lembrar um pico arborizado que ultrapassa o cume dos outros montes. Ordenei então aos meus companheiros que ficassem ali, junto da nau, e que a guardassem. E com doze dos melhores pus-me a caminho. Levámos connosco um odre de pele de cabra com saboroso vinho tinto, o qual me havia dado Marão, filho de Evanteu e sacerdote de Apolo, o deus tutelar de Ísmaro, por nós o termos respeitado e protegido a ele, bem como ao filho e à mulher, que viviam num denso bosque consagrado a Febo Apolo. Esse fizera-me presente de preciosos dons: além de sete talentos de ouro bem trabalhados, deu-me uma cratera toda de prata e doze ânforas cheias de vinho saboroso e sem mistura - divina bebida que em casa os criados e as criadas não conheciam, mas somente Marão, a sua consorte e uma dispenseira.

Quando se bebia esse melífero vinho tinto, misturava-se um copo dele com vinte de água. O aroma que saía da cratera era de uma suavidade tão admirável, que seria pena não o saborear. [Deste vinho levava um grande odre cheio, além de mantimentos, num barril, porque logo se afigurou ao meu ânimo que iríamos ao encontro de um homem dotado de grande força, selvagem, injusto e sem lei].

Depressa chegámos à gruta; mas a ele não o encontrámos aí, porque andava a apascentar as suas gordas reses. Entrámos para dentro e pusemo-nos a admirar tudo. Aqui os secadoiros vergavam com queijo; ali, no estábulo, comprimiam-se os anhos

121 IX (220-255)

e os cabritos, encerrados separadamente: numa parte os mais velhos, noutra os medianos e noutra os recém-nados; e de todas as vasilhas, bem trabalhadas, tarros e gamelas, de que ele se servia para ordenhar, extravasava o soro. Então, os

companheiros rogaram-me, primeiramente, que tomássemos alguns queijos e nos fôssemos; e, depois, que agarrássemos depressa dos currais alguns cabritos e anhos e nos fizéssemos à vela pelo mar salgado. Eu, porém, não me deixei persuadir, no intuito de ver o que por ali havia e na esperança de que gozaria dos dons da hospitalidade. Mas a aparição do Ciclope tinha de ser funesta aos meus companheiros.

Ali fizemos lume, oferecemos sacrifícios, pegámos em queijo e comemo-lo; depois, assentámo-nos dentro da gruta, à espera do gigante, que veio, enfim, de apascentar o rebanho. Trazia um grande molho de lenha seca, para preparar a ceia, o qual deitou ao chão, dentro do seu antro, com tal estrondo, que nós, de medo, nos precipitamos para o interior da caverna. As reses gordas, todas quantas devia ordenhar, conduziu-as para dentro da gruta espaçosa; só deixou fora, no pátio de altas paredes, os machos, tanto carneiros, como bodes. Em seguida, colocou à porta uma pedra grande e pesada, que ergueu no ar, a qual vinte e dois carros sólidos e de quatro rodas não poderiam transportar - tal era o bloco que ele pôs à porta. Depois, assentou-se e ordenhou as ovelhas e as cabras, tudo ordenadamente; e sob cada uma delas deixou a respectiva cria. Terminado isto, fez coalhar metade do leite e recolheu-o em pequenos cestos de verga; a outra metade, porém, guardou-a em vasilhas, donde a tomaria para beber e lhe servir de ceia.

Feitos estes trabalhos com presteza, acendeu o lume; e, reparando em nós, perguntou: - Estrangeiros, quem sois vós? Onde viestes, a navegar pelos líquidos caminhos? Vindes tratar dalgum negócio ou cruzais o mar à toa, como piratas que andam errantes, com perigo das suas vidas, só para fazer mal a gentes estranhas?

IX [256-289)

Assim disse; e o medo da sua voz terrível e da sua figura monstruosa confrangeu-nos o coração. Mas, apesar disso, respondi-lhe: Nós somos Aqueus, vindos de Tróia, a quem ventos de toda a sorte fizeram perder o rumo sobre o vasto abismo do

mar, no nosso regresso à pátria. Seguimos outra rota, porque Zeus, talvez, o quis assim dispor. Orgulhamo-nos de ser guerreiros do exército de Agamémnone, filho de Atreu, cuja fama é hoje imensa debaixo do céu, por ter destruído uma grande cidade e tirado a vida a muitos homens. E vimos ao encontro dos teus joelhos, na esperança de que nos dêes um presente de hospitalidade ou outro dom qualquer, como é costume dos hospedeiros. Respeita os deuses, ó óptimo varão. Nós somos teus suplicantes, dos quais Zeus hospitaleiro é vingador, bem como dos hóspedes, a quem faz companhia e protege.

Assim falei; e ele respondeu-me logo de ânimo cruel:

- Estrangeiro, és louco ou vens do cabo do mundo, tu que me exortas a temer os deuses e a evitar a sua ira! Os Ciclopes não temem nem Zeus, portador da égide, nem os outros deuses bem-aventurados. A todos eles somos muito superiores. Por medo da inimizade de Zeus, não te pouparia a vida a ti nem aos teus companheiros, se o meu ânimo se inclinasse a isso. Mas indica-me, (quero saber isso), o lugar, onde tu deixaste ao vir, a nau resistente: se foi nos extremos desta terra ou num sítio pouco afastado.

Isto disse ele, para me provar; mas a mim, que conheço muita coisa, não me iludiu; e com palavras artificiosas tornei-lhe: Posidão, o Sacudidor da terra, levou a minha nau para um promontório, nos confins do vosso país, e destroçou-a, arremessando-a contra os rochedos. O vento que soprava do mar tinha-a arrastado para aí e só eu e estes companheiros nos salvámos de uma morte terrível.

Assim falei; e ele, de ânimo cruel, não me respondeu; mas, levantando-se com ímpeto, estendeu as mãos para os meus companheiros e agarrou dois, que atirou contra o solo, como se

123 IX [290-326]

fossem dois cachorros; e os miolos derramaram-se sobre o chão

e molharam a terra. Depois retalhou-os membro a membro e, preparada com eles a sua ceia, pôs-se a comê-los, semelhante ao leão, filho das selvas, sem deixar nada, nem vísceras, nem carnes, nem os ossos com a medula. E nós, ao ver tanta crueldade, elevávamos, com os olhos lacrimosos, as mãos para Zeus, pois o desânimo tinha-se apoderado dos nossos corações. Quando o Ciclope tinha enchido o seu monstruoso ventre de carne humana e bebido leite sem mistura por cima, deitou-se no interior do antro, estendendo os membros pelo meio das reses. Veio-me, então, a ideia à cabeça de aproximar-me dele e, tirando a espada de bom fio de junto da coxa, cravar-lha no peito, no diafragma, em cima do fígado, depois de ter tacteado o lugar do golpe. Mas deteve-me outra reflexão: pereceríamos ali de uma morte horrível, pois não podíamos afastar o bloco enorme, que o gigante colocara à porta. Esperamos, pois, gemendo, a Aurora divina. Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, ele acendeu o lume e ordenhou o seu buliçoso rebanho, tudo muito ordenadamente; e deixou sob cada rês a respectiva cria. Feito este trabalho com presteza, apanhou de novo dois dos meus companheiros e preparou com eles a refeição. Em seguida, conduziu as reses gordas para fora do antro, afastando com Facilidade a grande pedra da entrada, que colocou outra vez no mesmo sítio, como se pusesse uma tampa num carcaz. E lá levava com grande estrépito o rebanho pingue para o monte, enquanto eu ficava a excogitar um meio de me vingar dele, caso Atena cumprisse o meu desejo.

Ao meu ânimo ocorreu um alvitre que me pareceu bom. No estábulo do Ciclope, jazia um tronco de oliveira verde que ele tinha cortado, para levar de ali, depois de seco. Nós, ao vê-lo, comparávamo-lo, tão grande era, ao mastro de uma escura e vasta nau de carga, de vinte remadores, que atravessa o imenso abismo do mar. Aproximando-me dele, cortei-lhe um bocado do tamanho de uma braça, que entreguei aos meus

IX [327-361]

companheiros, com a recomendação de o alisarem. Apenas tinham feito isto, agucei-lhe uma das extremidades e logo a endureci ao fogo; depois ocultei-o debaixo do estrume que estava

espalhado em grande abundância pela gruta. Em seguida, ordenei que fossem sorteados aqueles que deveriam comigo ousar erguer o pau e fazê-lo girar dentro do olho do Ciclope, quando o sono lhe sobreviesse. Caiu a sorte a quatro, os que eu próprio haveria escolhido, e associei-me a eles, perfazendo o número de cinco. A tarde veio o Ciclope de apascentar o rebanho de bonito velo. Recolheu todas as reses, na ampla gruta, sem deixar nenhuma no pátio de paredes altas, já por pressentir algum perigo, já porque um deus assim o ordenou. Depois, colocou à porta a grande pedra, que ergueu no ar, assentou-se e ordenhou as ovelhas e as cabras berrantes, tudo ordenadamente, sob cada uma das quais deixou a respectiva cria. Feito isto, agarrou com presteza de novo dois dos meus companheiros e preparou com eles a ceia. Então eu, aproximando-me do Ciclope com uma gamela de vinho tinto nas mãos, falei-lhe assim: Toma Ciclope! Depois de comer carne humana, bebe vinho para que saibas que bebida se guardava na nossa nau. Trouxe-o para te fazer uma libação, na esperança de que terias pena de mim e consentirias que eu fosse para a pátria; mas a tua fúria, infeliz, não tem limites. Como virá, no futuro, algum outro homem ter contigo, não nos tendo tu tratado de modo conveniente?

Assim disse; e, aceitando o vinho, bebeu-o. E alegrou-se tanto com a bebida saborosa, que me pediu que lhe desse segunda vez:

- Dá-me mais, por favor, e declara-me já o teu nome, para que te ofereça um-dom de hospitalidade que te seja agradável. É certo que a terra fértil dos Ciclopes produz vinho de grandes cachos que a chuva de Zeus faz crescer, mas o teu é um pouco de néctar e de ambrósia.

Assim falou; e voltei a dar-lhe mais vinho rutilante. Apresentei-lho três vezes, e, imprudentemente, por três vezes o bebeu.

Quando, porém, o vinho tinha subido à cabeça do Ciclope, disse-lhe então com brandura: Ciclope, tu perguntas-me o meu ilustre nome. Vou dizer-to; mas dá-me o prometido dom de hospitalidade. Ninguém, é o meu nome. Minha mãe, meu pai e todos os companheiros costumam chamar-me Ninguém.

Assim disse; e ele replicou-me logo com ânimo cruel:

- Ninguém será comido, depois dos seus companheiros; a eles comê-los-ei primeiro. Este é o presente de hospitalidade que hei-de dar-te.

Depois, inclinando-se para trás, caiu de costas; e ficou estendido com o pescoço disforme encurvado, sem poder resistir ao sono, que tudo vence. Da sua goela o vinho saía em vômitos, de mistura com pedaços de carne humana, de tão carregado que tinha o estômago. Então, meti o pau sob o rescaldo, e, enquanto aqueda, incuti ânimo a todos os companheiros, não sucedesse que algum deles recuasse de medo. Logo que o pau de oliveira, apesar de verde, estava quase a queimar-se no fogo e lançava um fulgor terrível, aproximando-me, tirei-o do lume; e os meus companheiros rodearam-me. 'Uma divindade infundira-lhes grande coragem.

Eles apoderaram-se do pau de oliveira aguçado numa ponta e fixaram-no no olho do Ciclope, enquanto eu, em cima, apoiado no pau, o fazia girar. Como quando o carpinteiro fura com o trado a viga de uma nau, enquanto outros, por meio de uma correia presa em cima, de ambos os lados, o fazem mover e de contínuo andar à roda, assim nós fazíamos girar o pau em brasa na ponta, no olho do Ciclope, de sorte que o sangue escorria em volta. O lume chamuscava-lhe as sobrancelhas e as pálpebras e queimava-lhe a pupila, que rechinava nas raízes. Do mesmo modo que um machado e uma enxó rechinam alto, quando o bronzista os mete na água fria, para lhes dar a têmpera - a força do ferro, - assim o olho do Ciclope produzia um forte rechino, em volta do pau de oliveira].

IX [395-433]

O gigante soltou um tremendo urro, tão forte que a rocha ecoou em volta e nós recuámos, assustados. Extraíndo, depois, do olho o pau sujo de sangue, o ' Ciclope louco de dor, arremessou-o de si com as mãos e chamou a altas vozes os Ciclopes que habitavam em covas, à roda dele, pelos cumes expostos aos ventos. Ao ouvirem os seus gritos, acorreram uns de um lado, outros doutro e, parando junto da gruta, perguntaram-lhe:

- Que aflição é essa, Polifemo? Porque gritas? Leva-te, porventura, alguém os teus rebanhos, mau grado teu? Matam-te por astúcia ou por violência?

Do seu antro respondeu-lhes o robusto Polifemo:

- ó amigos, Ninguém mata-me, por astúcia, não por violência.

Em resposta, disseram-lhe estas aladas palavras:

- Se, pois, estás só e ninguém te faz violência, é inevitável a moléstia que te envia o grande Zeus. Pede socorro a Posidão, teu pai.

Dito isto, afastaram-se; e eu ri-me no coração, vendo que o meu nome e o meu ardil excelente o enganara. O Ciclope, porém, gemendo e consumido de dores, removeu, a apalpar com as mãos, a pedra da porta; e assentou-se à entrada, com os braços estendidos, na esperança de apanhar algum de nós que caminhasse 'entre as ovelhas, -tão néscios nos julgava o brutamontes. Entretanto, reflectia na decisão que seria melhor tomar; e buscava um meio de salvar da morte os companheiros e a mim próprio. Urdi toda a espécie de enganos e de artifícios, visto tratar-se da vida e estar iminente um grande mal. Esta resolução, por fim, pareceu ao meu espírito a melhor.

Havia ali uns gordos e lanzudos carneiros, belos, grandes e de lã preta. Sem ruído, liguei- os três a três, com as varas bem entrelaçadas, sobre as quais dormia o Ciclope monstruoso, de pensamentos iníquos. O carneiro do meio levava um homem e os outros, um de cada lado, protegíam-no. Portanto, três carneiros para um homem. Quanto a niim, como visse outro, a melhor de todas as reses, tomei-o pelo dorso e pus-me debaixo

127 IX [434-468)

dele, cosido com o seu ventre lanzudo; e, de ânimo paciente, mantive-me nesta postura, agarrado com as mãos à sua lã muito -espessa. Assim, esperávamos, suspirando, que viesse a Aurora divina.

Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, então, os machos do rebanho apressaram-se para o pasto; mas as fêmeas, não tendo sido mungidas, batiam em volta do estábulo, porque as tetas estavam retesadas de leite. O pastor, esse, aflito com dores horrendas, apalpava o dorso a todas as reses, que ficavam paradas, sem o louco suspeitar sequer que os meus companheiros iam atados ao peito lanzudo delas. O meu carneiro foi o último do rebanho que se dirigiu para a porta, carregado com a sua lã e comigo, congeminador de artifícios. E o forte Polifemo apalpava-o, dizendo:

- Carneirinho, porque saís da gruta atrás do rebanho? Tu antes não saías depois das ovelhas, mas eras o primeiro que, a grandes passos, ia pastar as flores tenras da erva; o primeiro que chegava à corrente dos rios e, à tarde, querias sempre vir adiante para o curral; agora, porém, és o último de todos. Certamente, sentes a falta do olho do pastor, a quem, depois de dominar o meu espírito com o vinho, cegou, com os seus miseráveis companheiros, um malvado, esse Ninguém, que, segundo espero, não há-de escapar à morte. Oxalá tu pensasses como eu e foras dotado de palavra, para me dizer onde se oculta ele ao meu furor! Então, arremessaria o seu crânio contra o solo e espalhar-lhe-ia pela gruta os miolos; e o meu coração seria aliviado dos males que me causou esse abjecto

Ninguém.

Dito isto, deixou o carneiro sair para fora. E, tendo-nos afastado um pouco da gruta e do pátio, desprendi-me e logo soltei os companheiros. Depois, conduzimos a toda a pressa aquelas reses muito gordas e de pernas delgadas, por largos rodeios, até que, enfim, chegámos à nau. Os nossos companheiros alegraram-se de nos ver e por termos escapado à morte; mas choravam e gemiam por aqueles que morreram. Eu, porém, fazendo com as sobrancelhas um sinal a cada um, proibi-lhes o choro

128 IX [469-503)

e ordenei que levassem rapidamente para a nau as numerosas ovelhas de bonito velo e nos fôssemos pela água salgada.

Embarcados, acto contínuo, os remadores tomaram lugar nos bancos; e, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento. Quando estávamos a tal distância que um grito podia ainda fazer-se ouvir, atirei daí contra o Ciclope estas palavras mordazes: Ciclope, tu não devias ter comido no antro côncavo usando de força bruta, os companheiros de um homem fraco. As tuas acções criminosas, cruel, haviam de cair inexoravelmente sobre ti, que não temeste comer os teus hóspedes na tua própria casa; por isso, Zeus e os outros deuses te puniram.

Assim falei; e ele, de coração ainda mais aceso em ira, arrancou o cimo de um grande monte e arremessou-o contra nós, o qual veio cair um pouco atrás da nave de escura proa [e quase atingiu a extremidade do leme]. Em virtude da queda do rochedo, o mar recuou, mas logo a onda, fluindo de novo, arrastou a nau para a terra firme e constrangeu-a a ir para a costa. Mas eu, lançando mão a uma vara muito comprida, impeli-a para longe e, com um sinal de cabeça, ordenei aos companheiros que remassem, para sairmos do perigo; e eles, encurvando-se, remaram. Quando já tínhamos avançado no mar duas vezes mais, voltei a falar ao Ciclope, não obstante os companheiros, uns de um lado, outros doutro, tentarem impedir-

mo com brandas palavras, dizendo:

- Ulisses, porque queres excitar um homem tão feroz, que, com o penedo que arremessou agora ao mar, fez ir a nau de novo para terra, onde julgávamos encontrar a morte? Se ele ouvisse, então, algum de nós gritar ou falar, com o rochedo anfractuoso que arrojasse, ter-nos-ia triturado as cabeças e ao mesmo tempo as vigas da nave, -tão longe ele atira.

Assim disseram; mas não convenceram o meu coração; e com espírito malévolo clamei de novo: Ciclope, se algum dos homens mortais te perguntar a causa da tua vergonhosa cegueira,

129 O-9 IX (504-537)

dize-lhe que quem te cegou foi Ulisses, o assolador de cidades, filho de Laertes, que habita em Ítaca.

Assim disse eu; e ele respondeu com um gemido:

- Ai de mim. Na verdade, cumpriu-se a predição de um velho oráculo. Existia aqui um adivinho, um homem bom e grande, Télemo, filho de Eurímides, o qual se distinguia na arte de vaticinar e que envelheceu entre os Ciclopes, vaticinando. Este, predisse-me tudo quanto me havia de suceder no futuro; e que perderia a vista às mãos de Ulisses. Eu sempre esperei que viesse ter comigo um homem belo, alto e dotado de grande força; mas aquele que me cegou, depois de me subjugar com o vinho, é um Zé-ninguém pequeno e débil. Volta aqui, para que te ofereça os dons de hospitalidade e rogue ao ínclito Sacudidor da terra que te reconduza à pátria, pois sou seu filho e ele orgulha-se de ser o meu pai. E, se lhe aprouver, há-de curar-me, nenhum outro dos deuses bem-aventurados nem algum dos homens.

Assim falou; e eu repliquei-lhe: Oxalá pudesse privar-te do alento e da vida e enviar-te para o Hades! Tem isto por tão certo, como nunca hás-de ser curado, nem mesmo pelo

Sacudidor da terra.

Assim disse eu; e ele, em seguida, ergueu as mãos para os astros do céu e orou ao soberano Posidão:

- Escuta-me, ó Posidão de azul cabeleira, que circundas a terra. Se é certo que eu sou teu filho e tu te orgulhas de ser o meu pai, faz que Ulisses, o assolador de cidades, [filho de Laertes, que habita em Ítaca, não regresse à pátria. [Mas, se o seu destino for que torne a ver os amigos e volte ao bem construído palácio e à sua terra pátria, que isto seja tarde e depois de uma viagem má e de ter perdido todos os companheiros; que chegue sobre a nau de outrem e que encontre aflições na sua casa.

Assim orou ele; e o deus de azul cabeleira ouviu-o]. Depois, ergueu um bloco ainda muito maior, fê-lo girar com o braço, empregando a sua desmesurada força, e arremessou-o contra

IX (538-566)

nós, que veio cair um pouco atrás da nave de escura proa e atingiu quase a extremidade do leme. Em virtude da queda do rochedo, o mar recuou, mas a onda arrastou depois a nau e constrangeu-a a ir para a costa.

Apenas chegámos à ilha, onde ficaram reunidas as outras naus de boa cobertura com os companheiros assentados em volta, que, tristes, de contínuo nos esperavam, encalhámos a nau sobre a areia e saltámos para a praia. Tirámos, depois, da nau côncava as reses do Ciclope e distribuímo-las de tal sorte, que ninguém ficou sem uma parte igual. Distribuídas todas, os companheiros de belas grevas deram-me um carneiro só para mim, cuja's coxas queimei sobre a praia, em sacrifício ao filho de Crono, a Zeus, que se envolve em negras nuvens e reina sobre todos os deuses. Mas ele não atendeu ao sacrifício; antes meditava no modo de fazer perecer todas as naus de boa cobertura com os meus queridos companheiros. Assim, pois, durante todo o dia, até o pôr do Sol, estivemos

assentados a banquetearmos com grande abundância de carne e com vinho saboroso. Apenas se pôs o Sol e a noite sobreveio, deitámo-nos na praia do mar. Quando, porém, apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, então, ordenei aos companheiros que embarcassem e soltassem as amarras. Eles obedeceram, sem demora. Os remadores tomaram lugar nos bancos; e, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento.

Dali continuámos viagem, de coração triste, por haver perdido os nossos companheiros, contentes, não obstante, por nos ter salvado da morte.

RAPSO DIA X

Acerca de Éolo, dos Lestrígonos e de Circe

Chegámos, depois, à ilha Eólia ". Aqui habita Æolo, filho de Hípotes, caro aos deuses imortais, nesta ilha flutuante, cingida em toda a volta por um muro inabalável, de bronze, e sobranceado por uma rocha lisa. São doze os filhos que lhe hão nascido no seu palácio: seis raparigas e seis rapazes, todos ainda na flor da idade, aos quais aquelas tinham sido dadas por esposas. Vivem junto do seu pai e da mãe bondosa a banquetear-se continuamente, a quem são servidas iguarias sem conta. E, de dia, a casa cheia do fumo das carnes ecoa em volta, no pátio"; de noite, porém, dormem em tapetes e em leitos de talha artística, ao pé das pudicas esposas. Chegados, pois, à sua cidade e a seus paços magníficos, ÆOLO, durante um mês, tratou-me como amigo e pediu-me informações de tudo, de Ílion, das naus dos Argivos e da volta dos Aqueus; e eu respondi-lhe, como era justo. Quando, por fim, resolvido a partir, o exortei a reenviar-me, não mo negou; e mandou preparar-me o regresso. Esfolou, então, um boi de nove anos e deu-me, encerrados dentro da sua pele, os cursos dos ventos impetuosos, pois o ' filho de Crono fizera-o governador deles, dos quais podia aquietar ou excitar qual quisesse. E, numa das naves côncavas, atou o odre com um fio brilhante de prata, para que os ventos não soprassem, por pouco que fosse. Atrás de mim, depois, fez soprar o hálito do Zéfiro, a fim de que

seguíssemos avante, o que não devia acontecer, porque, por loucura nossa, perecemos.

X [28-66)

Navegámos durante nove dias e nove noites e, no décimo, já se descortinava a terra pátria e víamos, tão perto estávamos, os que acendiam fogueiras. Então, de cansado, deixei-me vencer do sono, pois tinha sempre dirigido o leme da nau. Não o queria confiar a outrem, para que chegássemos mais depressa à terra pátria. Os meus companheiros conversavam uns com os outros e julgavam que os presentes que me dera o magnânimo Éolo, filho de Hípotes, eram ouro e prata, para levar para casa. Assim diziam alguns, olhando para o seu vizinho:

- Hum! Como este varão é estimado de toda a gente, a cuja cidade e país chega. Muitas e preciosas riquezas leva do espólio de Tróia, enquanto nós, que fizemos viagem juntamente com ele, chegamos a casa de mãos vazias. E agora Éolo tratou-o como amigo e deu-lhe estes presentes. Vejamos quanto ouro e quanta prata está dentro do odre.

Assim diziam eles; e, prevalecendo o mau conselho, desataram o odre e todos os ventos saíram para fora. Imediatamente, a chorar, foram arrebatados pela tempestade da terra pátria para o mar alto. Eu, que despertara, reflecti se devia morrer nas ondas, saltando da nau, ou suportar tudo em silêncio e ficar entre os vivos. Resolvi sofrer e ficar. Recobrinde-me, continuei deitado na minha nau. Entretanto, o sopro funesto do vento levava-nos todos de novo para a ilha Eólia, enquanto os companheiros se iam lamentando. Uma vez ali, saímos para terra e fizemos aguada; depois, os meus companheiros tomaram a refeição, junto das naus ligeiras. Quando acabámos de comer e de beber, dirigi-me com outro e com um arauto para o famoso palácio de Eolo, que encontrámos a -banquetear-se, ao lado da esposa e dos seus filhos. Ao chegar aí, assentámo-nos junto das ombreiras da porta, no limiar; e eles, admirados, fizeram-me estas perguntas:

- Porque voltaste, Ulisses? Que pernicioso divindade te sobreveio? Nós enviámos-te com todo o cuidado, a fim de que chegasses a tua casa ou a outra parte que tu quisesses...

133 X [67-101)

Assim disseram eles; e eu, de coração aflito, repliquei-lhes: Os meus maus companheiros e um sono cruel foram a causa desta desgraça. Mas vós, amigos, já que podeis, remediai-a.

Assim lhes falei com estas palavras brandas. Mas eles conservaram-se em silêncio. Por fim, respondeu-me o pai:

- Parte já desta ilha, ó escória de todos os viventes. Não me é permitido tomar a meu cuidado nem reenviar para a pátria um homem a quem os deuses bem-aventurados odeiam. Vai-te!... Se voltaste aqui, é porque os imortais te Perseguem.

Falando assim, despediu-me do palácio, apesar dos meus profundos suspiros.

Dali continuámos viagem, de coração triste. E os meus homens, após a nossa tolice, já perdiam o ânimo, por causa do remar trabalhoso e porque nos faltava um guia. Navegámos durante seis dias e seis noites e, no sétimo, chegámos à alta cidade de Lamo, a Telépilo, na Lestrigónia ", onde um pastor, ao recolher o seu rebanho, chama outro, que lhe responde e sai logo. Aqui, um homem, que não dormisse, podia ganhar dois salários: um como pastor de bois e o outro por apascentar ovelhas de prateada lã - tão vizinhos são os caminhos da noite e os do dia.

Logo que chegámos ao porto excelente, que é rodeado por uma rocha íngreme, ininterrupta de todas as partes, e onde as arribas proeminentes avançam uma para a outra, formando um estreito, todos os meus companheiros levaram a remos as suas

naus para dentro e amarraram-nas no recôncavo, perto umas das outras, porquanto aí nunca se levantam ondas, nem grandes nem pequenas, e reina sempre uma serenidade cristalina. Só eu é que deixei a nave escura fora do porto, numa das suas extremidades, e lancei as amarras a um rochedo; depois subi a uma atalaia escarpada, donde não se descortinavam nenhuns sinais nem de bois nem de homens, mas só o fumo que subia da terra. Então, escolhendo dois homens e dando-lhes um terceiro como

134 X (102-134)

arauto, enviei-os a colher informações acerca dos habitantes que naquela terra viviam de pão. Eles desembarcaram e foram andando por um caminho plano, por onde os carros descem dos altos montes com lenha para a cidade; e, a pouca distância desta, encontraram uma donzela, a filha ilustre do lestrígone Antífates, que ia buscar água à fonte de bela corrente, a Artácia *, donde os 'cidadinos se abastecem. Detendo-se perto dela, dirigiram-lhe a palavra e perguntaram-lhe quem era o rei daquela terra e sobre que povo reinava. A donzela indicou-lhes imediatamente o palácio de alto tecto do seu pai. Eles, apenas entraram na habitação indicada, viram a esposa do rei, que era tal qual um pedaço de monte, pelo que ficaram amedrontados. Esta chamou logo da ágora o egrégio Antífates, o seu esposo, que maquinou contra os meus companheiros morte cruel. Agarrando um, sem mais detença, preparou com ele o seu jantar, enquanto os outros dois vieram para as naus, em precipitada fuga. Antífates, porém, gritou pela cidade, o que ouvindo os fortes Lestrígonos acorreram em grande número, uns de um lado outros doutro. Todos eles assemelhavam-se mais a gigantes do que a homens. . Depois, de cima dos rochedos, começaram a lançar sobre nós grandes pedras, enquanto subia das naus o fragor medonho dos que morriam e das naves que estalavam; e os Lestrígonos, fisingando os homens como se fossem peixes, levavam-nos para um banquete macabro, Mas, enquanto eles faziam perecer os que estavam dentro do porto, eu tirei a espada de junto da coxa e cortei as amarras da nau de proa escura. E imediatamente ordenei aos meus companheiros que remassem, a ver se escapávamos daquele perigo; e eles todos,

com medo da morte, feriram com os remos a água salgada. Alegrementemente fugi com a minha nau das rochas proeminentes para o mar; as outras, porém, foram destruídas todas naquele porto.

Dali, continuámos viagem, de coração triste, por ter perdido os companheiros, contentes, não obstante, por nos haver

135 X (135-175?

salvado da morte. Chegámos, depois, à ilha de Ecia onde mofava a Circe de belas tranças, a potente deusa dotada de voz humana, irmã carnal do pernicioso Ecta, pois ambos nasceram do Sol, que ilumina os mortais, e de Persa, filha do Oceano. Em silêncio, levámos, conduzidos por algum deus, o navio para dentro do porto, onde desembarcámos e permanecemos dois dias e duas noites, de ânimo consumido pelo cansaço e pela tristeza. Mas, quando a Aurora de belas tranças anunciou o dia terceiro, eu, tomando a minha lança e a espada de bom fio, encaminhei-me com presteza para uma atalaia, com o fim de ver trabalhos feitos por homens ou de ouvir a voz de gente. Estando, pois, num ponto alto e escarpado, vi o fumo que se elevava da terra de largos caminhos, dos paços de Circe, por entre as árvores de uma densa floresta. Logo que avistei o fumo avermelhado, reflecti se devia ir e informar-me. Deliberando assim, pareceu-me mais acertado volver à nau ligeira e à praia do mar; e, depois de distribuir aos companheiros a refeição, enviá-los a colher informações. Quando, porém, já ia perto da nau movida a remos, como eu fosse só, um deus, compadecendo-se de mim, fez sair-me ao caminho um cervo grande e de altas pontas, que, constrangido pelo ardor do Sol, baixava ao rio para beber, depois de ter pastado na floresta. Apenas surgiu, ferro no meio do espinhaço, atravessando-o com a lança de bronze, de lado a lado; e ele caiu no pó, soltou um gemido e exalou o último alento. Aproximei-me, então, e extraí da ferida a énea lança, que pus no chão. Em seguida, com ramos e vergas bem entrelaçados, arranjei um vincilho do tamanho de uma braça. Com ele atei as pernas do corpulento animal e transportei-o às costas para a nau escura, apoiado à lança, pois sobre o ombro e apenas com uma mão não podia levar a

enorme carga. Depois de chegar lá, deixei-o cair adiante da nave e, aproximando-me dos companheiros, exortei-os com estas palavras brandas: ó amigos, apesar da nossa aflição, não queiramos baixar à casa de Hades, antes que nos sobrevenha

X (176-210)

o dia fatal. Enquanto na ligeira nau houver comida e bebida, tratemos de comer e não pereçamos à fome.

Assim lhes falei; e eles atenderam às minhas palavras. Descobriram logo a cabeça 7' e foram admirar o veado à praia do mar estéril, que, na verdade, era muito grande. Quando os seus olhos se tinham fartado de o contemplar, lavaram as mãos e fizeram os preparativos de um banquete esplêndido. Assim, pois, durante todo o dia, até ao pôr do Sol, estivemos assentados a banquetear-nos com a grande abundância de carne e com o vinho saboroso; mas, logo que se pôs o Sol e a noite sobreveio, deitámo-nos na praia do mar. Apenas apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, então, reuni a assembléia dos companheiros e disse-lhes: [Ouvi as minhas palavras, não obstante as calamidades sofridas!] ó amigos, pois que não sabemos de que lado é o Ocidente nem a Aurora, nem onde o Sol, que ilumina os mortais, desce para debaixo da Terra ou se eleva de novo, vejamos, sem demora, se nos será possível encontrar alguma solução. Quanto a mim, não o creio. Depois de subir a uma atalaia escarpada, vi que a ilha é plana e que está cingida, como por uma coroa, pelo mar ímenso; observaram também os meus olhos fumo, no meio dela, a erguer-se por entre as árvores de uma densa floresta.

Assim lhes falei; e partiu-se-lhes o coração com a lembrança dos feitos do lestrígone Antífates e da violência do Ciclope orgulhoso, que comia homens. E derramavam muitas lágrimas, acompanhadas de altos lamentos; mas era-lhes inútil desfazer-se em Pranto.

Distribuí, então, todos os companheiros de belas grevas em dois grupos iguais e dei a cada um o seu chefe: eu comandava um grupo, o deiforme Euríloco comandava o outro.

Deitámos, imediatamente, sortes num elmo de bronze; e, como a sorte caísse ao magnânimo Euríloco, este partiu com vinte e dois companheiros, que iam a chorar e nos deixavam também lacrimosos. Num vale, em lugar descoberto em volta, encontraram

137 X (211-245)

o palácio de Circe construído de pedras polidas, em redor do qual havia lobos monteses e leões, que ela encantara, por meio de drogas funestas. E estes não investiram contra os meus homens, mas levantaram-se e faziam-lhes festas com as suas longas caudas. Do mesmo modo que os cães, dando ao rabo, rodeiam o seu dono, quando vem de um banquete, na esperança de que lhes traga um petisco, assim os lobos de fortes garras e os leões iam à volta dos meus companheiros, acariciando-os; mas estes assustaram-se, ao ver alimárias tão horríveis. Os homens pararam ao portal da deusa de belas tranças. Dentro, ouviram Circe a cantar com a sua linda voz, e a tecer, num grande tear, uma teia divina-teia subtil, graciosa e esplêndida, como só as deusas tecem. Polites, capitão de guerreiros, que me era o mais caro e o mais fiel de todos, começou a falar-lhes nestes termos:

- f amigos, alguém, deusa ou mulher, canta lá dentro um belo canto e vai tecendo num grande tear, porque o pavimento ressoa em volta. Chamemo-la!

Assim disse; e eles levantaram a voz e chamaram-na. Circe veio logo abrir-lhes a porta brilhante e convidou-os a entrar. Os imprudentes obedeceram-lhe todos, excepto Euríloco, que recusou, suspeitando de algum ardil. Como entrassem, ela fê-los assentar em cadeiras e poltronas e preparou-lhes uma mistura de queijo, farinha de cevada e mel fulvo com vinho de Prámnio, a que adicionou funestas drogas, para fazer-lhes esquecer de toda a terra pátria. Depois de lhes propinar esta mistela, tocou-os logo com uma varinha e encerrou-os em pocilgas. Ficaram todos com cabeça, voz, pêlo e feitio de porco, conservando todavia os seus espíritos sem mudança, tais como antes eram. Eles foram, pois,

encerrados, por mais que chorassem; e Circe pôs-lhes adiante, para comerem, azinhas, bolotas e o fruto do pilriteiro, que é o'que, de ordinário, comem os porcos, que se deitam no chão. Quanto a Euríloco, este voltou, sem demora à nau ligeira e escura a dar notícias dos companheiros e a anunciar-nos

X (246-278)

o seu destino acerbo. Não podia, porém, dizer palavra, por mais que quisesse, pois a grande dor oprimia-lhe o peito; os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas e não lhe restava ânimo senão para gemer. E nós todos olhávamos para ele, admirados, e fazíamos-lhe perguntas, até que, por fim, contou-nos a desgraça dos outros companheiros:

- Nós fomos, brilhante Ulisses, pela floresta de carvalhos, assim como tu' ordenaste, e, num vale, [num lugar descoberto em volta], encontrámos o palácio de Circe, [construído de pedras polidas]. Dentro, alguém, deusa ou mulher, cantava alto e ouvia-se o som dum grande tear. Eles levantaram a voz e chamaram. Circe veio logo abrir-lhes a porta resplandecente e convidou-os a entrar. Os imprudentes obedeceram-lhe todos, excepto eu, que recusei, por suspeitar algum artil. Eles desapareceram e nenhum se mostrou mais, ainda que estive longo tempo assentado, à espreita.

Assim disse; e eu lancei a rainha grande espada de bronze, com cravejamento de prata, em volta do ombro, bem como o arco e mandei-lhe que me guiasse pelo mesmo caminho que eles tinham seguido. Euríloco, porém, abraçava, suplicante, os meus joelhos com ambas as mãos e dirigia-me, por entre lamentos, estas aladas palavras:

- O aluno de Zeus, não me leves lá constrangido. Deixa-me ficar aqui. Sei que não hás-de voltar nem trazer algum dos teus companheiros. Fugamos antes, sem demora, todos os presentes, porque ainda poderemos escapar ao dia cruel.

Assim falou; e eu em resposta disse-lhe: Euríloco, fica aqui, neste lugar, a comer e a beber, junto da nau bojuda e

negra, que eu irei só, pois tenho necessidade urgente de lá ir.

Ditas estas palavras, afastei-me da nave e do mar. Mas, quando ia pelo sacro vale e estava a chegar ao grande palácio de Circe, versada em muitos bruxedos, veio ao meu encontro Hermes, o da varinha de oiro, na figura de um jovem, a quem começa

139 X (279-314)

a apontar o buço e tem todo o encanto da juventude. Tomou-me pela mão e falou assim:

- f infeliz, para onde vais só, por estes montes, sem conhecer a região? Os teus companheiros estão ali, no palácio de Circe, semelhantes a porcos, encerrados em boas pocilgas. Vais lá para os libertar? Eu não creio que voltes daí, antes ficarás onde os outros estão. Mas quero livrar-te desse mal e dar-te remédio contra isso. Olha! Entra no palácio de Circe com esta mezinha prodigiosa, que ela há-de afastar da tua cabeça o dia cruel. E agora vou revelar-te todos os propósitos perniciosos de Circe. Preparar-te-á certa mixórdia e pôr-te-á veneno no pão; mas não te poderá encantar, porque a mezinha prodigiosa que te darei, há-de atalhar o malefício. Atende bem ao que te digo! Logo que ela te ferir com a sua varinha comprida, tira a cortante espada de junto da coxa e investe contra ela, como se a quisesse matar. A deusa temendo-te, convidar-te-á a partilhar do seu leito, o que não deves negar-lhe, para que liberte os teus companheiros e te receba benevolmente. Exorta-a, porém, a prestar o solene juramento dos deuses bem-aventurados, de que não usará de suas artimanhas para a tua ruína, não suceda que, estando tu desarmado, te prive do teu valor e da tua força.

Depois destas palavras, o Argifonte deu-me uma planta que extraiu da terra e cuja natureza me explicou. Tinha negra a raiz e a flor semelhante ao leite. Chamam-lhe os deuses viólio " e os homens mortais dificilmente a arrancam; os deuses, porém, tudo podem. Hermes afastou-se, em seguida,

para o vasto Olimpo, através da nemorosa ilha, e eu fui para o palácio de Circe, agitado no meu coração por muitos pensamentos. Ao portal da deusa de belas tranças, parei e pus-me a chamar alto. Ela, ouvindo a minha voz, correu logo a abrir-me a porta resplandecente e convidou-me a segui-la. Eu obedeci-lhe, de coração aflito. Apenas entrei, Circe mandou-me assentar numa bela poltrona artística, cravejada de prata e com um escabelo para os pés. Em seguida,

X [315-353]

preparou-me uma beberagem, num copo de ouro, na qual, meditando propósitos funestos no seu coração, deitou uma droga. Depois de me dar esta a beber e eu a tomar, sem ficar encantado, tocou-me com uma varinha, dizendo:

- Vai agora para a pocilga deitar-te com os companheiros.

Assim falou; mas eu tirei a minha espada de bom fio de junto da coxa e investi contra Circe, como se a quisesse matar. Ela, porém, aos gritos, correu para niim e abraçou-me os joelhos, dizendo estas aladas palavras:

- Quem és tu? Qual é a tua terra e onde fica a tua cidade? Onde moram os teus pais? Admiro-me de que não ficasses encantado, depois de beber esta mezinha. Nenhum outro, após a bebida de tal droga e de lhe ter passado o cerco dos dentes, pôde resistir-lhe. [No teu peito, existe um espírito superior a encantamentos]. Sem dúvida, és o experto Ulisses, de quem o Argifonte da vara áurea me tem dito, muitas vezes, que há-de vir de Tróia, de regresso à pátria, numa nau ligeira e escura. Eia, mete a espada na bainha e sobe a partilhar do meu leito, para que assim ganhemos confiança mútua.

Assim falou ela; mas eu repliquei-lhe: ó Circe, como podes exortar-me a que te seja benévolo? Tu transformaste, nos teus paços, os meus companheiros em porcos e a mim, que me tens aqui, exortas-me, insidiosamente, a ir para a tua câmara e a subir ao teu leito, para que, estando desarmado, me prives

do meu valor e da minha força. Eu não quero satisfazer-te, a vontade, sem que, ó deusa, me faças solene juramento de que não intentarás algum mal para minha ruína.

Tendo dito isto, ela jurou logo, como lhe ordenei. Depois, quando jurara e tinha pronunciado de todo o juramento, fui para o magnífico leito de Circe.

No palácio lidavam, entretanto, quatro escravas, que eram as criadas da sua casa e nasceram das fontes, dos bosques e dos rios sagrados, que correm para o mar. Uma colocava por cima das poltronas panos magníficos de púrpura, por sobre um

141 X [354-387)

pano de linho; a segunda dispunha adiante delas mesas argêntas e punha-lhes em cima açafates de ouro; a terceira misturava o vinho melífero e saboroso, numa cratera de prata, e deitava-o em copos de ouro; a quarta, enfim, trouxe água e fez uma fogueira debaixo de uma grande trípode, para a aquecer. Apenas a água tinha aquecido no bronze fúlgido, Circe mandou-me ir para uma banheira e lavou-me aí com água da grande trípode, depois de fazer uma mistura deliciosa, derramando-a por cima da minha cabeça e dos ombros, até me tirar dos membros o cansaço que me consumia.

Apenas saí do banho, ungido com óleo pingue e com um manto esplêndido sobre a túnica, ela conduziu-me para uma bela poltrona artística, cravejada de prata e com um escabelo para os pés, na qual me mandou assentar. Uma criada trouxe, então, água, num bonito jarro de ouro, deitou-a nas mãos, sobre uma argêntea bacia, e colocou uma mesa polida adiante de mim. Uma dispensara venerável serviu-me pão, além de muitas outras iguarias [das provisões guardadas, de que distribuía com prazer]. Circe ordenou-me que comesse; mas ao meu ânimo não lhe aprazia isso e estava assentado a pensar noutras coisas e a prever desgraças no meu coração. Como ela notasse que eu continuava assentado, sem estender as mãos para as iguarias, e que uma grande dor me afligia, aproximou-se de mim e dirigiu-me estas aladas palavras:

- Porque estás assentado em silêncio, Ulisses, de coração consumido e sem tocar nos manjares? Suspeitas, porventura, algum outro artifício? Tu não deves recear nada, porque já te prestei solene juramento.

Assim falou; e eu disse-lhe em resposta: ó Circe, que homem, sendo justo, se atreveria a provar comida ou bebida, antes de ter libertado os seus companheiros e os ver com os próprios olhos? Se é de ânimo benévolo que me exortas a beber e a comer, liberta os queridos companheiros, para que eu os veja com os meus olhos.

142 X [388-423]

Depois destas palavras, Circe saiu da sala com a varinha na mão e, abrindo as portas da pocilga, conduziu para fora os meus companheiros, na figura de porcos de nove anos. Estes estavam em frente de mim e a deusa ia pelo meio deles e untava-os com uma droga. Então, de seus membros caíram as cerdas, efeito de outra droga que a veneranda Circe lhes dera; e transformaram-se de novo em homens, mas mais jovens do que antes, muito mais bonitos e maiores. Eles reconheceram-me e cada um apertou-me fortemente a mão. Todos derramavam lágrimas de alegria e as suas vozes ecoavam alto pelo palácio, de sorte que a própria deusa, que estava junto de mim, se enterneceu e disse-me:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, vai à nau ligeira e, antes de mais nada, arrastai-a para a praia e escondei todas as riquezas e os aparelhos nas grutas. Tu, depois, volta e traz contigo os amados companheiros.

Assim falou e, deixando-se convencer o meu ânimo generoso, dirigi-me logo para a nau ligeira e para a praia do mar. Aí encontrei os queridos companheiros, junto da ligeira nave, que lastimosamente se queixavam e derramavam abundantes lágrimas. Do mesmo modo que as novilhas de um cercado, quando as vacas da manada voltam ao aprisco, fartas de pasto, saltam

todas ao seu encontro e, não suportando mais o cercado, vão com mugidos contínuos a correr ao redor das mães, assim os meus companheiros, apenas me viram com os seus olhos, precipitaram-se sobre mim, a chorar de alegria. O sentimento deles era como se tivessem chegado à pátria e à sua cidade, na Ítaca rude, onde nasceram e foram criados. E, por entre suspiros,. disseram-me estas palavras:

- ó aluno de Zeus, a tua vinda alegra-nos tanto, como se tivéssemos chegado a Ítaca, nossa terra pátria. Mas conta-nos a morte dos outros companheiros.

Assim falaram eles; e eu, com termos suaves, retorqui-lhes: Antes de mais nada, arrastemos a nau para terra e transportemos

143 X (424-457)

as riquezas e os aparelhos todos para as grutas. Depois, apressai-vos todos a seguir-me, para que vejais, no sacro palácio de Circe, como os companheiros bebem e comem, pois têm tudo em abundância.

Assim disse eu; e obedeceram logo à minha ordem. Euríloco foi o único que procurou deter os companheiros; [e, dirigindo-se a eles, disse estas aladas palavras:]

- Ai, infelizes! Para onde ides vós? Porque desejais o vosso próprio mal, indo para o palácio de Circe? Ela mudar-nos-á a todos em porcos, lobos ou leões; e teremos de guardar a sua grande morada. Usará connosco de violência, assim como fez o Ciclope, quando os nossos companheiros chegaram ao seu antro, acompanhados do ousado Ulisses, por cuja temeridade pereceram.

Assim falou; e em meu espírito pensei em desembainhar a espada de longo fio de junto da gorda coxa, em cortar-lhe a cabeça com ela e fazê-la rolar no chão, apesar de ser meu parente muito chegado. Os companheiros, porém, uns de um lado, outros doutro, detiveram-me com palavras brandas,

dizendo:

- Ulisses da estirpe de Zeus, este, se tu mandas, deixá-lo-emos ficar aqui, ao pé da nau, a guardá-la; mas a nós guia-nos para o sacro palácio de Circe.

Ditas estas palavras, afastámo-nos da nau e do mar. Mas Euríloco não ficou junto da nave bojuda; foi- nos seguindo, atemorizado pela minha ameaça terrível.

Entretanto, Circe tinha no seu palácio banhado cuidadosamente os outros companheiros; e, depois de ungidos com óleo pingue, deitou-lhes aos ombros mantos de lã por sobre as túnicas. A nossa chegada, encontrámo-los todos banquetecendo-se, alegremente, na sala. E quando se reconheceram mutuamente, começaram a chorar e a gemer; e os suspiros ecoavam, em volta, pela casa. Mas a deusa preclara aproximou-se e disse-nos:

- [Filho de Laertes da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos,] suspendam o copioso pranto! Eu também sei quantas

144 X [458-492)

desgraças sofrestes no mar piscoso e quanto vos danificaram homens inimigos, nas suas terras. Tomai alimento e bebei vinho até que o vosso peito recobre de novo o antigo ânimo que tínheis, quando deixastes a terra da rude ïtaca.

Presentemente, estais fracos e desalentados com a contínua recordação da vossa dolorosa vida errante; e não vos penetra mais a alegria no coração, depois do muitíssimo que sofrestes.

Isto disse ela; e o nosso generoso ânimo deixou-se persuadir.

Ali assentávamo-nos todos os dias, durante um ano completo, banqueando-nos com carne em abundância e bebendo vinho saboroso. Mas, quando se tinha já passado um ano e as estações voltaram a suceder-se, [à medida que os meses

terminavam; quando, enfim, vieram os grandes dias,] então, os meus queridos companheiros chamaram por mim e disseram-me:

- Infeliz, é tempo de pensar já na pátria, se tencionas salvar-te e chegar ao teu palácio excelso e à terra dos teus pais.

[Deste modo falaram eles; e o meu generoso ânimo deixou-se persuadir.

Assim, pois, durante todo o dia, até ao pôr do Sol, estivemos assentados, a banquetear-nos com grande abundância de carne e com vinho saboroso; mas, logo que se pôs o Sol e a noite sobreveio, deitámo-nos pelas sombrias salas]. Eu, porém, tendo subido ao leito magnífico de Circe, abracei os joelhos da deusa, que ouviu a minha voz. [Eu disse-lhe estas aladas palavras:] ó Circe, cumpre a promessa que me fizeste de me reenviar para a pátria. O meu ânimo já me impele a partir e o dos companheiros também. Eles afligem o meu coração, lamentando-se à volta de mim, quando tu estás ausente.

Assim lhe falei; e a deusa preclara retorqui-me:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, não fiques por mais tempo na minha casa, contra a vossa vontade. Parti! Mas, primeiro, deveis empreender uma outra viagem -visitar a casa de Hades e da terrível Perséfone, para consultar a alma do tebano Tirésias, o cego

145 O-IQ X (493-527)

adivinho, cujo espírito se conserva sem alteração. Ele é o único a quem Perséfone concedeu, depois da morte, o dom de predizer, entre os mortos, que esvoaçam como sombras.

Assim disse; e o meu coração confrangeu-se. Pus-me a chorar, assentado na cama, sem ânimo para viver mais e ver a luz do Sol. Mas, quando estava farto de chorar e de rolar-me pelo leito, então, respondi-lhe com estas palavras: ó Circe,

quem será o nosso guia nessa viagem, pois ninguém jamais chegou em escura nau à casa de Hades?

Assim lhe falei; e a deusa preclara retorqui-me:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos. não te preocupe o desejo de que a nave tenha um guia. Depois de erguer o mastro e desfraldar as brancas velas, assenta-te, que o sopro do Bóreas conduzi-la-á. Logo que tiveres atravessado o Oceano" e chegares ao ponto, onde a costa avulta pouco" e está o bosque consagrado a Perséfone (altos álamos negros e salgueiros, de que não vinga o fruto), aí faz aportar a nave, na margem do Oceano de profundos turbilhões, e encaminha-te para a tenebrosa morada de Hades. Ali correm para o Aqueronte o Piriflegétone e o Cocito que é um braço da água da Estige. Estes dois rumorosos rios confluem no lugar, onde existe uma rocha.

Aproxima-te, herói, dessa região, como te exorto, e abre um fosso, cujos lados tenham um côvado de largura. Faz, depois, em volta dele três libações a todos os mortos: a primeira com mistura de mel, a segunda com vinho doce e a terceira com água; e espalha, finalmente, por cima farinha branca de cevada. Implora, em seguida, muitas vezes, as cabeças lânguidas dos mortos, com a promessa, logo que chegues à itaca estéril, de sacrificar, no teu palácio, a melhor vaca e encher a pira de ofertas excelentes em sua honra; e de imolar a Tirésias em separado, um carneiro todo preto, que se distinga nos vossos rebanhos. Depois de ter dirigido as tuas preces ao ínclito povo dos mortos, sacrifica-lhes um carneiro e uma ovelha negra, com

X (528-563)

a cabeça da vítima voltada para o Érebo; mas tu olha só para as águas do rio ". Ao fosso acorrerão muitas almas dos defuntos. Entrementes, exorta os teus companheiros e manda-lhes que esfolem as reses, que estão no chão, degoladas pelo bronze cruel, e que as queimem, fazendo votos aos deuses, ao poderoso Hades e à terrível Perséfone. Tu, depois de ter

desembainhado a espada de bom fio de junto da coxa, assenta-te e não permitas que as cabeças lânguidas dos mortos se aproximem do sangue, antes de teres sido instruído por Tirésias. O adivinho, ó chefe de guerreiros, virá logo e declarar-te-á o roteiro e a extensão do teu caminho, bem como o modo de regressares, navegando por sobre o mar piscoso.

Tais foram as suas palavras; e a Aurora de áureo trono surgiu, em breve. A ninfa lançou, então, à volta de mim um manto e uma túnica; e ela pôs um fino e gracioso vestido, longo e alvo como a prata, que apertou na cinta com um belo laço de ouro, e envolveu, depois, a cabeça num véu. Eu fui, em seguida, pela casa animar os companheiros e, aproximando-me de cada um deles, dizia-lhes estas palavras brandas: Não vos entregueis mais ao doce sono, mas partamos, que assim o aconselha a veneranda Circe.

Deste modo lhes falava eu; e o seu ânimo generoso deixou-se persuadir. Mas nem desta vez consegui pôr a salvo os companheiros. Um certo Elpenor, o mais jovem de todos, que não era muito valente na guerra nem sábio em conselho, deitara-se, pesado do vinho, num lugar à parte, no terraço do templo de Circe, com desejo de refrescar. Ao ouvir, porém, o falatório e o barulho dos que partiam, levantou-se à pressa e, como se esquecesse das voltas que iam dar à descida, rompeu a direito e caiu abaixo. Em consequência, partiu as vértebras do pescoço e a sua alma baixou ao Hades ".

Reunidos todos os companheiros, eu falei-lhes assim: Vós julgais certamente que ides para a vossa casa, para a terra pátria; Circe, ordenou-nos uma outra viagem: mandou-nos ir à morada

X [564-574)

de Hades e da terrível Perséfone, para que consultemos a alma do tebano Tirésias.

Assim disse; e o coração deles confrangeu-se. Assentados ali, choravam e arrancavam os cabelos, sem que isto lhes desse

remédio algum.

Quando nos encaminhávamos para a nau escura e para a praia do mar, aflitos e derramando copioso pranto, já Circe tinha ido adiante e atado um carneiro e uma ovelha preta ao lado da nau. Ela passara por nós sem ser notada, porque quem poderia ver com os seus olhos uma divindade, para qualquer parte que ela vá, se não quiser?

148 [I-291

RAPSO DIA XI

Evocação dos mortos

Apenas chegámos à nau e ao mar brilhante, antes de mais nada, arrastámo-la para a água e pusemos-lhe o mastro e as velas; embarcámos, depois, as reses, e, por fim, entrámos nós, aflitos e derramando copioso pranto. Atrás da nau de escura proa, Circe, a poderosa deusa de belas tranças e dotada de voz humana, enviou-nos a monção, boa companheira de viagem, que enfunava as velas. E, postos em ordem todos os aparelhos, assentámo-nos pela nau, que o vento e o piloto dirigiam. Durante o dia, navegou com as velas desfraldadas; e, quando se pôs o Sol e todos os caminhos iam escurecendo, chegava aos confins do Oceano de profunda corrente.

Ali está situada a terra e a cidade dos Cimérios " que a bruma e as nuvens encobrem, sem que jamais o Sol brilhante lhe envie os seus raios, quando sobe ao céu estrelado ou quando baixa de novo à Terra: aí, pois, uma noite de morte estende-se sobre os infelizes mortais. Tendo nós chegado a uma tal região, levámos a nau para terra e tirámos para fora as reses; depois, caminhamos ao longo da corrente do Oceano, até ao ponto que fora indicado por Circe.

Aí, Perímedes e Euríloco seguraram as vítimas para o

sacrifício; e eu, tirada a espada de bom fio de junto da coxa, abri um fosso cujos lados tinham um côvado de largura. Fiz em volta dele três libações a todos os mortos: a primeira com leite e mel, a segunda com vinho doce e a terceira com água; e espalhei, finalmente, por cima farinha branca de cevada. Implorei, em seguida, muitas vezes, as cabeças lânguidas dos mortos e

149 XI [30-63]

prometi-lhes, logo que chegasse à ìtaca estéril ' sacrificar no meu palácio a melhor vaca e encher a pira de ofertas excelentes em sua honra; e que, imolaria a Tirésias em separado, um carneiro completamente preto, que se distinguisse nos nossos rebanhos. Depois de ter dirigido os meus votos e as minhas preces ao povo dos mortos, tomei as reses e degolei-as em cima do fosso. O sangue negro correu e logo as almas dos defuntos subiram do Érebo e ajuntaram-se. [Vieram mulheres, mancebos, anciãos, que tinham suportado muitos males, delicadas meninas, de ânimo atormentado por penas recentes, e muitos varões que foram mortos na guerra, feridos com lanças de bronze, cujas armaduras estavam manchadas de sangue. Toda esta multidão andava em volta do fosso, uns por um lado, outros por outro, fazendo grande alarido, de sorte que eu empalideci de terror].

Em seguida, mandei aos meus companheiros que esfolassem as reses que jaziam no chão, degoladas pelo bronze cruel, e que as queimassem, fazendo votos aos deuses, ao poderoso Hades e à terrível Perséfone. Mas eu, depois de desembainhar a espada de bom fio de junto da coxa, assentei-me e não permiti que as cabeças lânguidas dos mortos se aproximassem do sangue, antes de ter sido instruído por Tirésias.

A alma que primeiramente veio foi a do companheiro Elpenor, que não tinha ainda sido sepultado na terra de largos caminhos. Nós deixáramos o seu corpo no palácio de Circe por chorar e insepulto, porque outras ocupações urgiam. Ao vê-lo, compadeceu-se o meu coração e, com lágrimas nos olhos, dirigi-lhe estas aladas palavras: Elpenor, como vieste parar a

estas densas trevas? Tu a pé chegaste primeiro do que eu com a escura nau. Assim falei; e ele, por entre gemidos, replicou-me:

- [Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos,] a má vontade de um deus e o excesso do vinho causaram a minha desgraça. Tendo-me deitado no terraço do templo da Circe, como não pensasse em voltar atrás, para descer pela

XI [64-97)

escada, caminhei a direito e caí abaixo. Em consequência disso, parti as vértebras do pescoço e a minha alma baixou ao Hades. Agora peço-te, pelos ausentes, que te ficaram em casa, por tua esposa, pelo pai, que te alimentou em pequeno, e por Telémaco, o único filho que deixaste no teu palácio - sei que, partindo daqui, da morada de Hades, deterás a nau consistente na ilha de Eeia - rogo-te por eles, senhor, que te lembres aí de mim! Não te afastes, deixando o meu corpo por chorar e insepulto, para que não seja causa de que os deuses se indignem contra ti; mas queima-me com as armas que me restam e eleva-me, na praia do mar pardacento, um túmulo que seja memória deste desgraçado, a fim de que os vindouros se lembrem dele. Faz-me isto e põe sobre o túmulo o remo, com que eu em vida remava com os meus companheiros.

Assim falou ele; e eu repliquei-lhe: ó infeliz, eu cumprirei tudo isso; eu farei o que me pedes.

Nós estávamos assentados, a trocar estes tristes discursos; mas eu conservava a espada estendida sobre o sangue, enquanto a alma do companheiro falava, do lado oposto.

Veio, depois, a alma da minha defunta mãe, de Anticleia, filha do magnânimo Autólico, a qual deixara viva quando parti para a sacra Ílion. Ao vê-la, com'padeceu-se o meu coração até às lágrimas; contudo, se bem que muito contristado, não lhe permiti aproximar-se do sangue, antes de ser instruído por Tirésias.

A alma do Tebano veio a seguir com um ceptro de oiro e, reconhecendo-me, disse:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, porque deixaste, infeliz, a luz do Sol e vieste aqui ver os mortos, a esta desagradável região? Afasta-te do fosso e retira a espada de bom fio, para que eu beba o sangue e te diga a verdade toda.

Assim falou; e eu retirei a espada de cravejamento de prata

151 XI [98-134)

meti-a na bainha. O adivinho irrepreensível, depois que bebeu sangue negro, dirigiu-me estas palavras:

- f preclaro Ulisses, tu esforças-te por conseguir o teu doce regresso; um deus, porém, tornar- to-á difícil. Não creio que passes despercebido ao Sacudidor da terra, cujo coração está em cólera contra ti, por lhe teres cegado o filho". Mas, apesar de reveses,- ainda chegaríeis à pátria, se quisesses conter o teu ânimo e o dos companheiros, quando, salvos do mar violáceo, aproximardes, pela primeira vez, a nau resistente da ilha Trinácia e nela encontrardes, pastando, as vacas e as ovelhas gordas do Sol, que tudo vê e tudo escuta. Se as deixardes ilesas e tratardes do regresso, posto que sofrais trabalhos, chegareis a itaca; mas se vós lhes fizerdes mal, então anuncio-te a ruína da nave e a dos teus companheiros. E, se bem que te salves, todavia chegarás tarde à terra pátria e depois de uma viagem má e de ter perdido toda a tua equipagem. Irás sobre a nau de outrem e encontrarás aflições na tua casa: homens atrevidos que te consomem a fazenda e pretendem a esposa, semelhante a uma deusa, à qual oferecem presentes. Contudo, quando chegares, vingar-te-ás das violências deles.

Logo que no teu palácio tenhas dado morte aos pretendentes, por astúcia ou cara a cara, põe-te a caminho cóm

um remo de fácil manejo ao ombro, até que te vejas entre uns homens que nunca viram o mar, que não comem os alimentos temperados com sal, nem conhecem as naus de proas vermelhas ou os remos de fácil manejo, que são as asas das naus. Vou dar-te um sinal muito certo que não te passará despercebido. Quando vier ao teu encontro outro viajante e ele te disser que levas uma pá de limpar grão sobre o ombro brilhante, crava na terra o remo de fácil manejo e oferece sacrifícios esplêndidos ao soberano Posidão - um carneiro, um toiro e um javali; em seguida, volta para casa e sacrifica hecatombes sagradas aos deuses imortais, moradores do amplo céu, a cada um por sua ordem. Uma sauíssima morte surpreender-te-á, depois, longe do mar. Ela apoderar-se-á

152 XI [135-171)

de ti, quando te sentires cansado de uma velhice opulenta e à tua volta os cidadãos forem felizes. Estas predições cumprir-se-ão.

Assim falou ele; e em resposta disse-lhe: Tirésias, esses vaticínios decretaram-nos, sem dúvida, os próprios deuses. Fala e responde-me com franqueza. Eu vejo a alma de minha defunta mãe, que está assentada em silêncio junto do sangue, sem se atrever a olhar de frente para o seu filho, nem a dirigir-lhe a palavra. Dize, senhor, como poderia ela conhecer quem eu sou?

Assim falei; e o adivinho replicou-me imediatamente.

- Vou dizer-to em poucas palavras; e tu compreendê-lo-ás. Aquele dos mortos, a quem permitires aproximar-se do sangue, dir-te-á a verdade; mas ao que recusares, esse retirar-se-á.

Dito isto, a alma do adivinho Tirésias voltou para dentro do Hades, depois de manifestar-me os vaticínios. Eu, porém, permaneci imóvel, no mesmo sítio, até a minha mãe vir beber o sangue negro. Reconheceu-me logo e, por entre suspiros, dirigiu-me estas aladas palavras:

- Meu filho, como vieste em vida a esta densa escuridão? Os vivos dificilmente podem ver estes lugares, [porque os separam grandes rios, medonhas torrentes e sobretudo o Oceano, que ninguém pode atravessar a pé, mas só aquele que possuir uma nau resistente]. Chegaste agora, porventura, de Tróia, depois de andar errante, por muito tempo, com a nau e os teus companheiros? Não foste ainda a Ítaca, nem viste a tua mulher, no palácio?

Assim falou; e eu em resposta disse-lhe: Minha mãe, tive necessidade de descer ao Hades, para consultar a alma do tebanos Tirésias. Na verdade, ainda não me aproximei da Acaia nem pus os pés na nossa terra, pois tenho andado sempre errante e a padecer aflições, desde o primeiro momento em que segui ao ilustre Agamémnon para Ílion de belos cavalos, a fim de combater contra os Troianos. Mas fala e responde-me com franqueza: que espécie de morte prostradora te subjugou? Foi uma

153 XI (172-212)

doença longa ou matou-te a frecheira Ártemis com os seus dardos suaves? Fala-me do pai e do filho que deixei em casa. Dize-me se eles ainda conservam a minha soberania ou se outro homem se apoderou dela, na crença de que eu não volte mais. Revela-me a vontade e o pensamento da minha legítima esposa: se ela continua junto do seu filho, conservando tudo sem mudança, ou se algum nobre Aqueu já a tomou por mulher.

Assim falei; e a minha veneranda mãe respondeu-me:

- Ela continua no teu palácio, de coração paciente; e consome os dias e as noites a chorar de contínuo. Ainda ninguém se apoderou da tua bela realeza. Telémaco cultiva em paz as propriedades e toma parte em banquetes, com os quais deve interessar-se quem administra justiça; e toda a gente o convida. Teu pai está no campo, sem baixar à cidade. Ele não

se serve para jazida de nenhum leito com mantos e colchas esplêndidas. De Inverno, dorme com os escravos em casa, na cinza, junto ao fogo, e cobre o corpo com andrajos vis; mas, quando chega o Estio e o Outono luxuriante, tem cama em toda a parte, no terreno fértil da vinha, sobre as folhas que jazem no chão. Ali tem, tristemente, o seu leito; e o desejo de que volte aumenta a dor do seu coração, além dos incómodos dos anos, que sobre ele pesam. Foi por isso que eu morri e cumpri o meu destino. Não me matou, no palácio, a frecheira hábil com os seus suaves dardos; nem me sobreveio alguma enfermidade que me levasse dos membros o vigor, por causa de um doloroso definhamento. Mataram-me saudades de ti, cuidados a teu respeito, preclaro Ulisses, e a minha ternura para contigo.

Assim falou ela; e eu quis, comovido, abraçar a alma da minha defunta mãe. Três vezes me lancei para ela, pois o coração impelia-me a abraçá-la, e outras três se evolou dentre os meus braços, como uma sombra ou como um sonho. No meu coração, a dor tomou-se mais acerba e dirigi-lhe estas palavras ardentes: Minha mãe, porque me foges, quando desejo abraçar-te? Mesmo no Hades, abraçando-nos, desafojaríamos a nossa dor cruel! Acaso

XI [2i3-752)

enviou-me a ilustre Perséfone uma sombra vã, só para redobrar os meus tormentos?

Assim falei; e a minha veneranda mãe retorquiu-me:

- Ai, filho! Tu és o mais infeliz de todos os homens! Perséfone, a filha de Zeus, não te engana. Este é o destino dos mortais, apenas morrem: os tendões não seguram mais as carnes nem os ossos, que se tornam presa da força do fogo ardente, desde que o vigor abandona a ossatura branca; e a alma, depois de se evolir, esvoaça, em volta, como um sonho. Esforça-te por voltar à luz, o mais depressa possível, e retém na memória todas estas coisas, para as contar, depois, à tua mulher.

Tal era o nosso colóquio. Depois, vieram outras mulheres, enviadas pela ilustre Perséfone, que foram esposas ou filhas de varões insignes. Aglomeraram-se todas em volta do sangue negro e eu pensava na maneira de interrogar cada uma de per si. Ao meu espírito pareceu esta a melhor resolução: desembainhar a espada de longo fio de junto da coxa e não as deixar beber todas, ao mesmo tempo, o sangue negro. Então, elas aproximaram-se umas após outras; e todas, quantas eu interrogava, diziam-me a sua linhagem.

A primeira que vi foi Tiro, filha de nobre pai, a qual disse que descendia do ilustre Salmoneu e fora esposa de Creteu, filho de Éolo. Ela amara um rio, o divino Enipeu, que é o mais belo de quantos correm sobre a terra, e frequentava as proximidades da sua corrente cristalina. Mas o deus que sacode a terra e a circunda tomou a forma de Enipeu e deitou-se junto dela, na desembocadura do rio vorticoso. Vindo, porém, a onda purpúrea, qual montanha, cingiu-os, encurvando-se sobre eles, e ocultou o deus e a mulher mortal. Em seguida, Posidão tomou a mão de Tiro e dirigiu-lhe estas palavras:

- Mulher, alegra-te! Passado um ano, darás ao mundo filhos ilustres, porque nunca são estéreis os leitos dos imortais. Cuida-os e cria-os. E agora vai para casa e guarda-te de dizer o meu nome: para ti eu sou Posidão, o Sacudidor da terra.

155 XI (253-290]

Ditas estas palavras, mergulhou no mar ondulante. E Tiro deu à luz, no devido tempo, dois filhos: Pélias e Neleu, que foram ambos servidores valentes do grande Zeus e habitaram, Pélias, rico em rebanhos, na planície extensa de Iólco e Neleu, na arenosa Pilo. Mas, além destes, a mulher excelsa teve de Creteu outros filhos: Èsone, Ferete e Amitáone, bom lutador de carro.

Depois vi Antíopa, filha de Asopo, a qual se gloriava de ter dormido nos braços de Zeus e foi mãe de Anfíone e de Zeto. Estes foram os primeiros que fundaram a espaçosa Tebas das sete portas e a fortificaram, porque, apesar de serem ambos valentes, não a queriam habitar desguarnecida de baluartes.

Ademais, vi Alcmena, esposa de Anfitrião, que deu à luz, do abraço com o grande Zeus, o ousado Heracles, de coração leonino; e vi Mégara, filha do soberbo Creonte e mulher do filho de Anfitrião, de força invencível. Vi, depois, a mãe de Édipo, a bela Epicasta, que, sem saber, cometeu um grande crime: casou-se com o seu filho. Este, depois de matar o próprio pai, tomara-a por mulher. Mas os deuses em breve revelaram o facto aos homens. Contudo ele, não obstante os trabalhos que sofreu, por funesta determinação dos deuses, continuou a reinar sobre os descendentes de Cadmo, na muito encantadora Tebas. A mãe, porém, desceu à casa de Hades, de sólidas portas, depois de ter atado, vítima da sua dor, um laço funesto ao tecto alto da casa; e deixou em herança a seu filho os terríveis castigos, com que as Erínies infernais vingam os crimes cometidos contra uma mãe.

Vi também a belíssima Clóris, que, um dia, Neleu tomou por mulher, por causa da sua formosura, e a quem deu um dote imenso. Ela era a filha mais nova de Anfíone, filho de Iaso', poderoso rei de Orcómeno e dos Mínios; reinou em Pilo e deu à luz os filhos ilustres: Nestor, Crómio e o altivo Periclímeno. Além disso, foi mãe da ilustre Pero, encanto dos mortais, que era pretendida por todos os vizinhos; mas Neleu só a dava àquele que realizasse a empresa difícil de conduzir de Fílaca os bois

XI [291-330]

de Ificlo, de rodantes cascos e largas cabeças. unicamente um adivinho irrepreensível prometera trazê-las; mas impediram-no a má vontade de um deus e as cadeias pesadas, com que os boieiros do campo o prenderam. Depois, porém, que se passaram meses e dias e que, volvido um ano, as estações tornaram a

sucedem-se, então Ificlo soltou-o, após lhe ter, primeiro, revelado todos os oráculos. E assim se cumpriu a vontade de Zeus.

Vi também Leda, esposa de Tíndaro, que dele teve dois filhos de ânimo ousado: Castor, domador de cavalos, e Pólux, valente no pugilato. A estes conserva-os vivos a terra fecunda, em cujo seio são honrados por Zeus, onde vivem e morrem alternadamente, um dia um, outro dia outro, e recebem honras iguais aos deuses.

Vi, depois, Ifimédia, esposa de Aloeu, a qual dizia que tivera de Posidão dois filhos, que foram de curta vida: o divino Oto e o celeberrimo Efialto, os maiores homens que nutrira a terra fértil e os mais belos depois do ilustre Orião, pois aos nove anos já tinham nove côvados de largura e nove braças de alto. Eles ameaçaram aos imortais, dizendo que excitariam no Olimpo o tumulto duma impetuosa guerra. Quiseram pôr o Ossa sobre o Olimpo e sobre o Ossa o arborizado Pélio, para que o céu lhes fosse acessível; e tê-lo-iam feito, se chegassem à flor da juventude. Mas o filho de Zeus, o que Leto de bela cabeleira dera à luz, fê-los perecer a ambos, antes que a barba despontasse sob as suas fontes e uma penugem abundante tivesse coberto as suas faces.

Vi Fedra, Prócris e a bela Ariadna, filha do funesto Minos, a qual Teseu quis levar de Creta para a terra fértil da sacra Atenas; mas não o conseguiu, porque Ártemis, por denúncia de Dioniso a reteve em Dia", que o mar circunda. Vi Mera, Clímena e a odiosa Erifila", que trocou a preço de ouro o seu marido. Eu não poderia, enfim, dizer nem mencionar todas as esposas e filhas dos heróis que vi, porque, antes disso, chegaria ao termo a noite divina. São horas de ir dormir,

157 XI [33i-363)

na nave, com a equipagem ou aqui mesmo. Os deuses e vós tereis cuidado do meu regresso.

Assim falou Ulisses; e, na sala sombria, todos se conservaram quietos e em silêncio, presos da magia de seu discurso. Areta de níveos braços, tomando a palavra, disse:

- Feácios, que vos parece deste homem, do seu aspecto, da sua estatura e do seu espírito atilado? Ele é o meu hóspede, mas cada um de vós participa desta honra; por isso, não vos apresseis a reenviá-lo para a sua pátria nem recuseis os vossos presentes a um varão tão necessitado, pois, por vontade dos deuses, tendes nos palácios muitos bens.

Depois falou o velho herói Equeneu, [que era o mais antigo dos Feácios:]

- *f* amigos, a rainha prudentíssima não disse nada que não fosse a propósito ou que nós não esperássemos dela. Obedecei-lhe. Todavia, de Alcínoo, aqui presente, depende tudo: que ele resolva e dê ordens.

Então, Alcínoo, tomando a palavra, disse:

- Essa palavra cumprir-se-á, exactamente, enquanto eu for vivo e reinar sobre os Feácios, hábeis remadores. O nosso hóspede, apesar da sua ânsia de voltar à pátria, resigne-se a ficar entre nós até amanhã, para que lhe prepare todos os presentes. E na sua partida empenhar-se-ão todos os varões, maximamente eu, que governo nesta terra.

Replicou-lhe o prudente Ulisses:

- O rei Alcínoo, rei do mais excelente dos povos, se me ordenásseis que permanecesse aqui um ano, para me preparar, durante este tempo, o meu regresso e dar-me dons esplêndidos, eu conviria em ficar; pois ser-me-ia muito proveitoso chegar à minha pátria com as mãos cheias, atraindo assim o respeito e a estima de todos os homens, que assistissem à minha entrada em Ítaca.

Alcínoo disse-lhe em resposta: Ulisses, nós, ao reparar em ti, não te julgamos um impostor

XI [364-400)

ou um embusteiro, como há tantos que vivem, espalhados pela terra negra, a forjar mentiras sobre coisas que ninguém jamais poderá verificar. As tuas palavras são belas e nobres os teus pensamentos; e contaste com a eloquência de um aedo a história dos trabalhos deploráveis de todos os Argivos e os teus. Mas, fala e dize-nos, claramente, se viste alguns dos teus companheiros deiformes, que foram contigo a Ílion e aí terminaram o seu destino. A noite é muito grande, não tem fim; e, no palácio, ainda não são horas de dormir. Conta-me esses feitos admiráveis. Eu de bom grado aqui ficaria até à madrugada, se quisesses falar-me ainda dos teus trabalhos.

Replicou-lhe o circunspecto Ulisses:

- *f* rei Alcínoo, rei do mais excelente dos povos, há tempo para longos discursos e tempo para dormir. Se, na verdade, desejas ainda escutar-me, não recusarei referir-te outras coisas mais lamentáveis do que as precedentes, a saber, os trabalhos dos meus companheiros, que, depois de escaparem da guerra lacrimosa contra os Troianos, pereceram, quando já estavam de volta, por instigações de uma mulher maldita".

Depois de a casta Perséfone ter feito dispersar em várias direcções as almas das mulheres, aproximou-se a alma conturbada de Agamémnone, filho de Atreu, em volta da qual se reuniram as de todos quantos com ele tinham perecido em casa de Egisto, em cumprimento do seu destino. Reconheceu-me logo, apenas bebera o sangue negro; e irrompeu em altos gemidos e a derramar um dilúvio de lágrimas. Estendia para mim os braços com desejo de me alcançar; mas já não tinha aquela força inabalável e o vigor, de que os seus membros flexíveis antes eram dotados. Ao vê-la, o meu coração compadeceu-se até às lágrimas e, dirigindo-me a ele, disse-lhe estas palavras aladas: Gloriosíssimo filho de Atreu, Agamémnone capitão de guerreiros, que espécie de prostradora morte te subjugou?

Matou-te, porventura, Posidão nas tuas naus, depois de excitar
contra ti o sopro fatal dos ventos terríveis? Fizeram-te
sucumbir,

159 XI [401-432]

na terra firme, homens inimigos, por tu lhes queres roubar
os bois e os belos rebanhos de ovelhas, ou em combate, para te
apoderares da sua cidade e das suas mulheres?

Assim falei; e ele respondeu-me imediatamente:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo
em recursos, Posidão não me matou nas minhas naus, não excitou
contra mim o sopro fatal dos ventos terríveis nem me fizeram
sucumbir, na terra firme, homens inimigos. Quem preparou a
minha morte e o meu destino foi Egisto, que, com o auxílio da
minha perniciosa mulher, depois de me chamar a sua casa e de
me convidar a comer consigo, me matou, como se matasse um boi
na manjedoura. [Deste modo, sucumbi a uma deplorável morte; e
os meus companheiros foram ali assassinados de um modo brutal,
como se fossem porcos de alvos dentes, que na casa de um homem
rico e poderoso são chacinados para uma boda, para um banquete
a escote ou para um ledo festim. Tu, em verdade, já
assististe ao morticínio de muitos homens, em combate singular
ou em renhida batalha; contudo, ao contemplares aquele
espectáculo, ao veres como, em volta das crateras e das mesas
cheias de iguarias, nós jazíamos pela sala e como, pelo chão,
corriam ondas de sangue, o teu coração havia de compadecer-se
em extremo.

O mais doloroso de tudo quanto ouvi foi o gemido de
Cassandra, a filha de Príamo, que a traidora Cliternestra
matara junto de mim. Eu ainda levantara os braços para
defendê-la, mas um golpe de espada acabou de me tirar a vida.
E aquela cachorra afastou-se, deixando-me baixar ao Hades, sem
me querer fechar os olhos com as suas mãos nem cerrar os
lábios. Nada há mais horroroso nem mais ímpio do que a mulher
que no seu ânimo concebe obras como as desta, que premeditou a
acção vil de assassinar o seu legítimo marido. Eu julgava

que, ao chegar a casa, seria recebido alegremente pelos meus filhos e pelos escravos. A minha esposa, porém, com os seus desígnios pérfidos, lançou a infâmia sobre si própria e sobre as mulheres

XI [433-470)

vindouras, até mesmo sobre a que, porventura, for benfazeja.

Assim falou; e eu repliquei-lhe: Ai! Por certo, o longividente Zeus odeia, há muito, a raça de Atreu por causa das intrigas das mulheres. Por causa de Helena, muitos heróis pereceram, e a ti preparou-te Clitemnestra a traição, durante a tua ausência.

Assim disse; e ele respondeu-me logo:

- Portanto, não sejas nunca benévolo para com a tua mulher nem lhe reveles tudo quanto souberes; mas dize-lhe só uma parte e oculta-lhe a outra. Todavia a ti, Ulisses, não te virá a morte da parte da tua esposa, porque a filha de Icário é virtuosa; Penélope é sensata e alimenta bons propósitos no seu espírito. Nós deixámo-la ainda jovem, quando partimos para a guerra. Amamentava, então, o seu tenro menino. Feliz! Ele assenta-se, talvez, já hoje na assembléia dos varões. E o pai há-de, no regresso, ver o seu filho que, como é justo, abraçará o progenitor. Minha esposa, porém, não deixou que os meus olhos se saciassem de contemplar o meu, pois antes disso, tirou-me a vida.

Grava no teu espírito o que te vou agora dizer. Ao chegar à tua terra pátria, faz aportar a nau em segredo, não às claras, porque ninguém se pode fiar em mulheres]. Fala e dize-me com franqueza se te constou que o meu filho vive em Orcómeno, na arenosa Pilo ou na espaçosa Esparta, junto de Menelau; porquanto o ilustre Orestes ainda não desapareceu da terra.

Assim falou, e eu repliquei-lhe: Filho de Atreu, porque me perguntas isso? Eu nem sequer sei se ele está vivo ou

morto; e ninguém deve falar baldadamente.

Estando nós a trocar estes desagradáveis discursos, acompanhados de lágrimas copiosas, aproximou-se a alma de Aquiles, filho de Peleu, com a de Pátroclo, a do nobre Antíloco e a de Ajax, que era o mais distinto entre os Dánaos, depois do nobre filho de Peleu, por sua beleza e por sua estatura. A alma do veloz

161 O-II XI (471-506)

neto de Éaco reconheceu-me e, lamentando-se, disse-me estas aladas palavras:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, porque meditaste, infeliz, no teu espírito uma empresa ainda maior do que as passadas! Como tiveste a ousadia de baixar ao Hades, onde os mortos habitam, privados do uso dos sentidos e como sombras de homens que morreram?

Assim falou; e eu repliquei-lhe: ó Aquiles, filho de Peleu, o mais valente dos Argivos, eu vim por causa de Tirésias, em busca de um conselho para chegar à rochosa Ítaca. Na verdade, ainda não me aproximei da Acaia, nem pus os pés na minha terra, pois tenho andado sempre a padecer infortúnios. Mas tu, Aquiles, és o mais feliz dos homens do passado e do futuro, pois que, enquanto vivias, os Argivos honravam-te como aos deuses, e agora, estando aqui, tens pleno poder sobre os mortos; por isso, não debes afligir-te de ter morrido.

Assim falei; e ele disse-me logo em resposta:

- Preclaro Ulisses, não tentes consolar-me a respeito da morte. Eu preferia cultivar campos e trabalhar ao serviço doutrem, de um homem pobre e de poucos recursos, a dominar sobre todos os mortos. Fala-me do meu filho ilustre e dize-me se ele foi à guerra, para ser o primeiro na frente da batalha, ou não. Conta-me também se te constou que o nobre Peleu conserva ainda a sua realeza entre os numerosos Mirmidões ou se é menosprezado na Hélade e em Ftia, por causa da velhice

lhe ter enfraquecido as mãos e os pés. Oxalá eu estivesse sob os raios do Sol para o auxiliar, tal como, um dia, na vasta Tróia, onde, em combate a favor dos Argivos, trucidiei um exército valente. Se eu, sendo o mesmo, voltasse, ainda que fosse por pouco tempo, a casa do meu pai, eles temeriam o meu valor e as minhas invencíveis mãos, todos quantos o violentam e privam da sua realeza.

Assim falou; e eu repliquei-lhe: Não me constou nada a respeito do nobre Peleu; mas, acerca do teu filho Neoptólemo,

162 XI [507-543]

vou declarar-te toda a verdade, tal como tu me pedes. Eu próprio fui quem o levou na nau bojuda de Esciro" para entre os Aqueus de belas grevas. Ai, quando deliberávamos em conselho, junto da cidade de Tróia, ele falava sempre antes de todos; e os seus discursos eram inferiores apenas aos do divino Nestor e aos meus. E, quando na planície dos Troianos combatíamos com o bronze, nunca ficava entre a multidão ou na turba dos guerreiros, mas adiantava-se muito para as primeiras linhas, sem ceder a ninguém em valor. Muitos guerreiros matou em refregas terríveis. Eu não poderia dizer ou nomear a quantos Troianos ele tirou a vida, em defesa dos Argivos. Direi apenas que matou a um herói como Eurípilo, filho de Télefo, com o qual morreram muitos Mísios, por causa dos presentes feitos a uma mulher ". Excepto o ilustre Mémnone, ainda não vi homem mais belo do que ele.

Quando eu e os mais valentes dos Argivos entrámos no cavalo que Epeu fabricou (a mim fora-me confiado tanto abrir como fechar a porta da cilada), os chefes e conselheiros dos Dánaos limpavam as lágrimas e treniavam em todos os seus membros; mas nunca os meus olhos viram que a cor esplêndida de Neoptólemo se tomasse pálida ou que enxugasse as lágrimas do rosto. Pelo contrário, ele pedia-me com insistência que o deixasse sair do cavalo e empunhava a sua espada e a lança énea, meditando males contra os Troianos. E, depois que destruímos a alta cidade de Príamo, embarcou na sua nau com uma bela recompensa, que lhe tinha cabido em parte, e sem o

ter alcançado o bronze agudo nem ser ferido em combate corpo a corpo, como muitas vezes na guerra sucede, em que Ares se enfurece contra todos indistintamente.

Assim falei; e a alma do veloz neto de Éaco assustou-se, a grandes passos, pelo Prado do Asfódelo, contente por lhe ter dito que o seu filho era um guerreiro distinto. As outras almas dos mortos, porém, permaneceram; e cada uma contou as suas aflições. Só a alma de Ajax, filho de Telamão, se conservava

163 XI (544-579)

a distância, ressentida por causa da nossa vitória, quando, junto das naus, reclamei para mim as armas de Aquiles, no juízo proposto por sua veneranda mãe, [em que as filhas dos Troianos e Palas Atena deram a sentença] ". Quem dera que em tal contenda eu não o tivesse vencido ! Por causa dessas armas cobre a terra uma cabeça como a de Ajax, que pelo aspecto e pelos seus feitos era superior a todos os Dánaos, depois do irrepreensível filho de Peleu.

Dirigindo-me a ele com palavras brandas, disse-lhe: ó Ajax, filho do nobre Telamão, porque não depões, depois de morto, a tua cólera contra mim, causada pelas armas funestas? Os deuses converteram-nas em maldição para os Argivos e fizeram-lhes perecer um tal baluarte, como tu eras. E nós afligimo-nos constantemente pela tua morte, tanto como pela cabeça de Aquiles, filho de Peleu. Mas Zeus foi quem teve a culpa, quem, no seu ódio terrível contra o exército dos Dánaos, armados de lanças, te impôs esse destino. Vamos, senhor, aproxima-te, para escutar as minhas palavras e o meu discurso; e reprime a cólera do teu coração generoso.

Assim falei; mas ele, sem me responder, foi para o Érebo, para junto das outras almas dos defuntos. Nesse momento, não obstante a sua cólera, poder-me-ia falar ou eu a ele. Mas o meu coração queria ver as almas dos demais mortos.

Ali vi a Minos", o ilustre filho de Zeus, assentado com o

ceptro de ouro na mão, a administrar justiça aos falecidos, que, em volta dele, expunham as suas causas, uns assentados, outros de pé, pela morada de Hades de largas Portas.

Vi depois o colossal Orião, a perseguir, pelo Prado do Asfódelo, todas as feras, ao mesmo tempo, as quais ele matara nas montanhas, armado de uma clava de bronze e inquebrável.

Vi Titio, o filho da Terra gloriosíssima, estendido no chão, onde ocupava nove geiras; e dois abutres, um de cada lado, rolam-lhe o fígado e laceravam-lhe com o bico as entranhas, sem que ele se defendesse, pois que fizera violência a Leto, a

XI [580-614)

esposa ilustre de Zeus, quando se dirigia a Pito, pelas ridentes margens do Panopeu.

Vi igualmente Tântalo, que sofria horríveis penas, postado de pé num lago, com água até ao queixo. O ancião, apertado pela sede, esforçava-se por bebê-la, mas não podia consegui-lo, porque, sempre que se abaixava, na ânsia de dessedentar-se, ela desaparecia, absorvida pelo solo; e, em volta dos seus pés, aparecia a terra negra, que uma divindade fazia secar. Por cima de sua cabeça, árvores de ramos altos vergavam de fruto: pereiras, romanzeiras, macieiras com lindas maçãs, figueiras e oliveiras verdejantes; mas, quando o velho levantava os braços para lhes colher a fruta, o vento arrebatava-as para as nuvens sombrias.

Vi também Sísifo, que padecia terríveis tormentos, a transportar uma enorme pedra com ambas as mãos. Esforçava-se com pés e braços e ia-a impelindo para o cume de um monte; mas, logo que estava a alcançar o cimo, o seu peso fazia-a retroceder e a pedra acintosa rolava de novo para a planície. Então, esforçava-se por transportá-la outra vez; e o suor escorria dos seus membros e erguia-se o pó em roda da sua cabeça.

Vi depois o potente Héracles, quero dizer, a sombra dele, pois a sua pessoa goza de festins na companhia dos deuses imortais; e está na posse de Heba, de lindos pés, [a filha do grande Zeus e de Hera, de sandálias de ouro]. æ sua volta ouvia-se o alarido dos mortos, que, como aves, fugiam para toda a parte, espantados; e ele, semelhante à noite negra, com o arco desnudo na mão e uma seta sobre a corda, lançava um olhar terrível em redor, sempre na atitude de quem dispara. O horrível talabarte, que tinha em volta do peito, consistia numa faixa de ouro, onde havia favores admiráveis: ursos, javalis, leões de fulgentes olhos, lutas, combates, e mortandades. O próprio artista que empregou o seu engenho na execução deste talabarte não seria capaz de fazer outro como ele.

165 XI [615-640)

Heracles, reconheceu-me apenas pôs os seus olhos em mim; e, lamentando-se, disse-me estas aladas palavras:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, ai, infeliz, sem dúvida, sofres um destino funesto, como o que eu sofri aos raios do Sol. Zeus, filho de Crono, era o meu pai, mas, apesar disso, suportei aflições infinitas, por ter sido subjugado por um homem muito inferior a mim, o qual me impôs trabalhos dificultosos. Um dia, enviou-me aqui a buscar o cão, * porque não supunha que houvesse trabalho mais difícil para mim do que este; todavia eu, guiado por Hermes e por Arena de olhos brilhantes, levei-o e conduzi-o para fora do Hades.

Dito isto, partiu de novo para dentro da morada de Hades; e eu permaneci ali firme, na esperança de que ainda viesse algum dos heróis, que pereceram, outrora. E, certamente, poderia ter visto ainda os antigos varões que desejava ver, Teseu e Piritoo, gloriosos filhos dos deuses; mas, reunindo-se, antes disso, uma inumerável multidão de mortos com uma gritaria medonha, empalideci com medo de que a ilustre Perséfone me enviasse do Hades a cabeça de Górgona, desse monstro horrível. Ordenei ' então, aos companheiros que me

acompanhassem para a nau e lhe soltassem as amarras. Eles obedeceram e, uma vez embarcados, assentaram-se nos bancos dos remadores. E a nau singrava sobre as ondas do rio Oceano, primeiro com a ajuda dos remos e, depois, com a de uma brisa favorável.

271

RAPSO DIA XII

Sereias, Cila, Caribdes e Vacas do Sol

Logo que a nau, depois de deixar a corrente do rio Oceano, chegou às ondas do mar de vastos rumos e à ilha de Eeia, onde a madrugada Aurora tem a sua habitação com os seus coros e o Sol enceta o seu curso, nós apartámos sobre a areia, saímos para fora na ressaca e deitámo-nos a dormir, à espera da Aurora divina. Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, eu enviei os meus companheiros ao palácio de Circe, em busca do cadáver de Elpenor. Em seguida, depois de cortar pedaços de madeira, queimámo-lo, onde a costa se elevava mais, ao mesmo tempo que derramávamos, entristecidos, copiosas lágrimas. Apenas o cadáver tinha sido queimado com as armas do defunto, erigimos-lhe um túmulo com uma estela sobreposta, no cimo da qual pusemos um remo de fácil manejo.

Enquanto nos ocupávamos destas coisas, Circe, que não desconhecia a nossa chegada do Hades, apressou-se a vir trazer-nos, em companhia das suas criadas, pão, grande abundância de carne e rutilante vinho tinto, A deusa preclara, de pé, no meio de nós, disse:

- Infelizes, que em vida baixastes à casa de Hades! Vós morrestes duas vezes, ao passo que os outros homens morrem apenas uma. Mas tomai alimento e bebei vinho, durante este dia, enquanto aqui estais. Depois, amanhã com o despontar da alva fareis viagem. Eu mostrar-vos-ei o caminho e darei todas as indicações, para que não venhais a sofrer trabalhos no mar ou na terra, por alguma funesta cilada.

Isto disse ela; e o nosso ânimo deixou-se persuadir.
Assim,

167 XII [78-65)

pois, durante todo o dia, até ao pôr do Sol, estivemos assentados a banquetear-nos com a grande abundância de carne e com vinho saboroso; mas, logo que se pôs o Sol e a noite sobreveio, os meus companheiros deitaram-se junto das amarras da nau. A deusa, porém, tomando-me pela mão, fez-me assentar longe deles e, reclinada à minha beira, interrogou-me sobre a viagem; e eu respondi-lhe, como convinha. A venerando Circe disse-me, então, estas palavras:

- Foi, portanto, assim que se realizou essa viagem. Agora escuta o que te vou dizer e que um deus há-de recordar-te, um dia. Encontrarás, primeiro, as Sereias, que encantam a todos os homens que se aproximam delas. Aquele que, sem saber, for ao seu encontro e lhes ouvir a voz, esse não voltará a casa, nem a mulher e os inocentes filhos o rodearão, alegres; mas será encantado pelo seu canto sonoro. Elas estão assentadas num prado, junto de um grande monte de ossos" de homens em putrefacção, cujas carnes vão desaparecendo. Passa de lado e tapa os ouvidos dos teus companheiros com cera amolecida, para que nenhum deles as oiça. Tu ouve-as, se quiseres, depois de te prenderem os pés e as mãos, erecto, junto ao mastro, e de teres sido ligado com cordas a ele, para que te possas deleitar com a voz das Sereias. Se, porém, pedires e ordenares aos companheiros que te soltem, prendam-te, então, com mais ligaduras ainda. Depois que tiveres passado pelas Sereias, não te direi com clareza qual de dois caminhos deverás seguir; decide isso tu próprio no teu coração, que eu só quero falar-te a respeito de um e doutro. No primeiro, erguem-se rochas escarpadas, contra as quais a onda de Anfitrite, de olhos negros, se arremessa com bramido trovejante e a que os bem-aventurados deuses chamam Planctas". Por elas não passam as aves nem sequer as pombas tímidas, que levam a ambrósia ao Pai Zeus. Sempre que isso ousam, a rocha lisa arrebatava uma, que Zeus substitui por

XII [66-106)

outra, para preencher o seu número. Nenhuma nau que chega aqui pode escapar, porque as ondas e as procelas de fogo pernicioso levam juntamente as tábuas das embarcações e os corpos dos tripulantes. Das naus que atravessam o mar, só uma conseguiu ir além: foi a Argo, que todos celebram, no seu regresso do país de Eetes "; e também essa seria lançada contra os grandes rochedos, se Hera, por amor de Jásone, a não fizesse passar.

O outro passa por dois escolhos, dos quais um toca o céu com o seu pico agudo que as nuvens negras envolvem. Estas nunca o abandonam, nem jamais em volta dele é sereno o céu, tanto de Verão como no Outono; e um homem mortal não poderia subir ou baixar por ele, ainda que tivesse vinte mãos e vinte pés, pois, de tão liso que é, parece polido. Ao meio do escolho há uma caverna sombria, voltada para o Ocaso, na direcção do Érebo, para onde vós, preclaro Ulisses, deveis dirigir a côncava nave. Um homem robusto que disparasse uma seta com o arco, desde a sua nau, não seria capaz de atingir essa gruta profunda. Aí dentro, habita Cila, a horrível vociferadora. [É tal qual a de uma cadela nova a voz desse monstro maldito, que ninguém se alegrará de ver, ainda que fosse um deus quem a encontrasse]. Tem doze pés, todos disformes, e seis pescoços desmesurados, cada um dos quais termina numa cabeça medonha, provida de três séries de dentes muito juntos e abundantes, cheios das sombras da morte. Metade do seu corpo mergulha na concavidade da gruta; estende só as cabeças para fora daquele horrendo abismo e espreita com avidez em redor do escolho. Dali pesca delfins e cães do mar; e, se adrega, apanha também algum monstro maior, dos inumeráveis que alimenta a Anfitríte rugidora. Nunca marinheiros que até ali chegassem se gloriaram de lhe fugir, ilesos, na sua nau, pois com a cabeça arrebatada todos os homens e leva-os da nave de escura proa. Quanto ao outro escolho, há-de ver, Ulisses, que é mais baixo. Está perto do primeiro e poderias atingi-lo com uma

seta. Encontra-se aí uma grande figueira brava de verde folhagem, debaixo da qual a preclara Caribdes absorve a água escura. Três vezes por dia expele-a para fora e outras três volta a absorvê-la, de um modo horrível. Não estejas lá durante a absorpção da água, porque nem mesmo o Sacudidor da terra te poderia salvar da morte. Guia antes a nau, a navegar a todo o pano, por junto do escolho de Cila, porquanto vale mais que sejas privado de seis companheiros do que deles todos.

Após estas palavras de Circe, disse-lhe em resposta: ó deusa, declara-me sinceramente se, caso escape da funesta Caribdes, me poderia defender de Cila, quando me quisesse arrebatá-los os companheiros.

Assim falei; e a deusa preclara retorquiu-me imediatamente:

- Tu pensas, infeliz, em obras e trabalhos bélicos! Não queres ceder nem mesmo aos deuses imortais? Olha que Cila jamais perece; é um monstro eterno, terrível, doloroso e feroz, contra quem não se pode lutar nem há defesa possível. O melhor é fugir dela. Se perderes muito tempo, ao pé da sua rocha, a armar-te, receio que, arremetendo contra vós, vos alcance com todas as suas cabeças e que cada uma delas te arrebate um homem. [Navega, pois, a toda a velocidade e implorando o auxílio de Crateide, que deu à luz um tal flagelo dos mortais, porque ela porá fim aos seus ataques]. Chegarás, depois, à ilha Trinácia", onde pastam em grande número as vacas e as ovelhas gordas do Sol: sete manadas das primeiras e outros tantos rebanhos bonitos das segundas,, cada um com cinquenta cabeças. Elas não se reproduzem nem morrem; e são deusas as suas pastoras, as ninfas de tranças belas, Faetusa e Lampétia, que a preclara Neera teve do Sol, filho de Hiperíone.

A veneranda mãe, depois de as dar à luz e ter criado, deixou-as em Trinácia, para aí, nessa longínqua ilha,

guardarem as ovelhas do pai e as vacas de rodantes cascos. Se as deixardes ilesas e tratardes do regresso, posto que sofraís trabalhos,

XII [138-174)

ainda chegarás a Ítaca; mas, se vós lhes fizerdes mal, então anuncio-te a ruína da nau e a dos teus companheiros. Tu, apesar de te salvares, chegarás tarde à terra pátria e depois de uma viagem má e de ter perdido toda a equipagem.

Assim falou ela; e a Aurora de áureo trono não se fez esperar. Então, a deusa preclara afastou-se para o interior da ilha e eu ordenei aos companheiros que fossem para a nau e que, uma vez embarcados, soltassem as amarras. Eles entraram logo para dentro e tomaram lugar nos bancos dos remadores, [onde, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento]. Atrás da nau de escura proa, Circe, a poderosa deusa de belas tranças e dotada de voz humana, enviou-nos a monção, boa companheira de viagem, que enfunava as velas.

Postos em ordem todos os aparelhos, assentámo-nos pela nave, que o vento e o piloto dirigiam. Mas eu, de coração triste, disse aos companheiros: Meus amigos, não basta que sejam conhecidos apenas por um ou dois de nós os oráculos que Circe, a deusa preclara, me revelou; quero comunicá-los a todos vós, para que os saibais, quer venhamos a perecer, quer nos salvemos da morte e do destino. Ordena-nos ela, primeiramente, que evitemos as Sereias de voz divina e o seu prado florido. Aconselhou que só eu as ouvisse; mas enlaçado com umas fortes ligaduras ao mastro, para que permaneça aí firme e erecto; e, se vos pedir ou mandar que me desligueis, nesse caso, que me prendais com mais cordas ainda.

Enquanto falava, declarando isto aos companheiros, a nau resistente chegou à ilha das Sereias, impelida por uma aragem próspera. Nesse momento, cessou a brisa e a calma sobreveio. Uma divindade tinha adormecido as ondas. Então, os meus companheiros levantaram-se e enrolaram as velas, que depuseram na nave côncava; em seguida, assentados outra vez,

faziam espumar a água com os bem aplainados remos de abeto. Mas eu, depois de cortar com o bronze afiado uma grande rodela de cera em pequenos pedaços, pus-me a apertá-los entre os dedos

171 XII [175-206]

fortes. Imediatamente, a cera tornou-se branda, devido à forte pressão e ao brilho do Sol, filho de Hiperíone; e com ela tapei os ouvidos a todos os companheiros, a cada um por sua vez. A mim, porém, prenderam-me as mãos e os pés [e ligaram-me, estando erecto, com cordas ao mastro; depois, assentados, feriram com os remos o mar pardacento.

Quando estávamos a tal distância das Sereias", que alguém, gritando, se poderia fazer ouvir, apressámos a rota; e a nau ligeira, como já navegava perto delas, não lhes passou despercebida. Entoaram, então, este cântico melodioso:

- Aproxima-te daqui, ó célebre Ulisses, ilustre glória dos Aqueus. Detém a nau, para escutar a nossa voz. jamais alguém por aqui passou, em nau escura, que não escutasse a melíflua voz que sai de nossas bocas; mas só partiu, depois de se ter deleitado com ela e de ficar a saber mais coisas, pois conhecemos tudo quanto, por vontade dos deuses, Argivos e Troianos sofreram na vasta Tróia, bem como o que sucede na terra fecunda.

Assim cantavam elas com a sua doce voz. E, como o meu coração sentisse vontade de as ouvir, mandei aos companheiros que me soltassem, por meio de um sinal com as sobrancelhas; mas eles inclinavam-se para diante e remavam. Imediatamente, levantaram-se Perímedes e Euríloco, que me cingiram com novas ligaduras e apertaram-me os laços.

Quando, porém, já tínhamos passado as Sereias e não ouvíamos mais a sua voz e o seu canto, os meus companheiros tiraram logo a cera dos ouvidos, com que lhos tinha tapado, e a mim desprenderam-me.

Apenas deixámos esta ilha, distingui, sob a cerração do ar, gigantescas vagas e percebi-lhes o estampido. As mãos dos companheiros, assustados, largaram os remos, que caíram com um ruído surdo na água; e a nau ficou ali parada, porque eles não trabalhavam mais com os remos polidos. Então, corri pela nave a animar os meus homens com palavras brandas. Falei-lhes deste modo: Meus amigos, nós temos experiência

XIII [207-246]

do infortúnio; e, por certo, o mal que nos ameaça agora não há-de ser maior do que quando o Ciclope nos encerrou, por meio da sua grande força, no interior do seu antro. Contudo conseguimos fugir dali por meu valor, conselho e prudência, como, segundo creio, vos recordaras.

Obedecei agora todos ao que vou dizer.

Assentados nos bancos, feri com os remos a profunda onda do mar; pode ser que Zeus permita que fujamos e nos salvemos da morte. Mas tu, piloto, atende ao que te digo; guarda no teu espírito esta ordem que te dou! Afasta a nau côncava dessa névoa e dessa onda e não percas de vista aquele escolho, não suceda que ela se lance para lá, sem tu dares conta, e nos ponhas a todos em perigo.

Assim falei; e eles obedeceram logo às minhas palavras. Não lhes disse, porém, nada a respeito de Cila, do monstro inevitável, para que com medo não cessassem de remar e se escondessem no fundo da nau. Mas esqueci-me da recomendação de Circe, de que não me armasse; pelo contrário, vesti a minha armadura gloriosa e com duas lanças compridas subi à coberta da proa, donde esperava ver a moradora da rocha, apenas aparecesse, antes que ela pudesse fazer mal aos meus companheiros. Não me foi, porém, possível avistá-la, por mais que espertasse a vista e espiasse o rochedo por todos os lados. Navegámos, pois, ao longo do estreito, lamentando-nos.

Tínhamos dum lado a Cila e do outro a ilustre Caribdes, que

absorvia a água salgada, de um modo horrível. Quando a vomitava, revolvias toda, que bramia e espumava, como uma caldeira sobre uma grande labareda; e, no alto, a espuma caía sobre o pico de ambos os escolhos. Mas, depois de engulir a água salgada, aparecia no interior toda revolvida; e o rochedo bramava horivelmente e descobria, em baixo, o fundo negro com areia, pelo que empalidecemos todos com medo. Enquanto olhávamos para Caribdes com receio da morte, Cila arrebatou-me da nau côncava seis companheiros, os melhores de braços e os mais valentes. Ao volver os olhos para a nau

173 XII [247-281)

ligeira e para os meus companheiros, só então percebi os pés e os braços dos que tinham sido arrebatados, os quais, do ar, clamavam por mim, na angústia do seu coração, [e pronunciavam o meu nome, pela última vez. Do mesmo modo que o pescador com a sua comprida cana lança ao mar, da extremidade de um rochedo, um chifre 12 de boi agreste e a isca, para atrair os peixes pequenos; e, apenas prende algum, puxa-o, palpitante, para terra -assim os meus companheiros palpitavam e eram levados para as rochas, onde à porta da sua caverna], Cila os devorava, enquanto davam gritos e estendiam para mim os seus braços, naquela luta horrível. De tudo quanto sofri, a investigar as vias marítimas, foi esse o espectáculo mais lamentoso que os meus olhos viram. Depois de escapar daqueles rochedos, da terrível Caribdes e de Cila, depressa chegámos à ilha encantadora do deus do Sol, do filho de Hiperione, onde estavam as suas bonitas vacas, de fronte larga, e as suas numerosas e gordas ovelhas. Ao ouvir do mar, de dentro da nau escura, o mugido das vacas, em cercados, ' ao ar livre, e o balido das ovelhas, recordou-se o meu espírito das palavras do cego adivinho, do tebano Tirésias, e das de Circe de Eeia, que me recomendaram com muita insistência que evitasse a ilha do Sol, que deleita os mortais. E, de coração aflito, disse aos companheiros: Amigos, apesar dos trabalhos que sofreis, ouvi as minhas palavras, para que vos revele os vaticínios de Tirésias e da Circe de Eeia. Eles recomendaram-me com muita insistência que evitasse a ilha do Sol que deleita os mortais, porque, segundo afirmaram, pode

suceder-nos lá o mal mais terrível. Afastai, pois, a escura nau, deixando a ilha de lado. Assim falei; e a eles confrangeu-se-lhes o coração. Euríloco, porém, respondeu-me logo com estas palavras terríveis:

- Desnaturado Ulisses! Como és forte e não sentes a fadiga nos membros, julgas que todos são de ferro e não permites aos companheiros, aquebrados de cansaço e sem dormir, pôr

174 XII [287-319]

pé nesta terra, na ilha batida das ondas, onde prepararíamos uma ceia deliciosa; pelo contrário, ordenas-nos que, através da noite súbita, vamos, errantes, para longe da ilha, pelo mar brumoso. De noite levantam-se ventos molestos que são a perdição das naves. Como escaparíamos nós a uma morte cruel, se de repente sobreviesse a tempestade do Noto ou do Zéfiro violento, que destróiem uma nau até contra a própria vontade dos deuses soberanos? Cedamos agora à noite escura. Preparemos a ceia ao pé da nau rápida. De manhã, depois de nos levantar, far-nos-emos à vela para o vasto mar.

Assim falou Euríloco, com o assentimento dos outros companheiros. Então eu, entendendo que uma divindade meditava males contra nós, dirigi-lhe estas palavras aladas: Euríloco, vós violentais-me, certamente, por eu estar só. Prestai-me todos juramento solene de que, se encontrardes uma manada de vacas ou um grande rebanho de ovelhas, nenhum de vós, por funesta temeridade, matará uma delas; e de que comereis, sossegados, o alimento que a Circe imortal nos deu.

Assim lhes disse; e eles juraram logo, conforme eu ordenara. Apenas tinham todos concluído o seu juramento, ancorámos a nau resistente num porto que entrava muito na costa, perto de uma fonte de água doce. Então, os meus companheiros, tendo desembarcado, prepararam cuidadosamente a ceia. Mas depois de satisfazer a vontade de beber e de comer, lembrando-se dos que tinham sido arrebatados da nau côncava e devorados por Cila, puseram-se a chorar.

Entretanto, sobreveio-lhes com a noite um doce sono.

Quando ela estava na sua terceira parte e os astros já se inclinavam para o ocaso, Zeus, amontoador das nuvens, suscitou um impetuoso vento, um furacão terrível; e terra e mar foram encobertos com nuvens e a noite baixou do céu. Logo que apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, fomos ancorar a nau, numa profunda gruta, onde as ninfas tinham os belos lugares das danças e os seus assentos. Nessa ocasião, reuni os companheiros

175 XII [320-352)

e falei-lhe assim: Amigos, visto haver na nau ligeira comida e bebida, abstenhamo-nos de tocar nas vacas, receosos de que nos suceda alguma desgraça, porque este gado, bem como as ovelhas nédias, são de um deus terrível, do Sol, que tudo vê e tudo escuta.

Assim lhes disse; e o seu ânimo generoso deixou-se convencer. Durante um mês inteiro, o Noto soprou incessantemente; nenhuns outros ventos sopraram, além do Euro ou do Noto. E os meus companheiros, enquanto tiveram mantimentos e vinho tinto, abstiveram-se de tocar nas vacas, desejosos de conservar a vida. Quando, porém, as provisões da nau se acabaram, foram c)brigados a correr atrás de aves ou do que aparecesse e a deitar anzóis aos peixes, pois que a fome afligia o estômago. Eu afastara-nie para o interior da ilha a orar aos deuses, na esperança de que algum me mostraria o caminho da pátria. Depois de andar por um lado e outro, longe dos companheiros, num lugar ao abrigo do vento lavei as mãos e elevei a minha prece a todos os deuses, moradores do Olimpo, que me infundiram nas pálpebras um delicioso sono.

Entretanto, Euríloco, começou a dar aos companheiros um mau conselho: -Amigos, apesar dos trabalhos que sofreis, ouvi as minhas palavras!

Aos infelizes mortais são penosos todos os géneros de morte; mas nada há mais doloroso do que morrer à fome e acabar desta maneira o seu destino. Animai-vos, tomemos as melhores vacas do Sol e ofereçamos um sacrifício aos imortais, que habitam no amplo céu. E, se chegarmos a Ítaca, à terra pátria, construiremos um templo sumptuoso ao Sol, filho de Hiperíone, no qual havemos de pôr muitas estátuas belas. Se ele, porém, irritado por causa das vacas de chifres direitos, quiser, com a anuência dos outros deuses, que a nau sossobre, prefiro perder a vida de uma só vez, tragado pelas ondas, a morrer aos poucos, durante longo tempo, nesta ilha deserta.

Assim falou Euríloco com aprovação dos outros companheiros.

XII [353-385)

Imediatamente, tomaram as melhores vacas do Sol, que não andavam longe, - pastavam, a pouca distância da nau de escura proa, as belas vacas de larga fronte e de rodantes cascos -e, rodeando-as, iam orando aos deuses, depois de cortarem folhas tenras de um carvalho de alta copa, porque na nau de boa cobertura já não havia cevada branca. Depois da oração e de as ter degolado e esfolado, cortaram-lhes as coxas e envolveram-nas numa dupla camada de gordura, sobre a qual colocaram, enfim, pedaços de carne. Como não tinham vinho, para derramar sobre o holocausto, fizeram libações com água, ao mesmo tempo que assavam todas as vísceras. Logo que as coxas foram queimadas e comidas as entranhas, espostejaram a outra carne e colocaram-na em espetos.

Nesse tempo, o sono evoluiu-se das minhas pálpebras e eu encaminhei-me para a nau ligeira e para a praia do mar. Quando já estava perto da nave movida a remos, envolveu-me, então, o aroma quente da gordura e, por entre suspiros, clamei aos deuses imortais: Pai Zeus e demais bem-aventurados deuses sempiternos, para minha perdição, sem dúvida, vós fizestes-me dormir um sono fatal. Os meus companheiros, enquanto eu estive ausente, meditaram um crime monstruoso. Não tardou que Lampétia de longo peplo fosse denunciar ao Sol, filho de

Hiperione, que nós tínhamos-lhe comido as vacas. Ele, imediatamente, de coração aceso em ira, falou assim aos imortais:

- Pai Zeus e demais bem-aventurados deuses sempiternos, puni os companheiros de Uísses, filho de Laertes, que tiveram a petulância de matar as minhas vacas, nas quais me comprazia, ao subir para o céu estrelado e quando de novo do céu baixava à terra. Se eles não padecerem o devido castigo pelas vacas roubadas, descerei à morada de Hades, a iluminar os mortos.

Replicou-lhe Zeus, o amontoador das nuvens:

- f Sol, continua a iluminar os imortais e os homens perecedores sobre a terra fecunda que eu, em breve, ferirei com o

177 O-12 XII [386-421]

raio fúlgido a sua nau ligeira e fá-la-ei em lascas, no mar vinhoso.

Isto ouvi-o eu a Calipso. de bela cabeleira, a quem o mensageiro Hermes o contara, segundo ela afirmou. Depois que cheguei à nau e ao mar, repreendi os meus companheiros, aproximando-me de cada um deles. Mas não nos era possível encontrar remédio algum, visto que as vacas estavam mortas.

Em breve, os deuses mostraram prodígios: as peles rastejavam e as carnes nos espetos mugiam, tanto as assadas como as cruas, com uma voz semelhante à das vacas. . Durante seis dias, os meus companheiros banquetearam-se, depois de tomar as melhores vacas do Sol. Quando, porém, Zeus, filho de Crono, nos enviou o sétimo, então, o vento deixou de bramar e perdeu a violência tempestuosa. Nós embarcámos logo e, depois - de erguer o mastro e içar as brancas velas, navegámos pelo vasto mar. Deixada a ilha e como não se visse' nenhuma terra, mas unicamente céu e água, o filho de Crono fez aparecer uma nuvem

sombria por cima da nave côncava, com a qual obscureceu o mar.

Não correu por longo tempo a nau, porque veio de súbito o Zéfiro, bramindo, desencadeado em violenta procela; e um turbilhão de vento quebrou ambas as cordas do mastro, que, impelido para trás, arrojou os aparelhos todos ao porão. O mastro, porém, ao cair na popa da nau, bateu na cabeça do piloto e quebrou-lhe o crânio. O homem, com o choque, caiu da coberta como um mergulhador e o seu ânimo generoso abandonou-lhe os ossos. Ao mesmo tempo, Zeus fez ribombar o trovão e despediu um raio contra a nau, que estremeceu toda e se encheu de exalações de enxofre. Os meus companheiros, arremessados da nau escura, andavam em volta dela à mercê das ondas, semelhantes a gralhas marinhas,, e foram privados por um deus do regresso à pátria.

Quanto a mim, permaneci na nau, até que o embater das vagas lhe separou os flancos da quilha, a qual arrebatara o ímpeto

178 XII [422-453]

das ondas. O mastro, quando foi arrancado, levou presa na base uma tira de coiro de boi. Com ela amarrei à quilha o mastro, pus-me em cima e deixei-me levar pelos ventos funestos. Então, o Zéfiro deixou de soprar com a violência de tempestade e, em breve, se levantou o Noto, que havia de causar aflições ao meu coração, ao fazer-me passar segunda vez pela perniciosa Caribdes. Durante toda a noite, andei sem rumo. Ao nascer do Sol, porém, cheguei ao rochedo de Cila e à terrível Caribdes. Esta absorvia a água do mar; mas eu, lançando as mãos à grande figueira brava, fiquei agarrado a ela, como um morcego, sem contudo topar coisa em que firmasse os pés nem me poder tão-pouco alar acima, porquanto as raízes estavam longe e não era capaz de chegar aos ramos grossos e compridos que davam sombra a Caribdes. Conservei-me, por isso, agarrado, até que fossem vomitados de novo mastro e quilha, que vieram, enfim, conforme o meu desejo. [Ao tempo em que o juiz se ergue para ir da ágora para

a ceia, depois de julgar muitas causas de litigantes, foi que os madeiros apareceram em Caribdes.] Despreendi-me, então, e fiz um estrondoso chape no estreito, junto do mastro e da quilha. Assentei-me, depois, sobre eles, e pus-me a remar com ambos os braços. O pai dos homens e dos deuses não permitiu que Cila me visse; aliás não escaparia à morte cruel. Partindo dali, andei errante durante nove dias; e, na décima noite, os deuses levaram-me para a ilha de Ogígia, onde mora Calipso de belas tranças, a poderosa deusa dotada de voz humana, que me deu bom acolhimento e tratou de mim.

Mas, para que contar-te o resto? Eu já ontem o disse, no palácio, a ti e à tua esposa; e não gosto de repetir coisas que já foram expostas com toda a clareza.

RAPSÓDIA XIII

Partida de Ulisses do país dos Feácios
e a sua chegada a Ítaca

Tal foi a narração de Ulisses. Na sala sombria estavam todos encantados e mantinham-se em silêncio. Alcínoo, por fim, tomou a palavra e disse:

- f Ulisses, visto teres chegado a meu palácio de pavimento brônzeo e de alto tecto, por isso creio que, após os trabalhos sofridos, regressarás à pátria, sem andares de novo errante. Quanto a vós, que, em todo o tempo, bebeis, nos meus paços, o vinho rutilante da honra" e ouvis o aedo, quero fazer-vos uma recomendação.

Os vestidos para o nosso hóspede, o oiro artisticamente trabalhado e os outros Presentes que os conselheiros dos Feácios para aqui trouxeram, já estão guardados numa caixa bem polida. Mas ajuntemos cada um de nós a esses dons uma grande trípode e uma caldeira. Depois, compensar-nos-emos, reunindo o seu preço por entre o povo, pois seria penoso que cada um desse tais objectos, sem ser indemnizado.

Assim falou Alcínoo, cuja proposta agradou a todos. Eles retiraram-se, depois, cada um para a sua casa, com vontade de se recolher ao leito. Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, dirigiram-se apressadamente à nau com o bronze que dá alegria aos homens ". E o forte Alcínoo percorria a nau e acondicionava os presentes debaixo dos bancos, para que não impedissem o movimento dos remadores, quando com vivacidade trabalhassem com os remos.

Em seguida, foram para o palácio de Alcínoo e cuidaram do festim.

XIII (24-56]

O forte Alcínoo sacrificara, para festejar os convivas, um boi ao filho de Crono, a Zeus que escurece as nuvens e reina sobre todos os seres. Depois de queimar as coxas, celebraram com prazer um banquete magnífico; e, entre eles, cantava Demódoco, o divino aedo honrado dos povos.

Ulisses, entretanto, volvia muitas vezes os olhos para o Sol refulgente, na ânsia de que baixasse depressa para o Ocaso, pois tinha ardentes desejos de partir. Do mesmo modo que o lavrador suspira pela ceia, depois de, durante todo o dia, os bois da cor do vinho lhe puxarem o arado sólido por um pousio, e se alegra de que o dia acabe, para ir comer, porque sente os joelhos entorpecidos, ao caminhar: assim Ulisses via com alegria que a luz do Sol se ia extinguindo. Sem mais detença, disse estas palavras aos Feácios, remadores e#os, dirigindo-as sobretudo a Alcínoo.

- *f* rei Alcínoo, vós, que sois o varão mais ilustre entre o povo, fazei a libação e despedi-me, incólume. A vós todos eu digo adeus, porque, enfim, já se realizou o que o meu coração desejava: os preparativos do regresso e a oferta dos presentes. Queiram os deuses celestes que isto seja para minha felicidade e que à minha chegada a casa encontre aí a esposa modelar e os amigos de saúde. E oxalá vós, os que ficais aqui, deis alegria a vossas mulheres legítimas e a

vossos filhos. Que os deuses vos concedam prerrogativas de toda a espécie e que a desgraça nunca more entre este povo.

Assim falou; e todos o aplaudiram e pediam que fosse reconduzido um tal hóspede, que falava com tanto acerto.

Então, o forte Alcínoo disse para o arauto:

- Pantónoo, mistura o vinho na cratera e distribui-o a todos pela sala, para que, depois de orarmos ao pai Zeus, reenviemos o hóspede para a sua terra pátria.

Assim falou; e Pantónoo misturou o vinho melífluo e distribuiu-o a todos, aproximando-se de cada um; e eles, dos seus assentos, fizeram libação aos deuses bem-aventurados, moradores do vasto céu. Depois, levantou-se o egrégio Ulisses, que

181 XIII (57-95)

pôs nas mãos de Areta um copo duplo 96 e, dirigindo-se a ela, pronunciou estas aladas palavras:

- *f* rainha, sê feliz em todo o tempo, até que a velhice e a morte venham, às quais os homens estão sujeitos. Eu parto; mas tu alegra-te, neste palácio, na companhia dos teus filhos, do teu povo e do rei Alcínoo.

O egrégio Ulisses, depois de assim falar, transpôs a soleira da porta. Para o conduzir à nau ligeira e à praia do mar, o forte Alcínoo enviou o arauto. Areta mandou também as suas escravas com ele, das quais uma levava-lhe um manto bem lavado e uma túnica, outra uma caixa forte e uma terceira, pão e vinho tinto. Apenas chegaram à nau e ao mar, os nobres condutores receberam as dádivas e apressaram-se a colocá-las na nau côncava, bem como a bebida e todos os outros mantimentos. Para Ulisses estenderam um tapete e um pano de linho, na coberta da popa, a fim de que pudesse dormir, sem ser perturbado. Em seguida, ele embarcou e deitou-se, em silêncio, enquanto os remadores se assentavam nos bancos, por

ordem, e desligavam a amarra da pedra perfurada. Quando estes começaram a inclinar-se para trás e feriram com os remos o mar, um sono delicioso e profundo, muito semehante à morte, difundiu-se sobre as pálpebras de Ulisses.

Como uma quadriga, na planície, incitada pelo chicote, levanta as patas e depressa percorre o seu caminho, assim a nau erguia a proa e fazia espumar atrás, vivamente, a onda cerúlea do mar rumoroso, na sua carreira segura e constante, de sorte que nem o falcão, que é a ave mais ligeira, a poderia seguir.

Na sua carreira rápida através das ondas do mar, ela transportava um varão em conselho semelhante aos deuses, o qual tinha sofrido, anteriormente, nas guerras e através das ondas, penas sem conta; mas agora dormia tranquilo, esquecido de quanto padecera.

Quando nascia a estrela mais brilhante, anúncio da luz da madrugada Aurora, já a nau se aproximava de Ítaca.

XIII [96-113]

Forco, o velho do mar", tem aqui um porto formado por duas íngremes saliências da costa que se inclinam para o interior e o protegem contra os vagalhões produzidos exteriormente pelos ventos impetuosos; de sorte que as naus de boa coberta podem permanecer dentro dele sem amarras, quando chegam ao ancoradouro. Na 'extremidade deste . porto, existe uma oliveira de folhas compridas, ao pé de uma gruta . amena e sombria, consagrada às ninfas, a que chamam Náíades.

No seu interior, há crateras e ânforas de pedra,' onde as abelhas fabricam o mel, bem como grandes teares, igualmente de pedra, nos quais as ninfas tecem teias da cor da púrpura marinha, que são um encanto para os olhos. Aí corre sempre a água.

Tem duas portas esta gruta: uma que olha para o Bóreas e é,

acessível aos homens; da outra, que está voltada para o Noto, servem-se os deuses; e os homens não entram por ela, por esta entrada dos imortais.

Os Feácios chegaram a este lugar, que já antes conheciam. E a nau, na pressa com que vinha, ao tocar na terra, saiu da água até ao meio -tal era o impulso que os braços dos remadores lhe tinham dado. Uma vez deixados os bancos, levaram, acto contínuo, a Ulisses da nau côncava, juntamente com o pano de linho e o tapete esplêndido, e depuseram-no sobre a' areia, ainda subjugado pelo sono.

Em seguida, tiraram da nau as riquezas que, graças à magnânima Areta, os Feácios ilustres lhe deram, no seu regresso à pátria. Estas colocaram-nas todas juntas, ao pé do tronco da oliveira, fora do caminho, não SUCedesse que algum viajante, sobrevindo, antes de Ulisses acordar, as roubasse.

Executado isto, os Feácios voltaram para o seu país. O Sacudidor da terra, porém, não esquecera as ameaças que, um dia ", lançou contra o divino Ulisses. A este respeito, foi informar-se da opinião de Zeus:

- Pai Zeus, eu não serei mais honrado entre os deuses imortais, visto não me honrarem os homens -os feacios, que são da minha própria linhagem. Sabia que Ulisses só voltaria à pátria,

XIII [132-164)

depois de padecer muitos infortúnios; e nunca o quis privar do seu regresso, porquanto assim o prometeras e confirmaras a promessa com um sinal da cabeça. Mas agora eles acabam de o conduzir pelo mar, numa nau ligeira, e de o depor, adormecido, em Ítaca, depois de lhe terem dado presentes inumeráveis: bronze, ouro em abundância e muitos vestidos - tantas riquezas, quantas Ulisses nunca levaria de Tróia, se tivesse um regresso feliz e participasse dos despojos.

Zeus, o amontoador das nuvens retorquiulhe:

- Ah, que dissesse tu, potente Sacudidor da terra? Os deuses não te menosprezam. Seria coisa incrível desprezar o mais antigo e o mais valente de todos. Se, porém, algum homem, confiando na sua valentia, tem a audácia de te não honrar, podes, no futuro, desafrontar-te. Procede, segundo os teus desejos e como agradar ao teu coração.

Replicou-lhe Posidão, o Sacudidor da terra:

- Teria já feito, como dizes, ó deus escurecedor das nuvens, se não me detivesse o constante medo da tua cólera. Agora a nau magnífica dos Feácios, que regressa de transportar Ulisses, para que eles se abstenham e desistam de conduzir os homens, vou fazê-la sossobrar no mar brumoso e rodear-lhes a cidade com uma montanha enorme.

Zeus, o amontoador das nuvens retorquiu-lhe:

- f meu caro, eu penso que seria melhor assim: quando todo o povo estiver a ver da cidade a chegada da nau, transforma-a, perto da costa, numa' rocha parecida a uma nau ligeira, para que todos os homens se admirem do prodígio; depois, rodeia-lhes a cidade com uma montanha enorme.

Posidão, o Sacudidor da terra, depois de ouvir este conselho, pôs-se a caminho da Esquéria, onde residem os Feácios. Ali parou. Quando a nau sulcadora do mar vinha já perto na sua rápida corrida, ele aproximou-se e, ferindo-a com a mão, transformou-a numa rocha, que se enraizou no fundo das águas. Em seguida, afastou-se.

XIII [165-199gg)

Então, os Feácios, esses marinheiros célebres, de longos remos, começaram a dirigir uns aos outros palavras aladas. Alguns falavam assim, olhando para o seu vizinho:

- Ai Quem prendeu, no mar, a nau ligeira, que regressava ao porto? Ela já estava à vista.

Assim falavam eles, ignorando como tinha sucedido o caso. Mas Alcínoo tomou a palavra e disse-lhes:

- Ah! Cumprem-se as antigas predições do meu pai. Dizia ele que Posidão tinha inveja de nós, por transportarmos #indemnes a todos os homens; e que, um dia, ao volver uma nau magnífica dos Feácios de levar alguém, havia de destruí-la no mar brumoso e de rodear a nossa cidade com uma montanha enorme. Assim contava o velho; e eis que tudo se realiza agora. Mas sigamos todos o que vou dizer. Deixemos de transportar os homens, quando algum vier à nossa cidade; e a Posidão sacrifiquemos doze toiros escolhidos, na esperança de que se compadeça de nós e não nos rodeie a cidade com uma montanha de dimensões desmesuradas.

Assim falou; e os Feácios, temerosos, prepararam os toiros.

Enquanto os seus chefes e conselheiros oravam de pé ao soberano Posidão, em volta do seu altar, o egrégio Ulisses despertava do sono, na sua terra pátria, a qual já não conhecia, por ter estado muito tempo ausente e porque uma divindade, Palas Atena, filha de Zeus, difundira uma névoa à sua volta, a fim de lhe tornar desconhecida e poder informá-lo de tudo. A sua esposa, os cidadãos e os amigos deviam também desconhecê-lo, antes de castigar todas as demasias dos pretendentes. Aos olhos, pois, do seu senhor tudo apresentava outro aspecto: os caminhos extensos, o porto abrigado, os rochedos inacessíveis e as árvores verdejantes. De um pulo, Ulisses pôs-se de pé e lançou os olhos para a terra pátria. Depois, soltando um lamento, bateu com as mãos nas coxas e disse, por entre suspiros, estas palavras:

185 XIII (200-235)¹

[Ai de mim. Que homens habitarão nesta terra, a que

cheguei? Serão violentos, selvagens e injustos, ou hospitaleiros e de espírito temente aos deuses? Para onde devo levar tantas riquezas? E eu próprio em que direcção continuarei o meu curso errante? Oxalá permanecesse entre os Feácios. Nesse caso, poderia ir ter com outro rei poderoso, para que me acolhesse e reconduzisse à pátria. Agora não sei onde devo pôr estas coisas, nem tão-pouco as posso deixar aqui, não suceda que outros mas levem].

Ai, Os chefes e conselheiros dos Feácios não foram prudentes nem justos, por me terem lançado sobre uma terra estranha, depois de prometerem que me conduziriam para Ítaca visível ao longe. Visto não terem cumprido a sua promessa, que sejam castigados por Zeus, protector dos suplicantes, o qual vê todos os homens e pune as suas faltas. Bom. Vou contar e examinar estas riquezas pois temo que os marinheiros me levassem algumas no bojo da nau.

Dito isto, pôs-se a contar as trípodes magníficas, as caldeiras, o ouro e as vestes esplêndidas. Ainda que não deu pela falta de nada, chorava, contudo, pela pátria, rojando-se, muito aflito, na praia do mar rumoroso.

Atena aproximou-se, então, dele, na figura de um jovem pastor de ovelhas, de uma tão mimosa adolescência, como são os filhos dos reis. Trazia aos ombros um manto duplo e bem feito e nos pés luzidios, sandálias e nas mãos tinha um venábulo.

Ulisses, ao vê-la regozijou-se e, aproximando-se dela, dirigiu-lhe estas palavras aladas:

- Amigo, tu, que és o primeiro que encontro nesta terra, aceita a minha saudação; e oxalá não tenhas maus propósitos, ao vir ter comigo. Salva-me estas riquezas, salva-me também a mim. Eu imploro-te como a um deus e prosto-me aos teus joelhos. Responde-me sinceramente, para que fique bem informado. Que terra é esta e em que país estou? Que homens vivem aqui? É esta uma ilha visível ao longe ou a costa de um continente fértil, debruçado sobre o mar?

XIII [236-273)

Replicou-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

- *f* estrangeiro, tu és um louco ou vens de longes terras, pois inquires de mim que país é este, cujo nome não é assim tão desconhecido. Sabem-no todos quantos habitam para os lados da aurora e do meio-dia, assim como os que vivem para as bandas do ocaso brumoso. Esta terra é, na verdade, áspera e imprópria para caválos e pouco extensa; mas não é estéril de todo. Produz trigo a granel e também vinho; e nunca lhe falta chuva nem orvalho em abundância. É excelente para a criação de cabras e de bois "; e tem bosques variados e bebedoiros com água, durante todo o ano. Por isso, estrangeiro, é que o nome de Ítaca chegou até Tróia, que, segundo dizem, fica longe da Acaia.

Assim falou; e o paciente e egrégio Ulisses alegrou-se e comPrazeu-se em ver a terra pátria, de que lhe falou Atena, a filha de Zeus, portador da égide. Em seguida, dirigiu-lhe estas palavras aladas, ocultando, todavia, a verdade, que já tinha sobre a língua, pois revolvía sempre no peito planos astutos:

- Na vasta Tróia, lá longe, além do mar, fui informado acerca de Ítaca; e acabo de chegar com todas estas riquezas. Deixei outras tantas a meus filhos e fugi, por ter matado o filho de Idomeneu, Orsíloco de pés ligeiros, que, na vasta Creta, era quem corria mais, entre os homens laboriosos. Ele queria privar-me de todo o espólio de Tróia, pelo qual o meu coração sofrera tantas angústias, nas guerras e a sulcar as ondas trabalhosas, alegando o pretexto de que eu desagradara ao pai dele, por não o servir no país dos Troianos, mas comandar outros guerreiros. Ora, quando ele regressava dos campos, pus-me de emboscada com um companheiro, junto de um caminho, e feri-o com a lança de bronze. Como o céu estava envolto numa noite escuríssima, nenhum homem nos podia ver; por isso, ninguém soube que o matei. Depois de o assassinar com o bronze pontiagudo, fui ter com uns Fenícios ilustres, aos quais pedi que me recebessem na sua nau, em troca de uma

parte dos despojos;

187 XIII (274-310)

e exortei-os a que me levassem para Pilo ou para a Élida divina, onde governam os Epeus. A impetuosidade do vento, porém, afastou-os da rota, muito contra a vontade deles, que não queriam enganar-me; e assim chegámos a esta terra, de noite e após um curso errante. Foi a custo que remámos para o porto; e, apenas desembarcámos, sem nos lembrarmos da ceia, apesar da grande necessidade que tínhamos de comer, estendemo-nos todos logo no chão. Como estava fatigado, sobreveio-me um sono delicioso. Entrementes, eles tiraram nau cônica as minhas riquezas e depuseram-nas sobre a areia, onde eu estava deitado. Em seguida, embarcaram de novo e foram para a populosa Sidónia deixando-me aqui de coração amargurado.

Assim falou; e Atena, a deusa de olhos brilhantes, acariciou-o, sorrindo, com a mão. Ela tinha tomado, agora, o aspecto de uma mulher formosa e de grande estatura, hábil em favores esquisitos, que dirigiu a Ulisses estas palavras aladas:

- Que velhaco e manhoso não devia ser aquele que te superasse em todo o gênero de artifícios, ainda que esse fosse um deus Éool ó astuto e atrevido, insaciável de ardis, nem na tua pátria acabas com essas astúcias e com esses discursos falazes, de que tanto gostas, no íntimo do teu coração? Mas deixemos isso, pois ambos somos astutos: tu salientas-te, entre os mortais, no conselho e na palavra; e eu sou célebre, entre os deuses, também em ardis, como tu. Ainda não reconheceste em mim Palas Atena, a filha de Zeus, que sempre te assiste e protege em todos os trabalhos e te fez caro aos Feácios? Agora venho ter contigo, para ajudar-te a tramar os teus projectos e esconder-te as riquezas que os Feácios ilustres, por meu conselho e inspiração, te deram, na tua partida para a pátria. Igualmente, quero manifestar-te os trabalhos que o destino determinou que sofras na tua casa. Suporta-os, visto ser necessário; e não digas a ninguém, tanto

a homem como a mulher, que chegaste, depois de teres andado errante. Sofre em silêncio todas as aflições, bem como a violência dos homens.

188 XIII [311-348)

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

- *f* deusa, dificilmente te conhece o mortal, de quem tu vais ao encontro, por mais perspicaz que seja, porque assumes um aspecto qualquer. Eu bem sei que, outrora, me foste propícia, quando os filhos dos Aqueus combatiam em Tróia; mas, depois que destruímos a cidade alta de Príamo e embarcámos e que uma divindade dispersou os Argivos, eu, ó filha de Zeus, não tornei a ver-te nem percebi que entrasses na minha nau, para me livrar de qualquer trabalho. [Pelo contrário, andei sempre errante, com o coração dilacerado dentro do peito, antes de os deuses me livrarem da desgraça e tu me animares, na terra fecunda dos Feácios, e me conduzires para a cidade deles]. Hoje peço-te que me digas, por teu pai, se, na verdade, me encontro na minha pátria, pois não julgo ter chegado a Ítaca visível ao longe, mas que aportei a outro país; e parece-me que falaste por ironia, para enganar-me.

Athena, a deusa de olhos brilhantes, replicou-lhe:

- Tens sempre no peito o mesmo ânimo. Porque és ajuizado, astuto e prudente, por isso não posso deixar-te ser infeliz. [Outro qualquer que voltasse do seu curso errante só pensaria no júbilo de ver, na sua casa, os filhos e a mulher; mas a ti nada te importa saber nem desejas informar-te a seu respeito. Por ti próprio queres provar a tua esposa. Fica sabendo que ela continua em casa, consumada, noite e dia, de aflições e a derramar lágrimas.] Eu sabia, sem jamais o pôr em dúvida, que havias de voltar, depois de perderes todos os companheiros. Não quis lutar com Posidão, o meu tio paterno, cujo coração se encolerizou contra ti, por lhe teres cegado o filho. Mas vou mostrar-te Ítaca, a fim de que te convenças

de que ela é a terra, a que chegaste. Olha, eis ali o porto de Forco, do velho do mar; e aqui a oliveira de folhas compridas, na extremidade dele, ao pé da gruta amena e sombria, consagrada às ninfas, a que chamam Náíades. Sob as abóbadas desta gruta,

189 XIII [349-383)

costumavas sacrificar às ninfas muitas hecatombes rituais. Vê além o monte Nérito todo revestido de arvoredos.

Dito isto, a deusa dissipou o nevoeiro e deixou aparecer a terra; e o paciente e egrégio Ulisses regozijou-se com a vista da sua pátria, cujo solo fecundo beijou. E, levantando, depois, as mãos, orou assim:

- Ninfas Náíades, filhas de Zeus, eu julgava que jamais vos veria de novo. Eu vos saúdo, neste momento, e dirijo-vos as minhas carinhosas preces. Como outrora, vós tereis as minhas oferendas, se a espoliadora "" -benévola, a filha de Zeus, permitir que eu viva e que o meu filho cresça.

Athena, a deusa de olhos brilhantes, interveio:

- Ânimo e não se preocupe o teu espírito com isso. Cuidemos antes de colocar, sem demora, as tuas riquezas, no recôndito do antro maravilhoso, para que aí te fiquem seguras; depois, deliberaremos sobre o modo de obter o melhor sucesso possível.

A deusa, depois de assim falar, penetrou na gruta sombria de visita aos esconderijos, enquanto Ulisses foi buscar o ouro, o bronze reluzente e as vestes bem feitas, que lhe deram os Feácios. Por fim, tudo disposto em ordem, Palas Athena, a filha de Zeus, portadora da égide, fechou-lhe a entrada com uma pedra. Puseram-se, depois, assentados, junto do tronco da oliveira sacra, a combinar o extermínio dos pretendentes orgulhosos.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, foi a primeira a tomar a palavra:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, vê lá como porás mão nos pretendentes desavergonhados, que, há já três anos, dominam na tua casa e cortejam com presentes a tua esposa semelhante a uma deusa, que suspira, de contínuo, pela tua volta. Ela a todos dá esperanças, faz promessas a cada um e envia-lhe mensagens; contudo outros são os 'planos que maquina no seu espírito.

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

- Ai, Certamente, eu iria sucumbir, no meu palácio, a um

XIII [384-419]

destino funesto como o de Agamémnone, filho de Atreu, se tu, ó deusa, não me informasses de tudo. Vamos. Urde o plano da minha vingança e assiste-me, infundindo-me um ânimo audacioso, tal como quando destruímos as belas ameias "" de Tróia. Ajuda-me, ó deusa de olhos brilhantes, com igual solicitude. Se não me recusares o teu socorro, veneranda deusa, poderei lutar contra trezentos homens.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu-lhe:

- Eu assistir-te-ei eficazmente, sem te perder de vista, quando for tempo de agir; e creio que o sangue e os miolos de cada um dos pretendentes, devoradores da tua fortuna, hão-de derramar-se sobre o vasto solo. Quero agora fazer-te desconhecido a todos os mortais. Vou enrugam a pele esplêndida dos teus membros flexíveis, privar a tua cabeça dos seus cabelos loiros, vestir-te uns andrajos, que dêem aparência hedionda a quem os usar, e desfigurar os teus olhos outrora tão belos. Assim, o teu aspecto será desprezível a todos os pretendentes, à tua própria esposa e ao filho que deixaste em casa. Antes de tudo, vai ter com o porqueiro, guarda dos teus suínos, que te é afeiçoado e quer bem a teu

filho e à sensata Penélope. Encontrá-lo-ás assentado no meio dos porcos, que pastam junto da rocha do Corvo, ao pé da fonte de Aretusa, onde comem bolotas apetitosas e bebem água turva - alimentos que fazem engordar bem os porcos. Permanece ali assentado com ele e interrogado sobre todas as coisas, enquanto eu vou a Esparta de mulheres formosas chamar o teu filho Telémaco, que foi à vasta Lacedemónia, a casa de Menelau, informar-se a teu respeito e saber se vives ainda algures.

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

- Porque não lho disseste já tu, cujo espírito conhece tudo? Porventura, para que também ele pene, errando pelo mar estéril, e os outros lhe devorem a fortuna?

XIII [420-440]

Atena, a deusa de olhos brilhantes, volveu-lhe, em seguida:

- Não te preocupes demasiado com ele. Eu própria o conduzi, para que, fazendo essa viagem, adquirisse renome ilustre. Ele não sofre trabalho algum; está descansado no palácio do filho de Atreu, onde não lhe falta a mínima coisa. É certo que uns jovens, com uma nau escura, armam-lhe ciladas e tentam matá-lo, antes de chegar à pátria; mas não creio que o consigam. Primeiro encerrará a terra no seu seio a cada um dos pretendentes [que devoram a tua fortuna].

Ditas estas palavras, Atena tocou Ulisses com uma varinha e enrugou-lhe a pele esplêndida dos membros flexíveis, privou a sua cabeça dos cabelos loiros, revestiu-lhe os membros com a pele de um ancião, amorteceu os seus olhos, antes tão belos, e vestiu-o com uns andrajos vis, sujos e hediondamente fumados. Por cima, lançou-lhe uma pele grande e toda rapada de coroa#ágil. Finalmente, deu-lhe um alforje desprezível e esfrangalhado, suspenso de uma correia velha.

Depois de tudo combinado entre eles, separaram-se. Atena foi

para a divina Lacedemónia, ao encontro do filho de Ulisses.

[1-26)

RAPSO DIA XIV

Colóquio de Ulisses com Eumeu

Ulisses tomou o caminho áspero que vai do porto, por umas eminências, através do arvoredado, em direcção ao lugar, onde, segundo Atena lhe indicara, se erguia a morada do porqueiro exímio, aquele que, entre os seus criados, lhe cuidava mais fielmente dos haveres. Encontrou-o assentado, defronte da casa, num recinto belo e espaçoso, construído ao ar livre, em volta do qual corria um alto muro. O porqueiro, na ausência do seu senhor e independentemente da dona e do velho Laertes, foi quem o construiu para os porcos, com pedras para ali arrastadas, e o vedou com espinheiros, por cima do muro. Por fora, rodeara-o com estacas de cerne de carvalho, grossas e bastas; e, no interior, fez doze pocilgas contíguas, para as marrãs se deitarem. Em cada uma delas havia cinquenta marrãs prenhes. Os porcos eram muito menos e estavam separados. O seu número diminuía, dia a dia, porque os pretendentes, semelhantes aos deuses, reclamavam-nos para os seus festins, a quem o maioral dos pastores era obrigado a mandar, de cada vez, o porco mais bem cevado. [Eram, ao todo, trezentos e sessenta.] junto deles estavam, de contínuo, quatro cães, como feras, que o porqueiro, chefe dos pastores, alimentava.

Este, à chegada de Ulisses, tentava adaptar a seus pés umas sandálias que talhara da pele de um boi de linda cor. Quanto aos outros pastores, três tinham ido para partes diferentes com varas de porcos; e o quarto enviara-o Eumeu à cidade, a levar

193 O-13 XIV (27-60)

aos pretendentes orgulhosos o porco requisitado, para, depois de morto, satisfazerem com a carne o seu apetite. De repente, os cães viram Ulisses e correram, ladrando, para ele.

Ulisses, porém, assentou-se com manha e deixou cair o pa#das mãos. Ali, junto dos currais dos seus porcos, talvez foss mordido pelos seus cães, se o porqueiro, largando o que estava a fazer, não-acudisse logo e não os enxotasse, aos berros e às pedradas, cada um para o seu lado.

Eumeu, depois, disse ao seu senhor:

- f ancião, pouco faltou, para seres despedaçado, num instante, pelos cães; e as culpas recaíam sobre #, a quem os deuses já deram outras penas e aflições. Vivo aqui, a chorar e a lamentar o meu senhor semelhante a um deus e a criar estes cevados, para outros comerem, enquanto ele, talvez, com desejos de matar a fome, anda errante pelas terras e cidades de gentes estranhas, se é que ainda vive, algures, e vê a luz do Sol. Mas segue-me. Vamos para a choupana, para que, satisfeita a tua vontade de comer e de beber vinho, me digas donde és e os trabalhos que tens sofrido.

Sem mais delongas, o exímio porqueiro levou Ulisses para a sua choupana; e, depois de o introduzir, espalhou pelo chão ramos espessos, sobre os quais estendeu um velo de cabra montesa, grande e peludo, em que ele próprio se deitava; e mandou-o assentar-se ali.

Ulisses alegrou-se com um tal acolhimento e dirigiu-lhe estas palavras:

- Zeus e os outros deuses imortais te concedam, ó meu hospedeiro, o que mais desejas, por me receberes com tanta amabilidade.

Tu, porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

- Estrangeiro, não me é lícito desprezar um hóspede, ainda que venha em pior estado do que tu, porque hóspedes e indigentes são todos enviados por Zeus. Dádiva pequena é a minha, mas de amigo. Tu sabes que os escravos, de ordinário, andam sempre receosos, quando governam senhores novos ". Certamente

XIV [61-95)

foram os deuses quem impediu o regresso do meu, que me queria com todo o carinho e me daria uma casa, uma herança e uma mulher formosa - bens que um senhor benévolo costuma dar a um criado, que se afadigou muito por ele e cujo trabalho um deus faz prosperar, como prospera este, de que me ocupo. Por isso, o meu senhor, se envelhecesse aqui, prestar-me-ia grande ajuda. Mas ele pereceu! Oxalá Helena e a sua raça assim tivessem perecido também, por quem os joelhos de muitos varões se dissolveram ""1 Porquanto ele foi a ílion de belos potros combater contra os Troianos, por causa da honra de Agamémnone.

Ditas estas palavras, apertou rapidamente a túnica com o cinto e foi às pocilgas, onde havia ninhadas de leitões.

Tomando dois, trouxe-os e matou-os ambos, que, depois de chamuscados e retalhados, pôs em espetos. E, quando estavam assados, polvilhou-os com farinha branca de cevada e serviu a Ulisses a carne quente, ainda nos espetos. Em seguida, misturou vinho melífluo numa tigela e foi colocar-se adiante dele, a quem exortou com estas palavras:

- Agora, come, estrangeiro. Esta carne de leitão é a que os servos gastam; os cevados, esses devoram-nos os pretendentes, sem pensarem na vingança divina, nem sentirem piedade de ninguém. Aos deuses bem-aventurados não agradam obras perversas; eles honram a justiça e as acções boas dos homens. Gente inimiga e malévola, que invade a terra de outrem, entregue por Zeus a seus golpes, pode regressar à pátria com as naus repletas; mas o temor da vingança divina oprime-lhes o espírito. Os pretendentes, por certo, devem ter notícia da morte lamentável do meu senhor, que a voz de algum deus lhes anunciara, pois que não pretendem o casamento de um modo justo, nem vão para as suas casas; mas, na sua insolência, dissipam, sossegados, os bens alheios, sem nada pouparem. Todas as noites e dias, que Zeus nos manda, imolam não só uma nem duas vítimas; além disso, bebem e esgotam o vinho violentamente. A fazenda

do meu amo era, sem dúvida, imensa, com a qual não competia a de nenhum herói do continente de costas sombrias ou da própria Ítaca, nem a riqueza de vinte homens juntos. Vou especificar-ta. Doze manadas de bois, outros tantos rebanhos de ovelhas, outras tantas varas de porcos e outros tantos fatos de cabras são-lhe apascentados por estranhos e pelos seus próprios pastores. Aqui, nestes extremos, andam a pastar, ao todo, onze rebanhos de cabras, que guardam homens de confiança. Cada um destes leva, todos os dias, uma rês aos pretendentes, a que lhe parece melhor, dentre as mais gordas. Quanto a mim, guardo estas marrãs e defendo-as; e envio-lhes o melhor porco, depois de escolhido cuidadosamente.

Assim dizia o porqueiro; mas Ulisses, sem dizer palavra, comia carne à pressa e bebia vinho com avidez, premeditando na ruína dos pretendentes. Depois de confortado com a comida, Eudemo deitou vinho no copo, por onde ele próprio costumava beber e ofereceu-lho cheio. Ulisses aceitou-o; e, de ânimo bem disposto, dirigiu ao porqueiro estas palavras aladas:

- Amigo, quem te comprou com os seus bens era tão poderoso e rico, como dizes? Tu afirmaste que ele pereceu, por causa da honra de Agamémnone. Dize-me o seu nome. Talvez o tenha conhecido. Zeus e os outros deuses imortais sabem se poderei dar notícias dele, por tê-lo visto algures, pois tenho andado errante por muitas terras.

Replicou-lhe Eumeu, chefe dos pastores:

- *f* ancião, nenhum desses que andam a correr mundo e arribam aqui com notícias dele poderia convencer-lhe a esposa ou o filho. Esses vagabundos, por terem necessidade de socorro mentem sem mais nem menos e não querem falar verdade. Quem quer que chega a terras de Ítaca vai contar intrujices à minha senhora, que lhe dá bom acolhimento; e, uma vez informada de tudo, aflige-se e deixa deslizar as lágrimas,

como costuma# a mulher, quando o esposo lhe morre, longe dos seus. Até tu

196 XIV [131-169)

ancião, eras capaz de inventar logo uma história, se alguém te desse um manto e uma túnica, para vestires. Os cães e as aves ligeiras já lhe hão-de ter levado, a estas horas, a pele dos ossos, depois que a alma o abandonou; ou então devoraram-no os peixes do mar, não restando dele mais do que a ossada, sepulta numa praia, sob um montão de areia. Enfim, morreu, em qualquer parte! E atrás de si deixou os amigos cheios de cuidados, principalmente a mim, porque jamais encontrarei algures um senhor tão bondoso, nem mesmo na casa do meu pai e da minha mãe, onde nasci e fui criado. E, ainda que desejava ver a estes, na terra, com os meus olhos, não me aflijo, todavia, por sua causa tanto, como pela ausência de Ulisses, cujo nome, estrangeiro, apesar de ele não estar aqui, pronuncio com respeito, pelo muito que me estimava e porque parecia trazer-me no coração; e, não obstante estar ausente, chamo-lhe ainda o meu querido irmão.

O paciente e egrégio Ulisses respondeu-lhe:

- Amigo, tu estás assim tão incrédulo e recusas-te a admitir que ele haja de voltar, um dia? Pois bem. Eu afirmo-te com juramento que Ulisses há-de regressar; e, então, quando aparecer e entrar pela casa dentro, hei-de receber as alvíscaras: bons vestidos, um manto e uma túnica. Até lá não aceito nada, apesar de estar em grande necessidade. Parece-me odioso, como as portas do Hades, aquele que, induzido pela sua pobreza, se faz intrujão. Sejam testemunhas Zeus, primeiramente, entre os imortais, depois a mesa hospitaleira e o lar do nobre Ulisses, onde me encontro, de que tudo se há-de realizar, como garanto. Ele voltará ainda este ano. [Quando terminar este mês e principiar o outro, regressará a sua casa e vingar-se-á dos ultrajes cometidos contra a sua esposa e contra o seu filho].

Tu, ó porqueiro Eumeu, retorquiste-lhe:

- Ancião, eu não te darei nenhuma alvícaras, porque Ulisses não voltará jamais a casa. Bebe em paz e lembremo-nos doutras coisas. Não me fales mais disto, porquanto o meu coração

197 XIV [170-205)

aflige-se no peito, quando alguém pronuncia o nome do meu bom senhor. Deixemo-nos de juramentos. Que Ulisses volte é o desejo de nós todos: de Penélope, do velho Laertes, do deiforme Telémaco e o meu.

Demais, não cesso de lamentar-me por causa de Telémaco, o filho que Ulisses gerou. Quando os deuses tinham criado a esta vergôntea da família e julgava que seria, entre os homens, em nada inferior ao seu próprio pai, cuja beleza e estatura reproduziria, admiravelmente, um imortal ou um homem transtornou-lhe a cabeça e foi para a sacra Pilo em busca de notícias do seu pai. Os ilustres pretendentes, porém, armam-lhe emboscadas no seu regresso a casa, a fim de que a raça do divino Arcésio desapareça de Ítaca sem glória. Mas, quer tenha sido apanhado, quer tenha sido salvo pela protecção da mão do filho de Crono, deixemo-lo; e conta-me os teus trabalhos. Fala-me com lisura, para que fique bem informado. Quem és tu? Qual é a tua terra? Onde fica a tua cidade? Os teus pais onde moram? Em que nau vieste e como te trouxeram os marinheiros a Ítaca? Quem diziam eles que eram? Pois não creio que viesses para aqui a pé.

Disse-lhe em resposta o solerte Ulisses:

- Vou responder-te com toda a sinceridade.

Tivéssemos nós durante longo tempo, comida e bom vinho, para nos banquetear, em paz, dentro da cabana, enquanto outros se entregam ao trabalho, eu não acabaria de narrar-te todas as angústias que o meu coração, por vontade dos deuses, suportou, ainda que estivesse um ano a falar 105.

Quanto à linhagem, orgulho-me de ser filho de um varão opulento da vasta Creta, o qual criou, no seu palácio, muitos outros filhos, todos legítimos, que houve da sua esposa. A mim, porém, deu-me à luz uma mulher comprada, uma concubina. Mas, apesar disso, Castor Hilácides, que é o nome do meu pai, estimava-me tanto, como aos filhos legítimos. Ele era honrado em Creta como um deus, por causa dos seus sucessos, da sua

198 XIV [206-241]

riqueza e dos seus filhos ilustres. Mas as Parcas levaram-no para a morada de Hades; e os filhos orgulhosos lançaram sortes e distribuíram entre si os seus bens. A mim deixaram-me muito pouco em partilha. Contudo, como não era desprovido de merecimento, nem temia a guerra, casei-me com uma mulher, filha de gente rica, em atenção às minhas prerrogativas. Agora já lá vai tudo. Mas creio que reconhecerás ainda os restos da minha antiga força no meu corpo envelhecido pelos males que desabaram sobre mim.

Ares e Arena deram-me força e valor, para romper as hostes contrárias. Sempre que ia para uma emboscada com os homens mais valentes, meditando na ruína dos inimigos, nunca o meu ânimo viu a morte diante dos olhos. Eu era o primeiro de todos a lançar-me para a luta e matava com a lança o adversário, que na carreira me fosse inferior. Assim era na guerra. Da lavoura ou da administração da casa, que cria filhos ilustres, disso não gostava. Agradaram-me sempre, pelo contrário, naus providas de remos, guerras, dardos bem polidos e frechas - instrumentos mortíferos, que para uns são horríveis, mas a mim dão-me prazer, por uma divindade me ter

feito com esta inclinação, pois um homem deleita-se com isto e outro com aquilo.

Antes de os filhos dos Aqueus desembarcarem em Tróia, já eu tinha comandado nove vezes guerreiros e naus rápidas contra gentes estranhas e adquirido grande abundância de despojos. Destes, escolhia os que me agradavam; e muitos outros caíam-me, depois, em sorte. Deste modo, a minha casa prosperou rapidamente e tornei-me temido e respeitado, entre os Cretenses. Quando, porém, Zeus longividente ordenou a odiosa expedição, na qual os joelhos de muitos varões se dissolveram, fui com o celebérrimo Idomeneu encarregado de comandar as naus que iam para Ílion, sem que houvesse meio de me escusar, por temor da má opinião do povo. Nós, os filhos dos Aqueus, combatemos lá, durante nove anos; e, no décimo, assolada a cidade

XIV [242-274)

de Príamo, embarcámos para a pátria. Um deus dispersou, então, as nossas naus.

O onisciente Zeus meditou desgraças contra mim, infeliz, que apenas estive um mês, a gozar da companhia dos filhos e da minha legítima esposa e a usufruir as minhas riquezas. O ânimo aventureiro incitou-me a navegar para o Egito com os meus companheiros deiformes, depois de ter aparelhado devidamente as naus. Eram nove as que eu aparelhei, às quais a tripulação depressa se reuniu. Os meus queridos companheiros banquetearam-se, durante seis dias. Eu forneci-lhes muitas vítimas, para sacrificarem aos deuses e prepararem os seus festins. Ao sétimo dia, partimos da vasta Creta com o sopro forte e favorável do Bóreas. Navegámos com tanta rapidez, como se fôssemos à mercê da corrente. As naus, que o vento e o piloto dirigiam, não sofreram nenhum estrago e nós íamos assentados, incólumes e de saúde.

Depois de cinco dias, chegámos ao rio Egipto " de bela corrente, onde mandei ancorar as naus movidas a remos. Recomendei, então, aos meus queridos companheiros que ficassem ali, junto das naus e as guardassem; e aos espias exortei-os a subir às atalaias. Mas, seguindo o seu próprio impulso, deram-se a actos de violência: começaram logo a devastar os campos magníficos dos Egípcios, a arrebatá-lhes as mulheres e as tenras crianças e a dar a morte aos homens.

Em breve, chegou o clamor à cidade. Os Egípcios, ouvindo a gritaria, acorreram, ao despontar da aurora e encheu-se toda a planície de peões, de cavalos e dos fulgores do bronze. Zeus que se#compram no raio lançou em fuga covarde os meus companheiros, que, rodeados por calamidades, por toda a parte, nem sequer tentaram resistir. Ali foram mortos com o bronze de bom fio muitos dos nossos; a outros levaram-nos vivos, para obrigá-los a trabalhar.

Zeus, porém, inspirou-me uma ideia (oxalá eu tivesse morrido e terminado ali, no Egipto, o meu destino, visto estar

200 XIV (275-312]

reservado para ser ainda vítima do infortúnio): tirei da cabeça o elmo artístico e dos ombros o escudo e arremessei a lança das mãos; em seguida, fui direito à cavalaria real e abracei e beijei os joelhos do rei. Ele defendeu-me e salvou-me: mandou-me assentar no seu carro e conduziu-me para o seu palácio, todo debilhado em lágrimas. Muitos investiram com a lança contra mim, veementemente encolerizados, com desejo de me matar; mas o rei deteve-os, porque temia a cólera de Zeus hospitaleiro, que se indigna, em extremo, contra as más acções.

Permaneci, no Egipto, sete anos; e aí ajuntei muitas riquezas, oferecidas pelos seus habitantes. Mas, quando, no

curso dos anos veio o oitavo, apresentou-se-me um Fenício hábil em patranhas, homem perverso, que já causara dano a muita gente, o qual teve artes de me persuadir a segui-lo para a Fenícia, onde vivia, na posse dos seus bens. Estive com ele um ano completo.

Depois de passarem meses e dias e que, volvido um ano, as estações tornaram a suceder-se, ele embarcou-me, dolosamente, para a Líbia, numa nau sulcadora do mar, com o fim de ajudar-lhe a levar a carga e de adquirir, lá, um lucro incalculável com a minha venda. Ainda que desconfiava dele, fui, contudo, obrigado a acompanhá-lo na sua nau. Esta singrava, impelida pelo forte e favorável sopro do Bóreas, em alto mar, acima de Creta, enquanto Zeus meditava na sua ruína.

Uma vez deixada Creta e não se vendo nenhuma terra, mas unicamente céu e água, o filho de Crono fez aparecer uma nuvem sombria por cima da nau côncava, com a qual o mar ficou todo obscurecido. Simultâneamente, ribombou o trovão e um raio atingiu a nau, que estremeceu toda e encheu-se de enxofre. Os homens foram todos arremessados ao mar; e andavam em volta da nau escura, à mercê das ondas, semelhantes a gralhas marinhas, sem esperanças de regressarem à pátria. Quanto a mim, que vogava de coração aflito, Zeus impeliu para as minhas mãos um grande mastro da nau de escura proa, para me livrar, outra vez, da morte.

201 XIV [313-350)

Andei, durante nove dias abraçado a ele, sob o impulso dos ventos perniciosos; mas, no décimo, por uma noite caliginosa, um vagalhão atirou-me, a rolar, para a terra dos Tesprotos ". Ali, o seu rei, o herói Fidão, acolheu-me benignamente. Foi o filho dele quem me conduziu, transido de frio e exausto, segurando-me pela mão, para os paços do pai, onde me deu um manto e uma túnica, para eu vestir.

Aqui ouvira falar de Ulisses. O rei afirmava que lhe dera hospedagem no seu regresso à pátria; e mostrou-me até as riquezas que ele ajuntara: bronze, ouro e ferro elaborado. Poderia tudo sustentar ainda outro homem, até à décima geração

- tantas eram as preciosidades que tinha no palácio do rei. Disse-me também que Ulisses fora a Dodona "", para saber do roble divino, de elevada copa, a vontade de Zeus a respeito do modo de regressar à terra fértil de Ítaca, de que se ausentara, há muito: se manifestamente ou às ocultas. E jurou-me, ao fazer no palácio as libações da despedida, que uma nau tinha sido lançada ao mar e que estavam prontos os homens que deviam reconduzi-lo à terra pátria.

A mim despediu-me primeiro, porque sucedeu casualmente partir uma nau com Tesprotos para Duliquio, fértil em trigo. Ele tinha dado ordem à equipagem de me levar com todo o carinho para junto do rei Acasto; mas aos homens aprouve tomar uma resolução perversa a meu respeito, a fim de que sofresse a calamidade das calamidades. Quando a nau sulcadora do mar estava já muito longe da terra, eles apressaram-se a fazer surgir para mim o dia da escravidão. Depois de ser despojado dos vestidos, do manto e da túnica, envolveram-me nuns andrajos vis e nesta túnica esfrangalhada, que tu vês. Pela tarde, chegaram a paragens de Ítaca, visível ao longe. Então, prenderam-me fortemente na nau de boa cobertura com uma corda retorcida; depois desembarcaram e cearam, apressadamente, na praia.

Os deuses, porém, desataram-me, num instante, as prisões; e, envolvendo a cabeça com um farrapo, escorreguei pelo leme

XIV [351-385)

e dei o peito às ondas. Em seguida, fazendo dos braços remos, avancei, a nadar, e depressa me vi fora da água, longe dos inimigos. Subi além, onde há uma espessura verdejante; e aí permaneci deitado, cosido com o chão. Entretanto, eles davam altos suspiros e iam de um lado para o outro. Por fim, não lhes parecendo útil continuar as pesquisas, voltaram para a nau côncava. Os deuses tinham-me ocultado facilmente. Foram eles quem me trouxe para a cabana de um varão cordato, pois o meu destino é viver ainda por mais tempo.

Tu, ó porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

- Ah, infeliz estrangeiro! Na verdade, comoveste-me o coração com o relato pormenorizado dos trabalhos, que sofreste a correr mundo. Mas não acredito no que disseste a respeito de Ulisses. Que precisão tens tu de mentir, sendo um homem honesto, sem ter motivo para tal? Eu estou bem informado, quanto ao regresso do meu senhor. Os deuses não gostavam dele; por isso, não permitiram que morresse no meio dos Troianos, quando havia guerra, nem, depois, nos braços dos amigos, para que nem os Panaqueus lhe levantassem um monumento, nem o filho herdasse a fama do pai; mas foi, sem glória, arrebatado pelas Harpias.

Eu vivo aqui retirado ao pé dos porcos; e não vou à cidade, a não ser que a sensata Penélope me chame, quando lhe chegam notícias de alguma parte. Lá, assentados, os outros informam-se de tudo minuciosamente, tanto os que se afligem com a ausência do senhor, como os que se alegram com ela, para poder, sem receio, devorar os seus bens. Quanto a mim, já não pergunto por novidades, desde que um homem da Etólia me enganou com as suas histórias, o qual, por ter matado um homem, andou fugido por muitas terras e, por fim, chegou a minha cabana, onde o acolhi. Dizia ele que tinha visto Ulisses em Creta, junto de Idomeneu, a reparar as naus que os temporais lhe haviam despedaçado; e que, no Verão ou no Outono, devia chegar com muitas riquezas e os seus companheiros deiformes.

203 XIV [386-417)

Tu, velho, que já tanto tens padecido, visto um deus ter-te guiado para a minha cabana, não tentes comprazer-me, nem seduzir-me com patranhas, pois não é por isso que te hei-de respeitar nem dar a minha estima, mas por temor de Zeus hospitaleiro e por compadecer-me de ti.

Volveu-lhe o prudente Ulisses:

- Na verdade, tens no peito um ânimo muito incrédulo, que nem após o juramento consigo demover nem inspirar-te confiança. Façamos uma aposta de que sejam testemunhas, lá em cima, os deuses, moradores do Olimpo. Se o teu senhor regressar a sua casa, vestir-me-ás com um manto e uma túnica e enviar-me-ás a Dulíquio, aonde desejo ir; no caso contrário, incita contra mim os escravos e precipita-me do alto de um grande rochedo, para que nunca mais mendigo algum se atreva a vir aqui enganar-te.

Respondeu-lhe o porqueiro exímio:

- Eu havia de ganhar, meu hóspede, entre os homens de hoje e os futuros, boa fama e um nome digno, se, depois de trazer-te à minha cabana e de te tratar como hóspede, te matasse. Então, poderia de todo o coração e alegremente orar a Zeus, filho de Crono".

Mas são horas de ceia. Oxalá cheguem depressa os meus companheiros, para prepararmos aqui uma ceia apetitosa.

Assim conversavam os dois. Entretanto, aproximaram-se os porqueiros com as reses, que encerraram nas pocilgas costumadas, para aí dormirem, enquanto os porcos levantavam no estábulo um grunhido sem fim. O exímio porqueiro Eumeu ordenou, então, aos seus camaradas:

- Trazei o porco melhor, para que o prepare em atenção a este estrangeiro vindo de longes terras. Assim, aproveitar-nos-emos também nós dos porcos de brancos dentes, que nos têm custado muitas canseiras, ao passo que outros

comem sem lei nem razão o fruto do nosso trabalho.

XIV [418-449)

Após estas palavras, pôs-se a rachar lenha com o bronze cruel; e os companheiros trouxeram um porco muito gordo, de cinco anos, que colocaram de pé, junto do lar. O porqueiro, como tinha sentimentos piedosos, não se esqueceu dos imortais. Lançou, primeiro, ao fogo os pelos da cabeça do porco de alvos dentes, ao mesmo tempo que rogava a todos os deuses pelo regresso do prudente Ulisses a sua casa. Feito isto, levantou o braço e feriu a vítima com uma acha de carvalho, que deixara por rachar, e a vida do porco evolou-se. Em seguida, sangrado e chamuscado, eles dividiram-no em pedaços; e o porqueiro estendeu uma camada de gordura sobre pedaços de carne crua de todos os membros e lançou-os ao fogo, depois de o ter polvilhado com farinha de cevada. O resto da carne, uma vez retalhada, assaram-na cuidadosamente em espetos, donde a tiraram, depois de assada; e puseram-na toda junta sobre uma mesa ". Nesta altura, o porqueiro, que era equitativo, levantou-se para fazer as rações. Dividiu toda a carne em sete pedaços, dos quais reservou um para as ninfas e para Hermes, filho de Maia, a quem dirigiu as suas súplicas. Os outros distribuiu-os pelos convivas. A Ulisses honrou-o com o lombo inteiro do porco de alvos dentes, pelo que o coração dele se regozijou.

Tomando, então, Ulisses a palavra, disse:

- Oxalá, Eumeu, sejas tão caro ao pai Zeus, como a mim, porque apesar do estado, em que me encontro, me honras com os teus dons.

Tu, porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

- Come, ó mais infeliz dos hóspedes, e deleita-te com o que tens adiante de ti. A divindade dar-te-á umas coisas e recusar-te-á outras, conforme o seu coração quiser, pois os

deuses podem tudo.

Disse; e ofereceu as primícias aos deuses sempiternos. Em seguida, depois de libar com o vinho rutilante, pôs o copo nas mãos de Ulisses, assolador de cidades, que estava assentado ao pé da sua ração. Apenas Mesáulio distribuiu pão a todos

205 XIV [450-484)

(Mesáulio era um escravo que o porqueiro tinha adquirido, na ausência de Ulisses e independentemente da senhora e do velho Laertes; comprara-o aos Táfiros com os seus próprios bens), os convivas estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Quando já tinham saciado a vontade de beber e de comer, Mesáulio recolheu os restos do pão e todos se apressaram a ir para o leito, fartos de pão e de carne.

Sobreveio uma noite feia, sem lua, durante a qual Zeus fez chover sem interrupção e o Zéfiro, que sempre traz chuva, soprou furiosamente. Ulisses, tentando o porqueiro, a ver se este tirava o seu manto e lho dava ou se aconselharia a isso alguns dos presentes, pois se mostrava tão serviçal, falou assim:

- Escutai-me, Eumeu e todos os demais companheiros! Vou dizer algumas palavras em meu louvor, porque assim manda o vinho, este louco, que faz cantar e rir até às lágrimas o homem mais avisado; incita à dança e provoca a chalaça, que melhor seria ficasse por dizer. Mas, já que comecei este discurso, não me calarei. Oxalá fosse tão jovem e tivesse a mesma força que tinha, quando nós, depois de preparada a emboscada",#a colocâmos junto dos muros de Tróia! Ulisses e Menelau Atrida eram os chefes, entre os quais ia eu como terceiro, porque eles tinham assim ordenado. Como, porém, tivéssemos chegado à cidade e aos seus altos muros,

cosemo-nos, armados, com o chão, numa espessura, entre as canas de um pântano, ao pé da cidade. Mas eis que sobrevém uma noite detestável, por causa do Bóreas, uma noite glacial. E caía sobre nós uma neve fria, como flocos de geada, que se condensava sobre os escudos, formando uma espessa camada de gelo. Ora, todos os outros tinham mantos e túnicas e dorniiam tranquilos com os ombros cobertos pelos escudos; eu, porém, ao partir, deixara por imprudência o meu manto aos companheiros, não julgando que devesse sentir tanto frio; e segui com o escudo apenas e com o meu cinto reluzente. Quando a noite ia na sua terceira parte e os astros se inclinavam para o ocaso, disse para Ulisses, que estava ao pé de mim,

206 XIV (485-520)

tocando-lhe com o cotovelo:

Filho de Laertes, da estirpe Zeus, Ulisses fecundo em recursos! Vou deixar de perto ao número dos vivos, porque o frio, por falta de manto,

#deta-se de mim. Alguma divindade me enganou, e me fez só de túnica. Agora não posso escapar à morte.

Assim falei; e logo ele descobriu este recurso com o tal que o distinguía no conselho e no combate:

- Cala-te! Que nenhum dos Aqueus te oíça!
E, de cabeça apoiada ao cotovelo, prosseguiu:

- [Ouvi, amigos. Um deus enviou-me um sonho, quando dormia]. Como nos afastámos demasiado das naus, seria que alguém fosse dizer ao filho de Atreu, a Agamémnone, pai de povos, se não seria possível enviar-nos mais guerreiros.

Apenas pronunciara estas palavras, levantou-se, acto contínuo
#Toante, filho de Andrémone, e, arremessando de si o m
purpúreo, dirigiu-se, a correr, para as naus. E eu fiquei
deitado nele, todo satisfeito, até que apareceu a Aurora de
áureo# tr [Oh, fosse eu, neste momento, tão jovem e tivesse a
mesma que então, algum dos porqueiros havia de me dar um m por
amizade e, ao mesmo tempo, em atenção a um ho valente, Mas
agora desprezam-me, por uns farrapos vis

Tu rem o meu corpo].

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

- f#gndão, a bonita história que contaste não foi in nem
inconveniente. Tu não ficarás sem roupa nem alguma#o coisa,
das que se dariam a um suplicante infeliz que neste momento,
viesse ao nosso encontro. De manhã, retomarás os andrajos,
visto aqui não haver muitos mantos nem túnicas reservados,
para mudarmos; cada homem tem só uma. [Depois quando vier o
filho de Ulisses, ele dar-te-á vestidos, um ma e uma túnica e
conduzir-te-á aonde o teu coração te imp#

Ditas estas palavras, levantou-se e preparou ao hóspede cama
junto do lume, que proveu com peles de ovelha e de ca s - e
Eumeu lan ou-lhe or cima um ma
##

XIV (521-533)

amplo e grosso - peça que tinha de reserva, para quando viesse
algum Inverno extraordinário.
Ali, pois, dormiu Ulisses e à sua beira, os jovens pastores.
Ao porqueiro, porém, não lhe agradou ter a sua cama naquele
lugar e dormir longe dos porcos; por isso, preparou-se para
sair, com satisfação de Ulisses, por ver que tratava com

grande solicitude dos seus bens, durante a sua ausêndci.

Primeiramente, suspendeu do seu ombro forte a espada de bom fio; depois, pôs um manto muito espesso, para se abrigar do vento; e, por último, tomou um velo de uma cabra grande e bem nutrida, assim como um venábulo, a sua defesa contra cães e homens. E partiu com vontade de se deitar para a concavidade de uma rocha, onde dormiam, ao abrigo do Bóreas, os porcos de alvos dentes.

208 [1-16]

RAPSÓDiA XV

Telémaco chega à morada de Eumeu

Palas Atenas dirigiu-se à vasta Lacedemónia, para anunciar ao filho ilustre do magnânimo Ulisses o regresso do pai e incitá-lo a partir para a pátria. Encontrou Telémaco e o filho egrégio de Nestor deitados,, no vestíbulo "" do palácio do glorioso Menelau. O filho de Nestor jazia ainda vencido pelo sono, mas Telémaco não se deixara dominar pelas doçuras dele, porque, durante a noite sem fim, o pensamento do pai preocupava-lhe o coração e conservara-o acordado. Atena de olhos brilhantes, aproximou-se dele e falou assim:

- Telémaco, não convém que continues a divagar longe do teu palácio, onde deixaste os teus haveres e uns homens tão orgulhosos. Teme que eles distribuam entre si os teus bens e os devorem todos, enquanto andas por aqui debalde. Exorta Menelau, valente no combate, a que te reenvie o mais depressa possível, para que possas encontrar ainda em casa a tua mãe irrepreensível. O pai e os irmãos aconselham-na a casar-se com Eurímaco, que sobrepuja em dádivas a todos os pretendentes e não cessa de aumentar-lhe o dote. [Acautela-te de que, contra a tua vontade, te levem do palácio alguma coisa

preciosa. Tu conheces o coração que a mulher tem no peito: ela deseja fazer prosperar a casa daquele que a toma por esposa e não se recorda mais dos primeiros filhos ou do marido legítimo que morreu, nem pergunta por eles. Por isso, logo que regresses, confia os teus bens à escrava que te pareça mais fiel, até que os deuses te deparem uma consorte digna.]

209 O-14 XV (27-64)

Vou dar-te outro conselho, que deves guardar no teu coração. Os chefes dos pretendentes prepararam-te uma emboscada, no estreito, entre Ítaca e a Sarna escabrosa; eles projectam matar-te, antes de chegares à terra pátria. Não temo, porém, que isto suceda. Primeiro encerrará a terra no seu seio a cada um desses que devoram a tua fortuna. Afasta das ilhas a nau sólida e navega de noite. Aquele dos imortais que te guarda e protege enviará monção favorável. Apenas tenhas atingido o primeiro cabo de Ítaca, poja aí e ordena aos teus companheiros que levem a nau para a cidade; mas tu dirige-te, sem perda de tempo, para junto do porqueiro, que te é afeiçoado. Pernoita na sua morada e manda anunciar à sensata Penélope que chegaste, são e salvo, da viagem a Pilo.

Depois de ter assim falado, Atena afastou-se para o Olimpo espaçoso.

Telêmaco despertou, então, ao filho de Nestor das doçuras do sono, [sacudindo-o com o pé, e disse-lhe estas palavras]:

- Desperta Pisístrato, filho de Nestor. Atrela ao carro os corceis de patas rijas, para concluirmos a nossa viagem.

Replicou-lhe Pisístrato, filho de Nestor:

- Telêmaco, apesar da urgência da partida, não é possível conduzir os cavalos através da noite escura". A aurora despontará em breve. Espera, até que o herói Atrida, Menelau,

célebre na lança, coloque as dádivas no carro e nos reenvie com as suas palavras amáveis. Não é verdade que o hóspede se lembra, todos os dias, do hospitaleiro que o tratou como amigo?

Assim disse; e logo apareceu a Aurora de áureo trono. Aproximou-se deles, então, Menelau, valente no combate, que vinha de se levantar do leito, de junto de Helena de bela cabeleira. Como o filho de Ulisses o notasse, apressou-se a vestir a túnica esplêndida e a lançar o seu grande manto em volta dos ombros robustos. Depois, [Telêmaco, o filho do divino Ulisses], caminhou para a porta e, parando junto dele, disse-lhe:

- Menelau Atrida, aluno de Zeus, chefe de guerreiros,

XV [65-96)

reenvia-me já para a terra pátria, porque o meu coração anseia por voltar para casa.

Menelau, valente no combate, replicou-lhe:

- Telêmaco, não te deterei aqui por mais tempo, visto suspirares pelo regresso; pois censuro tanto o proceder daquele, que recebe um hóspede com demasiados transportes de amizade, como o de quem o acolhe com enfado extremo. Deve haver moderação em tudo. [Procede tão mal o que exorta o seu hóspede a ir-se, quando ele não quer, como aquele, que o detém, quando deseja partir. Deve tratar-se bem o hóspede, enquanto está presente, e despedi-lo, quando ele desejar].

Espera, até que eu coloque as minhas dádivas preciosas no carro e tu as admires com os teus olhos, Nem saias antes de dizer às mulheres que preparem uma refeição na sala com as provisões que existem, em abundância, dentro do palácio. É grande honra para mim e utilidade para os hóspedes que vão

pela terra imensa, só depois de eles comerem bem.

Declara-me se queres regressar pela Hélada e por Argos, a fim de que te acompanhe. Eu jungirei os cavalos e conduzir-te-ei pelas cidades das gentes; e ninguém nos deixará partir, sem nos dar alguma coisa, para levarmos: uma trípode ou uma bela caldeira de bronze, um par de mulos ou uma taça de ouro.

Disse-lhe ' em resposta o prudente Telémaco:

- Menelau Atrida, aluno de Zeus, chefe de guerreiros, eu quero regressar a casa, porque não deixei ninguém, ao partir, encarregado da minha fazenda. Temo que, enquanto ando em procura do pai semelhante a um deus, eu próprio pereça [ou alguma preciosidade me seja subtraída do palácio.

Menelau, valente no combate, tendo-o ouvido, ordenou imediatamente à esposa e às escravas que preparassem a refeição na sala, com as provisões, que em abundância existiam dentro do palácio. Sobreveio, neste momento, Eteoneu, filho de Boeto, que se levantara, há pouco, do leito, pois não vivia muito longe

211 XV (97-133)

dali. Menelau, valente no combate, mandou-lhe acender o lume e assar a carne; e ele não desobedeceu à ordem.

Entretanto, Menelau baixou ao tesoiro perfumado com Helena e Megapentes. Quando chegou onde estavam as suas preciosidades, o filho de Atreu tomou um copo duplo e ordenou a seu filho Megapentes que levasse uma cratera de prata. Helena estava ao pé das arcas, onde se guardavam os peplos de muitas bordaduras, que ela própria tinha feito. A mulher preclara tomou um e levou-o consigo. Era o de bordados mais

belos e o maior, o qual, jazia debaixo dos outros e resplandecia como um astro. Depois caminharam pelo palácio até junto de Telémaco, a quem o fulvo Menelau disse:

- Telémaco, que Zeus, o esposo trovejante de Hera, te conceda um regresso tal, como o teu coração deseja. De quantos presentes na minha casa existem, que servem para guardar-se como lembrança, quero dar-te o mais belo e o mais precioso; ofereço-te uma formosa cratera, toda de prata, com bordas de ouro, trabalhada por Hefesto. O herói Fédimo, rei dos Sidónios, presenteou-me, quando me acolheu na sua casa, onde passei no meu regresso de Tróia. Este é o presente que te dou.

Após estas palavras, o herói Atrida entregou a Telémaco o copo duplo; e o forte Megapentes, que trazia a brilhante cratera de prata, colocou-a adiante dele. Em seguida, Helena de faces belas, aproximou-se com o peplo nas mãos e dirigiu-lhe estas palavras:

- Meu filho, eis o presente que te ofereço; é uma lembrança das mãos de Helena, para a tua esposa trazer, quando vier o tempo muito desejado das núpcias. Entretanto, que a tua mãe o guarde no palácio. Eu digo-te adeus e desejo-te um regresso feliz à bem construída " casa e à tua terra pátria.

Dito isto, pôs-lhe nas mãos o peplo, que Telémaco recebeu com alegria. O herói Pisístrato tomou, depois, as dádivas e foi colocá-las no cesto do carro, tendo-as, primeiro, admirado todas. Em seguida, o fulvo Menelau conduziu-os para a sala,

XV [134-168]

onde se assentaram em cadeiras e poltronas. Uma criada trouxe, logo, água, para se lavarem, num belo jarro de ouro, que lhes deitou nas mãos sobre uma bacia de prata; e colocou uma mesa polida adiante deles. Uma dispenseira veneranda

serviu-lhes pão, além de muitos outros manjares, existentes de reserva, dos quais distribuía com gosto. O filho de Boeto trinchou a carne e distribuía as rações, enquanto o filho do glorioso Menelau ia deitando vinho. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente.

Saciada a vontade de comer e de beber, Telémaco e o filho ilustre de Nestor atrelaram os cavalos e, assentados no carro de cores várias, guiaram-no para fora do vestíbulo e do pórtico retumbante. Atrás deles, seguia o filho de Atreu, o fulvo Menelau com um copo de ouro na sua mão direita cheio de vinho melífluo, para despedir os dois, após a libação. Parado, adiante dos cavalos, brindou os viajantes, dizendo:

- Sede felizes, jovens, e apresentem as minhas saudações a Nestor, pastor de povos, que para mim foi tão bondoso como um pai, enquanto nós, os filhos dos Aqueus, pelejámos em Tróia.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Sim, quando chegarmos, ó aluno de Zeus, dir-lhe-emos tudo isso que nos recomendas. Quem dera que, ao chegar a Ítaca, encontrasse Ulisses em casa e lhe pudesse dizer que parti do teu palácio, depois de tantas provas de carinho e de receber muitas e excelentes preciosidades.

Dito isto, voou para ele, para o lado direito "", uma ave: uma águia, que arrebatara do pátio um ganso branco e gigantesco, a qual homens e mulheres perseguiam, aos gritos. Ora, quando estava perto dos viajantes, lançou-se para a direita, em frente dos cavalos. Todos se alegraram, ao vê-la, e nos peitos alvoroçaram-se os corações.

Pisístrato, filho de Nestor, por seu turno falou assim:

- Menelau, aluno de Zeus, chefe de guerreiros, seria para

nós dois que um deus manifestou este prodígio, ou para ti só?

213 XV [169-201]

Assim disse; e Menelau, querido a Ares, pensava na resposta que lhe daria; mas Helena de longo peplo falou primeiro que ele:

- Escutai-me! Vou anunciar-vos o que os imortais inspiram ao meu coração e que, como julgo, terá cumprimento. Como esta águia vinda do monte, onde nasceu e tem os filhos, apanhou o ganso doméstico, assim Ulisses, depois de suportar trabalhos sem conta e correr muitas terras há-de volver a sua casa e vingar-se. Talvez até já lá esteja, a cogitar no extermínio de todos os pretendentes.

Replicou-lhe o prudente Telêmaco:

- Que Zeus, o trovejante esposo de Hera, assim o permita. De lá dirigir-te-ia os meus votos, como a uma deusa.

Disse; e com o chicote incitou os cavalos, que arrancaram, fogosos, para a planície, através da cidade. E, durante todo o dia, não deixaram de agitar o jugo que sustinham pelas extremidades. Pusera-se o Sol e todos os caminhos iam escurecendo,

quando chegaram a Feras¹¹⁷, ao palácio de Diocles, filho de Orsíloco, que tinha por pai a Alfeu¹¹⁷. Ali pernoitaram; e ele ofereceu-lhes os dons de hospitalidade.

Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, atrelaram os cavalos e, assentados no carro de cores variadas, guiaram-no para fora do vestíbulo e do pórtico retumbante. E Pisístrato com o chicote pôs em andamento os corcéis, que voaram, fogosos, e atingiram rapidamente a alta cidade de Pilo. Então, disse Telêmaco para o filho de Nestor:

- Podes tu, filho de Nestor, prometer-me o que vou pedir-te? Nós orgulhamo-nos de ser, em todo o tempo, hóspedes um do outro, em virtude da amizade dos nossos pais e por termos a mesma idade; além disso, esta viagem estreitará ainda mais a nossa amizade. Não me leves, aluno de Zeus, para além da nau; deixa-me perto dela. Receio que o ancião, desejando obsequiar-me, me detenha na sua casa contra a minha vontade. Eu tenho urgência em chegar a Ítaca.

XV [202-236]

Assim falou; e o filho de Nestor ponderava como cumpriria convenientemente o que desejava Telêmaco. Depois de ter reflectido, pareceu-lhe melhor proceder deste modo: guiar os cavalos para a nau ligeira e para a praia do mar. Assim fez. Em seguida, levou do carro para a popa da nau os presentes magníficos - os vestidos e o ouro oferecidos por Menelau. E, exortando a Telêmaco, pronunciou estas palavras aladas:

- Apressa-te agora a embarcar e ordena isso também aos teus companheiros, antes que eu chegue a casa e o anuncie a meu pai. O meu coração e o meu espírito sabem quanto o seu ânimo é violento. Ele não te deixará partir, mas virá aqui chamar-te; e não creio que regresse sem ti. No caso contrário, será grande a sua cólera.

Depois de assim falar, chicoteou os cavalos de belas crínas para a cidade de Pilo; e depressa chegou a seu palácio.

Quanto a Telêmaco, exortou os companheiros com estas palavras:

- Amigos, dispõe os aparelhos na nau escura e embarcai, a fim de levarmos a termo esta viagem.

Assim falou; e eles obedeceram-lhe: embarcaram

imediatamente e tomaram lugar nos bancos dos remadores.

Enquanto Telêmaco aprestava os preparativos da viagem e fazia votos e sacrifícios a Atena, junto da popa da nau, aproximou-se dele um estrangeiro: um adivinho, que fugira de Argos, por ter matado um homem. Descendia de Melampo. Este habitou, primeiro, em Pilo, criadora de rebanhos, onde se distinguiu por sua riqueza e tinha um palácio muito opulento. Mas depois foi residir para outra terra; fugiu da sua pátria e do magnânimo Neleu, o mais ilustre dos viventes, que, durante um ano, lhe reteve à força muitos dos seus bens. Durante este tempo, Melampo esteve carregado de cadeias' no palácio de Fílaço, a sofrer cruéis aflições, por causa da filha de Neleu e da grave loucura, que lhe metera no coração a terrível Erínie. Mas ele, depois de escapar à Parca, levou os bois mugidores de Fílaço para Pilo; e, para se vingar do deiforme Neleu, por

215 XV [237-270)

causa da sua acção vil, conduziu a donzela para casa, com o intuito de a entregar a seu irmão. Depois mudou de terra; foi para Argos de boas pastagens para cavalos, porque era o seu destino habitar aí e reinar sobre muitos Argivos. Ali casou, construiu um palácio alto e gerou dois filhos valentes:. Antífates e Mântio. Antífates foi pai do magnânimo Ecles e este de Anfiarau, incitador dos guerreiros, a quem Zeus, portador da égide, e Apolo amaram com um amor extremo. Não chegou, porém, ao limiar da velhice: morreu em Tebas, por causa dos presentes de uma mulher".

Alcmeão e Anfíloco foram os seus filhos.

Da sua parte, Mântio gerou a Polífides e a Clito, o qual foi arrebatado pela Aurora de áureo trono, [por causa da sua beleza, para viver entre os imortais]. Quanto ao magnânimo Polífides, Apolo, após a morte de Anfiarau, fez dele o adivinho mais excelente dos homens. Como, porém, se irritasse contra o seu pai, foi habitar para Hiperésia "", onde dava oráculos a toda a gente.

Ora, foi um filho de Polífides, de nome Teoclímeno, que se aproximou de Telémaco, quando estava a fazer libações e a orar, junto da nau ligeira e escura. Dirigindo-se a ele, disse estas palavras aladas:

- Amigo, visto encontrar-te aqui a sacrificar, rogo-te por essas oferendas e pela divindade, assim como pela tua cabeça e pelos companheiros que te seguem, que respondas com sinceridade à minha pergunta e que não me ocultes nada. Quem és tu? Qual é a tua terra? Onde fica a tua cidade? Os teus pais onde moram?

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Vou satisfazer, estrangeiro, à tua pergunta sem disfarce. A minha família vive em Ítaca; e o meu pai chama-se Ulisses se é que a sua existência foi uma realidade. Agora já deve ter sofrido uma morte lamentável. Eu vim com os meus companheiros, na nau escura, em busca de informações, a respeito dele, há muito ausente.

216 XV [271-304)

O deiforme Teoclímeno voltou a falar:

- Eu também saí da pátria, onde matei um homem da minha tribo, que tem numerosos irmãos e parentes em Argos de bons pastos para cavalos. Estes dominam com grande poder sobre os Aqueus; e eu fugi deles, para evitar a Parca negra; por isso, o meu destino é agora andar errante, entre as gentes. Leva na

tua nau ao fugitivo que to implora ! Temo que me matem, pois parece-me que andam na minha perseguição.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

- Não te expulsarei da nau, visto desejares ir connosco. Segue-me; e na minha pátria terás bom acolhimento, consoante nos for possível.

Ditas estas palavras, Telémaco recebeu a sua lança de bronze, que colocou sobre a coberta da nau movida a remos. Depois, embarcou e foi assentar-se na popa, onde ofereceu a Teoclímeno um assento à sua beira. A equipagem, então, desatou as amarras; e Telémaco ordenou-lhe que lançasse mão dos aparelhos, ao que obedeceu com diligência. Levantado ao alto o mastro de pinho, foi introduzido no encaixe do travessão; em seguida, os estais fixaram-no e foi içada a branca vela, por meio das adriças de coiro bem torcido. E Atena de olhos brilhantes enviou-lhes uma brisa favorável, que soprava com ímpeto do éter, para que a nau, singrando sobre a água salgada, terminasse a viagem, o mais depressa possível. Eles passaram ao lado das Fontes" e de Cálcide de bela corrente.

Pusera-se o Sol e todos os caminhos iam escurecendo, quando a nau, impelida com vigor pela monção de Zeus, ao longo das costas da Élide divina, onde dominam os Epeus, se aproximava de Feia".

Com o fim de escapar à morte ou de ser preso, Telémaco seguiu, depois, a rota em direcção às ilhas Agudas .

Entretanto, Ulisses, o porqueiro exímio e os demais pastores ceavam na cabana de Eumeu. Depois de saciada a vontade de beber e de comer, Ulisses, para provar se o porqueiro continuaria

217 XV [305-342)

a dar-lhe acolhimento amigo e o exortaria a ficar ali, na sua cabana, ou se o incitaria a ir para a cidade, falou assim:

- Escutai-me, Eumeu e todos os demais companheiros. De manhã, desde a alva, desejo dirigir-me à cidade, a mendigar, para não me tornar pesado a ti e aos companheiros. Aconselha-me e dá-me um bom guia que me conduza lá, onde serei constrangido a errar, em busca de quem me dê de beber e de comer. E irei ao palácio do divino Ulisses levar notícias à sensata Penélope. Ai, misturar-me-ei com os pretendentes orgulhosos, para ver se me dão de jantar, visto possuírem mantimentos inexauríveis. Entre eles, poderia executar com perfeição, tudo quanto quisessem; porque - atende e escuta o que vou dizer-te! Com a ajuda de Hermes, o mensageiro, que dá graça e glória às acções dos homens, nenhum mortal poderia rivalizar comigo em fazer com desembaraço qualquer trabalho, tanto em empilhar lenha para o lume e em rachar paus secos, como em trincar e assar a carne ou servir o vinho -serviços que os plebeus fazem aos nobres.

Tu, porqueiro, retorquiste-lhe, muito indignado:

- Ai, meu hóspede! Como te veio essa ideia à cabeça? Sem dúvida, estás resolvido a perecer lá, se pretendes ir para entre a turba dos pretendentes, cujo atrevimento e violência chega ao férreo céu. Os criados deles não são como tu. São jovens bem vestidos, de manto e túnica, de cabelo sempre luzidio e de belas faces. E as mesas bem polidas estão cheias de pão, de carne e de vinho. Fica, portanto, connosco, que a ninguém molesta a tua presença, nem a mim nem a nenhum dos meus companheiros. Depois, quando voltar o filho de Ulisses, ele dar-te-á vestidos, um manto e uma túnica e conduzir-te-á para onde o coração te impelir.

Disse-lhe em resposta o paciente Ulisses:

- Oxalá, Eumeu, tu sejas tão caro ao pai Zeus, como a mim, por fazer terminar o meu fadário errante e a minha
XV [343-377)

aflição cruel! Nada é pior para os mortais do que a vida vagabunda. O maldito ventre constrange-os a trabalhos penosos e lança-os na vagabundagem e no infortúnio; e acarreta-lhes aflições. Mas, visto que me deténs e ordenas que espere o teu senhor, dize-me se a mãe do divino Ulisses e o seu pai, que, ao partir, deixou no limiar da velhice, ainda vêm a luz do dia, ou se já morreram e desceram ao Hades.

Respondeu-lhe o porqueiro, chefe dos pastores:

- Vou responder-te, meu hóspede, com toda a sinceridade. Laertes ainda vive; e roga de contínuo a Zeus que lhe extinga a vida nos membros. Não cessa de lamentar a ausência do filho e a falta da sua legítima e prudente esposa, a qual com a sua morte lhe causou enorme aflição e o fez envelhecer, antes do tempo. Ela sucumbiu a uma morte lamentável, ao desgosto, por causa do seu glorioso filho. Oxalá não tenha uma morte semelhante qualquer habitante desta terra, que me seja caro e me trate amigavelmente!

Enquanto vivia, apesar de oprimida pela aflição, eu gostava de fazer-lhe perguntas e de conversar com ela, pois tinha-me criado juntamente com Crímena de longo peplo, a sua filha primogénita; por isso, estimava-me quase tanto como à filha. Mas, quando chegámos ambos à juventude, Crímena foi para Sama "" em casamento, a troco de inumeráveis presentes; e a mim, depois de me dar bons vestidos - um manto, uma túnica e

calçado - enviou-me para o campo e tornei-me, desde então, ainda mais caro ao seu coração. Agora estou privado da sua ajuda; em compensação, porém, os deuses bem-aventurados abençoaram o trabalho, de que me ocupo; dele como e bebo e dou acolhimento aos hóspedes respeitáveis.

Quanto à minha senhora, ninguém ouve dela uma palavra ou recebe uma prova de estima, desde que esses homens atrevidos lhe introduziram o infortúnio no palácio. E, sem embargo, os servos têm grande precisão de falar-lhe, de informar-se de

219 XV [378-411]

tudo, de comer e de beber com ela e de levar, depois, para o campo aquelas dádivas que aos criados alegram sempre o coração.

Disse em resposta o prudente Ulisses:

- Ai, porqueiro Eumeu. Tiveste tu, então, ainda criança, de errar longe da pátria e dos teus pais? Vamos! Responde-me e dize-me sinceramente se foi destruída a cidade de largas ruas, onde o teu pai e a tua veneranda mãe habitavam. Foi durante o saque da cidade, ou, quando estavas só, junto das ovelhas e dos bois, que homens inimigos te levaram cativo para as suas naus e te vieram, depois, vender ao palácio deste varão? Ele daria por ti uma paga condigna.

Respondeu-lhe o porqueiro, chefe dos pastores:

- Meu hóspede, já que perguntas isso e o inquires de mim, escuta-me em silêncio. Entretanto, delicia-te a beber vinho, aí assentado. Estas noites não têm fim. Há tempo para dormir e aqueles que gostam de ouvir falar podem satisfazer o seu gosto. Não debes deitar-te cedo demais, porque o sono demasiado faz mal. Quanto aos outros, a quem o coração e a vontade lho exige, esse vá dormir; e, ao raiar da aurora,

depois de comer, saia com os porcos do patrão.

Mas nós dois consolemo-nos com a lembrança dos nossos infortúnios deploráveis, a beber e a banquetear-nos dentro da choupana. O homem, que sofreu muito e andou por muitos caminhos sente prazer em recordar os seus trabalhos. Vou, pois, responder ao que me perguntas e desejas saber de mim.

Existe uma ilha de nome Síria - talvez já ouvisses falar dela situada acima de Ortígia "", para os lados do Ocaso, não muito populosa, mas uma boa terra, rica em pastagens, em ovelhas, em vinho e em trigo. A fome nunca aí entra, nem alguma doença odiosa aos infelizes mortais. Quando envelhecem, pela cidade, as gerações dos homens, Apolo do arco argênteo aproxima-se deles, na companhia de Artemis, e tira-lhes a vida com as suas frechas suaves.

XV [412-449)

Há na ilha duas cidades, que distribuíram entre si todo o território, sobre as quais reinou o meu pai, o deiforme Crésio, filho de Orménio. Aí vieram uns Fenícios, marinheiros célebres e homens velhacos, que traziam na nau escura brinquedos inumeráveis. Ora, no palácio do meu pai, havia uma mulher fenícia, bonita, corpulenta e hábil em favores primorosos, que os Fenícios astutos seduziram. Um deles abusou dela, num lavadouro, junto da nau; fascinara-a com amorosas carícias, engodo das mulheres, até das honestas. Depois, perguntou-lhe quem era e donde tinha vindo. Ela respondeu-lhe logo, apontando o palácio de alto tecto do meu pai:

- Orgulho-me de ser oriunda de Sidon, onde abunda o bronze; e Aribante é o meu pai, homem de uma prodigiosa opulência. Quando regressava do campo, fui raptada pelos Táfiros "", gente pirata, que me trouxeram para esta terra e venderam, por um preço condigno, ao senhor deste palácio.

Replicou-lhe o homem que, às ocultas, tinha abusado dela:

- Não desejarias voltar agora connosco para a pátria e ver o teu pai e a tua mãe, assim como a sua casa de alto tecto? Certamente, os dois ainda vivem e têm fama de ricos.

A mulher disse em resposta estas palavras:

- Consentiria nisso, marinheiros, se me garantísseis com juramento que me levaríeis, indemne, para lá.

Assim falou; e eles juraram todos, como a mulher exigia. Feito e pronunciado todo o juramento, tornou-lhes ela:

- Agora, silêncio! Nenhum dos vossos companheiros me dirija a palavra, se me encontrar na rua ou na fonte; temo que alg'uém vá ao palácio contá-lo ao velho e que este, suspeitando, me prenda com cadeias dolorosas e seja causa da vossa perdição. Retende na mente o que combinámos e não retardais a compra das mercadorias. Quando, porém, tiverdes carregado com elas a nau, fazei-me chegar, sem demora, a notícia ao palácio. Eu trarei comigo todo o oiro que me vier às mãos; e darei, de bom grado, em paga da viagem ainda mais. No palácio do meu nobre

221 XV [450-484)

senhor, educo um rapaz muito esperto, que, sempre que saio à rua, corre atrás de mim pela porta fora. Ele virá comigo para a nau; e vós podereis obter uma boa quantia em qualquer país estranho, aonde o fordes vender.

Dito isto, encaminhou-se para o palácio do meu pai.

Os Fenícios permaneceram, um ano inteiro, na cidade, junto de nós. Compraram aí muitas mercadorias, com que enchiam a sua nau côncava. Quando estava já carregada para a partida, um mensageiro foi levar a notícia à mulher. Era um

matreiro esse indivíduo. Ele apresentou-se no palácio do meu pai com um colar de ouro, em que estavam engastadas peças de âmbar. Ora, enquanto as escravas e a minha venerando mãe o examinavam e contemplavam, na sala, ao mesmo tempo que propunham o preço, o homem fez, em silêncio, um sinal à mulher e pôs-se a caminho para a nau bojuda.

A Fenícia, depois, tomou-me pela mão e conduziu-me para fora do palácio. E, como encontrasse no vestíbulo os copos e as mesas dos convivas, que assistiam a meu pai, os quais tinham ido para o conselho discutir os negócios do povo, tomou consigo três copos, que imediatamente escondeu no seio. Eu na minha ingenuidade fui seguindo a mulher.

Pusera-se o Sol e todos os caminhos iam escurecendo, quando, com passo estugado, chegámos ao porto esplêndido, onde estava a nau rápida dos Fenícios. Eles, depois que nos mandaram embarcar, embarcaram também e navegaram à vela pelos caminhos líquidos, impelidos pela monção que Zeus enviara. Navegámos, durante seis dias e seis noites. Quando Zeus, filho de Crono, tinha mandado o sétimo, Artemis, a deusa frecheira, feriu a mulher, que caiu no porão com estrondo, como gaivota do mar. Arremessaram-na, depois, para fora da nau, para ser pasto das focas e dos peixes; e eu fiquei de coração aflito. O vento e as ondas trouxeram-nos, por fim, para Ítaca, onde Laertes me comprou com os seus próprios bens. Foi assim que vi esta terra com os meus olhos.

XV (485-516]

Ulisses da estirpe de Zeus tomou, em seguida, a palavra:

- f Eumeu, comoveste-me, na verdade, o coração no peito com a narração minuciosa dos infortúnios que o teu ânimo suportou. Todavia Zeus, junto do mal, colocou-te um bem, porque, após os teus sofrimentos, arribaste ao palácio de um varão bondoso, que te dá comida e bebida em abundância e onde levas uma vida cómoda; ao passo que eu só cheguei aqui, depois de uma vida errante pelas cidades numerosas que os mortais habitam.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Finalmente,

foram dormir, mas não por muito tempo, porque a Aurora de belo trono despontou em breve.

Quanto aos companheiros de Telêmaco, eles amainaram as velas junto da costa; e, depois que com presteza arrearam o mastro, conduziram a nau a remos para o ancoradouro. Ali lançaram a âncora e prenderam as amarras. Acto contínuo, desembarcaram na ressaca, prepararam a refeição e fizeram a mistura do vinho rutilante. Saciada a vontade de beber e de comer, Telêmaco começou, então, a falar assim:

- Vós agora levai para a cidade a nau escura, que eu vou aos campos ter com os pastores. Só à tarde, quando tiver visto as minhas terras, baixarei à cidade. Amanhã de madrugada, em paga da viagem, oferecer-vos-ei uma refeição boa, de carne e de vinho saboroso.

Neste momento, o deiforme Teoclímeno disse a Telêmaco:

- Meu caro jovem, para onde me devo dirigir? Para o palácio de que homem irei eu, entre quantos imperam na fragosa Ítaca? Devo ir direito ao teu palácio ter com a tua mãe?

O prudente Telêmaco replicou-lhe:

- Noutras circunstâncias, mandar-te-ia para a nossa casa, porque lá não faltam os recursos, para acolher os hóspedes; mas hoje serias mal recebido, pois eu estou ausente e a minha mãe não te verá, ela que, raras vezes, se mostra aos pretendentes,

223 XV)517-549)

toda ocupada a tecer uma teia, longe deles, no andar

superior do palácio. Mas vou indicar-te um varão, com quem podes ir ter. Eurímaco, filho ilustre do prudente Pólibo, que os Iracenses já honram como a um deus. Tem excelentes qualidades e anseia ardentemente casar-se com a minha mãe e obter a dignidade régia de Ulisses. Zeus Olímpico, porém, que habita no éter, sabe se, antes das bodas, surgirá para os pretendentes um dia funesto.

Após estas palavras, voou para ele, para o seu lado direito, uma ave: era um falcão, o mensageiro rápido de Apolo, que depenava uma pomba presa nas garras, cujas penas caíam entre a nau e Telémaco. Teoclímeno chamou a este de parte e, tomando-lhe a mão, disse:

- Telémaco, não foi sem o concurso de um deus que esta ave voou para a tua direita. Eu, depois de a observar, conheci que era pressagiadora. Não existe em terras de Ítaca estirpe mais digna de reinar do que a vossa. Aí vós tereis sempre o poder.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Oxalá essa palavra se cumprisse, estrangeiro! Em breve experimentarias a minha amizade e receberias de mim presentes em tão grande número, que serias considerado feliz por todos quantos te encontrassem.

Assim falou. Depois dirigiu-se a Píreu, o seu fiel companheiro:

- Píreu, filho de Clítio, tu, que, entre os meus companheiros, que me acompanharam a Pílo te mostraste o mais obediente em tudo, leva este hóspede para a tua casa. Acolhe-o carinhosamente e honra-o, até que eu volte.

Pireu, afamado na lança, replicou-lhe:

- Telémaco, ainda que te demores muito no campo, eu cuidarei dele e não sentirá a falta dos dons de hospitalidade.

Depois de assim falar, embarcou e ordenou aos companheiros que embarcassem também e desprendessem as amarras. Eles entraram imediatamente para a nau e assentaram-se nos bancos dos remadores. Enquanto soltavam as amarras, Telémaco ligou

XV (550-557)

as suas belas sandálias aos pés e tomou da coberta a lança forte, de aguda ponta de bronze. Em seguida, a equipagem impeliu a nau para o alto mar e navegou em direcção à cidade, segundo as ordens do filho do divino Ulisses. Telémaco, por seu turno, dirigiu-se com passo ligeiro, para o cercado, onde possuía milhares de porcos, junto dos quais dormia o bom porqueiro, servo dedicado aos seus senhores.

225

RAPSÓDIA XVI

Reconhecimento de Ulisses por Telémaco

Ulisses e o porqueiro exímio acenderam o lume, ao romper da aurora, prepararam o almoço, na cabana, e despediram os pastores com as varas de porcos. Telémaco aproximava-se, por este tempo, sentido só pelos cães, que iam de um lado para o outro, fazendo-lhe carícias e sem soltar um latido. O egrégio Ulisses notou o agitar das caudas e percebeu ruído de pés.

Imediatamente, disse para Eumeu estas palavras aladas:

- Eumeu, por certo, vem ali algum teu companheiro ou alguém conhecido, porque os cães não ladram, mas vão de um lado para o outro, movendo as caudas. Ao mesmo tempo, oiço passos.

Ainda não tinha acabado de falar, quando o seu filho surgiu à porta. O porqueiro levantou-se tão estupefacto, que deixou cair das mãos os vasos, com que lidava na mistura do vinho rutilante. Aproximou-se, depois, do seu senhor, beijou-lhe a fronte, os seus belos olhos e ambas as mãos, enquanto derramava copiosas lágrimas. Como um pai acolhe com amor ao seu filho único, muito amado, ao regressar de longes terras, após uma ausência de dez anos, por causa do qual sofrera muitas angústias, assim o porqueiro exímio abraçava e beijava ao deiforme Telémaco, que julgara já morto. Por entre suspiros, disse-lhe estas palavras aladas:

- Telémaco, minha doce luz, eis que, enfim, regressaste. Eu julgava que não tornaria a ver-te, desde que te fizeste à vela para Pilo. Mas entra para dentro, meu filho, para que o meu coração se delicie a contemplar-te, ao chegares doutras terras.

XVI (27-63)

Tu não vens muitas vezes ao campo, até junto dos pastores; preferes ficar na cidade, como se te agradasse contemplar a turba perniciosa dos pretendentes.

Retorquiu-lhe o prudente Telémaco:

- Está bem, paizinho, está bem. Eu estou aqui só por tua causa, para que os meus olhos te vejam e para saber de ti se a minha mãe ainda vive no palácio ou se já se casou com algum

dos pretendentes e o leito de Ulisses, por não haver quem se deite nele, está repleto de vis teias de aranha.

O porqueiro, chefe dos pastores, replicou-lhe:

- Ela continua no teu palácio, de coração paciente; e consome os dias e as noites a chorar de contínuo.

Dito isto, tomou-lhe a lança de bronze; e Telémaco transpôs o limiar de pedra e avançou para dentro. Ulisses, o seu pai, cedeu-lhe o lugar; mas ele, da sua parte, recusou-lho com estas palavras:

- Deixa-te estar assentado, estrangeiro. Nós encontraremos lugar noutra parte da nossa cabana. Está aqui quem cuidará disso.

Assim falou; e o seu pai foi assentar-se de novo no mesmo lugar. O porqueiro espalhou, então, pelo chão ramos verdes e estendeu um velo por cima, sobre o qual o filho de Ulisses se assentou. Depois, serviu aos dois pratos de carne assada, que ficara da refeição da véspera. Além disso, acogulou com desembaraço açafates de pão e fez, numa escudela, a mistura de um vinho melífluo; por fim, foi assentar-se defronte do divino Ulisses. Eles estenderam logo as mãos para os manjares colocados à sua frente. Saciada a vontade de beber e de comer, Telémaco interrogou o porqueiro exímio:

- Paizinho, donde te veio este hóspede e como o trouxeram os marinheiros para Ítaca? De que país afirmaram eles que eram? Pois não creio que viesse para aqui a pé.

Tu, porqueiro Eumeu, respondeste-lhe:

- Vou dizer-te a verdade#. Ele orgulha-se de ser natural da vasta Creta; e diz que tem andado errante por cidades

227 XVI [64-101)

numerosas habitadas pelos mortais, porque assim o determinou um deus. Veio, há pouco, para a minha cabana, fugido de uma nau de Tesprotos. Deixo-o a teu cuidado. Procedo como quiseses. Ele honra-se de ser o teu suplicante.

Tornou o prudente Telémaco.

- O que me contas, Eumeu, aflige-me verdadeiramente o coração. Como poderei receber o hóspede em casa? Sou jovem e não confio no meu braço para a defesa dele contra o primeiro que o maltrate. A minha mãe... Ela tem no peito o ânimo perplexo: não sabe se há-de ficar comigo, a cuidar da casa, em reverência ao leito do seu marido e com receio da opinião do povo, ou se deve seguir o melhor dos Aqueus, que, no palácio, a pretenda em casamento e lhe ofereça mais presentes. Mas, visto o hóspede ter vindo para a tua cabana, vou dar-lhe vestidos novos, um manto e uma túnica, bem como uma espada de dois gumes e sandálias para os pés; e enviá-lo-ei, depois, para onde o seu coração quiser. Se te parece bem, cuida dele, conserva-o aqui, que eu enviar-lhe-ei roupa e alimento, para que não te seja incómodo a ti nem aos teus companheiros. Não consinto que vá para entre os pretendentes, porque são muito insolentes e atrevidos. Eu temo que o insultem, o que me daria grande desgosto. Um homem, por forte que seja, não pode triunfar de muitos, porque a força destes sobrepuja a de um só.

Disse-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

- Amigo, visto ser-me lícito responder-te, escuta. Tu confranges-me o coração, quando te oiço falar de crimes que os

pretendentes maquinam, no palácio, mau grado teu e a tua dignidade. Dize-me se voluntariamente te deixas dominar, se pela terra o povo te odeia, em obediência ao oráculo de um deus, ou se tens queixas contra os teus irmãos, com a ajuda dos quais podias ter confiança na vitória, ainda que fosse terrível a contenda originada. Oxalá estivesse na tua idade com o ânimo que tenho. Se eu fosse filho do nobre Ulisses ou Ulisses em pessoa [que realmente regressasse" (ainda há esperanças de
XVI [102-139]

que volte)], nesse caso, deixaria cortar a cabeça por um estranho, se não me tornasse o flagelo de todos os pretendentes, [à minha chegada ao palácio de Ulisses, filho de Laertes. E ainda que estivesse eu só contra muitos, preferiria sucumbir, no meu palácio, às suas mãos assassinas a ver de contínuo acções' vergonhosas - [maus tratos dados aos hóspedes, escravas e mulheres ultrajadas, pelos aposentos magníficos, o esbanjar de vinho sem fim e o louco e interminável devorar dos mantimentos.]

Replicou-lhe o prudente Telêmaco:

- Vou responder-te, meu hóspede, com toda a sinceridade.

Eu não me tornei odioso ao povo, nem ele me trata como inimigo. Também não tenho queixas contra os meus irmãos, com a ajuda dos quais podia ter confiança na vitória, ainda que fosse terrível a contenda originada. Fica a saber que o filho de Crono deu a nossa raça apenas filhos únicos. Assim, Arcésio gerou a Laertes, que foi pai unicamente de Ulisses; e este, depois de me gerar só a mim, deixou-me no palácio, sem eu lhe dar préstimo algum.

Agora tenho em casa um exército de inimigos. Os príncipes que dominam nas ilhas, em Dullquio, Sama e na Zacinto nemorosa, bem como na rude Ítaca, todos pretendem casar-se com a minha mãe e consomem-me a fazenda. Ela não recusa um casamento detestável, nem pode pôr termo a este

estado de coisas. Entretanto, os pretendentes arruínam a minha casa e devoram os meus bens e, em breve, acabarão também comigo. Mas o porvir está oculto no seio dos deuses.

Vai, paizinho, vai depressa dizer à sensata Penélope que cheguei de Pilo, são e salvo. Eu fico aqui; e tu volta, apenas tenhas anunciado isto, sem que algum dos Aqueus o saiba, porque muitos maquinam a minha ruína.

Tu, porqueiro Eumeu, retorquiste-lhe:

- Compreendo; bem sei; tu ordenas isso a quem entende. Mas dize claramente se devo levar a notícia ao pobre Laertes, o qual, ainda que se afligia muito, por causa de Ulisses, não

229 XVI (140-174)

deixava, contudo, de ir ver os trabalhos e de comer e beber, em casa, com os criados, sempre que lho pedia o coração. Desde, porém, que tu navegaste para Pilo, dizem que não come nem bebe, nem vigia os trabalhos. Passa o tempo assentado, a lamentar-te, por entre suspiros e lágrimas; e sobre os seus ossos vai-se mirrando a pele.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Isso é mau; todavia deixemo-lo, ainda que nos cause pena. Se tudo sucedesse, segundo a vontade dos homens, desejaríamos, em primeiro lugar, que surgisse o dia da chegada do meu pai. Dada a notícia, regressa e não vagueies pelos campos, em busca de Laertes. Dize a minha mãe que envie, o mais depressa possível e às escondidas, a despenseira, a informar de tudo o ancião.

Assim disse; e o porqueiro levantou-se logo, tomou as sandálias, que ligou aos pés, e partiu para a cidade. Não

passou despercebida a Atena a saída do porqueiro Eumeu da cabana. Ela aproximou-se na figura de uma mulher formosa, corpulenta e hábil em favores primorosos; e ficou parada adiante da porta, à vista de Ulisses. Telémaco não a notou, porque os deuses não se manifestam claramente a toda a gente. Viu-a só Ulisses e os cães, que não ladraram, mas fugiram, com um ganido, para o interior da cabana. Atena fez um sinal com as sobrancelhas. O egrégio Ulisses, percebendo-o, saiu para fora, ao longo do grande muro do cercado ""; e deteve-se adiante dela, que lhe falou assim:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, fala imediatamente com o teu filho, sem nada lhe ocultar; e, combinada a morte e destruição dos pretendentes, dirigi-vos à cidade ilustre. Eu não me conservarei muito tempo longe de vós, porque estou ansiosa por entrar em combate.

Ditas, estas palavras, Atena tocou-o com a sua varinha de ouro e pôs-lhe em volta do peito um manto bem lavado, bem como uma túnica; depois, tornou-o maior e mais jovem. Ulisses recobrou

230 XVI (175-210)

a sua cor morena, alisaram-se-lhe as faces e uma barba preta cobriu-lhe o queixo. A deusa, em seguida, afastou-se e ele volveu à choupana. O seu filho olhou para ele admirado; e, atónito, lançou os olhos para outra parte, receoso de que fosse um deus. Dirigiu-lhe, depois, estas palavras aladas:

- f meu hóspede, tu pareces agora diferente do que antes eras: tens outros vestidos e a tua pele não é a mesma. Por certo, és um dos deuses, moradores do vasto Olimpo. Sê-nos propício. Atende aos sacrifícios agradáveis e às dádivas de ouro trabalhadas com arte, que te oferecemos. Amerceia-te de nós.

O paciente e egrégio Ulisses replicou-lhe:

- Eu não sou nenhum deus. Porque me assemelhas aos imortais?
O teu pai é quem tu vês aqui, por cuja causa tens sofrido
muitas aflições e suportado as violências dos homens.

Após estas palavras, beijou a seu filho e deixou que as
lágrimas, antes contidas, corressem das suas faces para o
chão.

Telé-maco, porém, não se convenceu de que ele fosse o seu
pai; e voltou de novo com estas palavras:

- Tu não és o meu pai Ulisses. Um deus engana-me, para que
ainda mais me lamente e sus

3# ois que um homem mor-

@Ire,#p

tal não poderia com o @u espffito operar -essa mudança. Só um
deus, aproximando-@e dele, poderia, a seu bel-prazer, fazê-lo,
sem dificuldade, novo ou velho. Há pouco aparentavas um
ancião, vestido miseravelmente; mas agora assemelhas-te áos
deuses, moradores do vasto céu.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- A presença do teu pai, Telémaco, não deve causar-te
demasiada admiração nem assombro. Não regressará jamais outro
Ulisses, além de mim, aqui presente, depois de sofrer grandes
trabalhos e após muitos erros. Chego, passados vinte anos,
à terra pátria. A transfiguração que notas é obra de Atena,
da deusa espoliadora. Ela, segundo lhe apraz, pode fazer de
mim ora um velho mendigo, ora um jovem com um vestido a
primor.

231 XVI (211-246]

Os deuses, que habitam no vasto céu, exaltam tão facilmente um mortal, como o cobrem de opróbrio.

Depois de assim falar, assentou-se; e Telémaco abraçou o seu nobre pai, gemendo e derramando lágrimas. A ambos eles viera o desejo de dar largas ao pranto; [por isso, irromperam num choro alto, mais estridente do que o dos xofrangos ou dos abutres de garras curvas, quando os camponeses lhes roubam os filhos, antes que possam voar. Assim, debulhavam-se eles em lágrimas, de sorte que metiam dó.] E deixá-los-ia a luz do Sol ainda a chorar, se Telémaco não interrogasse, de repente, a seu pai:

- Em que nau, meu pai, te trouxeram os marinheiros a Ítaca? De que país diziam eles que eram? Pois não creio que viesses para aqui a pé.

Respondeu-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

- Vou dizer-te a verdade, filho. Trouxeram-me os Feácios, marinheiros célebres, que estão sempre prontos a reconduzir todos os homens, que arribam à sua terra. Eles transportaram-me numa nau ligeira e depuseram-me, adormecido, em Ítaca, depois de me ter dado presentes magníficos: bronze, ouro em abundância e vestidos-riquezas que, por vontade dos deuses, ficaram guardadas numa gruta. E vim para aqui por conselho de Atena, para deliberarmos acerca da morte dos nossos inimigos. Dize-me o número dos pretendentes e os seus nomes, para que eu saiba quantos são e quanto valem esses homens; e, depois de reflectir no meu ânimo valoroso, teddirei se nós sós, sem a ajuda de outrem, os defrontaremos ou se deveremos procurar quem nos auxilie.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Meu pai, eu tenho ouvido sempre celebrar a tua grande fama no combate e a tua prudência no conselho. Mas o que dizes é de tal ordem, que me causa assombro. Como poderiam dois homens combater com muitos e, além disso, fortes? Os pretendentes não são, justamente, uma dezena ou duas; são

232 XVI (247-285)

bem mais numerosos, como vais já saber. De Dulíquio, há cinquenta e dois jovens de escol, com seis criados; de Sama, vinte e quatro; de Zacinto, vieram vinte moços, filhos de Aqueus; e de Ítaca, doze, todos pertencentes a famílias nobres. Além disso, estão com eles o arauto Medonte, um aedo divino e dois criados, que sabem trinchar como ninguém. Se investirmos contra eles, quando estivermos todos dentro do palácio, receio que, à tua chegada, devas pagar com amargo preço a tua vingança. Vê, pois, se podes descobrir alguma ajuda que, de boa vontade, nos pudesse valer.

Retorquiu-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

- Vou dizer-ta; e tu escuta e atende bem às minhas palavras. Olha se nos bastaria Atena e o pai Zeus ou se devo pensar noutros defensores.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Excelentes auxiliares são esses, que nomeias, residentes lá, no alto, nas nuvens, e que imperam sobre os

homens e os deuses imortais.

Voltou-lhe o prudente e egrégio Ulisses:

- Os dois não ficarão por muito tempo, afastados da batalha renhida, quando, no meu palácio, a força de Ares decidir entre os pretendentes e nós. Tu vai para casa, apenas desponte a aurora e mistura-te com os pretendentes orgulhosos. A mim guiar-me-á, depois, o porqueiro para a cidade, na figura de um pedinte velho e miserável. Se eles, no palácio, me maltratarem, que o coração que tens no peito suporte os maus tratos, de que eu for vítima. Se me arrastarem pelos pés, através da casa, para fora da porta, ou me ferirem com dardos, sofre isso dissimuladamente; e exorta-os com palavras brandas a que ponham termo a tais loucuras. Por certo, não te prestarão ouvidos, pois avizinha-se deles o dia fatal.

Quero fazer-te ainda outra re comendação, [que debes guardar no teu espírito. Quando, por inspiração de Atena, a boa conselheira, eu te fizer um sinal de cabeça, toma todas as armas

233 XVI [286-320]

de guerra que estão na sala e coloca-as no recôndito da minha câmara. Se os pretendentes, dando pela sua falta, perguntarem por elas, ilude-os com palavras mansas, como estas: Coloquei-as longe do fumo, porque já não parecem as que Ulisses deixou, um dia, ao partir para Tróia. Estão todas enfarruscadas, por tê-las atingido a fumaceira. Além disso, o filho de Crono inspirou-me outra razão mais forte: temo que, embriagados, provoqueis qualquer rixa entre vós e vosfiraís uns aos outros, desonrando, deste modo, a minha mesa e a classe dos pretendentes, pois o ferro atrai o homem. Deixa apenas duas espadas e duas lanças para nós, bem como dois escudos de pele de boi, de maneira que possamos lançar mão dessas armas, para nos apoderar delas, quando Palas Atena e Zeus onisciente fizerem desvairar os nossos inimigos.

Recomendo-te, além disso, o seguinte,] que deves guardar no teu espírito. Se na verdade és meu filho e descendes do meu sangue, não digas a ninguém que Ulisses está dentro do palácio. Laertes não o deve saber, nem o porqueiro ou algum dos criados, nem mesmo Penélope. Tu e eu procuremos conhecer a disposição das mulheres e ponhamos à prova cada um dos escravos, para saber quais nos honram e nos temem no seu coração e quais não se importam connosco e te desprezam, sendo tu quem és.

O seu ilustre filho disse-lhe em resposta:

- Creio, meu pai, que, em breve, conhecerás o meu ânimo e que não sou um poltrão. Todavia, esse projecto, penso eu, não nos será útil e exorto-te a reconsiderar. Desse modo, perderias muito tempo a andar pelos campos, a pôr cada um à prova, enquanto os pretendentes vão, na sua petulância, devorando em sossego os nossos bens, sem poupar nada. A respeito das mulheres concordo e exorto-te a investigar quais te desonram e quais estão inocentes; mas, quanto aos homens, preferiria que não fosses pelas cabanas, a prová-los; ocupar-te-ias disso, mais tarde, se, realmente, Zeus, portador da égide, te manifestou algum sinal 128-

234 XVI [321-358)

Tal era o colóquio que tinham entre si. Entretanto, aportava a ítica a sólida nau, que trouxera Telémaco de Pilo com os seus companheiros. Apenas estes entraram no porto profundo, arrastaram para terra a nau escura e os servos animosos transportaram os aparelhos. Em seguida, foram levar a casa de Clítio as dádivas magníficas e enviaram ao palácio de Ulisses um arauto, a dar à sensata Penélope a notícia de

que Telémaco ficara no campo e lhes ordenara que a nau seguisse para a cidade, a fim de que a nobre rainha não se afligisse e pusesse termo às lágrimas. Encontraram-se o arauto e o porqueiro eumeu, os quais iam levar à senhora idêntica mensagem. Logo que chegaram ao palácio do rei, disse o arauto, na presença das escravas:

- Rainha, o teu filho já chegou de Pilo. Depois, o porqueiro, aproximando-se de Penélope, comunicou-lhe tudo, quanto Telémaco lhe ordenara; e, imediatamente, partiu do palácio e do pátio para junto dos porcos.

Os pretendentes, tristes e abatidos, deixada a sala, caminharam ao longo do grande muro do pátio e foram assentar-se, em assembléia, adiante do portal. Entre eles, Eurímaco, filho de Pólibo, começou a falar assim:

- f amigos, esta viagem foi uma grande façanha, que Telémaco levou a cabo audaciosamente. E dizíamos-lhe que não a realizaria! Eia! Lancemos às ondas uma nau escura, uma nau de luxo, e reunamos remadores que vão, o mais depressa possível, dizer aos outros que regressem, sem demora, para casa.

Mal tinha acabado de falar, quando Anfínomo, voltando a cabeça, viu a nau dentro do porto profundo e a equipagem a ferrar as velas e com os remos nas mãos. Com sorriso meigo, disse aos seus camaradas.

- Não lhes enviemos nenhuma mensagem, porque eles já estão no porto. Um deus avisara-os ou viram passar a nau de Telémaco, que não puderam alcançar.

Assim falou; e, levantando-se todos, puseram-se a caminho

da praia do mar, no momento, em que os marinheiros já arrastavam

235 XVI [359-392)

a nau escura para terra e os servos animosos transportavam os aparelhos. Em seguida, dirigiram-se todos juntos para a ágora e não permitiram que nenhum outro, novo ou velho, se assentasse no meio deles. Antínoo, filho de Eupites, tomou, então, a palavra:

- Ai, como os deuses livraram a este homem da morte. Durante o dia, as sentinelas, rendendo-se de contínuo, estavam assentadas nos cimos expostos ao vento; e, quando se punha o Sol, nunca passávamos a noite na terra firme, mas íamos navegando pelo mar na nau ligeira, à espera da aurora divina e a espiar o regresso de Telémaco, para o poder prender e matar. Visto, porém, um deus tê-lo, entrementes, reconduzido à pátria, tramemos agora a sua ruína fatal. Que não nos escape, pois, enquanto viver, não creio que se realizem os nossos projectos. Ele distingue-se em conselho e em inteligência e a nós o povo não nos é inteiramente favorável.

Mãos à obra, antes que ele convoque os Aqueus para a ágora, porque julgo que não desistirá disso; e, dando largas à sua cólera, levantar-se-á no meio de todos para dizer que nós urdimos-lhe uma morte cruel, o que, todavia, não temos podido conseguir. E o povo, ao ouvi-lo, não louvará o nosso proceder. Pode suceder até que se volte contra nós e nos expulse da nossa terra e sejamos obrigados a ir para outro país. Por isso, antecipemo-nos a dar-lhe a morte longe da cidade, no campo, ou na sua vinda para aqui; depois, apoderemo-nos dos seus bens e das suas riquezas e distribuamos tudo entre nós, excepto a casa que ficará para a sua mãe e para quem a tomar por esposa.

Mas, se esta proposta vos desagrade e preferis que Telémaco viva e possua todo o património, então não lhe devoremos, reunidos no palácio, os bens que alegram o coração; retire-se cada um para a sua casa; e quem pretender Penélope envie-lhe daí os seus presentes. E ela que se case com quem

lhós oferecer em maior abundância e tiver essa sorte.

236 XVI [393-428]

Assim falou; e todos se conservaram tranquilos e em silêncio. Tomou, depois, a palavra Antínomo, filho preclaro do rei Niso e neto de Aretes. Ele chefiava os pretendentes de Dulíquio abundante em trigo e erva, cujos discursos muito agradavam a Penélope, por causa dos seus bons sentimentos. Foi para bem de todos que ele disse:

- Eu não desejaria, amigos, matar a Telémaco, por ser coisa funesta extinguir a descendência de um rei. Consultemos, antes, a vontade dos deuses. Se os decretos do grande Zeus determinam isso, eu próprio o matarei e incito todos os outros a matá-lo; se, pelo contrário, os deuses se opõem à sua morte, aconselho- vos a desistir desse propósito.

Tais foram as palavras de Antínomo, as quais agradaram aos pretendentes. Estes levantaram-se, imediatamente, e dirigiram-sé' para o palácio de Ulisses, onde, apenas chegados, -se assentaram em poltronas.

A sensata Penélope concebeu, então, este projecto:

apresentar-se aos pretendentes de insolência audaciosa. Como soubesse do arauto Medonte (este ouvira a conjura) que se planeava, no palácio, a morte do seu filho, apresentou-se na sala, com as escravas. Quando chegou junto dos pretendentes, as faces cobertas com um véu precioso, a mulher preclara deteve-se, junto de um pilar do tecto sólido, e censurou Antínoo com estes termos:

- Antínoo insolente, maquinador de desgraças. Dizem em terras de Ítaca que te distingues, entre os jovens da tua

idade, por tuas palavras sensatas; mas não é verdade. Louco, porque intentas dar a morte e um destino funesto a Telémaco, com desprezo dos suplicantes, dos protegidos de Zeus? Os homens não devem, segundo o direito divino, premeditar maldades uns contra os outros. Não sabes, porventura, que o teu pai se refugiou aqui, com receio do povo aceso em ira contra ele, porque, tendo-se assodado aos Táfiros, a esses piratas, maltratara os Tesprotos, nossos aliados? Queriam não só tirar-lhe a vida, mas

237 XVI [429-463)

devorar-lhe os bens, que tinha em abundância para alegria do seu coração. Ulisses, porém, deteve o povo e não permitiu que realizasse o seu desejo. E agora tu devoras, sem compensação alguma, a casa de um tal homem, pretendes-lhe a esposa, queres matar o seu filho e dás causa à minha aflição intolerável! Acaba com isso, eu te rogo, e ordena-o mesmo aos outros.

Disse-lhe em resposta Eurímaco, filho de Pólibo:

- Filha de Icário, sensata Penélope. Animo e não se aflija o teu coração. Não existe aqui, nem existirá quem ponha as mãos em Telémaco, teu filho, enquanto eu não fechar os olhos sobre a terra. Assim to afirmo e assim se cumprirá. O sangue negro de quem ousasse tal bem cedo molharia a minha lança, porque Ulisses, o assolador de cidades, muitas vezes me tomou sobre os seus joelhos e me ofereceu carne assada e vinho tinto. Por isso, Telémaco é para mim o mais caro de todos os homens e animo-o a não temer a morte da parte dos pretendentes; mas da que lhe enviarem os deuses não poderá escapar.

Assim falou Eurímaco, para lhe incutir coragem; mas, no seu íntimo, também conspirava contra Telémaco. E a rainha

subiu para o aposento esplêndido, no andar superior, onde se pôs a chorar por Ulisses, o seu esposo, até que Atena de olhos brilhantes lhe difundiu sobre as pálpebras um sono delicioso.

Pela tarde, o porqueiro exímio foi para junto de Ulisses e do seu filho, que estavam a preparar a ceia com o porco de um ano que tinham imolado. Atena aproximou-se, então, de Ulisses, filho de Laertes e, ferindo-o com a sua varinha, transformou-o de novo num ancião vestido de vis andrajos, para que o porqueiro, ao encará-lo, não o reconhecesse e não fosse levar a notícia da sua chegada à prudente Penélope. Telêmaco foi o primeiro que dirigiu a palavra ao recém- vindo:

- Eis que chegaste, excelente Eumeu! Que consta pela cidade? Esses pretendentes arrogantes estão já de regresso da emboscada ou ainda me espiam, depois de eu ter chegado?

238 XVI [464-481)

Tu, porqueiro Eumeu, respondeste-lhe:

- Não tive cuidado de sondar isso e de o perguntar, enquanto andei pela cidade; apenas comuniquei a mensagem, tratei de voltar, o mais depressa que pude. Encontrou-se comigo um arauto, o mensageiro veloz dos teus camaradas. Esse foi quem deu primeiro a notícia a tua mãe. Outra coisa sei ' todavia, por ter sido testemunha disso. De volta, quando estava mais alto do que a cidade, na colina de Hermes, vi uma nau ligeira entrar no nosso porto com muitos homens e carregada com escudos e lanças de duas pontas ". Pensei que seriam os pretendentes, mas não afirmo.

Assim disse; e o nobre Telêmaco sorriu-se, olhando para o pai, sem que o porqueiro notasse.

Logo que concluíram a preparação do banquete, puseram-se a comer e nenhum deixou de ter uma ração igual. Mas, depois de saciada a vontade de beber e de comer, pensaram em ir para a cama e em gozar do dom do sono.

[1-30]

RAPSO DIA XVII

Regresso de Telémaco à cidade

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, Telémaco, o filho do divino Ulisses, ligou belas sandálias aos pés, tomou a lança forte, que se adaptava bem à sua mão, e, prestes a partir para a cidade, disse ao seu porqueiro:

- Paizinho, eu vou à cidade para que a mãe me veja, pois não creio que cesse o seu pranto nem os seus gemidos lacrimosos, antes de pôr os olhos em mim. Deixo-te as minhas ordens. Guia o hóspede infeliz para a cidade; e ele que mendigue, por lá o seu sustento. Quem quiser pode dar-lhe uma côdea de pão e uma pinga de vinho.

Eu, que já tenho o coração cheio de penas, não posso encarregar-me de todos os homens. Se levar isto a mal, pior para ele. Gosto de ser franco.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- *f* amigo, eu não desejo ser retido aqui. Para um pobre o melhor é ir pela cidade e pelos campos mendigar o seu sustento. Quem quiser, dar-mo-á. já não estou na idade de permanecer nas cabanas às ordens de patrão. Vai, pois. Este homem, teu subordinado, conduzir-me-á, logo que me tenha aquecido ao lume e o calor do Sol vier. Visto roupa lastimosamente ténue e receio que me entorpeça o frio matinal; e a cidade, como afirmais, fica longe.

Assim disse. E Telémaco deixou a cabana e partiu a largos passos, cogitando na ruína dos pretendentes. Quando

chegou ao palácio, encostou a lança a uma alta coluna e, transposto o liníiar de pedra, entrou para a sala "".

240 XVII [31-68)

Euricleia, a sua ama, que andava a cobrir com veios as poltronas lavradas com arte, foi quem primeiro o viu; e, chorando, foi logo direita a ele. As' outras escravas do corajoso Ulisses rodearam Telémaco e saudaram-no, beijando-lhe a fronte e as espaldas. A sensata Penélope veio também do seu aposento, semelhante a Artemis ou à áurea Afrodita e, lacrimosa, lançou os braços em volta do seu filho, cuja fronte é olhos belos osculou. Depois, entre suspiros, proferiu estas palavras aladas:

- Telémaco, minha doce luz, eis que, enfim, regressaste. Pensava que não te veria mais, desde que, às ocultas e contra a minha vontade, te fizeste à vela para Pilo, em busca de notícias do teu pai. Dize-me: como o encontraste, como o viste tu?

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Minha mãe, não me faças chorar nem me excites o coração no peito, visto escapar a uma terrível morte. Mas banha-te; e, [envolvido o corpo em vestes lavadas, sobe com as escravas ao teu aposento, no andar superior da casa], promete a todos os deuses que lhes oferecerás hecatombes rituais, se, um dia, Zeus levar a efeito a nossa vingança. Entrementes, vou à ágora chamar um hóspede que me acompanhou de Pilo até aqui. Enviei-o com os companheiros deiformes e roguei a Pireu que o levasse para a sua casa, o cercasse de todos os carinhos e o honrasse, até que eu viesse.

Tais foram as suas palavras; e Penélope ouviu-as com atenção. Tomou banho; e, envolvido o corpo em vestes lavadas, prometeu a todos os deuses o sacrifício de hecatombes rituais, se, um dia, Zeus levasse a efeito a vingança.

Quanto a Telémaco, este saiu da grande sala com a lança na mão, acompanhado de dois cães, que o seguiam, ligeiros. Como Atena difundisse sobre ele uma graça maravilhosa, todo o povo o admirava. Os pretendentes orgulhosos rodearam-no logo e dirigiam-lhe palavras afectuosas, enquanto, no fundo dos seus corações, maquinavam a sua desgraça. Mas Telémaco evitou o bando denso desses homens e foi assentar-se junto de Mentor,

241 XVII (69-106]

Antifo e Haliterses, desde tempos antigos companheiros do seu pai, a respeito do qual lhe pediram informações. A este grupo ajuntou-se Pireu, célebre na lança, que, através da cidade, conduziu o hóspede para a ágora. Telémaco aproximara-se do estrangeiro, ao mesmo tempo que Mentor tomava a palavra:

- Telémaco, manda, sem demora, as mulheres a minha casa buscar os presentes que Menelau te deu.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

- Pireu, nós não sabemos o que sucederá. Se os pretendentes orgulhosos me assassinares, à traição, no palácio, e distribuíres entre si o meu património, prefiro que fiques com essas dádivas e que as gozes tu e não eles; mas, se consigo a sua derrota e extermínio, então quero que tenhas alegria de mas trazer a casa, para minha satisfação.

Dito isto, retirou-se com o seu infeliz hóspede para o palácio. Uma vez aí chegados, depuseram os mantos sobre cadeiras e poltronas e foram banhar-se em banheiras bem polidas. Depois do banho e, ungidos com óleo pelas escravas, vestiram túnicas e mantos de lã; e assentaram-se em poltronas. [Uma escrava trouxe, em seguida, água num belo jarro de ouro, deitou-lha nas mãos sobre uma bacia argêntea e pôs adiante

deles uma mesa polida. Uma dispenseira veneranda serviu-lhes pão, além de muitos outros manjares existentes de reserva, os quais distribuía com prazer. Penélope veio, depois, assentar-se junto deles, contra um pilar da sala; e, um pouco inclinada, fazia girar com presteza o fuso. Entretanto, os dois estendiam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Saciada a vontade de comer e de beber, a sensata Penélope começou a falar assim:

- Telêmaco, eu vou subir ao andar superior da casa e deitar-me no leito, que tem ouvido os meus gemidos e de contínuo banho de lágrimas, desde que Ulisses partiu para ilion com os Atridas. Não te resolves a dizer-me com clareza, antes que os pretendentes soberbos entrem para o palácio, se ouvistes, algures, falar do regresso do teu pai?

242 XVII (107-149)

O prudente Telêmaco disse-lhe em resposta:

- Vou declarar-te a verdade, minha mãe. Eu fui a Pilo ter com Nestor, chefe de povos, que me acolheu no seu alto palácio e me tratou com muito carinho, tal como um pai acolhe o seu filho, que, após uma longa ausência, regressasse a casa. Foi deste modo que Nestor e os seus gloriosos filhos me trataram. Mas, quanto ao paciente Ulisses, afirmou ele que nunca ouvira dizer a nenhum dos habitantes da terra que estivesse vivo ou morto. Enviou-me, contudo, num carro tirado a cavalos, de peças bem ajustadas, a Menelau Atrida, célebre na lança, em cujo palácio vi Helena, aquela que deu causa, por vontade dos deuses, à guerra entre Argivos e Troianos. Quando Menelau, valente no combate, me perguntou a razão da minha ida à ilustre Lacedemónia, expus-lhe toda a verdade e ele respondeu-me com estas palavras:

Oh! É, pois, certo que esses imbecis querem deitar-se no leito do varão de ânimo ousado! Como, quando, na espessura do bosque, a corça vai depor as crias na cama do leão e queda-se

a pastar por cerros e vales ervosos; mas, de volta, depois, à cova, o leão dá-lhes morte vil: assim Ulisses dará morte vil aos pretendentes. Quem dera, pai Zeus, e vós, Atena e Apolo, que o homem que em Lesbos combateu, um dia, com Filomeles, após usara querela, e, para alegria de todos os Aqueus, o deitou com violência ao chão - quem dera que esse mesmo Ulisses arremettesse contra os pretendentes! Todos teriam, então, morte prematura e boda enlutadas. Quanto à tua pergunta, não me afastarei da verdade nem te enganarei, antes quero revelar-te tudo, sem omitir usara palavra sequer, quanto um infalível velho do mar "" me contou. Este disse que vira o filho de Berres, acabrunhado por grandes aflições, numa ilha, no palácio da ninfa Calipso, que lá o retém, contrafeito; e que não pode regressar à sua terra pátria, porque lhe faltam naus providas de remos e companheiros que o conduzam por sobre o vasto dorso do mar.

Assim falou o Atrida Menelau, célebre na lança.
Concluída a minha missão, regressei; e os imortais enviaram-me vento favorável e reconduziram-me rapidamente à pátria.

243 XVII (15?-183)

Estas palavras de Telémaco comoveram o coração da mãe.
[Disse, então, o deiforme Teoclímeno:

- f esposa veneranda de Ulisses, filho de Laertes.
Menelau não sabia nada ao certo. Escuta o que vou dizer-te, sem nada dissimular: é um vaticínio verdadeiro. Sejam testemunhas Zeus, primeiramente, entre os imortais, e, depois, a mesa hospitaleira e o lar do nobre Ulisses, a que cheguei, de que este já se encontra, assentado ou a divagar na terra pátria, a informar-se dos actos vergonhosos dos pretendentes e a excogitar o meio de os exterminar. Percebi este augúrio, quando estava na nau de boa coberta; e logo o comuniquei a Telémaco.

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

- Oxalá esse augúrio se cumprisse, estrangeiro. Em breve provarias a minha amizade e receberias de mim presentes em tão grande número, que serias considerado feliz por quantos te encontrassem.

Tal era o colóquio que tinham entre si.] Entretanto, os pretendentes divertiam-se a arremessar discos e venábulo, adiante do palácio de Ulisses, sobre o solo duro, - onde costumavam praticar as suas insolências. Mas, quando chegou o tempo da refeição e as reses tinham vindo dos campos, de toda a parte, trazidas pelos pastores habituais, Medonte, o arauto mais agradável aos pretendentes, que assistia aos seus festins, dirigiu-lhes estas palavras:

- jovens, depois de terdes com os jogos deleitado o coração, entrem para o palácio e preparemos a refeição, pois não é menor prazer comer no tempo devido.

Assim falou; e os pretendentes levantaram-se logo, obedientes ao seu convite. Quando chegaram à sala, depuseram os mantos em poltronas e cadeiras e abateram [grandes carneiros, cabras gordas], porcos cevados e uma vaca gregal, para preparar a refeição.

Por este tempo, Ulisses e o porqueiro exímio dispunham-se

244 XVIII [184-219]

a partir para a cidade. O porqueiro, chefe dos pastores, começou assim a falar:

- Meu hóspede, visto desejares ir já hoje para a cidade, eu acompanho-te, como ordenou o meu senhor. Preferia que

ficasses aqui como guarda dos currais, mas respeito a sua ordem, com medo de que me repreenda. As censuras dos patrões a ninguém agradam. Partamos, pois, que o dia vai em mais de meio e, pela tarde, poderá arrefecer mais.

Retorquiu-lhe o prudente Ulisses:

- Compreendo e fico a saber isso; tu falas a quem percebe. Vamos; e guia-me até ao fim da caminhada. Se, por acaso, tens um pau cortado, dá-mo, para me apoiar, porque, segundo dizes, o chão é muito escorregadio.

Dito isto, suspendeu dos ombros, por uma correia, o seu saco desprezível e esfrangalhado; e Eumeu deu-lhe o pau que desejava. Os dois puseram-se, então, a caminho. Os cães e os pastores ficaram a guardar a cabana, enquanto Eumeu conduzia para a cidade o seu senhor desfigurado num pedinte miserável e velho, arrimado a um pau e coberto de vis andrajos.

Caminhando pela senda escabrosa, chegaram aos subúrbios da cidade, à fonte de bela corrente, onde as cidadinas iam buscar água-obra de Ítaco, Nérito e Polictor. Rodeava-a, em toda a volta, um bosque sagrado de álamos negros, que se nutrem de humidade. A água fresca decorria de uma rocha com um altar em honra das ninfas, a quem os transeuntes costumavam oferecer sacrifícios. Neste sítio, encontrou-se com Ulisses e o porqueiro Melântio, filho de Dólio, que, acompanhado de dois pastores, conduzia para a refeição dos pretendentes as melhores cabras de todos os rebanhos. Ao vê-los, Dólio injuriou-os e pronunciou palavras tão violentas e tão grosseiras que o coração de Ulisses se sobressaltou:

- Ali vai um imbecil a conduzir outro imbecil. Um deus ajunta sempre os que se assemelham. Aonde levas, ó miserável

porqueiro, esse glutão, esse mendigo importuno, devorador de banquetes? Ele roçará as espaldas às ombreiras de muitas portas, a pedir não espadas " nem bacias, mas côdeas de pão. Se mo desses para guarda do curral, para varrer o estrume e levar verdura aos cabritos, havia de fazer medrar-lhe as ancas, dando-lhe a beber soro de leite. Mas, acostumado a patifarias, não há-de querer trabalhar; prefere andar, pela terra, a pedir de porta em porta, para encher o ventre insaciável. O que vou dizer-te cumprir-se-á. Se for ao palácio do divino Ulisses, muitos escabelos voarão em volta da sua cabeça e hão-de ferir-lhe as costelas.

Foram estas as palavras de Melântio; e, quando Ulisses passava, o louco alçou a perna e bateu-lhe nailharga; mas não o atirou para fora do caminho. Ulisses continuou a marcha com passo firme, pensando se devia dar-lhe uma paulada e matá-lo ou erguê-lo ao ar e quebrar-lhe a cabeça contra o solo. Mas conteve-se; suportou a ofensa no seu coração. O porqueiro, porém, increpou Melântio, encarando-o; depois, de mãos erguidas, fez esta prece:

- Ninfas das fontes, filhas de Zeus. Se algum dia Ulisses queimou coxas de cordeiro e de cabrito em vossa honra, cobertas de gordura espessa, cumpri este meu voto: fazei que ele regresse, que uma divindade o traga. Ele dissiparia todo esse orgulho, que te faz agora insolente e pavoneias pela cidade, enquanto pastores negligentes fazem perecer os rebanhos.

Melântio, o pastor de cabras, respondeu-lhe:

- Oh, Que palavra disse este cão, que só pensa em coisas perniciosas. Um dia, hei-de levá-lo numa nau escura, de boa coberta, para longe de Ítaca, a fim de adquirir, com a sua venda, uma boa soma. Oxalá Apolo do arco argênteo ferisse hoje mesmo a Telêmaco, no palácio, ou fosse morto pelos pretendentes. Oxalá sucedesse isto tão realmente, como realmente pereceu Ulisses, longe daqui, sem ver o dia do regresso.

Após estas palavras, deixou atrás os dois, que andavam
246 XVII [255-289)

devagar; e ele prosseguiu o seu caminho e bem depressa atingiu o palácio do seu senhor. Entrou logo e foi assentar-se no meio dos pretendentes, adiante de Eurímaco, o seu maior amigo. Os serventes colocaram, imediatamente, uma porção de carne junto dele e uma dispenseira veneranda trouxe-lhe pão.

Ulisses e o porqueiro exímio detinham-se, entrementes, perto do palácio. O som da cítara côncava chegava até eles: era Fórmio que preludiava, entre os pretendentes, antes de começar o canto.

Ulisses, tomando a mão do porqueiro, disse-lhe:

- Eumeu, certamente, este é o belo palácio de Ulisses? Seria fácil de conhecer, ainda que estivesse entre muitos outros. Tem mais do que um andar ""; e um muro com as suas ameias "" rodeia o pátio. O portal, bem trabalhado, possui dois batentes. Ninguém, à força de armas, poderia tomar esta casa. Percebo que muitos homens se banqueteiam lá dentro, como denuncia o cheiro a gorduras e o som da cítara, que os deuses fizeram inseparável dos festins.

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

-Acertaste facilmente com o dono do palácio, porque para as outras coisas também não te falta a esperteza. Mas pensemos no que nos importa fazer. Entra tu adiante para a sala e mistura-te com os pretendentes, que eu fico aqui; ou, se preferes, entro eu primeiro e tu vais, depois, atrás. Não demores a decisão, não suceda que alguém, vendo-te fora, te fira ou te espanque. Resolve, eu te rogo.

O paciente e egrégio Ulisses replicou:

- Compreendo e fico ciente do que me dizes; tu falas a quem percebe. Vai tu adiante, enquanto eu fico aqui. A mim não me importam golpes nem projecteis. Tenho um ânimo paciente que nas ondas e nas guerras sofreu muitas desventuras. Venha, pois, mais esta ajuntar-se às outras. Não há meio de dissimular a avidez do ventre funesto, que aos homens origina tantos males. Por sua causa armam-se as naus, para levar, sobre o mar estéril, a desgraça aos inimigos.

247XVII [291-327]

Tal era o colóquio que os dois tinham entre si. Entrementes, um cão, que estava deitado, levantou a cabeça e as orelhas: era o Argo, o cão que o paciente Ulisses tinha criado, sem dele tirar, proveito algum, antes de ir para a sacra ílion. Depois, correrá, na companhia dos rapazes, atrás de cabras selvagens, de veados e de lebres. Agora, porém, na ausência do seu senhor, jazia abandonado, sobre o estrume de mulos e de bois, que se acumulava defronte do portal, até que os servos de Ulisses o levassem, para lhe adubar as terras. Ali, pois, estava deitado o Argo, todo comido de piolhos. Como reconhecesse Ulisses, agitou a cauda e baixou as orelhas; mas já não tinha forças, para se aproximar do seu senhor. Ulisses notou isto; e, voltando a cabeça, enxugou uma lágrima, que passou despercebida a Eumeu, a quem se apressou a dizer:

- Parece-me esquisito, Eumeu, que este cão esteja deitado no estrume. Ele é belo de corpo, mas não se pode saber se à

beleza ajuntava a velocidade na carreira, ou se era um desses cães de mesa, de que cuidam os senhores, só por luxo.

Tu, porqueiro, respondeste-lhe:

- Este cão pertencia a um homem que morreu longe de nós. Se tu o visses ainda activo e belo, tal como Ulisses o deixou, ao partir para Tróia, em breve admirarias a sua força e ligeireza. Caça que perseguisse nas profundezas da floresta não escapava; tinha um faro apuradíssimo, para seguir-lhe o rasto. Mas agora está consumido pela doença. O senhor morreu, longe da pátria; e as mulheres, negligentes, não se importam com ele. Os servos, por sua vez, não querem cumprir o seu dever, quando não estão sob a vigilância dos patrões. Zeus, o deus longividente, tira ao homem metade do seu préstimo, apenas lhes sobrevém o dia da escravidão.

Depois de assim falar, entrou no palácio e dirigiu-se para a sala, para junto dos pretendentes. Neste momento, a Morte negra apoderou-se de Argo, que tinha visto, há pouco, Ulisses, passados vinte anos.

248
XVII [328-361]

O deiforme Telémaco notou, muito antes que os outros, o porqueiro a entrar na sala; e com um sinal chamou-o logo para junto de si. Eumeu lançou os olhos em redor e pegou no banco, onde o trinchante costumava assentar-se, quando trinchava as carnes para os pretendentes, que comiam na sala; depois, foi colocá-lo junto da mesa de Telémaco, em frente dele, no qual se assentou. O arauto serviu-lhe logo a sua ração, bem como pão que tirou de um açafate.

A seguir ao porqueiro, entrou Ulisses na sala, na figura de um mendigo velho e miserável, âpoiado a um pau e coberto de

vis andrajos, que foi assentar-se no limiar de freixo, junto da porta, e se encostou à umbreira de cipreste, outrora polida hàbilmente por um artífice e indireitada por meio de um fio. Telémaco, então, chamou Eumeu "", e deu-lhe um pedaço de pão, que tomou do lindo açafate, assim como tanta carne quanta podiam apanhar as suas mãos e disse-lhe:

- Vai dar esta comida ao nosso hóspede e exorta-o a que mendigue, aproximando-se de todos os pretendentes, pois não deve ter vergonha o varão necessitado.

Assim disse; e o porqueiro, ouvida a ordem, retirou-se; depois, parou ao pé de Ulisses, e dirigiu-lhe estas palavras aladas:

- Hóspede, Telémaco oferece-te esta comida e exorta-te a que mendigues, aproximando-te de todos os pretendentes, pois um pedinte, diz ele, não deve ser envergonhado.

O prudente Ulisses disse em resposta:

- Soberano Zeus, permite que Telémaco seja feliz, entre os homens, e que lhe suceda tudo quanto o seu coração desejar.

Após estas palavras, recebeu com ambas as mãos a comida, que depôs adiante dos pés, sobre o seu saco desprezível; e pôs-se a comer, enquanto, na sala, o aedo cantava. [Quando, acabou a sua refeição, também o aedo divino terminava o seu canto, a que sucedeu um tumulto levantado, na sala, pelos pretendentes. Atena, então, acercou-se de Ulisses, filho de Laertes, e

249 XVII [362-395)

incitou-o a que fosse mendigar-lhes bocados de pão, para que conhecesse quais os justos e quais os ímpios. Em todo o caso, nenhum deles devia escapar à morte]. Ulisses ergueu-se

e foi mendigar, começando pela direita; estendia a mão a cada um dos convivas, como se fosse um pedinte já antigo. Eles, compadecidos, davam-lhe esmola; e, olhando-o com estranheza, perguntavam uns aos outros quem seria e donde teria vindo o mendigo. Melântio, o pastor de cabras, informou-os, dizendo:

- Escutai-me, pretendentes da rainha muito afamada. Este estrangeiro vi-o antes, conduzido para cá por Eumeu; mas a ele não o conheço nem a nobreza da sua origem.

Assim disse; e Antínoo increpou o porqueiro com estas palavras:

- *f* porqueiro infame, porque trouxeste este indivíduo para a cidade? Porventura, não temos já vadios bastantes e mendigos importunos, para flagelarem os nossos banquetes? Queixas-te de que eles, reunidos aqui, devorem os bens do teu senhor e vais chamar ainda mais este?

Tu, porqueiro Eumeu, respondeste-lhe:

- Antínoo, apesar de nobre, não falas com nobreza. Quem não iria chamar um hóspede a outra terra, se ele fosse perito em algum mester público, como um adivinho, um médico, um carpinteiro ou um aedo inspirado dos deuses, que nos deleitasse com os seus cantos? Estes são, sobre a terra imensa, os que, entre os mortais, se convidam e ninguém chamaria um pobre, para arruinar a quem o chamou. Tu, de todos os pretendentes, foste sempre o mais adverso aos escravos de Ulisses, sobretudo a mim. Mas não faço caso disso, enquanto a sensata Penélope e o deiforme Telêmaco viverem no palácio.

Replicou-lhe o prudente Telêmaco:

- Cala-te; e não digas nem mais uma palavra a esse miserável Antínoo. tem o costume de irritar-nos com os seus discursos ofensivos e de excitar os outros também a isso.

250 XVIII [396-431] I-,

Assim falou; e a Antínoo dirigiu estas palavras aladas:

##

- Antínoo, tu tens tanto cuidado comigo, como um pai com o filho 116 , ao exortar-me a pôr, com palavras violentas, este hóspede fora da sala. Um deus me livre de tal ! Toma alguma coisa e dá-lha ! Eu não to proíbo; pelo contrário, convido-te a fazê-lo. Não temas a minha mãe nem algum dos servos, que vivem no palácio do divino Ulisses. Este, porém não é o propósito que abrigas no teu peito; preferes comer a dar a outrem.

Antínoo disse em resposta:

- Telémaco, de falar altivo e de ânimo indomável, que disseste tu? Se todos os pretendentes lhe dessem tanto como eu, ficaríamos livres dele, pelo menos durante três meses.

Após estas palavras, tirou de sob a mesa o escabelo, sobre o qual apoiava, no banquete, os seus pés luzidios, e mostrou-o. Os outros pretendentes encheram a Ulisses o saco de pão e de carne. E já se retirava para a soleira, para saborear as dádivas dos Aqueus; parou, porém, junto de Antínoo, e disse-lhe estas palavras:

- Dá-me alguma coisa, amigo. Tu não me pareces o pior dos Aqueus; ao contrário, penso que és o melhor, porque tens a aparência de um rei. Por isso, debes dar-me ainda mais pão do que os outros. Depois, glorificar-te-ei pela terra imensa.

Eu fui também, outrora, feliz, entre os homens; tive uma casa opulenta e dei muitas vezes esmolas ao pobre, fosse quem fosse e por qualquer motivo que pedisse. Possuía escravos inumeráveis e muitas outras riquezas, com as quais os homens vivem regaladamente e têm, por isso, o nome de ricos. Mas Zeus, filho de Crono, fez-me cair na ruína (ele assim o quis, sem dúvida), quando me incitou a empreender, com uns'piratas errantes, usara longa viagem ao Egito, para minha infelicidade.

Aí, no rio Egito, mandei ancorar as naus movidas a remos. Recomendei, então, aos meus queridos companheiros que ficassem ali, junto das naus e as guardassem; e aos espias exortei-os a subir às atalaias. Mas, seguindo o seu próprio impulso, deram-se

251 XVII (432-463]

a actos de violência: começaram logo a devastar os campos magníficos dos Egípcios, a arrebatá-los as mulheres e as tenras crianças e a dar a morte aos homens.

Em breve, chegou o clamor à cidade. Os Egípcios, ouvindo a gritaria, acorreram ao despontar da aurora e encheram toda a planície de peões, de cavalos e dos fulgores do bronze. Zeus que se compraz no raio lançou em fuga covarde os meus companheiros, que, rodeados de calamidades, por toda a parte, nem sequer tentaram resistir. Ali foram mortos com o bronze de bom fio muitos dos nossos; e os outros levaram-nos vivos, para serem obrigados a trabalhar. A mim, porém, deram-me a um hóspede, que se encontrava entre eles, a Dmetor, filho de Iásio, que me levou para Chipre, onde reinava com grande poder. Dali, após muitos trabalhos, vim para esta terra.

Antínoo disse em resposta:

- Que divindade nos mandou esta praga, este flagelo de

banquetes? Conserva-te aí no meio, longe da minha mesa, se não quiseses ir depressa parar ao Egipto amargo ou a Chipre, por causa da tua ousadia e desvergonha. [Tu aproximaste de todos, de cada um em particular, e todos te dão, loucamente, sem moderação nem pena de distribuir à larga os bens de outro, que em abundância têm diante de si].

O prudente Ulisses respondeu-lhe, retirando-se:

- Pelos deuses. Não tens o coração que o teu aspecto indica. Não darias da tua casa a um mendigo nem sequer um pouco de sal, tu, que, assentado agora junto de bens alheios, não te atreves a tomar um bocado de pão e a dar-mo, se bem que tenhas grande cópia de manjares à tua frente.

Assim falou; e Antínoo, irritado ainda mais, disse-lhe, olhando-o de soslaio, estas palavras aladas:

- Parece-me que não sairás desta sala airosamente, após o insulto que me dirigiste.

Dito isto, tomou um escabelo e feriu Ulisses na cerviz, sobre o ombro direito. Manteve-se, todavia, firme como uma rocha,

252 XVII (464-494)

sem que o golpe de Antínoo o fizesse vacilar; mas, no fundo do seu coração, revolvía pensamentos sinistros, meneando em silêncio a cabeça. Depois, voltou para a soleira da porta, onde depôs o saco bem cheio, e assentou-se. Logo a seguir, disse aos pretendentes:

- Ouvi-me, pretendentes da rainha muito afamada, para que

vos declare o que me inspira o ânimo dentro do peito. Nenhuma dor ou pesar sente o coração do homem, quando é ferido a pugar pelos seus bens, pelos bois ou pelos carneiros brancos. A mim porém, Antínoo feriu-me por causa do ventre funesto, deste maldito, que aos homens origina tantos males. [Se, porventura, existem deuses e Erínies para os mendigos, Antínoo há-de ser apanhado pela morte, antes das bodas.

Respondeu-lhe Antínoo, filho de Eupites:

- Come, estrangeiro, aí assentado, em sossego, ou vai para outra parte, não suceda que os pretendentes, em paga do que dizes, te arrastem por um pé ou por um braço, através da sala e te dilacerem o corpo].

Tais foram as suas palavras; e todos se indignaram sobremaneira. Alguns daqueles jovens pretensiosos diziam assim:

- Antínoo, tu fizeste mal em ferir o mendigo infeliz. Maldito. E se, por acaso, ele fosse um deus celestial? Os deuses também andam, sob diferentes aspectos, como estrangeiros de terras longínquas, pelas cidades, para observar a violência e a virtude dos homens.

Assim falavam os pretendentes; mas Antínoo não fazia caso das suas palavras. A Telémaco, porém, crescia a dor no peito, por causa da pessoa que sofrera o golpe. Não obstante, dos seus olhos não rolou nenhuma lágrima para o chão; mas, no fundo do seu coração, revolia pensamentos sinistros, meneando em silêncio a cabeça.

Como a sensata Penélope "" soubesse que Antínoo tinha ferido o pedinte, na sala, disse para as escravas:

- Oxalá Apolo, célebre no arco, o ferisse também a ele.

253 XVII (495-529)

Eurínoma, a despenseira, exclamou, por sua vez:

- Quem dera que se cumprissem os nossos votos. Nenhum dos pretendentes chegaria à Aurora de belo trono.

A sensata Penélope tomou de novo a palavra:

- Ama, detesto-os a todos, por causa das suas maquinações perversas; mas Antínoo assemelha-se, mais que nenhum, à Parca negra. [Um pobre estrangeiro anda, obrigado pela sua pobreza, a pedir esmola, pela sala, aos convivas; e todos lhe enchem o saco com as suas dádivas, ao passo que ele fere-o com um escabelo, na espádua direita.]

Assim falara Penélope, assentada no seu aposento, entre as escravas, enquanto o egrégio Ulisses ia comendo. Depois, chamou o porqueiro exímio e disse-lhe:

- Vai ter, excelente Eumeu, com o estrangeiro e manda-o vir aqui. Quero saudá-lo e perguntar-lhe se teve, algures, notícias de Ulisses, do varão de ânimo paciente, ou se o viu com os seus olhos; pois parece ter andado errante por muitas terras.

Tu, porqueiro Eumeu, respondeste-lhe:

- Oxalá, rainha, se calassem os Aqueus I Tais coisas

ouvirias, que o teu coração havia de ficar encantado. Eu já o tive, durante três noites e três dias, na minha cabana, onde primeiro foi ter, fugido de uma nau, e não acabou de contar-me as suas desventuras. Como a gente olha, maravilhada, para um aedo, que, instruído pelos deuses, canta para delícia dos mortais; e, quando canta, todos desejam ouvi-lo sempre, assim ele me deliciou, quando estava, na minha casa, assentado, ao pé de mim. Diz ser hóspede familiar de Ulisses e oriundo de Creta, onde vive a descendência de Minos. Dali veio para esta terra, depois de sofrer muitas tribulações e de andar errante de país em país. Afirmo que ouviu dizer perto daqui, na terra fecunda dos Tesprotos, que Ulisses vive e que traz para a sua pátria muitas preciosidades.

Voltou-lhe a sensata Penélope: - Chama-o cá, para que ele próprio me conte isso. Os

254 XVII [530-563]

pretendentes que se divirtam, assentados às portas ou dentro da sala, visto terem um coração jovial. Nas suas casas, conservam-se intactos os seus bens, o pão e o vinho, dos quais vivem os criados, ao passo que nas suas visitas quotidianas ao nosso palácio imolam bois, ovelhas e cabras gordas e, nos seus banquetes, bebem inconsideradamente o vinho rutilante. Assim, devoram-nos. a maior parte da fazenda, na falta de um varão, tal como Ulisses, para evitar a ruína da nossa casa. Se ele voltasse à terra pátria, depressa se vingaria, com a ajuda do seu filho, das violências de tais homens.

Assim disse ela; e Telémaco deu um espirro tão forte que ecoou terrivelmente na sala. Riu-se Penélope; e, em seguida, dirigiu a Eumeu estas aladas palavras:

- Vai e chama o hóspede à minha presença! Não vês que o meu filho espirrou a todas as minhas palavras? Por isso, há-de ser um facto a morte de todos os pretendentes, sem que algum possa escapar a ela e às Parcas. Outra coisa te vou dizer, que deves guardar no teu coração. Se chegar ao conhecimento de que tudo quanto o hóspede disser é verdade, oferecer-lhe-ei vestidos novos -um manto e uma túnica.

Assim falou; e o porqueiro, ouvido o recado, partiu. Aproximando-se, depois, de Ulisses disse-lhe estas palavras aladas:

- Bom hóspede, a sensata Penélope, mãe de Telémaco, chama-te. Apesar das aflições que sofre, o seu coração incita-a a inquirir a respeito do seu esposo. E, se ela chegar ao conhecimento de que tudo quanto disseres é verdade, oferecer-te-á um manto e uma túnica, de que bem precisas. Em seguida, indo pela terra a pedir pão, poderás encher o teu estômago; e dar-to-á quem quiser.

O paciente e egrégio Ulisses replicou-lhe:

- Eumeu, eu diria imediatamente à filha de Icário, à sensata Penélope toda a verdade, pois estou bem informado, a respeito do seu marido, visto ter sido igual o nosso infortúnio; receio,

255 XVII [564-599)

todavia, a turba molesta dos pretendentes, cuja petulância e violência chegam ao férreo céu. Ainda há pouco, como andasse pela sala, este homem, sem lhe fazer mal algum, feriu-me dolorosamente; e nem Telémaco nem outro qualquer intervieram. Portanto, exorta Penélope a que espere na sala, não obstante a sua ânsia, que se ponha o Sol. Nessa ocasião, que me interrogue a respeito do dia do regresso do seu marido,

depois de me mandar assentar bem perto do lume, por causa dos vestidos miseráveis que tenho, como sabes, pois foste o primeiro, a quem pedi esmola.

Assim disse; e o porqueiro, ouvidas estas palavras, afastou-se. Ao transpor o limiar, Penélope interrogou:

- Não o trazes, Eumeu? Que pensa o mendigo? Teme alguma violência ou envergonha-se de entrar nesta estância? Mau é que um mendigo seja envergonhado.

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

- Ele fala com acerto; e outro qualquer trataria também de evitar a petulância dos pretendentes orgulhosos. Recomenda que esperes que se ponha o Sol. E para ti, rainha, é muito melhor falar a sós com o hóspede e ouvir o que ele diz.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

- Não pensa mal o homem, quem quer que seja, porque jamais mortais alguns maquinaram, no mundo, tais excessos, como os que estes homens insolentes praticam.

Assim falou; e o porqueiro exímio, depois de lhe ter comunicado tudo, retirou-se para o meio da turba dos pretendentes. Em seguida, aproximando a sua cabeça da de Telémaco, para que os outros não ouvissem, disse-lhe estas palavras aladas:

- Amigo, vou retirar-me; vou guardar os porcos e o demais que a ti e a mim pertencem. Cuida de quanto existe aqui.

Mas, primeiro, salva-te a ti próprio e olha que não venhas a sofrer algum"mal, porque muitos dos Aqueus têm maus propósitos. Extermine-os Zeus, antes que a desgraça caia sobre nós.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Assim há-de suceder, pois. Parte, que já declina "9

256 XVII [6606?]

o dia; e amanhã traz boas vítimas. Quanto a todos estes haveres, eu e os imortais cuidaremos deles.

Após as palavras de Telémaco, Eumeu assentara-se de novo à mesa, num escabelo bem luzidio; mas, satisfeita a vontade de comer e de beber, pôs-se a caminho para junto dos porcos, deixando o pátio e a sala cheios de convivas. Estes deleitavam-se com a dança e o canto, porque já sobreviera a tarde.

257

O-17

RAPSÓDIA XVIII

Pugilato de Uíisses e de Iro

Chegara ao palácio um mendigo da terra, que costumava pedir esmola pela cidade de Ítaca, famoso pelo seu ventre glutão, o qual jamais se saciava de comer e de beber. Tinha um aspecto corpulento e bela aparência, mas não era forte nem vigoroso. Chamava-se Arneu, nome que a sua veneranda mãe lhe pusera, ao nascer. Todos os jovens, porém, chamavam-lhe Iro "", porque ia a recados, quando disso o incumbiam. Apenas

entrou no palácio, procurou expulsar Ulisses da sua própria casa, insultando-o com estas palavras aladas:

- Retira-te da soleira, velho, para não me ver obrigado, dentro de pouco, a arrancar-te daí por um pé. Não vês que todos me piscam os olhos, animando-me a expulsar-te? Sem embargo, envergonho-me de o fazer. Vamos! Levanta-te, antes que a contenda passe, em breve, também às mãos.

Olhando-o de soslaio, respondeu-lhe o prudente Ulisses:

- Desgraçado. Eu não te faço mal algum, nem digo nada contra ti. Não tenho inveja de que te dêem nem de que recebas muito. Nesta soleira cabemos ambos. Não sejas invejoso do que não te pertence, pois parecestes ser um mendigo, como eu. Olha que são os deuses quem nos distribui as riquezas ". Não me incites à briga nem me faças irritar, se não queres que, não obstante ser velho, te ponha o peito e os lábios em sangue. Assim, teria amanhã mais sossego, porque julgo que não voltarias pela segunda vez ao palácio de Ulisses, filho de Laertes.

Retorquiui-lhe o mendigo Iro, encolerizado: - Oh, o glutão tem a fala expedita, como velha forneira.

XVIII (27-61]

Eu vou pensar em dar-lhe a paga, espancando-o com ambas as mãos, de sorte que lhe saltem todos os dentes dos queixos para o chão, como se faz a uma marrã que devastou uma

seara. Cinge-te, imediatamente, para que todos estes contemplem os lutadores. Mas como poderás combater com um varão mais novo do que tu?

Assim querelavam os dois, irritados um contra o outro, sobre a soleira polida, em frente das altas portas. Reparou no caso o potente Antínoo e disse para os pretendentes com um sorriso meigo:

- Amigos, nunca antes houve um divertimento tão agradável, nesta casa, como o que um deus nos proporcionou hoje. O estrangeiro e Iro querelam um com o outro e querem agredir-se. Façamo-los combater sem demora.

Assim disse; e levantaram-se todos às gargalhadas, para rodear os dois mendigos esfarrapados. Antínoo, filho de Eupites, falou-lhes assim:

- Escutai, pretendentes ilustres, o que vos vou dizer. Nós pusemos ao fogo buchos de cabra, cheios de gordura e de sangue, para a ceia. Aquele dos dois que for mais forte e vencer poderá tomar, dentre eles, o que quiser; e, no futuro, comerá connosco e não permitiremos que outro mendigo entre na sala.

Esta proposta de Antínoo agradou a todos. O prudente Ulisses falou-lhes, então, com astúcia:

- Amigos, não pode um velho oprimido pela desgraça combater com um homem mais novo. Todavia o ventre, este causador dos nossos males, incita-me à luta e a expor-me aos golpes de outrem. Prestai-me todos juramento solene de que nenhum de vós, tomando o partido de Iro, me ferirá injustamente com a sua mão pesada, nem usará de força para eu

ser vencido por ele.

Após estas palavras, todos juraram, conforme Ulisses exigia. Apenas tinham jurado e pronunciado todo o juramento, o potente Telémaco falou assim:

- Estrangeiro, se o teu coração e o teu ânimo audaz te
259 XVIII [62-94)

incitam a defender-te desse homem, não temas a nenhum dos Aqueus, porque deveria combater com nós todos aquele que te tocasse. Eu sou o hospedeiro; e Antínoo e Eurímaco, ambos prudentes, dão-me o seu apoio.

Tais foram as suas palavras, que todos aprovaram. Ulisses, em seguida, cingiu os rins com os seus andrajos e desnudou as coxas belas e volumosas; descobriu também os ombros largos, o peito e os braços fortes. Atena acorreu, por fim, e fez parecer mais desenvolvidos os membros do pastor de povos. Admiraram-se sobremaneira todos os pretendentes e cada um dizia para o que lhe ficava mais próximo:

- Tais coxas fez aparecer o velho, depois de afastar os farrapos, que, em breve, a Iro, ao desventurado 142 Iro, atingirá a desgraça, que ele próprio procurou.

Assim falavam eles; e o ânimo de Iro perturbou-se. Mas os servos cingiram-no à força e trouxeram-no, a tremer de susto nos seus membros. Antínoo, por sua vez, increpou-o, dizendo:

- Nunca tu. existisses, fanfarrão, nem tivesses nascido, pois tens medo e tremes diante de um velho já derrubado pelos males que lhe caíam em cima. O que vou dizer-te há-de executar-se. Se ele te vencer e provar ser mais forte do que tu, enviar-te-ei, 141 uma nau escura, para o continente, ao

rei Équeto, flagelo de todos os mortais, que te cortará com o afiado bronze o nariz e as orelhas e arrancar-te-á as vergonhas, para as lançar cruas, aos cães.

Enquanto assim falava, um tremor ainda mais forte apoderou-se dos membros de Iro. Conduzido para o meio, os dois combatentes ergueram os braços um contra o outro. O paciente e egrégio Ulisses ficou um momento perplexo. Deveria subjugar o adversário, de modo que a alma o abandonasse logo ali, ou prostrá-lo-ia no chão com golpes mais suaves? Pareceu-lhe melhor não o ferir de morte, a fim de não se revelar aos Aqueus.

260 XVIII (95-126)

Estando eles, pois, com os braços levantados, Iro feriu a Ulisses no ombro direito. Ulisses, porém, deu-lhe tal punhada no pescoço, abaixo da orelha, que os ossos estalaram lá dentro e imediatamente o sangue rubro afluiu-lhe à boca e o homem caiu por terra, a gemer e a bater os dentes uns contra os outros, ao mesmo tempo que feria o solo com os calcanhares.

Entretanto, os pretendentes ilustres erguiam os braços, mortos de riso. Mas Ulisses, agarrou a Iro por um pé e arrastou-o através do vestibulo, até ao pátio, à entrada do pórtico, onde o assentou, reclinado contra a parede. E, depois de lhe pôr o seu pau na mão, dirigiu-lhe estas palavras aladas:

- Agora fica aí assentado, a afastar da casa os porcos e os cães; e não queiras, sendo tão fraco, ser o senhor dos estrangeiros e dos mendigos, para que não te aconteça ainda pior.

Dito isto, Ulisses lançou-lhe em volta dos ombros o seu saco desprezível e esfrangalhado, suspenso de uma corda, e foi assentar-se na soleira, enquanto os pretendentes, que reentravam rindo suavemente, o felicitavam com estas palavras:

- Estrangeiro, Zeus e os outros deuses imortais te dêem o que mais desejas e agrada ao teu coração, por teres conseguido que esse glutão deixe de mendigar [pela terra, pois em breve o transportaremos para o continente, para junto do rei Équeto, flagelo de todos os mortais].

Assim disseram; e o egrégio Ulisses alegrou-se do presságio. Em seguida, Antínoo pôs adiante dele um grande bucho cheio de gordura e de sangue; e Antínoo serviu-lhe dois pães, que tomou de um açafate. Depois, saudou-o com um copo de vinho na mão, dizendo:

- Salve, bom estrangeiro. Que tu, a quem agora oprimem tantos males, venhas, no futuro, a ser feliz.

Respondeu-lhe o prudente Ulisses:

- Na verdade, Antínoo, pareces-me muito sensato e mostras ser filho de um pai, qual era Niso de Dulíquio, varão probo

261 XVIII [127-161]

e opulento, como apregooou a sua fama ilustre. Dizem que és filho dele; e, com efeito, a tua aparência é a de um homem distinto. Por isso, escuta e percebe o que vou dizer-te. Entre todos os seres que respiram e rastejam sobre o solo, nenhum cria a terra mais fraco do que o homem. Enquanto os deuses lhe concedem os seus dons e se movem os seus joelhos, não pensa que deva sofrer misérias, no futuro; e, quando os bem-aventurados deuses lhe enviam a desgraça, então suporta-a contra a sua vontade, ainda que de ânimo paciente. O espírito do homem sobre a terra é tal qual o dia que o pai dos homens e dos deuses lhe manda.

Quanto a mim, devia ser feliz, neste mundo. Mas cometi muitas injustiças e abusei da minha força, confiado em meu pai e nos

meus irmãos; por isso, os deuses puniram-me. O homem não devia jamais ser injusto na mínima coisa, mas gozar em silêncio os favores que os deuses lhe outorgaram. Quantas acções iníquas eu vejo praticarem os pretendentes. Consomem os bens e ultrajam a esposa de um homem que não se conservará, por muito mais tempo, ausente dos amigos e da terra pátria. Eu afirmo que se encontra perto daqui. Oxalá um deus te leve para longe e não te encontres com ele, quando regressar à sua terra. Não creio que seja incruenta a luta que decidirá entre os pretendentes e Ulisses, à sua chegada ao palácio. #

##

Tais foram as suas palavras; e, feita a melífluo e entregou o copo ao chefe caminhou através da sala, de coração cabeça, na previsão de desgraça. Mas à morte, porque Atena.constrageu-o a jugado pelas mãos de Telémaco e pela sua potente lança. Em seguida, voltou a assentar-se na poltrona, donde se erguera. Ertremes, Atena, a deusa de olhos brilhantes, sugeriu à filha de Icário, à sensata Penélope que se apresentasse aos pretendentes, para estimular- lhes o coração e redobrar a estima

seu palácio. libação, bebeu o vinho dos pretendentes. Este agitado e sacudindo a nem por isg-o escapou ficar ali, para ser sub-

262 XVIII [162-198]

que lhe dedicavam o esposo e o seu filho. Rindo-se, sem saber porquê, pronunciou estas palavras:

- Eurínoma, o meu coração deseja o que nunca antes desejara: incita-me a mostrar-me aos pretendentes, não obstante detestá-los. Desejo também fazer ao meu filho uma recomendação que há-de ser-lhe útil: queria adverti-lo de não

conversar constantemente com os pretendentes orgulhosos, que lhe dizem palavras amáveis, mas maquinam a sua morte.

A dispenseira Eurínoma respondeu-lhe:

- Sim, filha, tu falas com acerto. Vai, pois, e conversa com o teu filho, sem nada lhe ocultar. Mas lava-te, primeiro, e unge as faces; não apareças assim, de rosto desfigurado pelas lágrimas. Vai, que não convém estar de contínuo em aflições! O teu filho já chegou à idade viril. Que to deixassem ver com barba não era o que pedias com maior ardor aos imortais?

Tornou-lhe a sensata Penélope:

- Não me aconselhe a tua solicitude a lavar-me e a ungir as faces com óleo perfumado. Os deuses, que habitam no Olimpo, privaram-me do esplendor da beleza, desde que o meu Ulisses partiu nas naus bojudas. Manda antes vir aqui Autónoa e Hipodamia, para que, na sala, estejam ao meu lado. Eu não vou só para o meio dos homens, porque me envergonho.

Assim falou; e a velha foi através da sala comunicar a ordem às mulheres e urgir com elas que fossem ter com Penélope.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, concebeu, então, este projecto. Fez sobrevir à filha de Icário um doce sono; e, enquanto dormia, a cabeça reclinada e todos os membros lassos, a deusa preclara adornou-a com dons imortais, para que fosse admirada pelos Aqueus. Difundiu-lhe, primeiramente, sobre as faces uma beleza divina, igual àquela com que a Citera de bela coroa se adorna, quando vai para o coro das Graças amáveis. Depois fê-la parecer mais alta e corpulenta e deu-lhe o alvor do marfim recém-cortado. Executada a obra, a deusa afastou-se.

Chegaram logo da sala, conversando, as escravas de níveis

263 XVIII [199-237)

braços. Neste momento, o doce sono deixou Penélope, que, enquanto apertava o rosto entre as mãos, dizia:

- æ força de sofrer, sobreveio-me um entorpecimento agradável. Oxalá a casta árteniis me desse, nesta ocasião, uma morte tão suave, para não passar a vida a consular o coração com saudades de um marido que estava exornado de todas'as virtudes e era o melhor entre os Aqueus.

Ditas estas palavras, desceu do seu aposento magnífico, no andar superior, amparada das duas escravas. Quando a mulher preclara chegou junto dos pretendentes, o rosto velado por um véu precioso, deteve-se ao pé de um pilar do tecto sólido, assistida por uma escrava diligente de cada lado, enquanto#àque19@ tremiam os joelhos e desejavam, em transportes de amor, tê-la por esposa. Dirigindo-se a seu filho, ela falou assim:

- Tu não tens prudência nem juízo. Tinhas mais tino, quando eras pequeno. Mas agora que és grande e já atingiste a idade viril, em vez de provar aos olhos de um estrangeiro, que visse a tua estatura e a tua beleza, que és filho de um varão ditoso, não mostras ter um espírito justo nem reflexão. Quão grande crime se cometeu, nesta sala, ao consentires que um hóspede fosse tratado tão indignamente! Que nos sucederá a nós, se um estrangeiro puder receber maus tratos até na nossa própria casa? Vergonha e opróbrio será a tua sorte entre os homens.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

- Minha mãe, eu não te censuro por estares encolerizada. O meu espírito compreende e sabe o que é bom e o que é mau, pois já não sou menino. Como, porém, ainda há pouco o era, não posso proceder em tudo com prudência e acerto. Além

disso, aqueles que me rodeiam fazem-me perder a serenidade. Eles premeditam a minha ruína e não tenho quem me defenda.

Quanto à luta entre o nosso hóspede e Iro, nisso os Pretendentes não tiveram culpa. Como este que tu vês era mais valente.. i Oxalá, pai Zeus, Atena e Apolo, os pretendentes, já vencidos todos, no nosso palácio, estivessem, uns no pátio, outros dentr

264 XVIII [238-275)

da sala, de cabeça baixa e os membros desconjuntados, tal como Iro está agora às portas do pátio, fazendo trejeitos com a cabeça, semelhante a um bêbado, e sem poder conservar-se direito sobre os pés nem ir para casa, como desejaria, por ter quebrantados os membros.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Eurímaco dirigiu, depois, a Penélope estas palavras:

- Filha de Icário, sensata Penélope, se todos os Aqueus do Argos jónio 144 te vissem, ainda mais pretendentes, desde o romper da aurora, se banqueteariam no teu palácio, porquanto excedes todas as outras mulheres em beleza, estatura e em ponderação.

Disse-lhe em resposta a sensata Penélope:

- Eurímaco, os meus dotes - a beleza e o aspecto do corpo foram destruídos pelos imortais, no dia, em que os Argivos embarcaram para Ílion com Ulisses, o meu esposo. Se ele regressasse, para cuidar da rainha existenda, maior e mais bela seria, então, a minha glória. Assim, angustio- me, oprimida por tantos males, que um deus me enviou. Quando partiu da terra pátria tomou- me o pulso da mão direita, dizendo: Mulher, eu não creio que os Aqueus de belas grevas voltem todos de Tróia, sãos e salvos. Os Troianos, como dizem, são não só homens belicosos, hábeis no manejo da lança e em atirar com o arco, mas também bons cavaleiros, que, montados em cavalos velozes, podem decidir depressa a sorte de

um combate duvidoso. Por isso, não sei se um deus me deixará voltar ou se perecerei em Tróia. Toma, pois, cuidado de quanto aqui fica. Durante a minha ausência, só solicita, nesta casa "", do meu pai e da minha mãe, como a#it6s, ou ainda mais. E, se vires que o nosso filho já tem barba, casa-te com quem quiseses e abandona o palácio.

Assim falou Ulisses; e tudo se cumpre agora. Vai chegar a noite, em que eu, infeliz, a quem Zeus privou da ventura, celebrarei umas núpcias detestáveis. Uma dor terrível, porém, afli-ge-me o coração e o espírito: os antigos usos não são observados pelos meus pretendentes. Aqueles que, outrora, pretendiam

265 XVIII (276-311]

uma mulher ilustre, filha de um varão opulento, e a disputavam entre si, costumavam levar à noiva bois e ovelhas gordas, para ela dar um banquete às pessoas que lhe eram caras, e ofertar-lhe dádivas magníficas, em vez de consumirem, impunemente, os bens de outrem.

Tais foram as suas palavras; e o paciente e egrégio Ulisses alegrou-se de que Penélope solicitasse dádivas e lisonjeasse com palavras meigas o coração dos pretendentes, enquanto o espírito dela tinha outros projectos.

Antínoo, filho de Eupites, disse, então:

- Filha de Icário, sensata Penélope, aceita os presentes que trouxe aqui cada um dos Aqueus, pois não te fica bem recusar uma dádiva. Além disso, não iremos para as nossas ocupações nem para outra parte qualquer, sem primeiro te casares com aquele dentre os Aqueus, que for mais digno.

Esta proposta de Antínoo agradou aos pretendentes; e cada um enviou o seu arauto a buscar os presentes. O de Antínoo trouxe-lhe um peplo grande e esplêndido, bordado a várias cores e com doze colchetes, todos de ouro, que se adaptavam a anéis de curvatura artística. O de Eurímaco chegou depressa

com um colar de ouro, trabalhado com arte e com engastes de âmbar, brilhante como o Sol. A Euridamante dois escravos trouxeram-lhe uns brincos com três pérolas, trabalhados com muito esmero e de gradoso brilho. Da casa do rei Pisandro, filho de Polictor, veio um servo com uma gargantilha - ornato esplêndido. Enfim, cada um dos Aqueus mandou ao seu arauto trazer uma dádiva preciosa. A mulher preclara subiu, em seguida, à sua estância, no andar superior, em companhia das escravas, que lhe levavam os presentes magníficos. Os pretendentes volveram a divertir-se com a dança e cantos alegres; e, a noite, quando chegou, encontrou-os a divertirem-se ainda. Então, foram colocados na sala, para a iluminar, três braseiros, em volta dos quais puseram lenha, desde há muito seca e rachada recentemente com o bronze, a que ajuntaram acendalhas, com que as servas do paciente Ulisses

266 XVIII [31?-346]

iam atizando o lume. A estas o filho de Laertes, da estirpe de Zeus, falou assim:

- Escravas de Ulisses, do senhor há muito ausente, ide para a estância, onde está a rainha veneranda e, assentadas junto dela, distraí-a, fazendo girar o fuso ou cardando a lã, que eu cuidarei de alumiar a todos quantos se encontram aqui. Ainda que eles quisessem ver raiar a Aurora de belo trono, o cansaço não me venceria, pois sou muito paciente.

Assim disse; e elas puseram a rir-se, olhando umas para as outras. Mas uma, Melanto de belas faces, increpou-o com palavras descorteses. Esta era filha de Dólio e estava ao cuidado de Penélope, que a educara como filha e dava-lhe tudo quanto lhe alegrava o coração. Não obstante, não tinha pena de Penélope: era amante de Eurímaco. Ela, pois, increpou Ulisses com palavras injuriosas:

- Miserável estrangeiro, tu estás doido. Em vez de ir para uma forja ou a qualquer abrigo público, tens a ousadia de falar aqui, [no meio de tantos homens, sem a menor sombra de medo, quanto te vem à cabeça. Bebeste demais ou apanhaste o costume de só tagarelar frioleiras?] Andas inchado, por ter

vencido o mendigo Iro? Pode ser que bem depressa surja outro mais valente do que Iro, que te quebre a cabeça com as suas mãos pesadas e te ponha fora do palácio, todo a escorrer sangue.

O paciente Ulisses, olhando-a de soslaio, retorquiu-lhe:

- Vou já dizer a Telémaco, minha cadela, as injúrias que me dirigiste, para retalhar-te em postas.

Ao ouvir estas palavras, as mulheres dispersaram-se, assustadas, pela sala, com os joelhos lassos, porque tomaram a sério as palavras de Ulisses. Este foi colocar-se junto dos braseiros e cuidava de os manter acessos, sem tirar os olhos dos pretendentes, contra os quais revolia no peito desígnios que deviam cumprir-se.

Atena, porém, não permitiu que eles se abstivessem de

267 XVIII [347-381]

injúrias acerbadas, para que a dor penetrasse ainda mais no coração de Ulisses, filho de Laertes. Eurímaco, filho de Pólibo, foi o primeiro que com palavras de escárnio contra Ulisses provocou o riso dos outros:

- Ouvi-me, pretendentes da rainha muito afamada, para que vos declare o que me inspira o coração. Não foi contra a vontade dos deuses que este homem veio para o palácio de Ulisses. A mim parece-me que a sua cabeça dá luz como um archote, a qual já não tem nenhuns cabelos.

Assim falou; e logo se dirigiu a Ulisses, assolador de cidades, nestes termos:

- Estrangeiro, se te convidasse, não aceitarias trabalhar às minhas ordens, no campo que tenho, no extremo da ilha? A paga não seria pequena, por ajuntar pedra" e pela plantação

de árvores. Eu fornecer-te-ia pão em abundância, vestir-te-ia e dava-te calçado. Mas, como só aprendeste malandrices, não quererás lançar-te ao trabalho. Preferes mendigar pela cidade, para que possas encher o ventre insaciável.

O prudente Ulisses deu-lhe esta resposta:

- Eurímaco, eu queria, na Primavera, quando os dias são maiores, ceifar erva num prado ao desafio contigo, servindo-me de uma boa foicinha e tu doutra igual. Para medirmos as nossas forças, devíamos trabalhar ambos em jejum, até à noite, e sem a erva faltar. Também, se dois bois tivessem de ser guiados, muito fortes, de pêlo lúcido, grandes, ambos fartos de erva, da mesma idade, de força igual e com o mesmo ardor indomável; se com eles devesse lavrar, num dia, quatro geiras, no terreno que cedesse ao arado, havias de ver, então, como abria um sulco direito. Igualmente, se o filho de Crono suscitasse hoje, em qualquer parte, uma guerra e eu tivesse um escudo, duas lanças e um capacete de bronze, que se adaptasse bem às minhas fontes, ver-me-ias entre os combatentes das primeiras linhas e não me insultarias mais, por causa do ventre. Mas, to# a ti, tu portas-te com insolência e tens um coração cruel. Julgas, talvez,

268 XVIII [382-415)1

ser grande e potente, por conviver com um pequeno número de homens vulgares. Se Ulisses viesse, se regressasse à sua terra pátria, estas portas, ainda que muito largas, seriam estreitas, para tu fugires por elas fora, através do vestíbulo.

Assim falou Ulisses; e Eurímaco, ainda mais irritado, no seu coração, disse-lhe, olhando-o de soslaio, estas palavras aladas:

- Ah, Dar-te-ei, em breve, a paga, miserável, desse teu palavriado, que tens a ousadia de falar aqui, no meio de tantos homens, sem a menor sombra de medo, quanto te vem à cabeça. Bebeste demais ou apanhaste o costume de só tagarelar

frioleiras? Andas inchado por ter vencido o mendigo Iro?

Dito isto, tomou um escabelo; mas, como Ulisses, por medo, fosse assentar-se junto dos joelhos de Antínomo de Dulíquio, o escabelo feriu o copeiro no braço direito. O jarro retiniu no chão e o servente tombou de costas com um grito.

Os pretendentes gritavam na sala sombria; e cada um dizia, olhando para o seu vizinho:

- Oxalá o estrangeiro se sumisse e fosse vaguear para outros sítios, em vez de ter vindo para o meio de nós! Se ele nunca tivesse vindo para cá, não nos teria causado tão grande distúrbio. Mas deixamo-nos envolver em rixas acerca dos mendigos e não gozaremos mais do prazer de um bom festim, enquanto prevalecer aqui a desordem.

Então, o poderoso Telémac falou assim aos pretendentes:

- Miseráveis. Vós estais loucos! Incitados, certamente, por um deus, já não podeis ocultar os efeitos da comida e da bebida. Depois de se ter banquetado bem, vá cada um dormir para a sua casa, se a vontade lho demanda, que eu não lançarei ninguém fora.

Tendo ouvido estas palavras, morderam todos os lábios, admirados da ousadia, com que falava. Antínomo, porém, [filho ilustre de Niso e que tinha por avô o rei Aretes], dirigiu-lhes esta admoestação:

- Amigos, ninguém se indigne ou oponha razões contrárias

20 ODISSEIA - RAPSÓDIA XVIII [416-428]

às palavras justas de Telémaco; nem tão-pouco trateis mal o estrangeiro ou a qualquer dos escravos, que vivem no palácio do divino Ulisses. Mas o copeiro que deite vinho nos copos,

para fazermos a libação e ir cada um dormir para a sua casa. Quanto ao estrangeiro, deixemo-lo no palácio de Ulisses, ao cuidado de Telêmaco, já que ele se encaminhou para aqui.

Assim disse; e a todos agradaram as suas palavras. O herói Múlio, arauto de Dulíquio e servo de Antíflnomo, misturou, em seguida, o vinho na cratera e distribuiu-o a todos, aproximando-se de cada um; e eles libaram, primeiro, em honra dos deuses bem-aventurados e beberam, depois, do vinho melífluo. Feita a libação e tendo bebido quanto quiseram, partiram, cada um para a sua casa com vontade de se recolher ao leito.

270 [1-28)

RAPSÓDIA XIX

Colóquio de Ulisses com Penélope.
Lavagem dos pés

[O egrégio Ulisses ficou na sala, a maquinar com Atena a morte dos pretendentes. De súbito, disse a Telêmaco estas palavras aladas:

- Telêmaco importa levar para dentro todas as armas de guerra; e, se os pretendentes derem pela sua falta e te perguntarem por elas, ilude-os com palavras brandas, dizendo-lhes: Coloquei-as longe do fumo, porque lá não parecem as que Ulisses deixou, um dia, ao partir para Tróia. Estão todas enferruscadas, por tê-las atingido a fumaceira. Além disso, o filho de Crono inspirou-me outra razão mais forte: temo que embriagados, provoqueis qualquer rixa entre vós e vos firaís uns aos outros, desonrando, deste modo, a minha casa e a classe dos pretendentes, pois o ferro atrai o homem.

Tal foi a ordem de Ulisses; e Telémaco, obediente, chamou a ama Euricleia e disse-lhe:

- Ama, fecha as mulheres na sala, enquanto deposito as armas do pai no arsenal, as quais estão aqui descuidadas e expostas ao fumo, desde que ele se ausentou. Eu, então, era ainda menino; mas agora quero colocá-las, onde a fumaceira não as atinja.

Respondeu-lhe Euricleia, a sua ama:

- Oxalá, filho, tenhas, enfim, ganhado juízo, para poder cuidar da casa e olhar por todos os teus bens. Mas quem te acompanhará com uma luz, se não deixas sair as escravas da sala? Elas podiam alumiar-te.

Voltou o prudente Telémaco:

- Este hóspede ajuda-me, pois não tolero que esteja ocioso quem vive à minha custa, ainda que tenha vindo de muito longe.

271 XIX [29-64)

Assim disse; e Euricleia, sem pronunciar uma palavra, foi fechar as portas da sala. Entretanto, os dois, Ulisses e o seu filho ilustre apressaram-se a transportar para dentro do arsenal os elmos, os escudos boleados e as lanças pontiagudas, precedidos por Palas Atena com uma lâmpada de oiro, que dava uma luz maravilhosa. Súbitamente, disse Telémaco para Ulisses:

- ó meu pai, é extraordinária a maravilha que os meus olhos contemplam. As paredes da sala, os intercolúnios "", as vigas de abeto e as colunas, que as sustentam, tudo isto, a meus olhos, tem o brilho de brasas vivas. Sem dúvida, há-de estar aqui dentro algum dos deuses que habitam no vasto céu.

Respondeu-lhe o solerte Ulisses:

- Cala-te. Reprime a tua curiosidade e não me faças perguntas. Os deuses, moradores do Olimpo, costumam proceder assim. Mas vai deitar-te, que eu ficarei, para provar ainda as escravas e a tua mãe que, na sua dor, me fará perguntas, a respeito de tudo.

Assim falou; e Telémaco atravessou a sala, à luz das tédas, desejoso de se recolher ao aposento, onde descansava, sempre que lhe sobrevinha o sono. Deitou-se, então, ali, à espera da aurora brilhante]. O egrégio Ulisses, porém, ficou na sala a combinar com Atena o morticínio dos pretendentes.

A sensata Penélope, entretanto, saiu do seu aposento, semelhante a Ártemis ou à áurea Afrodita. Tinham colocado para ela, junto do fogo, uma cadeira torneada, com ornatos de marfim e de prata, na qual costumava assentar-se - obra executada, em tempos idos, por Icmálio, que lhe adaptou, por baixo, um escabelo para os pés. Nesta cadeira, sobre a qual fora estendido um grande velo, assentou-se a sensata Penélope. As escravas de níveos braços vieram logo da sua estância e recolheram muitos restos de pão, assim como as mesas e os copos, em que os homens arrogantes tinham bebido; depois, espalharam pelo chão os carvões dos braseiros e puseram-lhes dentro muita lenha, para dar luz e

272 XIX [65-98)

aquecer. Nesta ocasião, Melanto, pela segunda vez, insultou Ulisses, dizendo:

- Estrangeiro, também agora, durante a noite, quererás importunar-nos, girando pela casa à espreita das mulheres? Vai-te pela porta fora, miserável, e contenta-te com o que comeste, aliás expulso-te daqui a golpes de tição.

Replicou-lhe o solerte Ulisses, olhando-a de

soslaio:

- Desgraçada. Porque te insurges contra mim, tão encolerizada? Por estar sujo, por vestir uns vis andrajos e por mendigar por estes sítios, constrangido pela necessidade? São assim os indigentes e os vagabundos. Também, outrora, era feliz, entre os homens, e, como habitava numa casa opulenta, dei muitas vezes esmola ao pobre, fosse quem fosse e por qualquer necessidade que pedisse. Tinha escravos inumeráveis e muitas riquezas, com que os homens vivem regaladamente e têm, por isso, o nome de ricos. Mas o filho de Crono quis, por certo, que caísse na ruína. Lembra-te, mulher, de que hás-de perder, um dia, o brilho da beleza, que te faz agora orgulhosa, entre as outras escravas; e teme que a tua senhora, indignada, desencadeie contra ti a sua ira ou que Ulisses volte, pois ainda há esperanças disso. Mas, se, por ter morrido, não voltar mais, deixou contudo, por vontade de Apolo, um filho, Telémaco, que não fecha os olhos às perfídias que as mulheres cometem no seu palácio, porque já ultrapassou a meninice.

Tais foram as suas palavras; e, como a sensata Penélope o tivesse escutado, dirigiu à escrava esta censura e declarou-lhe:

- Atrevida, cadela sem vergonha. Não me esquecerei da maldade que fizeste; hás-de pagá-la com a tua cabeça. Bem sabias, por me ter ouvido dizê-lo, que desejava interrogar o estrangeiro, na sala, àcerca do meu esposo, pois vivo em grande aflição.

Depois de assim falar, ordenou à dispenseira Eurínoma:

- Eurínoma, traz 'uma cadeira e cobre-a com uma pele, para que o hóspede me fale, assentado, e escute as minhas perguntas.

Ouvida a ordem, a escrava apressou-se a trazer uma cadeira bem polida, que cobriu com um velo, na qual o paciente e egrégio Ulisses se assentou, em seguida. Então, a sensata Penélope tomou a palavra:

- Meu hóspede, antes de mais nada, quero que me digas quem és, qual a tua terra, onde fica a tua cidade e onde moram os teus pais.

O prudente Ulisses respondeu-lhe:

- *f* mulher, na terra imensa, nenhum mortal poderia censurar-te. A tua glória chega ao vasto céu, tal como a de um rei irrepreensível, que, temente aos deuses, domine sobre varões numerosos e valentes e faz respeitar a justiça, sob cuja administração a terra escura produz trigo e cevada, as árvores vergam de fruto, as ovelhas parem constantemente, o mar dá peixes e os povos, enfim, vivem em plena prosperidade. Agora que me encontro no teu palácio, interroga-me a respeito de tudo, excepto sobre a minha linhagem e a minha terra pátria, para que não aumentes as penas do meu coração, com a sua lembrança. Eu sou muito infeliz; mas não convém que, na casa alheia, me lamente e chore. Não deve a gente estar a afligir-se aí, continuamente. Além disso, alguma das tuas escravas e tu própria poder-vos-íeis irritar e dizer que choro, por me ter subido o vinho à cabeça.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

- Meu hóspede, os imortais despojaram-me da formosura, no dia, em que os Argivos embarcaram para ìlion e entre eles foi Ulisses, o meu esposo. Se este voltasse e cuidasse da minha existência, a minha glória seria, então, maior e mais bela. Assim, angustio-me, oprimida por tantos males, que um deus me enviou. Os próceres que dominam nas ilhas, em Dulíquio e Sama e na nemorosa Zacinto, bem como os que habitam na própria ìtaca, visível ao longe, todos eles me pretendem, mau grado meu, e consomem a minha fazenda. Por causa destes males, não

cuido dos hóspedes e dos suplicantes nem dos arautos, que

274 XIX [136-168)

servem o povo. Só as saudades de Ulisses me consomem o coração; e com ardis vou defendendo- me dos pretendentes, que instam pelas minhas núpcias. Um deus inspirou, primeiro, ao meu espírito que levantasse, no palácio, um grande tear e me pusesse a tecer um véu subtil e imenso. Depois, disse-lhes: jovens, meus pretendentes, visto o divino Ulisses ter morrido, não apresseis as niinhas núpcias. Deixai-me acabar a mortalha destinada ao herói Laertes (não suceda que se inutilizem os fios), para quando o surpreender o destino fatal da morte prostradora. Temo que as Aqueias me censurem pela cidade, se for enterrado sem mortalha quem possuía tantos bens.

Assim lhes falei; e eles deixaram-se convencer. Desde então, durante o dia, lidava na minha teia; de noite, porém, desmanchava-a, à luz das tedas. Deste modo, consegui, durante três anos, dissimular os meus propósitos e que os Aqueus acreditassem em mim. Mas, no quarto, quando, no curso das estações, volveram a suceder-se meses e dias em grande número, então, por causa das niinhas escravas, dessas cadelas que nada respeitam, os pretendentes vieram surpreender-me e vociferaram contra mim palavras de censura. Foi assim que, bem contra a minha vontade, tive que concluir a teia. E agora não posso evitar as núpcias, nem inventar subterfúgio algum. Além disso, os meus pais incitam-me a que me case; e o meu filho, conhecedor do que sucede, está indignado contra os que lhe devoram os bens, pois ele já é um homem capaz de administrar o'que lhe pertence; e Zeus dá-lhe renome. Apesar da tua repugnância, dize-me de que estirpe descendes e qual a tua terra. Certamente, não és filho de um fabuloso carvalho ou de uma rocha.

Respondeu-lhe o prudente Ulisses:

- ó veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes, não desistes de conhecer a minha linhagem? Pois bem. Vou

satisfazer o teu desejo, bem que isso me traga pesado
acréscimo de penas às que já suporto. Mas que outro poderá
ser o destino do homem,

275 XIX [169-202]

há tantos anos, como eu, exilado da pátria e errando,
oprimido de males, pelas numerosas cidades dos mortais? Não
obstante, responderei ao que pretendes saber de mim.

Creta é uma terra bela e fecunda, situada no meio do mar
vinhoso e batida pelas ondas. Aí vivem muitos homens,
inumeráveis, distribuídos pelas noventa cidades da ilha.
[Nesta encontram-se povos, cujas línguas se misturam;
habitam-na os Aqueus, os Eteocretenses corajosos, os Cidónios,
os Dórios tripartidos 148 e os Pelasgos divinos].

Entre as cidades desta ilha, existe uma de nome Cnosso,
cidade grande, onde reinou Minos "", desde a idade de nove
anos, o confidente do grande Zeus, que foi pai do meu pai, do
magnânimo Deucalião. Este gerou-me não só a mim, mas também
ao príncipe Idomeneu, que navegou nas naus curvas para Ílion,
juntamente com os Atridas. Eu chamo-me Etão. Sou mais novo
que Idomeneu, que nasceu primeiro e é mais valente.

Em Gnosso vi a Ulisses e ofereci-lhe os dons de
hospitalidade. Como ele desejasse ir para Tróia, o vento
impeliu-o de Maleia para Creta. Ancorou as naus em Amniso,
num porto perigoso, onde se abre a gruta de Ilítia, salvo com
custo das procelas; e dirigiu-se logo para a cidade a
perguntar por Idomeneu, de quem dizia ser hóspede respeitado e
amigo. A aurora já tinha aparecido dez ou onze vezes, desde
que Idomeneu partira para Ílion nas curvas naus.

Conduzi-o, então, para o nosso palácio, dei-lhe
hospitalidade digna e tratei-o com todo o carinho, porque
tínhamos uma casa abastada. A ele e aos companheiros, que o
seguiram, forneci-lhes farinha de cevada e vinho rutilante, que
angariei entre o povo, bem como bois para imolarem e
satisfazerem o seu apetite. Ali permaneceram os Aqueus
ilustres, durante doze dias, porque o Bóreas, suscitado, sem
dúvida, por uma divindade funesta, soprava com tal violência,
que nem sequer em terra se podia estar de pé. Finalmente, no
décimo terceiro dia, o vento acalmou e eles fizeram-se à vela.

Assim contava Ulisses, dando a muitas coisas falsas a aparência de verdadeiras. Penélope ouvia-o e deixava correr as lágrimas, em que as suas faces se consumiam. Como nos altos montes, ao sopro do Euro, se derrete a neve, depois que o Zéfiro a espalhou; e, apenas liquefeita, faz engrossar as correntes dos rios, assim as faces formosas de Penélope pareciam desfazer-se em lágrimas. Chorava por um esposo que tinha à sua beira, por Ulisses, que, apesar de no coração se compadecer da sua mulher toda debulhada em pranto, tinha, contudo, os olhos serenos, como se fossem de chifre ou de ferro e reprimia as lágrimas com astúcia. Depois que se cansou de chorar e de gemer, Penélope voltou a dirigir-lhe a palavra:

- Meu hóspede, vou agora provar-te. Se, como afirmas, deste, no teu palácio, hospedagem ao meu esposo e aos companheiros deiformes, dize-me que vestidos levava no corpo. Como era a sua pessoa? Que companheiros o seguiam?

Respondeu-lhe o solerte Ulisses:

- Dificilmente, mulher, poderei satisfazer à tua pergunta, pois separámo-nos, há muito tempo; já lá vão vinte anos, desde que ele partiu de Creta e se ausentou da minha pátria. Todavia dir-te-ei como o representa o meu coração. O egrégio Ulisses tinha um manto duplo "", felpudo e da cor da púrpura, com uma fíbula de oiro de duplo orifício. A parte anterior era uma obra maravilhosa: via-se aí um cão, a segurar nas patas dianteiras um corço mosqueado, que se debatia, enquanto o cão o devorava regaladamente "". Todos admiravam esta obra - os animais, por serem ambos de oiro, e a atitude do cão a olhar para o corço que estrangulava, ao mesmo tempo que este agitava as patas, na ânsia de ' fugir. A túnica que ele vestia assemelhava-se, no brilho, à casca de cebola seca. Era macia e brilhante, como o Sol; por isso, muitas mulheres olhavam para ele com admiração.

Outra coisa te vou dizer, que deves guardar no teu

espírito. Eu não sei se Ulisses já usava estes vestidos, quando partiu da terra, ou se algum companheiro lhós deu, na nau ligeira, ou

277 XIX [239-272)

algum hóspede, pois que tinha muitos antigos, por serem poucos os Aqueus que o igualavam. De minha parte, fiz-lhe presente de uma espada de bronze, de um manto duplo, esplêndido, de púrpura, e de uma túnica talar; depois, acompanhei-o respeitosamente à nau movida a remos. Com Ulisses seguia um arauto, um pouco mais idoso do que ele, que vou descrever-te: tinha espáduas redondas, tez escura e cabelo encrespado. Chamava-se Euríbates; e Ulisses queria-lhe mais do que aos outros companheiros, porque os sentimentos dele identificavam-se com os seus.

Assim falou Ulisses; e Penélope sentiu uma ânsia ainda mais viva de chorar, ao reconhecer os sinais que ele com exactidão lhe indicara. Mas, depois que se fatigou dos seus gemidos lacrimosos. retorquiu-lhe, dizendo:

- *f* meu hóspede, se bem que antes me compadecia de ti, desde este momento, no meu palácio, serás tratado com amor e veneração. Eu própria dei a Ulisses esses vestidos, de que falas e tirei- os dobrados da câmara. O colchete brilhante fui eu quem o pôs, para lhe servir de ornato. Mas jamais o verei regressar a casa e à sua terra pátria! Ele teve a sorte funesta de partir numa nau bojuda, para ver essa maldita ìlion de nome infando.

Voltou-lhe o prudente Ulisses:

- *f* veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes, não desfigures mais a tua face formosa nem consumas o coração, a chorar pelo teu marido. Mas não te repreendo por isso, porque toda a mulher chora, naturalmente, o legítimo esposo que perdeu e de cujo amor teve filhos, ainda que seja diferente de Ulisses, que, segundo dizem, assemelhava-se aos deuses. Deixa o pranto e atende às minhas palavras, pois quero falar-te com

franqueza, sem nada te ocultar.

A respeito da 'volta de Ulisses, ouvi dizer que já está perto; que se encontra vivo na região fértil dos Tesprotos e que traz muitas e excelentes preciosidades, recolhidas entre o povo. Os

278 XIX [273-309]

seus queridos companheiros, porém, esses perdeu-os no mar vinhoso, bem como a nau côncava, quando vinha da ilha de

112 -se contra ele,

cujas Trinácia # porque Zeus e o Sol irritaram

vacas a sua tripulação tinha matado. Por isso, todos os seus companheiros pereceram no mar encapelado, ao passo que Ulisses, que vogava sobre a quilha da nau, foi lançado pelas ondas para a terra firme, para o país dos Feácios semelhantes aos deuses. Estes honraram-no como a um deus, deram-lhe presentes copiosos e até o queriam conduzir, são e salvo, à pátria.

Ulisses podia estar aqui há muito tempo; mas pareceu-lhe que seria proveitoso ir em busca de riquezas pela terra imensa, pois é o mais empreendedor dos mortais; ninguém rivaliza com ele. Foi isto o que disse Fidão, rei dos Tesprotos; e jurou-me, fazendo libações à despedida, que tinha sido lançada uma nau ao mar com homens prontos para o reconduzirem à sua terra pátria.

Mas a mim despediu-me primeiro, porque sucedeu, casualmente, partir uma nau com Tesprotos para Dulíquio, fértil em trigo. Ele mostrou-me as riquezas que Ulisses ajuntara, as quais poderiam sustentar ainda outro homem, até à décima geração - tantas eram as preciosidades que tinha no palácio do rei. Disse-me também que Ulisses fora a Dodona, para conhecer do roble divino, de elevada copa "", a vontade de Zeus, a respeito do modo de regressar à sua terra pátria, de que se ausentara há muito: se manifestamente ou às ocultas.

Acredita, pois, que ele está são e salvo e não deve tardar; que se encontra muito perto e não permanecerá já, por muito tempo, separado dos que lhe são caros e da sua pátria. Sobre isto vou prestar-te juramento. Sejam testemunhas Zeus,

primeiramente, o deus supremo e o mais poderoso, e, depois, o lar do nobre Ulisses, a que cheguei, de que tudo se há-de realizar como eu digo. Ele voltará na presente lua, quando terminar este mês e principiar outro.

A sensata Penélope replicou-lhe:

- Oxalá, meu hóspede o que afirmas se cumprisse. Em breve,

279 XIX [310-347)

conhecerias a minha amizade e receberias de mim presentes em tão grande número, que serias considerado feliz por quantos te encontrassem. Mas o meu coração pressente que não há-de suceder assim. Ulisses não regressará jamais, nem tu conseguirás que te levem à pátria, pois não existe aqui gente tal, como Ulisses era, entre os homens (se a sua existência não foi um sonho), para receber e despedir os hóspedes respeitáveis.

Bom. Escravas r#finhas, lavai os pés ao nosso hóspede e preparai-lhe um leito com mantos e colchas lustrosas, para que, bem quente, espere a chegada da Aurora de áureo trono. Depois,

muito muito cedo, banhai-o e ungi-o, a fim de que, assentado junto de Telémaco, tome a sua refeição. E ai do conviva, que de coração cruel o ofender! Esse não teria mais nada a fazer aqui, por mais que se enfurecesse. E tu, meu hóspede, como conhecerias quanto sou superior às outras mulheres, em juízo e prudência, se te deixasse comer, na sala, tão sujo e assim mal vestido? Os homens têm uma vida curta. æquele que é cruel e só pensa em barbaridades todos os mortais lhe atiram imprecações, enquanto vive, e, depois da morte, toma-se objecto de mofa de toda a gente; mas a fama daquele que tem uma vida irrepreensível e não conhece o mal difunde-se ao longe, entre os homens, levada pelos estrangeiros; e muitos proclamam o seu mérito.

O prudente Ulisses disse-lhe em resposta:

- *f* veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes, eu aborreço os mantos e as colchas lustrosas, desde que parti numa nau de compridos remos dos montes nevados de Creta. Desejo deitar-me, como antes, quando passava as noites sem dormir-, pois, durante muitas, jazi num leito ruim, à espera da Aurora divina, de belo trono.

Quanto à lavagem dos pés, tão-pouco isso me agrada. E não mos tocarão as mulheres que estão aqui à tua ordem, a não ser alguma muito velha e discreta, [que tenha sofrido no seu coração

280 XIX [348-381]

tantas penas como eu. A uma tal não recusarei que me toque os pés].

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

- Meu hóspede, nenhum dos estrangeiros, nossos amigos, vindo de longes terras a este palácio, mostrou jamais ser tão cordato como tu, nem ter a sabedoria e prudência das tuas palavras. Eu tenho uma velha escrava, muito circunspecta e ajuizada, a qual alimentou e criou aquele infeliz e o recebeu nos seus braços, quando a mãe o deu à luz. Ela lavar-te-á os pés, apesar de as suas forças serem poucas.

Sensata Euricleia, vamos, levanta-te já e lava os pés ao nosso hóspede, igual em idade ao teu senhor. Talvez os pés e as mãos de Ulisses, a estas horas, sejam iguais aos seus, porque, na desgraça, os mortais envelhecem depressa.

Esta foi a sua ordem; e a velha, cobrindo o rosto com as mãos e derramando lágrimas, disse num queixume:

- Ai de mim, Ulisses, que não te posso socorrer! Sem dúvida Zeus ganhou-te mais ódio do que a nenhum outro homem,

não obstante teres um coração temente aos deuses. Nunca algum dos mortais queimou em honra de Zeus, que vibra o raio, tantas coxas pingues nem tantas hecatombes escolhidas, como as que lhe ofereceste, pedindo, ao mesmo tempo, que te concedesse uma velhice feliz, na companhia de um filho nobre. Apesar disso, foste só tu a quem ele privou do dia do regresso! Quem sabe, meu hóspede, se, chegado ao palácio famoso de algum dos seus hóspedes, em terras longínquas, as escravas fazem mofa dele, como todas estas cadelas fazem mofa de ti, que não deixaste, para evitar a suas censuras e afrontas, que te lavassem os pés? Mas eu cumpro com gosto a ordem que me deu a filha de Icário, a sensata Penélope. Vou lavar-te os pés, por atenção a ela e a ti, pois o meu coração comove-se no peito com os teus males. Escuta, porém, o que te quero dizer. Muitos estrangeiros infelizes têm vindo cá; mas não vi nenhum deles tão parecido com Ulisses, na estatura, na voz e nos pés, como tu.

281 XIX [382-416]

Disse-lhe em resposta o solerte Ulisses:

- *f* velha, quantos nos têm visto a nós dois afirmam também que nos assemelhamos muito, como acertadamente dizes.

Assim falou; e Euricleia, tomou uma bacia brilhante, de que costumava servir-se para a lavagem dos pés e deitou-lhe uma boa porção de água fria, a que juntou, depois, água quente. Entrementes, Ulisses assentara-se, retirado do lar. De súbito, porém, voltou-se para a escuridão, apenas pressentiu no seu espírito que a velha, ao reparar numa cicatriz, podê-lo-ia reconhecer e assim ficaria descoberto. Então, Euricleia, aproximando-se, lavou os pés ao seu senhor, cuja cicatriz percebeu, em breve, a qual lhe fizera, outrora, um javali com o seu alvo dente, quando fora ao Parnaso visitar a Autólico e a seus filhos.

Era este o pai ilustre da mãe de Ulisses, que se distinguia, entre os homens, na arte de furtar e em fazer perjúrios - prerrogativas que Hermes lhe concedeu, porquanto

queimava em honra deste deus coxas de cordeiros e de cabritos; pois isso, o deus acompanhava-o, benévolo.

Ora, Autólico viera à terra fértil de Ítaca, para ver a criança que a sua filha dera, recentemente, à luz, a qual Euricleia, depois de o avô ter acabado de cear, lhe pôs sobre os joelhos, pronunciando estas palavras:

- Autólico, descobre agora o nome para o filho da tua filha, por ti tão desejado.

Replicou-lhe Autólico:

- Meu genro e tu, minha filha, ponde-lhe o nome que Vou dizer. Como eu chegasse aqui, enfurecido contra muitos homens e muitas mulheres, que encontrei pela terra fecunda, dai-lhe o nome de Odysseus". Quando chegar à adolescência e vier ao Parnaso, ao grande palácio materno, onde possuo muitas riquezas, hei-de dar-lhe parte delas e reenviá-lo, contente.

Por esta causa, Ulisses foi lá, para que o avô lhe entregasse os dons magníficos. Autólico e os seus filhos saudaram-no com abraços e palavras muito amáveis; e Anfiteia, a sua avó, abraçou-o

282 XIX (417-456]

também e beijou-lhe a fronte e os seus belos olhos. Autólico ordenou, depois, aos seus filhos ilustres que preparassem o banquete; e eles, obedientes à sua ordem, trouxeram logo um boi de cinco anos, que cuidaram de esfolar e de retalhar. Em seguida, habilmente esmiuçado, puseram os bocados em espetos, assaram-nos com cuidado e distribuíram as rações. O festim durou todo o dia, até ao pôr do Sol; e ninguém ficou sem uma parte igual. Apenas o Sol desapareceu no Ocaso, foram deitar-se e gozar do dom do sono.

Quando apareceu a Aurora de róseos dedos, os filhos

de Autólico, juntamente com o egrégio Ulisses e os cães partiram para a caça. Encaminharam-se para a serra alta e arborizada do Parnaso, cujos desfiladeiros varridos do vento depressa atingiram. O Sol acabava de surgir do Oceano de corrente plácida e profunda, para iluminar os campos, quando os caçadores chegaram a um vale. Adiante iam os cães, farejando o rasto da caça, e atrás os filhos de Autólico com o egrégio Ulisses, que agitava, não longe dos cães, a sua comprida lança.

Neste lugar, estava deitado um javali, dentro de uma espessura, onde não entrava o sopro húmido dos ventos, nem luziam os raios do Sol; era tão cerrada, que nem sequer penetrava a chuva no seu interior, juncado com uma grossa camada de folhas. O bicho ouvira o rumor dos pés dos caçadores e da matilha que já se aproximavam; e, saindo do seu esconderijo, as cerdas todas eriçadas e dos olhos a faiscar lume, deteve-se a pouca distância deles.

Ulisses foi o primeiro que ergueu com mão robusta a sua comprida lança e investiu contra o javali, desejoso de o matar. Mas o animal lançou-se de-través contra o caçador e feriu-o acima do joelho, arrancando-lhe com o seu colmilho um pedaço de carne. Ulisses, porém, não errara o golpe: atingiu a fera na espádua direita com a ponta da lança luzidia; e ela caiu, grunhindo, no pó e perdeu a vida. Em socorro do nobre e deiforme Ulisses, acudiram os filhos de Autólico, que lhe ligaram bem a ferida

283 XIX [457-492)¹

e tentaram deter o sangue negro, por meio de esconjures. Depois, partiram logo para o palácio do seu pai.

Curado por Autólico e por seus filhos e obsequiado com dádivas magníficas, Ulisses foi reenviado logo para a sua terra de Ítaca, com satisfação dele e dos seus parentes. O pai e a mãe veneranda alegraram-se com a volta do filho e inquiriram todos os pormenores a respeito do acidente, de que

lhe ficara a cicatriz. E ele contou-lhes com exactidão como um javali o ferira com o seu alvo dente, quando fora ao Parnaso à caça com os filhos de Autólico.

Esta cicatriz, pois, reconheceu-a a velha, apenas a apalpou com a palma da mão; e, largado o pé, este bateu na bacia, que ressoou, e, inclinando-a, entornou a água. Súbitamente, a alegria e a dor atropelaram-se no coração da velha ama; os seus olhos marejaram-se de lágrimas e a sua voz clara emudeceu. Depois, tocando a Ulisses no queixo, balbuciou:

- Sem dúvida, tu és Ulisses, meu filho. Eu não reconheci o meu senhor, sem primeiro o ter tocado com as mãos.

Assim disse; e pôs os olhos em Penélope, como se quisesse indicar-lhe que o seu esposo encontrava-se na sala. Mas aquela, apesar de estar defronte, não pôde notar nada, porque Atena desviara-lhe a atenção para outra parte, ao mesmo tempo que Ulisses lançava a mão direita à goela de Euricleia e com a outra a puxava para si, segredando-lhe:

- *f* ama, porque me queres perder? Tu criaste-me aos teus peitos; e agora, após tantos trabalhos, cheguei, passados vinte anos, à terra pátria. já que me reconheceste e um deus sugeriu a verdade ao teu espírito, cala-te e que ninguém no palácio o saiba. O que vou dizer-te há-de cumprir-se. Se uma divindade permitir que os pretendentes ilustres sucumbam às minhas mãos, quando, no palácio, matar as outras escravas, não te pouparei também a ti, apesar de teres sido a minha ama, caso me descubras.

A discreta Euricleia replicou-lhe: - Meu filho, que palavra te saiu do cerco dos dentes? Tu

XIX [493-528]

conheces a firmeza do meu ânimo e que nada me pode demover. Manter-me-ei tal como a pedra dura ou como o ferro.

Outra coisa te vou dizer que deves guardar no teu espírito.
Se uma divindade permitir que os pretendentes ilustres
sucumbam às tuas mãos, hei-de indicar-te as mulheres que no
palácio te desonram e as que estão inocentes.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- Ama, indicar-mas porquê? Não é preciso. Por mim
próprio conhecê-las-ei e saberei distingui-las. Guarda
segredo e confia nos deuses.

Ouvidas estas palavras, a velha foi através do palácio em
busca de água para os pés, porque a primeira derramara-se
toda. Depois de lavado e ungido com óleo pingue, Ulisses
puxou de novo a cadeira. para junto do fogo, a fim de
aquecer-se; e cobriu a cicatriz com os farrapos. A sensata
Penélope voltou, então, a falar:

- Meu hóspede, quero falar contigo ainda mais um pouco.
Dentro em breve, serão horas de ir gozar do descanso aquele a
quem o sono agradável sobrevier, ainda mesmo que sofra
aflições. Quanto a mim, uma divindade deu-me uma dor imensa.
Durante o dia, alivio-a, a chorar e a lamentar-me e atendendo
às minhas ocupações e às das mulheres. Mas, quando vem a
noite e todas se dão ao descanso, eu estendo-me no leito e a
multidão dos cuidados pungentes, que me agitam e oprimem o
coração, excitam, então, os meus suspiros.

Do mesmo modo que a filha esverdeada de Pandareu
ao principiar a Primavera, poisada entre a espessa
folhagem das árvores, derrama em volta o seu canto de
modulações variadas e melodiosas, a carpir a ítilo, o filho
seu e do rei Zeto, que, um dia, por loucura, matara com o
bronze, assim o meu coração se aflige, sem saber se devo
permanecer junto do filho e conservar em segurança os meus
bens, as escravas e o palácio de alto tecto, por atenção ao
leito conjugal e à voz do povo, ou seguir, entre os Aqueus,
que, no palácio, me pretendem, aquele que for

mais excelente e cujas dádivas sejam imensas. O meu filho enquanto era criança e não reflectia, não me deixava casar nem sair da casa do meu esposo; mas agora, que já está crescido e em plena juventude, deseja que eu abandone o palácio, indignado, por causa da fazenda que os Aqueus lhe devoram.

Escuta. Explica-me agora este sonho. Vinte gansos, saindo da água, comiam trigo no pátio, cuja vista me deleitava. Baixou, porém, da montanha uma grande águia de bico adunco, quebrou-lhes o pescoço e matou-os a todos. Depois, ergueu-se para o éter brilhante, deixando-os em montão, no palácio.

Eu, durante o sonho, chorava e gemia, rodeada das Aqueias de belas tranças: lamentava que a águia tivesse matado os meus gansos. Mas ela voltou de novo, poisou-se na borda do tecto da minha casa e, para fazer cessar o meu pranto, disse com voz de gente: Animo, filha do glorioso Icário! Não foi um sonho o que viste, mas uma realidade que há-de suceder. Os gansos são os pretendentes e eu, que, primeiro, era à águia, sou agora o teu esposo recém-vindo, que dará morte vil a todos os pretendentes.

Assim falou; e, depois de deixar-me o sono, lancei o olhar em volta; e vi os gansos comendo, no pátio, os grãos de trigo, ao lado da pia, como antes.

Respondeu-lhe o prudente Ulisses:

- *f* mulher, o sonho não pode ter outra explicação. O próprio Ulisses te indicou o que deve suceder. Todos os pretendentes têm a morte certa; nenhum poderá evitar a sua ruína e as Parcas.

A sensata Penélope replicou-lhe:

- Meu hóspede, os sonhos são de interpretação difícil, de sentido obscuro; e nem tudo quanto anunciam se realiza. [Existem duas portas, por onde nos vêm os sonhos instáveis 116: uma de chifre e outra de marfim. Os que vêm pela porta de marfim serrado enganam-nos com vãs esperanças e palavras ocas; mas os que passam pela de chifre polido, esses anunciam ao mortal que os vir coisas que hão-de realizar-se. Mas não creio que o

286 XIX (568-604]

meu sonho terrível tivesse vindo por esta porta. Isso, sem dúvida, ser-me-ia agradável a núm e ao meu filho].

Outra coisa te vou dizer, que deves guardar no teu espírito. Aproxima-se a aurora detestável, em que me afastarei da casa de Ulisses. Vou propor um certame - o das segures que, em número de doze, o meu esposo punha em fila, no seu palácio, como costelas de uma nau, através das quais, estando a grande distância, enfiava uma frecha. Quero, pois, propor aos pretendentes este certame: àquele que armar o arco mais facilmente e fizer passar uma frecha através das doze segures, a esse sigo; abandonarei por ele esta casa tão bela e abastada, da qual creio que me hei-de lembrar até em sonhos.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- *f* veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes, propõe, sem demora, esse certame, no palácio. O solerte Ulisses chegará aqui antes que os pretendentes, manejando o arco polido, consigam estender a corda e enfiar uma seta através do ferro.

Voltou-lhe a sensata Penélope:

- Se quisesses, meu hóspede, deleitar-me desse modo, por mais tempo, assentado, nesta sala, ao pé de mim, o sono não se

derramaria sobre as minhas pálpebras. Contudo, não podem os homens vigiar sempre, porque os deuses impuseram aos mortais, sobre a terra fecunda, uma porção de tempo para cada coisa. Por isso, vou subir ao meu aposento e deitar-me no leito, que ouve, de contínuo, os meus lamentos e não cesso de banhar com as minhas lágrimas, desde que Ulisses partiu para a maldita ìlion, de nome infando. Quem me dera poder repousar... Tu deita- te sobre -qualquer coisa estendida no chão ou que te preparem um catre.

Dito isto, subiu ao aposento magnífico, no andar superior, acompanhada das escravas. Apenas lá chegou, pôs-se a chorar pôr Ulisses, o seu esposo, até que Atena de olhos brilhantes lhe difundiu sobre as pálpebras um sono dulcíssimo.

287 [1-29]

RAPSÓDIA XX

O que precedeu o morticínio dos pretendentes

O divino Ulisses deitara-se no vestíbulo. Estendeu-se sobre uma pele de boi recém-esfolada, a que ajuntou muitos velos das ovelhas que os Aqueus tinham imolado. E, depois que se deitou, Eurinoma cobriu-o com um manto. Mas ele permaneceu ali acordado, a premeditar como daria a morte aos pretendentes. Entretanto, as mulheres, as suas amantes, saíam da sala, provocando- se mutuamente ao riso e à alegria. Ulisses, porém, tinha no peito o seu coração sublevado; revolvia no espírito mil projectos e não sabia se deveria matar as mulheres imediatamente ou se as deixaria uma vez mais, a última, ir ter com os pretendentes orgulhosos. O seu coração uivava, dentro do peito. Como uma cadela rodeia os seus tenros cachorrinhos, ladra e deseja acometer, quando vê algum desconhecido, assim o coração de Ulisses latia, indignado com o atrevimento das escravas. Mas, ferindo o peito, increpou o seu coração:

- Sê paciente, coração. Tu sofreste ousadias maiores, naquele dia, em que o Ciclope, no seu furor indomável, me devorou os valentes companheiros. E tu suportaste, então, até que a minha astúcia te salvou do seu antro, onde pensava morrer.

Assim disse, repreendendo o seu coração, que, obediente, perseverou na paciência. Contudo Ulisses revolvía-se [de um lado para o outro. Como um homem volta, sobre uma grande fogueira, em todos os sentidos, um bucho cheio de gordura e de sangue, na ânsia de que se asse depressa, assim ele se voltava] de um lado para o outro, cogitando no modo de pôr as mãos nos pretendentes sem vergonha, apesar de estar só e eles serem muitos.

288 XX [30-64)

Mas eis que Atena baixa do céu e, aproximando-se de Ulisses na figura de uma mulher, de pé, à sua cabeceira, falou-lhe assim:

- Porque estás ainda acordado, ó varão mais infeliz entre todos os mortais? Este palácio pertence-te; nele tens a esposa e um filho, que todos os pais desejariam ter.

Em resposta disse-lhe o prudente Ulisses:

- Sim, ó deusa, em tudo o que dizes tens razão; mas a mim preocupa-me o espírito o modo de pôr as mãos nos pretendentes desavergonhados, porquanto estou só e eles encontram-se sempre todos juntos no palácio. [Além disto, preocupa-me outro' cuidado ainda maior: se conseguir matá-los, com a ajuda de Zeus e a tua, onde me refugiarei? Eu exorto-te a que reflectas no caso].

Atena, a deusa de olhos brilhantes replicou-lhe:

- Infeliz. O homem confia num #go de condição inferior,

num mortal, que não sabe aconselhar como eu, que sou deusa e te guardo, de contínuo, em todos os teus trabalhos. Vou falar-te com toda a clareza. Ainda que cinquenta batalhões de homens, desses mortais miseráveis, nos rodeassem a ambos, desejosos de nos matar e respirando bélico furor, tu poderias, não obstante, arrebatá-los os bois e as ovelhas gordas. Por isso, entrega-te ao sono, que é molesto passar toda a noite sem dormir. Em breve, sairás desses males que te assediam.

Dito isto, a deusa preclara derramou o sono sobre as pálpebras de Ulisses e regressou ao Olimpo.

Quando ele se rendia ao sono, que afrouxa os membros, e o seu coração estava livre de cuidados, despertava a sua esposa fiel, que começou a lamentar-se, assentada no seu leito macio. Mas, depois de ter saciado de lágrimas o seu coração, a mulher preclara elevou a sua prece a Ártemis, principalmente.

- *f* Artemis, deusa veneranda, filha de Zeus, oxalá me ferisses no peito com uma seta e me tirasses a vida, neste instante; [ou a procela me arrebatasse e me levasse pelos caminhos da bruma ""],

289 XX [65-99]

para me deixar cair na desembocadura do Oceano refluente, como arrebatou, um dia, as filhas de Pandareu. Os deuses tinham-lhes matado os pais e ficaram órfãs no palácio. Mas Afrodita a deusa preclara, alimentou-as a queijo, doce mel e vinho saboroso; Hera fê-las exceder a todas as mulheres em formosura e prudência; a casta Artemis deu-lhe grandeza de corpo; e Atena, enfim, ensinou-as a executar favores primorosos. Enquanto, porém, a preclara Afrodita, para lhes conseguir um casamento feliz, fora ao alto Olimpo ter com Zeus, que se compraz no raio (ele conhece tudo perfeitamente, o destino feliz e infeliz dos mortais), entretanto as Harpias arrebataram as donzelas e deram-nas às terríveis Erínies, como escravas

Assim me fizessem desaparecer os que habitam nas moradas olímpicas, ou Árteniis de belas tranças me ferisse, para que fosse rever a Ulisses no seio horroroso do mundo subterrâneo]

e não alegrasse a um homem inferior a ele. Os males toleram-se, quando o coração amargurado os chora, durante o dia, mas, ao menos, de noite o sono se apodera de nós, fazendo esquecer tudo, os bens e os males, depois que nos envolveu as pálpebras. A mim um deus envia-me maus sonhos. Assim, esta noite dormiu a meu lado um homem semelhante a Ulisses, tal qual era, quando partiu com o exército; e o meu coração regozijou-se, pois não julgava que fosse sonho, mas uma realidade.

Após estas lamentações de Penélope, a Aurora de belo trono não tardou. Ora, o egrégio Ulisses ouvira a voz da sua esposa a carpir-se; e, entrando em reflexões, parecia-lhe que ela o reconheceria e que estava ali, à sua cabeceira. Recolheu, então, o manto e os velos, em que dormira, e colocou-os na sala, sobre uma cadeira; mas a pele de boi pô-la à porta. Depois, levantou as mãos e orou assim a Zeus:

- Pai Zeus, se foi da vontade dos deuses que viesse para a pátria, por sobre a terra e sobre o mar, depois de muitos trabalhos, faz que alguma das pessoas que despertam dentro do

290XX [100-131]

palácio pronuncie algum presságio e que fora se manifeste algum sinal vindo de ti.

Tal foi a prece; e Zeus, o deus onisciente, escutou-o. Acto contínuo, ribombou o trovão, no Olimpo brilhante, [lá em cima, nas nuvens, pelo que o egrégio Ulisses alegrou-se]. Quanto ao presságio, fê-lo ouvir uma escrava, ali perto, no interior da casa, onde o pastor de povos tinha, de ordinário, doze mulheres diligentes, ocupadas com a moagem da cevada e do trigo -o alimento fortificante dos homens. Todas elas dorniiam, então, depois de moer o trigo; só uma, a mais fraca, que ainda não terminara o trabalho, estava acordada. Esta, parando, por fim, o moinho, deixou ouvir estas palavras - o presságio pedido pelo seu senhor:

- Pai Zeus, que reinas sobre os deuses e sobre os homens,

tu fizeste-me ouvir um grande trovão no céu estrelado, onde não havia nuvem alguma. Certamente, é um sinal que manifestas a alguém. Permite que se me cumpra a mim, infeliz, o que vou dizer: que, neste dia, no palácio de Ulisses, os pretendentes tomem a última das suas refeições joviais. Eles, que me têm feito desfalecer os joelhos e afligido o coração a moer-lhes a farinha de cevada, que comam hoje aqui o último festim.

As palavras da mulher e o trovão de Zeus alegraram o egrégio Ulisses, que se convenceu de que se havia de vingar dos criminosos.

As outras escravas acorreram e reanimaram o fogo incansável, no lar do belo palácio de Ulisses. Entretanto, Telêmaco, o varão deiforme, depois de se levantar do leito e se vestir, pôs a espada de bom fio em volta do ombro, ligou belas sandálias aos pés luzidios e tomou a sua lança forte, de ponta de bronze. Em seguida, dirigiu-se para o limiar da porta; e, parando aí, disse a Euricleia:

- Ama, trataste bem o hóspede? Deste-lhe cama e comida ou não cuidaste dele? A minha mãe, apesar de toda a sua

291 XX [132-169]

prudência, é assim: honra loucamente o pior dos homens e despede com desprezo o que lhe é superior.

Replicou-lhe a cordata Euricleia:

- Não censures, filho, a tua mãe; não sejas injusto. O hóspede, enquanto quis, esteve assentado a beber vinho. E a respeito de comida, Penélope perguntou-lhe se desejava mais; mas ele recusou. Depois, quando resolveu ir deitar-se, ela ordenou às escravas que lhe preparassem um catre. Mas ele é tão infeliz e maldito da sorte, que para dormir não quis catre nem mantas; e foi deitar-se, à entrada, numa pele de boi recentemente esfolado e em peles de ovelha. Nós cobrimo-lo com um manto.

Ouvido isto, Telêmaco saiu do palácio com a lança na mão, seguido de dois cães ligeiros e dirigiu-se à ágora, para entre os Aqueus de belas grevas. Mas Euricleia, a velha excelente, filha de Ops, filho de Pisenor, deu às escravas esta ordem:

- Vamos. Umas varram cuidadosamente a casa, borrifem-na e cubram as poltronas artísticas com panos de púrpura; outras esfreguem todas as mesas com esponjas e limpem os copos duplos; e aquelas vão depressa buscar água à fonte, porque os pretendentes não devem demorar muito; virão hoje mais cedo, por ser dia de festa para toda a gente".

Assim falou; e elas obedeceram à sua ordem. Enquanto umas, ao todo vinte, foram buscar água à Fonte Negra, outras lidavam com diligência pela casa.

Chegaram, então, os servos dos Aqueus, que se puseram, com destreza, a rachar lenha. As mulheres também vieram da fonte, seguidas do porqueiro, que trazia três porcos gordos, os melhores de todos. Os outros deixara-os no belo cercado a pastar. Ele dirigiu a Ulisses estas palavras corteses:

- Hóspede, respeitam-te mais os Aqueus ou desprezam-te ainda, como antes?

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- Oxalá, Eumeu, os deuses punissem o ultraje que cometem,

292XX (170-203]

maquinando impiedades na casa alheia, sem a menor sombra de pudor.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Nisto, aproximou-se deles o cabreiro Melântio com dois pastores e as cabras, que sobressaíam entre todos os rebanhos, para o banquete dos pretendentes. Depois de prendê-las sob o pórtico retumbante, atirou a Ulisses estas palavras mordazes:

- Estrangeiro, ainda continuas a importunar os varões, pedindo esmola pela sala? Quando irás pela porta fora? Creio que não te separarás de nós, sem provar, primeiro, as nossas mãos, porquanto ultrapassas os #tes da mendicidade. Além disso, os Aqueus celebram festins noutras partes. -

Assim falou Melântio; mas o prudente Ulisses não lhe respondeu; só agitou a cabeça, premeditando desígnios sinistros no fundo do seu coração.

O terceiro a chegar foi Filétio, o chefe dos pastores, que trazia aos pretendentes uma vaca estéril e cabras gordas, que os barqueiros tinham transportado, cujo ofício é passar nos barcos quem assim deseja. Depois de prender as reses sob o pórtico retumbante, Filétio aproximou-se do porqueiro e interrogou-o:

- Porqueiro, quem é este hóspede recentemente chegado a nossa casa? De que gente se orgulha de descender? Onde vive a sua família? Qual a sua pátria? Infeliz. Tem o semblante de um rei autêntico. Os deuses, porém, oprimem de males os homens que erram pelo mundo e dão-lhes a desgraça em quinhão, até quando são reis.

Dito isto, aproximou-se de Ulisses e saudou-o com a mão direita, ao mesmo tempo que lhe dirigia estas palavras aladas:

- Salve, bom hóspede. Oxalá, no futuro, ao menos, possas ser # visto oprinirem-te presentemente muitos males. Pai Zeus, nenhum dos outros deuses é mais funesto do que tu. Mergulhas, sem compaixão, os homens no infortúnio e nos mais dolorosos sofrimentos, apesar de serem teus ffilhos.

293 XX (204-242)

Logo que te vi, meu hóspede, sobreveio-me uma grande angústia e os meus olhos marejaram-se de lágrimas, ao lembrar-me de Ulisses. Eu penso que também ele vagueia, entre os homens, com uns andrajos como esses, se ainda vive algures e vê a luz do Sol. Ai de mim, se morreu e baixou à casa de

Hades I Que pena sinto desse nobre Ulisses, o qual, sendo eu criança ainda, me entregou a guarda dos seus bois, no país dos Cefalenos. Hoje não podem contar-se. A nenhum homem se multiplicou assim jamais o gado de larga frente. Mas, por ordem de outros, devo trazer as reses, para eles próprios as comerem, sem se importarem com o filho da casa e sem temor da vingança divina. Chegam até ao desaforo de querer repartir os bens do senhor, há muito ausente.

Muitas vezes, no peito, o meu coração revolve estes pensamentos: se é mau que, na vida do filho, vá com os meus bois para uma terra estranha, pior ainda, permanecer aqui a guardar gado alheio e a sofrer maus tratos. Há muito que teria fugido para junto de outro rei poderoso, por não poder suportar esta vida, se não tivesse ainda esperanças de que volte de algures aquele infeliz, para expulsar do seu palácio os pretendentes.

Retorquiu-lhe o prudente Ulisses:

- Tu, boieiro, não pareces homem vil e insensato; pelo contrário, vejo que o bom senso rege a tua alma. Por isso, vou jurar-te solenemente: sejam testemunhas, primeiramente, Zeus, entre os imortais, e, depois, a mesa hospitaleira e o lar do nobre Ulisses, a que cheguei, de que este, estando tu presente, chegará a sua casa. E, se quiseses, poderás com os teus próprios olhos vê-lo matar os pretendentes, que dominam aqui.

Respondeu-lhe o boieiro:

- Oxalá, hóspede, o filho de Crono executasse isso. Então conhecerias a força do meu braço. Eumeu implorou, igualmente, a todos os deuses o regresso do prudente Ulisses a sua casa.

Enquanto tinham este colóquio, os pretendentes tramavam a morte de Telémaco. Mas, eis que uma ave, uma águia altaneira

294 XX [243-276)

aproximou-se deles com uma pomba tímida nas garras. Então, Anfínomo dirigiu-lhes a palavra, dizendo:

- Este projecto, amigos, - a morte de Telémaco - não será exequível. Pensemos antes no nosso festim.

Estas palavras de Antínomo agradaram a todos. Entraram logo no palácio do divino Ulisses, depuseram os mantos sobre as cadeiras e poltronas e começaram de abater grandes carneiros e cabras gordas, bem como porcos cevados e uma vaca gregal. Em seguida, assadas as entranhas, deram a cada um a sua parte; e misturaram o vinho nas crateras, enquanto o porqueiro distribuía os copos. Filétio, chefe dos pastores, ofereceu-lhes pão em bonitos açafates; e Melântio deitou-lhes vinho. E os convivas estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente.

Telémaco com intenções astutas fizera assentar Ulisses na sala de construção sólida, junto da soleira de pedra onde colocara um banco grosseiro e uma pequena mesa; depois, serviu-lhe parte das vísceras e deitou-lhe vinho num copo de ouro, dizendo estas palavras:

- Permanece aqui assentado entre os varões, a beber vinho. Eu próprio defender-te-ei dos insultos dos pretendentes e das suas mãos, porque esta casa não pertence a toda a gente, mas a Ulisses, que a adquiriu para ma deixar em herança. E vós, pretendentes, abstende-vos de o ultrajar e ferir, para que não se origine aqui uma querela e uma briga.

Assim falou; e eles morderam os lábios com os dentes, admirados da ousadia da sua linguagem. Antínoo, filho de Eupites, replicou:

- Aqueus, apesar de molesta, acatemos a ordem que Telémaco ameaçadoramente nos intima. Zeus, filho de Crono, não permitiu, aliás já teríamos obrigado este arengador altissonante a estar calado, na sala.

Assim disse; mas Telémaco não fez caso das suas palavras. Por esta ocasião, já os arautos tinham conduzido pela cidade

295 XX (277-308]

a hccatombe consagrada aos deuses; e os Aqueus de longa cabeleira haviam-se reunido no bosque sombrio, dedicado a Apolo, que acerta ao longe.

Os pretendentes, porém, depois de assadas as carnes exteriores e de as tirarem do lume, distribuíram as porções e celebraram um banquete magnífico. Adiante de Ulisses, os serventes colocaram uma ração igual à que cada um dos outros tinha recebido, porque assim lhes ordenara Telémaco, o filho do divino Ulisses.

Mas Atena não permitiu que os pretendentes orgulhosos se abstivessem de insultar Ulisses, filho de Laertes, a fim de que a dor lhe penetrasse ainda mais na alma. Ora, encontrava-se, entre eles, um varão hábil no crime, de nome Cresipo, habitante de Sama, que, confiado nas suas inumeráveis riquezas, pretendia Penélope, na ausência de Ulisses. Este disse aos pretendentes orgulhosos:

- Ouvi, pretendentes ilustres, o que vos quero dizer | O estrangeiro recebeu já há muito uma ração igual à nossa, como é razoável; pois não seria decoroso nem justo que não a recebessem os hóspedes de Telémaco que chegam a esta casa, sejam eles quem forem. Também eu quero obsequiá-lo com um

presente, para que ele, por sua vez, o ofereça em recompensa a quem lhe preparar o banho ou a alguma das escravas, que vivem no palácio do divino Ulisses.

Ditas estas palavras, arremessou com a sua mão forte uma pata de boi, que tomara de um cesto, contra Ulisses; este, porém, afastou um pouco a cabeça e evitou o golpe, ao mesmo tempo que sorria com um sorriso amargo; e a pata foi bater contra a parede s#fi&. Imediatamente, Telémaco repreendeu a Cresipo, dizendo:

- Na verdade Cresipo, foi melhor para ti não acertares no hóspede; ele soube evitar o golpe. No caso contrário, trespassar-te-ia agora uma aguda lança; e, em vez do casamento, deveria o teu pai tratar do teu funeral. Ninguém, nesta casa, pratique

296 XX [309-346]

brutalidades I Eu, que antes era uma criança, compreendo hoje e sei distinguir o bom do mau; e sou constrangido a ver que me sejam degolados os carneiros e consumido o meu vinho e o meu pão, porquanto um homem só não pode resistir a muitos. Oh, desisti das vossas malevolências. Se me quereis matar com o bronze, eu aceitarei os golpes; e seria muito melhor para mim morrer do que ter sempre diante dos olhos as vossas violências: hóspedes espancados e escravas tratadas indignamente, neste palácio.

Assim falou; e eles ficaram todos tranquilos e em silêncio. Por fim, Agelau, filho de Damastor, tomou a palavra:

- Ninguém, amigos, se indigne ou oponha razões ao que Telémaco disse com justiça; nem tão-pouco espanqueis o hóspede ou algum dos escravos que trabalham no palácio do divino Ulisses. A Telémaco, porém, e a sua mãe diria uma palavra benévola, se agradasse ao ânimo de ambos. Enquanto o vosso coração, no peito, alimentava esperanças de que o prudente Ulisses regressasse a sua casa, ninguém podia levar a mal que

a tua mãe não tomasse uma resolução definitiva e retivesse aqui os pretendentes. Esta era até a melhor resolução, no caso de Ulisses regressar ao seu palácio. Mas hoje não pode haver dúvida de que ele não voltará mais. Por isso, vai ter com Penélope e dize-lhe que se case com o varão que for mais ilustre e a presentear mais abundantemente, para que tu gozes, comendo e bebendo, do domínio sobre o teu património, enquanto ela cuida da casa de outrem.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

- Por Zeus, Agelau, e pelos sofrimentos do meu pai morto, talvez, ou errante, longe de Ítaca, não me oponho às núpcias da rainha mãe; pelo contrário, exorto-a a que se case com quem quiser e lhe presenteie dádivas infinitas. Mas expulsá-la do palácio contra a sua vontade, com palavras que a possam magoar. disso tenho vergonha e um deus não o permita.

Após estas palavras, Atena perturbou a razão aos pretendentes e fez que soltassem uma gargalhada inextinguível. Riam-se com

297 XX [347-383)

esgares convulsos e devoravam carnes em sangue. Os seus olhos marejavam-se de lágrimas e o coração pressagiava-lhes luto.

Disse-lhes, então, o deiforme Teocllmeno:

- Ah, infelizes. Que mal é esse de que sofreis? As vossas cabeças, rostos e joelhos envolve-os a noite; as vossas faces, ao som de veementes gemidos, fundem-se em lágrimas; e o sangue inunda as paredes e os belos intercolumnios. O vestíbulo e o pátio estão repletos de fantasmas, que descem para as trevas do érebo. O Sol desapareceu no céu e sobreveio uma escuridão horrível "".

Estas palavras provocaram o riso a todos os pretendentes, entre os quais Eurímaco, filho de Pólibo, tomou a palavra:

- Está- doido o hóspede chegado, há pouco, de um país estranho. ó jovens, guiai-o imediatamente para fora do palácio, para a ágora, visto aqui parecer-lhe noite.

Replicou-lhe o deiforme Teoclímeno:

- Eurímaco, não te peço que me dês um guia. Tenho olhos, ouvidos e dois pés; e. no meu peito, o espírito está em perfeito estado, sem o mínimo transtorno. Com a sua ajuda, sairei para fora, porque percebo que uma grande desgraça vai cair sobre vós, a que não poderá escapar nem evitá-la nenhum dos pretendentes que, no palácio do deiforme Ulisses, ultrajam os homens e maquinam iniquidades.

Dito isto, abandonou a sala confortável e foi ter com Pireu, que, benévolo, lhe deu acolhimento. Os pretendentes ficaram a olhar todos uns para os outros; e não desistiam de importunar Telémaco e de escarnecer dos seus hóspedes. Alguns desses jovens soberbos diziam assim:

- Telémaco, ninguém recebe piores hóspedes do que tu. Um é vagabundo e infame; pede pão e vinho e não quer trabalhar, nem tem força alguma - fardo inútil sobre a terra. E essoutro, o idiota, arvorou-se a profeta. Se quiseses seguir o meu conselho, eis o melhor que poderás fazer: embarcar estes hóspedes numa nau de muitos bancos e levá-los para a Sicília, onde poderiam render-te um bom lucro.

298 XX [384-494)

Assim falavam os pretendentes. Mas Telémaco não fazia caso das suas palavras; só olhava em silêncio para o pai, sempre à espera do momento, em que poria mão nesses desavergonhados.

Entretanto, a filha de Icário, a sensata Penélope, assentada num escabelo excelente, escutava o que, na sala, cada um dos varões dizia. Estes, depois que imolaram muitas reses, celebravam aí um festim delicioso e abundante, por entre risos. A deusa, porém, e o herói potente iam oferecer,

em breve, outro festim a esses homens, que primeiro maquinaram o crime -uma ceia, mais amarga do que a qual não poderá haver.

299 [1-28]

RAPSfDIA XXI

Apresentação do arco

Atena, a deusa de olhos brilhantes, inspirou à filha de Icário, à sensata Penélope, a ideia de apresentar, no palácio de Ulisses, o arco e os ferros luzidios aos pretendentes, para a celebração do certame, que daria princípio ao morticífio. Com uma chave de bronze na mão robusta, recurva e bem forjada, cuja pega era de marfim, ela dirigiu-se, acompanhada das escravas, pela escada alta da sua casa, a uma cimara retirada, onde se guardavam as predosidades do rei: bronze, oiro e ferro trabalhado com esmero. Encontrava-se também aí um arco elástico e um carcaz para as frechas, que estava cheio destes dardos dolorosos-oferta do seu amigo Ífito, filho de Eurito, semelhante aos imortais, por ocasião do encontro que tiveram em Lacedemónia.

Eles tinham estado ambos em casa do prudente Ortíloco, em Messena, onde Ulisses fora reclamar uma indemnização, que todos os Messénios lhe deviam, os quais lhe tinham levado de Ítaca, nas suas naus de muitos remos, trezentas ovelhas com os seus zagais.

Ulisses, se bem que muito jovem, fizera essa viagem na qualidade de embaixador, enviado pelo seu pai e pelos outros conselheiros. Quanto a Ífito, esse fora em busca de doze jumentas e dos seus mus vigorosos. Os animais tinham-lhe desaparecido e foram, depois, causa da sua morte; porque, como Ífito fosse ter com Heracles, o varão intrépido, filho de Zeus e autor de grandes empreendimentos, este, o insensato, matou-o na sua casa, apesar de ser o seu hóspede, sem temor da vingança divina,

nem respeitar a mesa, a que o tinha recebido; e, após a morte de Ífito, Heracles reteve no seu palácio as bestas de rijos cascos.

Ora, quando ele andava em procura dos @ais, encontrou-se com Ulisses, a quem deu o arco, que antes usara o grande Eurito, o qual, ao morrer, na sua alta casa, tinha legado ao filho. Ulisses, de sua parte, presenteou-lhe uma espada de bom fio e uma lança robusta. Nesse dia, começaram as relações afectuosas' de hospitalidade entre ambos; mas nunca se encontraram à mesma mesa, porque, antes disso, o filho de Zeus matou a Ífito Eurítida, semelhante aos imortais. Esse arco, presente de Ífito, o egrégio Ulisses não o levou, quando, um dia, partiu para a guerra, nas naus escuras; deixara-o, no seu palácio, como recordação da hospitalidade do seu amigo e só se serviu dele, habitualmente, na sua ilha.

A mulher preclara, quando chegou à câmara, subiu o limiar de carvalho, que um carpinteiro, outrora, polira habilmente e endireitara, por meio de um fio, e sobre o qual, depois, erguera as ombreiras e colocara as portas brilhantes. Apressou-se logo a desatar a correia da argola; e, introduzindo a chave, fez correr o ferrolho. Penélope acertara no ponto preciso; e o belo batente ressoou ao contacto da chave, como o mugido de um toiro a pastar num prado, e a porta cedeu imediatamente.

Ela subiu, depois, o alto tablado, onde havia arcas com vestidos impregnados de perfumes. E, estendendo o braço, tomou o arco do cabide com o esto . o brilhante que o continha. Em seguida, assentou-se, pô-lo sobre os joelhos e começou a chorar ruidosamente, enquanto tirava para fora o arco do rei. Mas, uma vez saciada de gemidos lacrimosos, dirigiu-se para a sala, para junto dos pretendentes ilustres, com o arco elástico na mão e o carcaz, que tinha dentro muitos dardos dolorosos. juntamente com Penélope iam as escravas com uma caixa, onde se encerrava muito ferro e bronze, com que justava o nobre Ulisses.

Quando chegou junto dos pretendentes, a mulher preclara, as faces cobertas com um precioso véu, deteve-se junto de um

pilar do tecto sólido, [com uma escrava diligente de cada lado.] Dirigindo-se, em seguida, aos pretendentes, falou assim:

- Escutai-me, pretendentes altivos, que invadistes esta casa, para comer e beber sem interrupção, durante a longa ausência do meu esposol Vós não podeis apresentar outro pretexto da vossa parte, a não ser o desejo de casar comigo. Ânimo, pois, que o prêmio do certame está à vista" I Eis aqui o arco do divino Ulisses. Aquele que, tomando-o nas mãos, o armar mais facilmente e fizer passar uma frecha através das doze segures, a esse sigo como esposa; abandonarei por ele esta casa da minha juventude, tão bela e abastada, da qual creio que me hei- de recordar até em sonhos.

Assim disse; e ordenou ao porqueiro excelente, a Eumeu, que apresentasse aos pretendentes o arco e os ferros luzidios. Eumeu recebeu-os, a chorar, e pô-los no chão. O boieiro chorava também, ao ver o arco do seu senhor. Então, Antínoo increpou-os com estas palavras:

- [Campónios parvos, que só pensais no dia de hoje!] Porque chorais, miseráveis, e comoveis o coração, no peito, a esta mulher, que aliás já o tem consumido pela dor, desde que perdeu o seu esposo? Comei, assentados e em silêncio, ou ide chorar lá para fora; mas deixai aqui o arco, o instrumento de uma luta dolorosa entre os pretendentes, pois parece-me que lhes há-de ser difícil armar este arco. Não existe, entre todos quantos aqui estão, um homem tal, como Ulisses. Eu próprio vi-o e lembro-me dele. Então, era eu ainda uma criança.

Assim falou; todavia tinha no seu coração a esperança de estender a corda "" e disparar uma frecha através dos ferros. Ele, porém, era o primeiro que devia provar um dardo despedido pelas mãos do nobre Ulisses, a quem, nesse momento, ultrajava, por permanecer no seu palácio e incitar os companheiros a isso.

Disse para os pretendentes o poderoso Telémaco:

-Ail Zeus, filho de Crono, transtornou-me, na verdade, o

XXI [103-137)

juízo | A minha mãe, apesar de sensata, diz que sairá desta casa, para seguir a outro homem; e, não obstante, rio-me e divirto-me na insensatez do meu coração. Änim'o, pretendentes, que o prêmio do certame está à vista! Esta mulher não tem rival, em terras de Acaia - nem na sacra Pilo, nem em Argos, nem em @cenas, nem aqui em Ítaca ou no continente sombrio. Vós próprios sabeis isso. Que necessidade tenho eu de elogiar a minha mãe? Vamos | Não busqueis pretextos para adiar a luta, nem tardeis por mais tempo a armar o arco, para que vejamos as vossas forças. Eu também farei prova dele; e, se conseguir armá-lo e disparar um dardo através dos furos, não sofrerei a dor de ver a minha mãe venerando sair deste palácio em companhia de outro homem e deixar aqui o filho já capaz de rivalizar com o pai nos belos concursos.

Ditas estas palavras, pôs-se de pé com ímpeto e tirou dos ombros o manto purpúreo e a espada de bom fio. Depois, colocou as segures num sulco longo, que abriu no solo e indireitou, por meio de um fio, e calçou a terra em volta de cada uma. E todos estavam admirados de que soubesse dispô-las em tão boa ordem, apesar de nunca antes ter visto estes jogos. Em seguida, foi pôr-se no limiar da porta e fez prova do arco. Três vezes o forçou, puxando a corda a si, na ânsia de o armar; e outras três desistiu da tentativa, sem contudo perder, no seu coração, a esperança de o conseguir e de disparar um dardo através dos furos. A quarta vez, teria armado o arco, se puxasse a corda com toda a força, mas um sinal de Ulisses conteve o seu desejo. Disse, então, aos pretendentes o poderoso Telêmaco:

-Ai de mim, que devo, no futuro, ser um homem incapaz e sem forças | Sou ainda muito jovem e não posso confiar nos meus braços, para defender-me do varão que me tratar mal! Vós, que sois mais fortes do que eu, fazei prova do arco e terminemos o concurso!

Dito isto, colocou o arco no chão, encostado contra um dos batentes lisos e ajustados da porta; a flecha foi depô-la também

303 XXI [138-172)

bém aí, apoiada contra o anel do arco; depois, assentou-se de novo na poltrona, donde se levantara.

Antínoo, filho de Eupitéis, disse, em seguida:

- Levantai-vos, companheiros, cada um por sua vez, começando da esquerda para a direita, do lugar, donde se principia a deitar o vinho.

Assim falou com aprovação de todos. O primeiro a levantar-se foi Liodes, filho de Énopo, o arúspice, que se assentava sempre junto da bela cratera, na parte mais interior da sala. Só este aborreda as iniquidades e se indignava contra todos os pretendentes. Ele, pois, foi o primeiro que tomou o arco com a frecha veloz. Em seguida, colocou-se no limiar da porta e tentou armá-lo; mas não pôde, porque as suas mãos macias e delicadas fatigaram-se a puxar a corda. Por isso, disse aos pretendentes:

- Amigos, não posso armar o arco. Outro que o tome! Ele será a causa da morte de muitos nobres. Com efeito, mais vale a morte do que a vida, sem aquilo que nos fez reunir aqui, continuamente esperanças. Cada um espera agora no seu coração e deseja casar-se com Penélope, a esposa de Ulisses; mas logo que fizer prova do arco e vir a dificuldade, que vá procurar outra das Aqueias de belo peplo e pretendas com dádivas. Penélope casar-se-á só com quem lhe der mais presentes e estiver designado pelo destino.

Dito isto, colocou o arco longe de si, encostado contra um dos batentes lisos e ajustados da porta; a frecha veloz depô-la também aí, apoiada contra o anel do arco; depois, assentou-se de novo na poltrona, donde se levantara.

Antínoo, então, increpou-o com estas palavras:

- Liodes, que palavra terrível e molesta te saiu do cerco dos dentes! Tu enches-me de indignação, ao ouvir-te dizer que este arco privará da vida aos nobres, só por tu não o poderes armar. Por certo, a tua veneranda mãe não te deu à luz para

que esticasses o arco e disparasses frechas. Outros pretendentes ilustres armá-lo-ão depressa.

Assim disse; e ao cabreiro Melântio deu esta ordem:

- Melântio, acende o lume na sala e coloca ao pé um escabelo grande, com um velo por cima; depois, vai buscar lá dentro uma roda de cebo, para que, aquecendo o arco e untando-o com gordura, o experimentemos e terminemos o concurso.

Assim falou; e Melântio acendeu logo o lume infatigável; e trouxe um escabelo com um velo por cima, que colocou ao pé; depois, foi buscar lá dentro uma grande roda de cebo. E os jovens untavam o arco e aquedam-no, para o experimentar; mas não podiam armá-lo, porque tinham pouca força para isso. Entretanto, Antínoo e o deiforme Eurlmaco, chefes dos pretendentes e os mais fortes de todos, esperavam a sua vez.

Neste momento, o boieiro e o porqueiro saíram da sala, aos quais seguiu, o divino Ulisses, um pouco mais tarde. Quando já estavam fora da casa e iam a sair do pátio, o egrégio Ulisses chamou-os e dirigiu-lhes estas palavras num tom suave:

- Boieiro e tu, porqueiro, eu queria dizer-vos uma palavra. Ou deverei antes calar-me? Não; o coração incita-me a que fale. Estaríeis vós dispostos a ajudar Ulisses, caso chegasse aqui de repente, trazido por um deus? Tomaríeis, nesta suposição, o partido dos pretendentes ou o de Ulisses? Falai, conforme o coração e o ânimo vos inspirar.

Replicou-lhe o boieiro:

-Pai Zeus, oxalá reações este meu desejo: o regresso de Ulisses, trazido por uma divindade! Conhecerias, então qual a força que os meus braços têm.

E meu suplicou a todos os deuses, igualmente, que o prudente Ulisses regressasse a sua casa. Logo que este reconheceu a verdade sincera dos dois, dirigiu-lhes de novo a palavra:

-Eu, que vós vedes aqui, sou Ulisses em pessoa, que, após muitos trabalhos, chego, no vigésimo ano, à terra pátria. Conheço que, dos escravos, só vós desejais a minha volta, pois

não ouvi

O-20

305 XXI [214-244]

dizer ainda que algum dos outros fizesse votos pelo meu regresso a casa. Vou declarar-vos a verdade a respeito do modo como vos tratarei. Se um deus subjugar pelas minhas mãos os pretendentes ilustres, darei a cada um de vós uma esposa, fazenda e uma casa construída ao pé da minha; e, no futuro, sereis para mim os companheiros e os irmãos de Telémaco. E agora quero mostrar-vos um sinal evidente, para que me reconheçais e o vosso coração se convença: é a cicatriz da ferida que, outrora, um javali me fez com o seu alvo dente, quando fui ao Parnaso com os filhos de Autólico.

Proferidas estas palavras, afastou os farrapos da cicatriz. Eles, apenas a viram e reconheceram, lançaram os braços, com as lágrimas nos olhos, em volta do pescoço do prudente Ulisses e beijaram-lhe, com carinho, a fronte, bem como as espaldas. Ulisses, da sua parte, correspondeu-lhes, beijando-lhes a fronte e as mãos; e a luz do Sol deixá-los-ia entregues ao pranto, se Ulisses não os detivesse, dizendo:

-Ponde termo a vossas lágrimas e suspiros, não suceda que alguém saia da sala e, vendo-vos, vá contar tudo lá dentro. Entrai um depois do outro; não entremos todos ao mesmo tempo: primeiro, eu e em seguida, vós. O que vou dizer deveis tomar como um sinal ". Todos os pretendentes ilustres não hão-de consentir que me entreguem o arco e o carcaz; mas tu, excelente Eumeu, leva o arco através da sala e põe-mo nas mãos; depois, vai dizer às mulheres que fechem bem as portas sólidas do seu aposento; e que, se alguma delas ouvir gemidos

ou brados dentro do recinto dos homens, não saia para fora. Continue lá dentro, em silêncio, entregue a seus favores. Quanto a ti, ilustre Filétio, incumbe-te de fechar as portas do pátio com o ferrolho e de segurar este com presteza, por meio de uma corda.

Dadas estas ordens, o divino Ulisses entrou no palácio confortável e foi assentar-se no escabelo, donde se levantara. Em seguida, entraram os dois escravos.

306 XXI [245-281]

Por este tempo, já Eurímaco movia o arco entre as suas mãos, aquecendo-o ao fogo, ora de um lado ora do outro. Mas não podendo armá-lo, suspirava com grande pena do seu coração ilustre. Por fim, indignado, pronunciou estas palavras:

- Ai, que grande pena sinto, por causa de núm e de vós todos! Mas, se bem me aflija, não é tanto por causa das núpcias (há muitas outras Aqueias nesta cidade de Ítaca, cingida pelas ondas, e nas outras cidades), como por sermos em força inferiores ao deiforme Ulisses, a tal ponto que não podemos armar o arco -opróbrio para nós, no futuro.

Respondeu-lhe Antínoo, filho de Eupites:

-Eurímaco, não será assim. Hoje, que na terra se celebra a festa sagrada do deus "", quem ousaria armar o arco? Deponhamo-lo e descansemos. As segures, se achardes bem, podem ficar, onde estão, pois não creio que alguém as leve, que venha ao palácio de Ulisses, filho de Laertes. O copeiro que deite as piraícias nos copos, para se fazer a libação e deixemos o arco curvo. Depois, ordenai ao cabreiro Melântio que nos traga amanhã as melhores cabras dos rebanhos. Então, queimar-lhes-emos as coxas em honra de Apolo, o glorioso sagitífero, e, feita a prova do arco, terminaremos este concurso.

Estas palavras tiveram a aprovação de todos. Os arautos deitaram-lhes água nas mãos e os serventes encheram as crateras de bebida até às bordas, que distribuíram a todos,

deitando, nos copos, primeiro, as primídas, para eles libarem. Quando já tinham feito a libação e bebido quanto a vontade deles quis, o prudente Ulisses falou-lhes, com astúcia, deste modo:

-Escutai-me, pretendentes da rainha ilustre, para que vos declare o que o cora@ão, no peito, me indta a dizer-vos! Rogo a Eurimaco, sobretudo, e ao deiforme Antínoo, cujas palavras foram oportunas, que deixem hoje o arco e voltem a atenção para os deuses. Amanhã, uma divindade dar-á a vitória a quem lhe aprouver. Eu, porém, se me passasses para as mãos esse arco habilmente polido, desejaria provar, entre vós, os meus braços

307 XXI [282-316]

e verificar se ainda possuo a força que tinha, outrora, nos meus membros flexíveis, ou se ma levaram a vid,a errante e as priva-

ções que sofri.

Estas palavras provocaram a todos uma veemente indignação, porquanto temiam que ele armasse o arco habilmente polido.

Antínoo increpou-o, dizendo:

- Ah, miserável estrangeiro ! Não tens nem sombra de juízo. Não te basta comer em paz, entre nós, pretendentes ilustres, sem ser privado de nenhuma iguaria, e ouvir todas as nossas conversas? Olha que nenhum outro estrangeiro ou mendigo tem a liberdade de escutar o que dizemos. Certamente, subiu-te à cabeça o vinho melífluo, que faz mal a quantos o tomam com avidez e sem moderação. [Foi ele que transtornou também a cabeça ao Centauro, ao ilustre Euritião, no palácio do magnânimo Piríto, quando foi ao país dos Lápitás. O vinho ofuscara- lhe a razão e na sua embriaguez cometeu acções criminosas, na casa de Piríto, pelo que os heróis enfurecidos lançaram-se sobre ele e, depois de o arrastar para fora da porta, através do vestibulo, cortaram-lhe com o bronze cruel as orelhas e o nariz. E ele foi-se dali com o espírito

obcecado, respirando vingança no seu coração louco. Do facto originou-se a contenda entre os homens e os Lápitae, dos quais Euritião foi o primeiro que sobre si próprio atraiu a desgraça, quando estava pesado do vinho].

Assim também anuncio-te uma grande desgraça, se conseguires armar este arco: no nosso país ninguém te será benévolo e enviar-te-emos, sem demora, numa nau escura, ao rei Équeto, flagelo de todos os mortais, de quem não escaparás com vida. Bebe, pois, descansado e não queiras rivalizar com homens mais jovens do que tu.

A sensata Penélope interveio:

-Antínoo, não é decoroso nem justo ultrajar os hóspedes de Telémaco que chegam a este palácio. Julgas, porventura, que, se o hóspede, graças à força dos seus braços, armasse o arco de Ulisses, me levaria para a sua casa e me tomaria por mulher?

308 XXI [317-351)

Com certeza, não alimenta no seu peito tais esperanças. Por causa disso, nenhum de vós se banqueteie de coração triste, pois não tendes razão para tal.

Respondeu-lhe Eurímaco, filho de Pólibo:

-Filha de Icário, sensata Penélope, nós não acreditamos que este te leve, nem seria bom pensar em semelhante coisa. Envergonhamo-nos, porém, das línguas maldizentes de homens ou de mulheres e de que algum dos Aqueus, mais fraco do que nós, diga assim: Os homens que pretendem a esposa de um varão cobreado têm nenhuma forra; nem sequer podem armar o seu arco habilmente polido; mas um mendigo, um vagabundo que chegou ao palácio, armou-o febrilmente e atravessou os ferros. É isto o que se poderá dizer@ o que seria uma desonra para nós.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

- Eurímaco, não podem, nesta terra, gozar de boa fama aqueles que devoram desavergonhadamente a casa de um varão ilustre. Porque considerais, então, uma desonra o que se possa dizer de

vós? Este hóspede tem grande estatura e uma constituição robusta e orgulha-se de ser filho de um homem de linhagem nobre. Dai-lhe, pois, o arco habilmente polido, para que vejamos as suas posses. O que vos afirmo agora há-de cumprir-se. Se Apolo lhe conceder a glória de armar o arco, presentear-lhe-ei belos vestidos, um manto e uma túnica, além de um agudo venábulo, para se defender dos cães e dos homens, uma espada de dois gumes e sandálias para os pés; depois, enviá-lo-ei para onde o seu coração quiser.

Olhando para a sua mãe, respondeu-lhe o astuto Telêmaco:

-Minha mãe, eu tenho mais direito ao arco do que algum dos Aqueus, o qual posso dar ou recusar a quem quiser. Quantos dominam na rude Ítaca ou nas ilhas que se vêm da Élide, apascentadora de cavalos, nenhum deles podia constranger a minha vontade. Até, se quisesse, podia dá-lo ao hóspede, sem condição alguma, para levar consigo. Recolhe-te à tua câmara e trata dos teus favores, do tear e da roca; e ordena às escravas

309 XXI [352-385]

que vão para o seu trabalho. Do arco ocupar-se-ão os homens, sobretudo eu, que sou quem manda em casa.

Penélope, assombrada, voltou para o andar superior, em cujo coração as palavras prudentes de Telêmaco tinham calado. E, depois que, em companhia das escravas, chegou ao seu aposento, pôs-se a carpir sobre Ulisses, o seu esposo querido, até que Atena, a deusa de olhos brilhantes, lhe difundiu o sono sobre as pálpebras.

Entrementes, na sala, o porqueiro exímio tomou o arco curvo e levava-o consigo ""; mas os pretendentes começaram todos de gritar-lhe ameaças. Daqueles jovens soberbos, alguns diziam:

-Para onde levas, ó porqueiro infeliz e demente, esse arco curvo? Dentro em pouco, os cães ligeiros que tu criaste devorar-te-ão, ao pé dos teus porcos, solitário e longe dos homens, se Apolo e os outros deuses imortais nos são propícios.

Assim vociferavam; e o porqueiro foi colocar o arco no mesmo sítio, assustado, porque eram muitos os que, na sala, gritavam contra ele. Telémaco, porém, do outro lado, ameaçou-o, bradando: .-Paizinho, avante com o arco! Verás, em breve, que não ganhas nada com obedecer a toda essa gente. Teme que eu, apesar de mais jovem, te expulse para o campo às pedradas, porquanto sou mais valente do que tu. [Oxalá excedesse tanto a todos os pretendentes, que estão nesta sala, em força de braços, porque, então, depressa os expulsaria do palácio, de uma maneira horrível, por causa das maldades que maquinam].

Estas palavras fizeram rir todos os pretendentes, que abrandaram a sua cólera violenta contra Telémaco. E o porqueiro levou o arco através da sala e, aproximando-se do prudente Ulisses, pô-lo nas suas mãos. Depois, chamou a ama Euricleia e disse-lhe:

-Telémaco manda, ajuizada Euricleia, que feches as portas sólidas da sala; e, se alguma das mulheres ouvir gemidos ou ruído dentro do recinto dos homens, que não saia para fora. Continue lá dentro, entregue, em silêncio, ao seu favor.

XXI [386-419]

Ouvida a ordem, Euricleia, sem pronunciar uma palavra, foi fechar a porta da sala".

Por seu turno, Fíletio saiu, em silêncio, precipitadamente da casa e fechou as portas do pátio bem murado, cujos ferrolhos ligou com uma corda de papiro (aparelho de uma nau movida a remos), que encontrara no pórtico; em seguida, regressou para a sala e retomou o lugar, donde se levantara, sem afastar nunca de Ulisses os seus olhos. Este manejava já o arco e voltava-o em todos os sentidos, provando-o, ora de um lado, ora do outro, com receio de que a carcoma tivesse roído os chifres "", durante a sua ausência. E cada um dos pretendentes dizia, olhando para o seu vizinho:

-O homem é, certamente, conhecedor de arcos e perito no seu manejo. Talvez tenha na sua casa outros iguais ou

tencione fabricá-los. Vede como o tratante, hábil para o mal, move, de um lado para o outro, aquele que tem entre as mãos.

Outro daqueles jovens soberbos dizia:

- Oxalá ele tivesse tanta sorte na vida, como há-de tê-la em armar o arco!

Assim falavam os pretendentes. Mas o prudente Ulisses, apenas inspeccionou o grande arco em todos os sentidos, armou-o sem custo algum, tão fadlmente como um cantor, conhecedor da citara, estende uma corda, por meio de uma cravelha nova, depois de a ter prendido em ambos os lados. Acto contínuo, tomou a corda com a mão e fez prova dela, que dava um belo som, semelhante ao chilo de uma andorinha. Os pretendentes, porém, sentiram grande mágoa e mudaram todos de cor. Eis que Zeus manifestou, então, um presságio - fez ribombar fortemente o trovão; e o paciente e egrégio Ulisses regozijou-se de que o filho astuto de Crono lhe enviasse aquele sinal.

imediatamente, lançou a mão a uma frecha veloz, que estava ao lado, sobre a mesa, fora do carcaz (as outras, que em breve os Aqueus iam provar, encontravam-se dentro dele); e, segurando-a sobre o arco, puxou a corda e o entalho ""; e dali,

XXI [420-434]

donde estava assentado, disparou com pontaria certa. A frecha, que a ponta de bronze fazia pesada, não errou nenhuma das segures; desde o orifído da primeira, passou através de todas e foi sair através da última. Depois, disse Ulisses a Telémaco:

- Telémaco, o hóspede que tens em casa não te envergonha: não errei o alvo, nem tive muito trabalho, para armar o arco. Em núm existem ainda forças de reserva; e não sou como os pretendentes, no seu desprezo, me consideravam. Mas é tempo, antes que venha a noite, de preparar a ceia aos Aqueus e de eles se divertirem, em seguida, de outro modo - com o canto e com a citara, que são os enfeitos do banquete.

Dito isto, fez um sinal a Telémaco com as sobranceiras. O filho de Ulisses cingiu logo a espada de bom fio e, tomando a lança na mão, pôs-se de pé, armado com o bronze reluzente,

junto da poltrona do seu pai.

312

RAPSAF DIA XXII

Morticínio dos pretendentes

O prudente Ulisses despojou-se imediatamente dos seus andrajos e, saltando para o grande limiar da porta 171 COM o arco e o carcaz cheio de frechas, que despejou a seus pés, disse aos pretendentes:

- já está terminado o certame decisivo. Agora vou atirar a outro alvo, ao qual ainda nenhum homem atirou. Quero ver se lhe acerto e se Apolo me dá essa glória.

Após estas palavras, dirigiu a frecha amarga contra Antínoo. Ora este ia levar aos lábios uma linda taça de ouro, com duas asas, que tinha já entre as mãos, para beber vinho, sem se preocupar no seu espírito com a morte. Quem, com efeito, poderia pensar que, entre tantos convivas, um só homem, ainda que fosse muito valente, lhe daria morte funesta? Ulisses acertou-lhe com o dardo na garganta, cuja ponta lhe atravessou, de um lado a outro, o macio pescoço. Antínoo tombou para o lado e, ao ser atingido, o copo caiu-lhe das mãos. Um jorro espesso de sangue brotou-lhe logo do nariz; e, dando na mesa com o pé, repeliu-a de si e os alimentos, o pão e a carne assada espalharam-se pelo chão e sujaram-se no pó.

Os pretendentes, ao verem o homem tombar, [fizeram um grande tumulto: levantaram-se das poltronas e corriam pela sala, os olhos fitos nas paredes fortes, na ânsia de encontrarem uma arma. Mas não havia, em nenhuma parte, um escudo, ou uma lança robusta, a que pudessem lançar mão. E] increpavam Ulisses, furiosos:

- É um crime, estrangeiro, ferir os homens com frechas.

XXII [20-64)

Não tomarás jamais parte em justa alguma. Agora tens

certa uma morte terrível. Tu mataste aquele que era o chefe principal dos jovens de Ítaca; por isso, os abutres vão devorar-te aqui.

[Assim falava cada um dos pretendentes, julgando que Ulisses matara o homem sem querer; e não pensavam os loucos que a ruína impendia sobre eles]. Olhando-os de soslaio, replicou-lhes o prudente Ulisses:

- Ah, cães. Vós não acreditáveis que voltasse da região dos Troianos à pátria; por isso, arruináveis a minha casa, fazíeis violência às escravas e, estando eu vivo, pretendíeis-me a esposa, sem temor algum dos deuses, moradores do vasto céu, nem da indignação dos homens, no futuro. Mas eis que a ruína impende agora sobre vós.

Assim disse; e o medo fê-los empalidecer a todos. Os seus olhos procuravam em redor por onde escapar à morte terrível. Eurímaco foi o único que lhe respondeu:

- Se és, na verdade, o Ulisses de Ítaca, que regressou de Tróia, tens razão para falar nos muitos crimes cometidos pelos Aqueus, dentro do teu palácio e nos teus campos. Mas Antínoo, o culpado de tudo, já está estendido no chão. Ele levava as coisas por este caminho, não por causa das núpcias, mas porque tinha em vista outros desígnios, que o filho de Crono não favoreceu: reinar na cidade bem construída de Ítaca e matar o teu filho numa emboscada. Este, pois, foi morto com justiça; mas a nós, os teus súbditos, poupa-nos a vida. De quanto se comeu e bebeu, no teu palácio, indemnizar-te-emos, impondo uma taxa ao povo; cada um trazer-te-á, separadamente, o preço de vinte bois; e dar-te-emos bronze e ouro, até que o teu coração esteja satisfeito. Antes disso, ninguém pode censurar que estejas irado.

Olhando-o de soslaio, replicou-lhe o prudente Ulisses:

-Eurímaco, ainda que me désseis todo o património, que actualmente possuis, e lhe ajuntásseis bens doutra proveniência qualquer, nem por isso as minhas mãos se absteriam de dar-vos a morte e de me vingar de todos os

excessos dos pretendentes.

314 XXII [65-99]

Nesta ocasião, tendes duas alternativas à vossa escolha: combater ou fugir, se vos for possível escapar à morte e às Parcas. Mas creio que nenhum de vós evitará uma morte terrível.

Estas palavras fizeram desfalecer aos pretendentes os joelhos e o coração. Eurímaco voltou de novo a falar:

- Amigos, este homem, certamente, não conterà as suas mãos invencíveis. Uma vez que tomou o arco habilmente polido e o carcaz, não deixará de disparar da soleira lisa, sem nos ter matado a todos. Por isso, pensemos no combate. Desembainhemos as espadas e façamos das mesas escudos contra os seus dardos mortíferos. Lancemo-nos todos juntos contra ele, na tentativa de repeli-lo da soleira e da porta; depois, sem perda de tempo, corramos à cidade e gritemos por socorro. Desta maneira, ele disparará, em breve, o último dardo.

Dito isto, desembainhou a espada de bronze, de duplo fio, e lançou-se, gritando horivelmente, contra o egrégio Ulisses. Este, porém, despediu uma frecha, entretanto, que o feriu no peito, abaixo do manilo, e cravou-se-lhe rapidamente no fígado. A espada de Eurímaco caiu no solo e ele bateu, encurvado, na mesa, que fez cair ao chão; e todos os manjares juncaram o pavimento, juntamente com um copo duplo. O homem, de coração aflito, chocou na terra com a fronte e deu, a estrebuchar, com ambos os pés na poltrona; por fim, as trevas envolveram os seus olhos.

Anfínomo desembainhou também a espada e avançou com ímpeto contra o glorioso Ulisses, para ver se o faria retirar da porta. Mas Telémaco cravou-lhe entre as espaldas a sua lança de bronze, que lhe atravessou o peito; e Anfínomo estrondeou, ao dar em cheio com a testa no solo. Telémaco retirou-se acto contínuo, mas a sua lança comprida ficara espetada no homem; pois tinha grande receio de que, enquanto a arrancava, algum dos Aqueus se lançasse contra ele com a espada ou o ferisse, ao abaixar-se. Por isso, apressou-se, a

alcançar o lugar, onde

315 XXII [100-134)

seu pai, junto do qual parou; e disse-lhe estas palavras aladas:

- Meu pai, vou buscar imediatamente um escudo, duas lanças e um elmo de bronze, que se adapte às tuas fontes. De caminho, armar-me-ei também eu e darei armas ao porqueiro e ao boieiro, porque é melhor estarmos armados.

Disse-lhe em resposta o solerte Ulisses:

- Corre e trá-las, enquanto tenho frechas para defender-me! Temo que, ficando só, me repilam da porta.

Assim falou; e Telêmaco, obediente ao seu pai, correu ao arsenal, onde estavam as armas excelentes. Tomou daí quatro escudos, oito lanças e quatro elmos de bronze com crinas espessas de cavalo; e voltou a toda a pressa para junto do seu pai. Mas, primeiro, cobrira-se com o bronze e os dois escravos vestiram também as boas armaduras; em seguida, foram colocar-se junto do prudente Ulisses, fecundo em recursos. Este, enquanto teve frechas, para se defender, não cessava de disparar e de ferir, na sala, um a um, os pretendentes, que iam caindo uns ao pé dos outros. Mas, quando, à força de disparar, as esgotou, então encostou o arco a um poste da sala forte, junto da parede brilhante, protegeu os ombros com um escudo de quatro peles de boi, pôs na cabeça robusta um elmo rijo, cujo penacho era uma cauda de cavalo, que se agitava de um modo horrível e lançou mão a duas lanças rijas, guarnecidas de bronze.

Ora, havia na parede bem construída, junto do limiar extremo da sala forte, uma poterna 172 de saída para um corredor, que, no momento, se encontrava fechada com uns batentes muito justos. Ulisses ordenou ao porqueiro exímio que estivesse de pé, junto dela, a guardá-la, pois era a única saída para o exterior.

Agelau, dirigindo-se a todos, disse:

- Não poderia alguém, amigos, subir a essa poterna e ir avisar os cidadãos e pedir socorro com toda a urgência? Assim, este homem dispararia, em breve, pela última vez.

316 XXII [135-171]

Respondeu-lhe o cabreiro Melântio:

- Impossível, Agelau, aluno de Zeus, porque a saída para o pátio está muito perto e a entrada do corredor é difícil. Um único homem, se fosse valente, poderia deter-nos a todos. Mas eu vou trazer-vos armas do arsenal, para vos armardes, pois, como creio, foi ali e em nenhuma outra parte, que Ulisses e o seu filho ilustre as colocaram.

Acto contínuo, o cabreiro Melântio, por uma das aberturas estreitas da sala, subiu ao arsenal de Ulisses. Tirou daí doze escudos e outros tantos elmos de bronze com crinas espessas de cavalo; e, de volta com as armas, entregou-as aos pretendentes. Os joelhos e o coração de Ulisses desfaleceram, ao vê-los vestir as armaduras e brandir as compridas lanças, porque pareceu-lhe que a luta seria terrível. Disse, então, a Telémaco estas palavras aladas:

- Telémaco, sem dúvida, alguma das mulheres do palácio ou Melântio excita contra nós uma luta funesta.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

- Meu pai, ninguém teve a culpa senão eu, que deixei só encostada a porta sólida do arsenal. Quem me espiou foi

mais astuto do que eu. Vai, excelente Eumeu, fechar a porta e procura saber quem foi o autor do feito, se alguma das mulheres ou Melântio, filho de Dólio, como suponho.

Enquanto eles tinham esta conversa, o cabreiro Melântio voltou de novo ao arsenal, em busca das armas esplêndidas. Como o porqueiro exímio notasse, interrogou Ulisses, que estava a seu lado:

- Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, aquele homem funesto, de quem suspeitávamos, voltou de novo ao arsenal. Dize-me se devo matá-lo, caso seja mais forte do que ele, ou trazer-to aqui, para que expie os muitos excessos que praticou na tua casa.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- Eu e Telêmaco conteremos, ,na sala, os pretendentes

317 XXII (172-208)

ilustres, não obstante a sua fúria. Vós dois" ligai a Melântio os pés e as mãos atrás das costas, atirai com ele para o arsenal e segurai bem as portas. Em seguida, atai-lhe uma corda e içai-o ao alto de uma coluna, até às vigas, para que, conservando-se vivo, durante muito tempo, sofra dores atrozes.

Assim falou; e eles, ouvida a ordem, foram, obedientes, para o arsenal, sem que Melântio, que andava pelo interior a recolher armas, os percebesse. Entretanto, os dois esperavam-no, postados junto das ombreiras da porta, um de cada lado.

Apenas o cabreiro transpôs o limiar com um elmo magnífico numa das mãos e na outra com um escudo grande, já velho e

coberto de bolor, que o herói Laertes usara na juventude e estava agora com as correias descosidas, nesse momento, os dois lançaram-se sobre ele e arrastaram-no pelos cabelos para o interior do arsenal. Ali, arrojaram contra o solo o cabreiro de #o aflito, ligaram-lhe os pés e as mãos com um laço doloroso e puxaram-lhos para detrás das costas, segundo ordenara o filho de Laertes, o paciente e divino Ulisses. Depois, ataram-lhe uma corda e içaram-no ao alto de uma coluna, até às vigas. Por fim, tu, porqueiro Eumeu, escarnecias dele, dizendo:

- Passarás aí toda a noite, Melântio, nessa cama macia que mereces. Não te passe despercebida a madrugada Aurora, de áureo trono, que sai das correntes do Oceano. A essa hora, debes trazer ao palácio as cabras, para os pretendentes prepararem a refeição.

Assim ficou Melântio ali, atado com um laço de morte. Os dois, em seguida, vestidas as armas e fechada a porta brilhante, foram para junto do prudente Ulisses, fecundo em recursos.

Na sala, respiravam todos furor: os quatro, sobre a soleira da porta; e, no interior, uma chusma de valentes. De súbito, Atena, a filha de Zeus, semelhante a Mentor na figura e na voz, aproximou-se deles, de cuja vista alegrou-se o coração de Ulisses, que lhe dirigiu estas palavras:

- Mentor, afasta de nós a desgraça e lembra-te dos serviços

318 XXII (209-242)

que te prestou o teu companheiro, que tem a mesma idade que tu.

Assim falou; estava convencido, não obstante, de que via Atena, a incitadora dos guerreiros. Do outro lado, os pretendentes gritavam em tom ameaçador. O primeiro que apostrofou Mentor foi Agelau, filho de Damastor:

- Mentor, não te deixes convencer pelas palavras de Ulisses a lutar contra os pretendentes e a auxiliá-lo. Sabe que há-de cumprir-se este nosso plano: logo que tivermos matado os dois, o pai e o filho, perecerás também, em seguida, por causa do que pretendes fazer, na sala. Hás-de pagá-lo com a tua própria cabeça. E, quando com o bronze te tivermos tirado a vida, todas as riquezas que tens dentro e fora do teu palácio, misturá-las-emos com as de Ulisses; e não permitiremos que os teus filhos e as tuas filhas vivam na tua casa, nem que a tua esposa fiel habite na cidade de Ítaca.

Estas palavras redobraram a cólera de Atena, que increpou Ulisses com estas palavras violentas:

- já não existe em ti, Ulisses, a audácia e a força, com que, sem desfalecer, combatestes, durante um novénio, contra os Troianos por Helena de níveos braços, filha de um nobre pai, quando na refrega mataste muitos guerreiros e aconselhaste a tomada da cidade de Príamo de ruas largas! Como, pois, agora, chegado a tua casa, junto das tuas possessões, te repugna ser forte contra os pretendentes? Eia. Vem para aqui, amigo. Coloca-te ao meu lado e vê-me pelejar, para que saibas como Mentor, filho de Âlcimo, lutando contra os teus adversários, recompensa os benefícios que lhe prestaste.

Assim falou; mas não lhe deu uma vitória decisiva. Atena queria provar a força e o valor de Ulisses e do seu filho ilustre. Levantou voo na forma de uma andorinha e foi poisar-se no tecto defumado da sala.

Entretanto, os pretendentes eram incitados por Agelau, filho de Damastor [por Eurínomos, Anfimedonte, Demoptólemo, 319 XXII [243-280)]

Pisandro, filho de Políctor e pelo prudente Pólibo, que eram os mais distintos por sua bravura, entre quantos viviam ainda e lutavam pelas suas vidas]. Os outros tinham-nos abatido o arco e frechas numerosas. Dirigindo a palavra aos seus companheiros, disse Agelau:

- Este homem, amigos, reprimirá as suas mãos invencíveis,

agora que Mentor se foi, após proferir vãs fanfarronices, e os deixou sós, na soleira da porta. Não arremesseis todos, ao mesmo tempo, as vossas lanças compridas; mas dardejemo-los primeiro nós seis, a ver se Zeus permite que firamos Ulisses e alcancemos glória. Quanto aos outros, não vos dêem cuidado, depois de este ter caído.

Assim disse Agelau; e eles dardejaram todos com grande ímpeto, conforme lhes fora ordenado. Atena, porém, frustrou-lhes os golpes das lanças. Uma bateu num pilar da sala forte; outra, na porta sólida; e uma terceira espetou na parede a sua ponta de bronze. Depois de se verem livres das lanças dos pretendentes, o paciente e egrégio Ulisses falou aos seus:

- Amigos, eis o que vos ordeno: atiremos as lanças contra a turba dos pretendentes, que desejam matar-nos, para cúmulo dos seus crimes anteriores.

Após estas palavras, todos arremessaram as lanças pontiagudas na direcção indicada. Ulisses matou a Demoptólemo, Telémaco, a Euríades, o porqueiro, a Élato e o boieiro, a Pisandro. Todos estes morderam o pó, na imensa sala, ao passo que os outros recuaram para o fundo da mesma. Ulisses e os seus foram, depois, numa corrida, arrancar as lanças dos cadáveres.

De novo, os pretendentes arremessaram as suas lanças pontiagudas; mas Atena frustrou-lhes a maioria dos golpes. Uma bateu num pilar da sala forte; outra, na porta sólida; e uma terceira cravou na parede a sua ponta de bronze. Anfimedonte feriu ligeiramente a Telémaco, no pulso: o bronze beliscara-lhe apenas a epiderme; e Cresipo arranhou com a sua comprida lança o ombro de Eumeu, por cima do escudo, a qual voou para a frente e caiu no chão.

Outra vez o prudente Ulisses, fecundo em recursos, e os seus companheiros arremessaram as lanças pontiagudas contra a turba dos pretendentes. Então, Ulisses, o assolador de cidades, feriu Euridamante, Telémaco, a Anfimedonte e o porqueiro, a Pólibo.

O boieiro, por sua vez, atingiu no peito a Cresipo, a quem disse, gloriando-se:

- *f* filho de Politerces atreito a zombarias, não fales com tanta jactância, levado por tua loucura. Deixa a palavra aos deuses, pois que eles são -muito mais valentes do que tu. Isto é um presente de hospitalidade que te dou, em paga do osso da perna de vaca que deste ao deiforme Ulisses, quando mendigava na sua casa.

Tais foram as palavras do pastor de bois de chifres encurvados. Entretanto, Ulisses feria de perto, com a sua lança comprida o filho de Damastor, Telémaco, por sua vez, feria a Leócrito, filho de Evenor, que atingiu no meio do vazio, atravessando-o com o bronze; e o homem caiu de bruços e deu em cheio com a fronte no chão. Atena ergueu, então, no tecto a sua égide que mata os homens. Os pretendentes, assustados, corriam pela sala, como vacas de uma manada acometidas pelo moscardo voltejante, na estação vernal, em que os dias são maiores. E do mesmo modo que os abutres de garras curvas e bico adunco baixam das montanhas e se lançam sobre as aves, que, temendo a região das nuvens, descem para a planície, onde são mortas para alegria dos homens, sem que unhas ou asas lhes valham, assim Ulisses e os seus arremetiam pela sala contra os pretendentes e feriam em volta, entre os bramidos horrorosos dos que eram golpeados na cabeça, cujo sangue inundava todo o solo.

Nesta altura, Liodes lançou-se para Ulisses, abraçou os seus joelhos e, suplicante, disse-lhe estas palavras aladas:

- Eu suplico-te, Ulisses, abraçado a teus joelhos, que me poupes e te compadeças de mim. Afirmo-te que nunca disse nem

fiz nada a alguma mulher do palácio que fosse iníquo; pelo contrário, contive os pretendentes, que praticavam tais maldades.

321 XXII [316-351)

Mas não me obedeceram nem quiseram afastar do mal as suas mãos; por isso, por causa das suas iniquidades, tiveram uma sorte desastrosa. Quanto a mim, que fui apenas arúspice, entre eles, e não pratiquei nenhum crime, devo perecer também? É esta a paga pelo meu procedimento correcto?

O prudente Ulisses, olhando-o de soslaio, replicou-lhe:

- Se te orgulhas de ter sido arúspice, entre os pretendentes, por certo, deves ter, muitas vezes, implorado na sala que a doçura do regresso estivesse longe de mim e que a minha esposa te seguisse e te desse filhos. Por isso, não escaparás a uma morte cruel.

Assim falando, tomou com a mão vigorosa a espada, que Agelau deixara cair no solo; com ela feriu Liodes no pescoço e a cabeça rolou no pó, com um grito.

Fémio, porém, o aedo, filho de Térpias, que entre os pretendentes cantava constrangido, esse escapou à Parca negra. Estava de pé, junto da porterna, com a cítara sonora nas mãos, sem saber que partido tomar: se sair da sala e ir assentar-se, no pátio, junto do altar do grande Zeus, protector da casa, onde Laertes e o filho queimaram muitas coxas de boi; ou abraçar, suplicante, os joelhos de Ulisses. Após estas reflexões, pareceu-lhe melhor abraçar os joelhos de Ulisses, filho de Laertes. Depôs no chão a cítara côncava, entre a cratera e a poltrona cravejada de prata, e correu para ele a abraçar os seus joelhos, ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras aladas:

- Eu suplico-te, Ulisses, abraçado a teus joelhos, que me poupes e te compadeças de mim. Tu próprio lamentar-te-ás, depois, por ter matado um aedo, que canta. para os deuses e

para os homens. Eu aprendi por mim mesmo; uma divindade fez brotar no meu espírito cantos de toda a espécie; e creio que podia cantar-tos, como a um deus; por isso, não queiras degolar-me. Telémaco, o teu filho, poderá dizer-te que não vim para a tua casa por vontade própria ou por interesse, para cantar

322 XXII [352-387)

aos pretendentes, após os seus festins. Estes, como eram fortes e potentes, trouxeram-me constrangido.

Assim falou; e o poderoso Telémaco, depois de o ouvir, disse imediatamente a seu pai, que estava perto:

- Detém-te e não firas a este com o bronze, que está inocente. Ao arauto Medonte, que sempre, quando criança, cuidou de mim no nosso palácio, a esse poupemo-lo também, se não o matou já Filétio ou o porqueiro ou não se encontrou contigo, quando, pela sala, investias contra os pretendentes.

Estas palavras foram ouvidas pelo discreto Medonte. Ele estava acorocado debaixo de uma poltrona, coberto com uma pele de boi recentemente esfolado, e escapara assim à negra Parca. Apenas, porém, ouvira Telémaco, levantou-se logo e depôs o coiro; em seguida, correu para ele, abraçou-lhe os joelhos e dirigiu-lhe, suplicante, estas palavras aladas:

- Eis-me aqui, amigo! Detém-te e roga a teu pai que, na sua cólera contra os pretendentes, que lhe consumiram os bens e te ultrajaram, não me faça mal com o bronze afiado, usando da sua valentia.

O prudente Ulisses disse-lhe, sorrindo:

- Cobra ânimo, visto este ter-te protegido e salvado. Reconhece no teu coração e anuncia também a outrem quanto as acções boas superam as perversas. Tu e o aedo ilustre saí da sala e ide assentar-vos no pátio, longe desta carnificina, enquanto levo a cabo a #ha tarefa.

Dito isto, os dois saíram da sala e foram assentar-se junto do altar do grande Zeus; e olhavam em redor, obcecados pela ideia da morte.

Entretanto, Ulisses perscrutava em volta, pela sala, se algum dos homens se escondera, para escapar à negra Parca. Mas viu-os, sem excepção, prostrados no sangue e no pó, em grande número. Como peixes que os pescadores tiram com a rede de muitas malhas do mar alvacentos para um recôndito da praia, os quais, amontoados sobre a areia, anseiam pelas ondas e perecem ao

323 XXII [388-427)

sol brilhante, assim estavam os pretendentes estendidos uns sobre os outros.

Disse, então, Ulisses a seu filho:

- Telémaco, manda vir aqui a ama Euricleia, para que lhe dê uma ordem que me importa dar- lhe.

Assim falou; e Telémaco, obediente a seu pai, bateu à porta da estância e disse à ama Euricleia:

- Levanta-te, velha de antigos tempos, vigia das escravas do palácio. Vem cá, que o meu pai chama-te, para dar-te uma ordem.

Ouvido o recado, ela, sem dizer nada, abriu a porta da sala grande e confortável e pôs-se a caminho, atrás de Telémaco. Encontrou Ulisses entre os cadáveres, todo sujo e manchado de sangue. Como um leão, depois de devorar um boi campestre, tem o peito e as mandíbulas sujas de sangue e apresenta um aspecto horrível, assim estavam ensanguentados os pés e as mãos de Ulisses. Euricleia, como visse o espectáculo dos mortos e o sangue começou a gritar de alegria. Mas

Ulisses tolheu-lhe os transportes com estas palavras aladas:

- Alegra-te, velha, no teu coração; reprime, porém, os gritos, porque é uma impiedade soltar vozes de triunfo, por causa dos homens que pereceram. O destino dos deuses e as suas obras malvadas foram quem lhes deu a morte, pois não respeitavam a nenhum homem da terra, mau ou bom, que se aproximava deles. Por isso, por causa das suas iniquidades, tiveram uma sorte lamentável. Dize-me: quais as mulheres que, no palácio, me desonram e quais as inocentes?

Replicou-lhe Euricleia, a sua ama:

- Vou dizer-te a verdade, filho. Das cinquenta escravas que vivem no palácio, às quais tinha ensinado a trabalhar, a cardar lã e a suportar a escravidão, doze têm-se entregado à impudência e não me respeitam a mim nem a Penélope. Telémaco não tinha ainda chegado à idade viril; por isso, a sua mãe não permitia que ele mandasse nas escravas. Bom.... Eu vou ao andar

324 XXII [478-4?4)

esplêndido informar a tua esposa, a quem uma divindade pôs a dormir.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- Não a despertes ainda. Manda vir aqui as mulheres, que só pensaram antes em cometer acções indignas.

Assim falou; e a velha saiu da sala, para comunicar a ordem às mulheres e incitá-las a que se apresentassem. Em seguida, Ulisses chamou Telémaco, o boieiro e o porqueiro e dirigiu-lhes estas palavras aladas:

-Retirai os cadáveres daqui e ordenai o mesmo às mulheres: Feito isto, lavai as poltronas magníficas e as mesas com água e esponjas de muitos olhos. Logo que na sala estiver tudo em ordem, conduzi as escravas para fora e, entre a

rotunda "" e o muro do pátio, feri-as com a espada de longo fio. Arrancai a todas a alma e fazei-lhes esquecer Afrodita, cujos prazeres gozaram com os pretendentes, nos seus ajuntamentos clandestinos.

Tais foram as ordens de Ulisses; e as mulheres vieram todas, a lamentar-se e a derramar um dilúvio de lágrimas. Primeiramente transportaram os cadáveres, que depuseram sob o pórtico do pátio bem murado, onde os amontoaram uns sobre os outros, às ordens do próprio Ulisses, que apressava o trabalho. Transportados os mortos, não obstante a má vontade das mulheres, estas lavaram, depois as poltronas magníficas e as mesas com água e esponjas de muitos olhos. Em seguida, Telêmaco, o boieiro e o porqueiro raspam com enxadas o pavimento da sala forte; e as escravas varreram as imundícies para fora da porta. Logo que a estância ficou toda limpa, as mulheres foram conduzidas para fora e encerradas no espaço estreito, entre a rotunda e o muro sólido do pátio, donde não podiam fugir. Telêmaco tomou, então, a palavra:

- Não quero tirar a vida com uma honrosa morte àquelas que lançaram o opróbrio sobre a minha cabeça e sobre a minha mãe, por suas noitadas com os pretendentes.
XXII [465-496)

Dito isto, lançou a mão à corda de uma nau de proa escura e correu-a em volta da rotunda, retesando-a na altura suficiente para que nenhuma das mulheres pudesse chegar com os pés ao chão. Do mesmo modo que tordos de compridas asas ou pombas, ao voltarem para o ninho, ficam presos num laço oculto na espessura, onde recebem uma morte horrenda, assim estavam as escravas, as cabeças em linha e os laços em volta do pescoço, para que morressem da morte mais deplorável. Elas estrebucharam com as pernas apenas, durante alguns instantes.

Depois, foi conduzido Melântio para o pátio. Defronte da entrada, cortaram-lhe com o bronze cruel o nariz e as orelhas e arrancaram-lhe as vergonhas, que lançaram, ensanguentadas, aos cães; por fim, deceparam-lhe, furiosos, as mãos e os pés.

Consumada a obra, lavaram as mãos e os pés e entraram para o palácio de Ulisses. Então, disse o filho de Laertes a

Euricleia, sua ama:

- Velha, traz enxofre, que afasta o ar mau, e juntamente fogo, para purificar o palácio. Depois, vai dizer a Penélope que venha aqui com as suas escravas; e ordena a todas as outras que se apresentem também.

Replicou-lhe Euricleia, a sua ama:

- Sim, meu filho, tu falas acertadamente. Mas vou buscar-te vestidos, um manto e uma túnica, para que não estejas no palácio com os teus ombros largos envolvidos assim nuns farrapos. Isso não te fica bem.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses: -Antes de mais nada, quero lume nesta sala.

Obediente a esta ordem, a ama Euricleia levou a Ulisses o lume e o enxofre; e ele purificou, cuidadosamente, a sala e as demais estâncias, bem como o pátio.

A velha foi, em seguida, pelo palácio magnífico de Ulisses comunicar a sua ordem às mulheres e exortá-las a
326 XXII (497-501]

apresentarem-se. E elas vieram com tedeas nas mãos; rodearam Ulisses, deram-lhe as boas-vindas, abraçaram-no e beijaram-lhe a fronte, as espáduas e as mãos, que tomaram nas suas. Um desejo de suspirar e de gemer apoderou-se suavemente do filho de Laertes, pois o seu coração reconhecia-as a todas.

327 [1-27)

RAPSfDIA XXIII

Penélope reconhece a Ulisses

A velha subiu ao andar superior da casa em transportes de

alegria, para anunciar à senhora que o seu esposo estava no palácio. Os joelhos dela tinham readquirido a antiga robustez e os pés moviam-se, rápidos ". junto da cabeceira da rainha, disse-lhe estas palavras:

- Acorda, Penélope, minha filha, para contemplar com os teus olhos o que todos os dias desejavas. Ulisses, ainda que tarde, já chegou a casa; e matou os pretendentes altivos, que lhe arruinavam o palácio, devoravam os seus bens e maltratavam o seu filho.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

- Mãezinha, os deuses enlouqueceram-te. Eles podem transtornar o julzo até ao mais cordato e tornar discreto ao de ânimo ligeiro. Os deuses fizeram-te cair em demência, a ti, que eras antes uma mulher ajuizada. Porque zombas de mim, cuja alma está cheia de aflições? Foi para me dizer despropósitos que me despertaste de um sono tão agradável, que me fechou e me envolvia as pálpebras? Na verdade, nunca dormi tão bem, desde que Ulisses partiu, para ver a maldita ílion, de nome infando. Desce imediatamente e volta para a sala. Se outra das minhas escravas viesse dar-me tais notícias e despertar-me do sono, enviá-la-ia, encolerizada, para a sua estância; a ti, porém, vale-te a tua idade avançada.

Tornou-lhe a ama Euricleia:

- Não zombo de ti, minha filha. Ulisses chegou, verdadeiramente; e está em casa, como te digo. Era aquele estrangeiro,
328 XXIII [28-64)

que todos insultavam na sala. Telémaco sabia, há muito, que ele estava cá, mas ocultou, prudentemente, a presença do pai, para que este pudesse vingar-se das violências dos pretendentes orgulhosos.

Ao ouvir isto, Penélope saltou, alegre, do leito e

abraçou a velha com os olhos marejados de lágrimas; depois, pronunciou estas palavras aladas:

- Pois bem, mãezinha. Dize-me, então, com franqueza: se Ulisses está realmente em casa, como afirmas, como pôde ele, só, pôr as mãos nos desavergonhados pretendentes, que se encontravam sempre reunidos na sala?

Respondeu-lhe a ama Euricleia:

- Eu não vi, nem me disseram nada; percebi apenas os gemidos dos que caíam mortos, porque nós estávamos todas, cheias de medo, no recôndito dos nossos aposentos sólidos, com as portas bem fechadas. Por fim, Telémaco, o teu filho, por ordem do pai, chamou por mim, o qual encontrei de pé, no meio dos cadáveres, que, caídos uns sobre os outros, cobriam o rijo pavimento. Tu havias de alegrar-te se o visses todo [sujo e coberto de sangue,, como um leão].

Agora jazem os cadáveres à porta do pátio, todos em pilha; e Ulisses purificou o palácio esplêndido com enxofre e com uma grande fogueira; depois, mandou-me chamar-te. Segue-me, pois, para que ambos abraís o coração à alegria, após tantas aflições. já se cumpriu o que há muito desejavas: Ulisses voltou, vivo, ao seu lar e encontrou-te a ti e ao filho, no palácio; e aos autores de tantos males, aos pretendentes, a esses puniu-os a todos, na sua própria casa.

Tornou-lhe a sensata Penélope:

- Mãezinha, não rejubiles tanto, contém esses transportes
I Tu sabes quão agradável seria a todos, sobretudo a mim e ao meu filho, a vinda de Ulisses. Mas essa notícia não é certa, como afirmas; foi algum dos imortais quem matou os pretendentes ilustres, indignado com as insolências e as suas obras malévolas, pois

329 XXIII [65-100)

não respeitavam a nenhum homem, mau ou bom, que se

abeirava deles; por isso, sofreram o castigo da sua loucura. A respeito de Ulisses, porém, esse perdeu, longe da Acaia, a esperança do regresso; e ele próprio pereceu também.

Replicou-lhe a ama Euricleia:

- Minha filha, que palavra te passou o cerco dos dentes. O teu esposo está em casa, junto ao lar e dizes que jamais regressará? O teu coração recusa-se a crer; mas dou-te uma prova manifesta: é a cicatriz da ferida que, outrora, lhe fez um javali com o seu alvo dente. Eu vi-a, quando o lavava e quis dizer-to; mas ele, levado pela prudência do seu espírito, tapou-me a boca com as mãos e não me deixou falar. Anda, vem contigo! Eu fico por fiadora: se te enganar, dá-me a mais cruel das mortes.

Voltou-lhe a sensata Penélope:

- Mãezinha, por mais prudência que tenhas, não podes perscrutar os desígnios dos deuses sempiternos. Mas, seja como for, vamos ter com o meu filho. Quero ver os pretendentes mortos e quem os matou.

Dito isto, baixou do andar superior, revolvendo no seu coração, se devia interrogar de longe a seu marido ou aproximar-se dele, tomar-lhe a cabeça e as mãos e cobrir-lhas de beijos. Apenas transpôs o limiar de pedra e entrou na sala, foi assentar-se, ao clarão do lume, contra a parede, defronte de Ulisses. Este estava assentado de costas para uma alta coluna, de olhos baixos, à espera de que a sua nobre esposa lhe falasse, logo que o visse. Mas ela permaneceu assentada, durante longo tempo, sem dizer palavra, pois o espanto apoderara-se do seu coração. Umas vezes, os seus olhos pareciam reconhecê-lo, outras, não podiam ver mais do que um homem vestido de vis andrajos. Telémaco, então, increpou-a, dirigindo-lhe estas palavras:

- Minha mãe, minha desnaturada mãe, tens um coração cruel! Porque te afastas assim do pai, em vez de te assentar ao seu lado, de falar-lhe e fazer-lhe perguntas? Nenhuma outra

mulher ficaria, como tu, de ânimo inabalável, retirada do marido, que,
330 XXIII [101-138)1

passados vinte anos, regressasse à terra pátria, após muitos trabalhos. Tu persistes em ter um coração mais duro do que uma pedra.

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

- Meu filho, eu tenho, no peito, o coração estupefacto e não posso dirigir-lhe palavra e interrogá-lo, nem fixar os seus olhos. Se, verdadeiramente, este é Ulisses, que regressa a sua casa, nós reconhecer-nos-emos muito facilmente, porque há sinais que conhecemos e os outros desconhecem.

Assim falou; e sorriu-se o paciente e egrégio Ulisses, que logo dirigiu a Telémaco estas palavras aladas:

- Telémaco, deixa a tua mãe pôr-me à prova, neste palácio, porque, em breve, me reconhecerá melhor do que outrem. Agora, que estou sujo e tenho no corpo uns vis andrajos, despreza-me e não crê que eu seja Ulisses. Nós pensemos antes em assegurar-nos o êxito mais completo. Se alguém, nesta terra, mata um homem, um único que seja, foge e abandona os parentes e a sua pátria, ainda que o morto não deixe após de si muitos que o vinguem. Ora, nós derrubámos os sustentáculos da cidade, matámos os jovens mais nobres de Ítaca. Eu exorto-te a reflectir nas circunstâncias, em que nos encontramos.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

- Quem deve examinar isso és tu, meu pai, pois, como dizem, em prudência não tens igual: nenhum homem poderia rivalizar contigo. [Nós seguir-te-emos com ardor; e afirmo-te que não te faltará o meu auxílio, quanto mo permitirem as forças].

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- Vou dizer-te, então, o que parece mais conveniente. Primeiro, ide lavar-vos e vesti túnicas decentes e dizei às escravas do palácio que mudem também de vestido. Depois, o aedo divino que dirija a nossa dança alegre, a tanger a cítara sonora. Desta maneira, quem ouvir de fora, algum transeunte ou vizinho, pensará que estamos a celebrar núpcias, porquanto não deve divulgar-se pela cidade a morte dos pretendentes, antes de sair-mos

331 XXIII [139-17?]

e andarmos a passear entre as árvores do campo. Lá pensaremos no auxílio que o Olímpio poder-nos-á deparar.

Estas palavras foram atentamente escutadas pelos outros e obedecidas. Primeiramente, lavaram-se e vestiram túnicas e as mulheres puseram os seus atavios; em seguida, o aedo divino tomou a cítara côncava, que incitou em todos eles o desejo do canto melodioso e da dança irrepreensível, de sorte que o palácio ressoava em volta sob os pés dos dançadores, dos homens e das mulheres de graciosa cinta. E, de fora, alguns, ouvindo o ruído, diziam assim:

- Certamente, já alguém se casou com a rainha muito requestada. Coitada. Não teve constância para ficar no palácio, fielmente, até ao regresso do esposo da sua juventude.

Assim falavam, ignorando o que tinha sucedido. Entretanto, a intendente Eurinoma lavou Ulisses, o homem de coração magnânimo, ungiu-o com óleo, vestiu-lhe uma túnica e pôs-lhe em volta do corpo um manto excelente. Atena, por seu turno derramou uma beleza extraordinária sobre a sua cabeça e fê-lo parecer maior e mais encorpado e que da sua cabeça descesse uma cabeleira em caracóis, semelhante à flor do jacinto. Do mesmo modo que um artista habilidoso, a quem Hefesto e Palas Atena ensinaram todos os segredos da arte, derrama o oiro por sobre a prata e executa uma obra-prima, assim ela aureolou de graça a cabeça e os ombros de Ulisses; de sorte que, ao sair da banheira, assemelhava-se, no corpo, aos imortais. Depois, voltou a assentar-se na poltrona, donde

se tinha levantado, defronte da sua esposa, a quem disse estas palavras:

- Miserável. Os habitantes das moradas olímpicas deram-te um coração mais duro do que o das outras mulheres. Nenhuma delas ficaria de ânimo inabalável, como tu, retirada do marido, que, passados vinte anos' regressasse à terra pátria, após muitos trabalhos. Ama, prepara-me um leito, para dormir só, porque esta tem no peito um coração de ferro.

332 XXIII [173-207)

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

- Não, desgraçado. Eu não me orgulho nem te desprezo; nem tão-pouco te admiro em demasia, pois sei bem como tu eras, antes de partires de Ítaca numa nau de compridos remos. Euricleia, prepara-lhe o leito, fora da câmara de paredes sólidas, que ele próprio construiu. Prepara-lhe aí o seu leito consistente e provê-o com velos, mantos e colchas esplêndidas.

Penélope falou assim, para provar o marido. Mas este, indignado, retorquiu à sua fiel esposa:

- *f* mulher, essas palavras pungem-me o coração. Quem pôs o meu leito noutra parte? Isso seria difícil até ao mais hábil. Só um deus, vindo em pessoa, poderia, se quisesse, levá-lo facilmente para outra parte; mas nenhum homem, ainda que estivesse na pujança da força, poderia transportá-lo sem muito trabalho, pois que existe uma particularidade extraordinária no modo como este leito foi construído. Só eu o fabriquei e ninguém mais.

Um rebento de oliveira crescera dentro do pátio; e medrou tanto e tomou-se tão frondoso, que o seu tronco, em grossura, assemelhava-se a um pilar. Em roda, construí a câmara com pedras aparelhadas, cobri-a com um tecto e correia com portas sólidas e ajustadas. Em seguida, cortei a copa da oliveira de compridas folhas. Aparado o tronco desde a raiz, alisei-o em volta com o bronze e endireitei-o, por meio de um fio; depois,

transformei-o em pé de cama e perfurei todas as peças respectivas com um trado. Sobre este suporte coloquei a cama, que adornei com ouro, prata e marfim; e, na parte interior, estendi correias de coiro de boi, purpúreas e brilhantes. Tal é a particularidade, a que aludi. Ignoro, porém, mulher, se o leito está ainda no mesmo sítio ou se algum homem cortou o tronco de oliveira e o pôs noutro lugar.

Assim falou Ulisses; e Penélope sentiu os joelhos e o coração desfalecerem-lhe, ao verificar a exactidão com que Ulisses, sem hesitar, indicara os sinais. Correu logo direita a ele, com as

333 XXIII [208-246]

lágrimas nos olhos, lançou os braços em volta do seu pescoço e disse, beijando-lhe a fronte:

- Não te irrites contra mim, Ulisses, visto seres o mais prudente dos homens. Os deuses enviaram-nos o infortúnio e tiveram inveja de que nós, vivendo juntos, gozássomos da nossa juventude e atingíssemos o limiar da velhice. Não te zangues comigo! Perdoa-me não te saudar logo que te vi, porque o meu coração está sempre com medo de que venha algum mortal enganar-me! São tantos os que armam ardis perversos. [A argiva Helena, filha de Zeus, nunca teria subido ao leito doutro varão, se soubesse que os filhos belicosos dos Aqueus haviam de reconduzi-la para a sua casa e para a terra pátria. Sem dúvida, uma divindade incitou-a a praticar aquela acção vil, porque antes nunca tivera no espírito a intenção de praticar o crime funesto, que originou as nossas desgraças]. Agora, pois, após a descrição do nosso leito (que nenhum mortal viu, mas só eu e tu e uma única escrava, a filha de Actor, a qual o meu pai me deu, quando vim para aqui, e nos guardava a entrada da câmara de paredes sólidas), agora convenceste o meu coração, apesar de ser muito cruel.

Estas palavras excitaram a Ulisses um desejo vivo de chorar, o qual se debulhava em lágrimas, abraçado à sua cara e fiel esposa. Do mesmo modo que a vista da terra é doce para os náufragos, quando Posidão lhes destrói, no mar, a nau resistente, sob o impulso do vento e das ondas impetuosas; e os poucos, que escapam a nado do mar pardacento para a terra firme, com uma crosta espessa de sal em volta do corpo, pisam, alegres, a terra, por verem-se livres da desgraça, assim a Penélope era doce contemplar o marido, de cujo pescoço ainda não desprendera os seus braços brancos. E chorando os encontraria a Aurora de róseos dedos, se Atena, a deusa de olhos brilhantes, não decidisse prolongar a noite, que tinha chegado ao seu termo: ela deteve no Oceano a Aurora de áureo trono e não lhe permitiu que jungisse os cavalos de patas velozes-Zampo e Factonte, os

334 XXIII [247-283]

condutores da Aurora -para levarem aos homens a luz. Por fim, disse o prudente Ulisses a sua esposa:

- Mulher, eu não cheguei ainda ao termo dos meus trabalhos; devo realizar ainda uma empresa enorme, complicada e difícil. Assim mo declarou a alma de Tirésias, no dia, em que baixei à morada de Hades a interrogá-lo acerca do meu regresso e do dos meus companheiros. Mas vamos, mulher, vamos para o leito gozar das delícias do sono.

Disse-lhe em resposta a sensata Penélope:

- Tu irás para o leito, quando aprouver ao teu coração, uma vez que os deuses te fizeram chegar a tua casa de construção sólida "" e à terra pátria. Como, porém, inspirado por um deus, falaste numa empresa, dize-me de que empresa se trata. Visto, um dia, julgo eu, dever conhecê-la, é preferível, desde já, ficar informada.

Retorquiu-lhe o prudente Ulisses:

- Pobre mulher. Porque me incitas com tão ardentes rogos a falar? Eu vou, pois, dizer-te que empresa é essa, sem nada te ocultar. O seu conhecimento, porém, não trará alegria ao teu coração, como tão-pouco eu me alegro. Tirésias ordenou-me que percorresse as cidades numerosas dos mortais com um remo de fácil manejo nas mãos, até chegar entre uns homens que nunca viram o mar, não comem os alimentos temperados com sal nem conhecem as naus de flancos vermelhos, nem os remos de fácil manejo, que são as asas das naus. Ele deu-me um sinal evidente, que vou manifestar-te: quando vier ao meu encontro outro de limpar grão, nessa altura, ordenou-me ele que crave na terra o remo e ofereça sacrifícios ao soberano Posidão - um carneiro, um toiro e um varrasco; e que, em seguida, regresse a casa e sacrifique hecatombes sagradas aos deuses, moradores do vasto céu, a todos, uns após outros. Uma morte suavíssima vir-me-á, depois, do mar; ela sobrevir-me-á, após uma velhice feliz, e

335 XXIII [284-315]

quando os povos, em volta, forem afortunados. Tudo isto, afirmou Tirésias, há-de realizar-se.

Tornou-lhe a sensata Penélope:

- Se os deuses hão-de conceder-nos uma velhice feliz, devemos, portanto, escapar de todos os males.

Tal era o colóquio que tinham entre si, enquanto Eurinoma e a ama lhes guarneciam o leito de alfaias macias, à luz das tedas. Preparado com toda a diligência, a velha regressou ao seu aposento, para se deitar. A camareira Eurínoma, porém, ia, com uma teda nas mãos, adiante dos esposos, que se encaminhavam para o leito; mas, depois de os ter conduzido até à câmara, retirou-se. E eles chegaram, contentes, ao leito antigo, que Ulisses tinha construído. Entretanto, Telémaco, o boieiro e o porqueiro punham termo à dança e ordenavam às mulheres que cessassem também; em seguida, foram deitar-se pelo palácio já repleto de sombras.

Ulisses e Penélope, porém, deram-se aos encantos das

confidências mútuas. Ela, a mulher preclara, contou tudo quanto sofrera no palácio com a presença do bando funesto dos pretendentes, que, por sua causa, degolavam muitas reses, bois e ovelhas gordas, e tiravam incessantemente vinho dos tonéis. Por sua parte, Ulisses, da estirpe de Zeus, referiu as aflições que causara aos homens e as que ele próprio sofreu. Penélope alegrava-se de ouvi-lo; e o sono não lhe fechou as pálpebras, antes de Ulisses ter contado tudo.

Relatou Ulisses, primeiramente, como vencera os Cíconos; a sua chegada ao país fértil do Lotófagos; quanto fez o Ciclope e como foi castigado, por dar a morte aos seus valentes companheiros, que devorou sem piedade; como chegou junto de Æolo, que o acolheu benevolmente e lhe preparou o regresso; como uma tempestade, não permitindo ainda o destino que voltasse à sua pátria, o arrebatou de novo e o levou pelo mar piscoso, a soltar gritos dilacerantes; contou a sua ida a Telépilo, na Lestrigónia, cujos habitantes lhe fizeram perecer todos

336 XXIII [319-356)

os companheiros de belas grevas e lhes destruíram as naus, [e como escapou só ele com a sua nau escura].

Referiu também a astúcia e os múltiplos ardis de Circe e como foi com a nau de muitos remos à morada pútrida de Hades, a fim de consultar a alma do tebano Tirésias, onde viu todos os companheiros "" e a mãe, que o dera à luz e o criou em pequeno; como ouviu a voz estrídula das Sereias "" e chegou às Planctas - os rochedos da terrível Caribdes e de Cila, donde jamais os homens escaparam, ilesos; como os seus companheiros mataram as vacas do Sol e como Zeus altitonante lhe feriu, com um raio fumífero, a nau ligeira e lhe fez perecer, simultaneamente, todos os seus companheiros esforçados, sem ninguém, menos ele, escapar da morte. Contou, depois, como foi ter à ilha de Ogígia, da ninfa Calipso, que, desejando-o para esposo, o deteve na concavidade da sua gruta, o alimentou e afirmava que havia de tomá-lo imortal e isento da velhice, sem jamais lhe convencer o coração; como chegou, finalmente, após tantos trabalhos, à terra dos Feácios, que o honraram, como a um deus, e o coadunam à terra pátria, depois de lhe

darem bronze, ouro em abundância e vestidos. Estas foram as suas últimas palavras, porque sob veio-lhe um sono suave, que lhe subjugou os membros e libertou de cuidados o seu coração.

Por este tempo, Atena, a deusa de olhos brilhantes decidiu um novo projecto. Quando lhe pareceu que Ulisses já estava saciado, no seu coração, das delícias do sono e do leite, fez surgir, imediatamente, do Oceano a madrugadora Aurora de áureo trono, para levar aos homens a luz. Ulisses, então, levantou-se da cama mada e disse a sua esposa.

- Mulher, foram muitos os trabalhos que nós dois sofremos: tu aqui, a suspirar pelo meu regresso, enquanto Zeus e os outros deuses me detinham, entre aflições,. longe da pátria, da terra, da qual estava saudosos. Mas, enfim, reencontramo-nos neste leite muito amado. Agora devo cuidar dos haveres que tenho neste palácio. Quanto aos rebanhos, que os pretendentes

337 O-22 XXIII [357-372)

soberbos me devoraram, eu próprio apoderar-me-ei de muitas reses e os Aqueus dar-me-ão outras, até que enchamos todos os estábulos.

Eu vou agora ao pomar ver o meu ilustre pai, que muito se tem afligido por minha causa. A ti, mulher, ainda que és cordata, recomendo-te que, apenas com o nascer do Sol se divulgue a notícia de que matei os pretendentes, no palácio, subas com as escravas para o andar superior da casa; e permanecem aí, sem dirigir a palavra a ninguém nem perguntar nada.

Ditas estas palavras, pôs em volta dos ombros as suas belas e o#ipot-queiro e ordenou-lhes que tomassem as suas armas de guerra. Eles, obedientes, vestiram as armaduras de bronze; e abriram a porta e saíram com Ulisses à frente. A luz já se difundia pela terra; mas Atena envolveu-os em escuridão e conduziu-os rapidamente para fora da cidade.

[I-28]

RAPSÓDIA XXIV

A caminho do Hades. A paz

[Hermes, o deus cilénio " , chamava as almas dos pretendentes, que acorriam ao seu apelo. Tinha nas mãos a formosa varinha de ouro, que lhe serve para encantar os olhos dos homens e para despertar aqueles que dormem. Com ela punha as almas em movimento; e elas seguiam-no, soltando pequenos gritos. Do mesmo modo que os morcegos, pelo fundo de uma gruta divina, quando um deles se desprende da rocha, a que estava agarrado, dão pequenos guinchos e esvoaçam, assim era o ruído que faziam as almas atrás de Hermes, do deus bem-fazejo, que as conduzia pelos caminhos húmidos, na direcção do curso do Oceano ". Passada a Pedra Branca, as portas do Sol e o país dos Sonhos, rapidamente atingiram o Prado do Asfódelo, onde habitam as sombras, fantasmas dos mortos.

Ali encontraram a sombra de Aquiles, filho de Peleu, e as de Pátroclo, do nobre Antíloco e de Ajax, que sobrepujava em beleza e estatura os outros Dánaos, a seguir ao nobre Pelida. Como estivessem em volta de Aquiles, aproximou-se deles, aflita, a sombra de Agamémnone, filho de Atreu, com todos quantos tinham perecido com ele, em casa de Egisto, em cumprimento do seu destino.

A sombra do filho de Peleu foi a primeira a falar-lhe:

-Atrida, nós julgávamos que, de todos os heróis, jamais deixarias de ser o mais caro a Zeus, que se compraz no raio, porque no país dos Troianos, onde nós, os Aqueus, sofremos tantas calamidades, tinhas à tua ordem um grande exército de guerreiros valorosos; contudo também te devia surpreender cedo

339 XXIV [29-61)

a Parca funesta, a quem ninguém escapa, depois de ter nascido. Oxalá tivesses encontrado a morte em cumprimento do teu destino, no país dos Troianos, gozando das honras de comandante supremo do exército. Então, os Panaqueus

erigir-te-iam um túmulo e alcançarias a teu filho grande renome, no porvir. Foi-te, porém, reservada pelo destino a mais deplorável das mortes.

Replicou-lhe a sombra do Atrida:

- Ditoso filho de Peleu, Aquiles semelhante aos deuses, que morreste em Tróia, longe de Argos. Por tua causa, pela posse do teu cadáver, morreram em combate os mais valorosos filhos dos Troianos e dos Aqueus, enquanto tu jazias, envolto num turbilhão de poeira, gigantesco, sobre uma grande superfície de terra e esquecido da arte de guiar cavalos. Nós combatemos durante todo o dia; e não teria terminado a refrega, se Zeus não lhe pusesse termo, por meio de um furacão. Depois, levámos-te do campo de batalha para as naus, depusemos-te num leito e, lavado o teu belo corpo em água tépida, ungimo-lo. Entrementes, os Dánaos, à tua volta, derramavam muitas e ardentes lágrimas e cortavam a cabeleira "".

Ao ouvir a notícia, veio do mar a tua mãe com as imortais deusas marinhas; e, por sobre as ondas, retumbou um clamor imenso, que fez estremecer todos os Aqueus. Estes ter-se-iam precipitado para as suas naus bojudas, se os não detivesse um varão largamente dotado de uma velha sabedoria: foi Nestor, cujo conselho parecia sempre o mais acertado. Ele, então, dirigiu- lhes, benévolo, a palavra, dizendo: Defende-vos, Argivos! Não fujais, filhos dos Aqueus! Esta é a mãe de Aquiles, que vem do mar com as imortais deusas marinhas ao encontro do seu filho morto.

Assim disse; e os Aqueus magnânimos detiveram a fuga. As filhas do velho do mar ¹¹² rodearam-te, depois, a chorar e a lastimar-te e vestiram-te de vestes divinas. As nove musas¹⁸³ carpiram-te, alternadamente, com a sua bonita voz; e não terás visto nenhum dos Aqueus com o rosto enxuto, de tal modo

340 XXIV (62-97)

os comovia o canto das musas. Durante dezassete noites e dezassete dias, choraram-te os deuses imortais e os homens

perecedores; mas, no décimo dia, entregámos-te ao fogo; e, à tua volta, matámos grande número de ovelhas gordas e de bois de andar bamboleante. E tu, envolto em vestidos divinos, ardeste com muito unguento e mel do mais doce. Ao mesmo tempo . que a pira consumia o teu corpo, muitos heróis aqueus, peões e cavaleiros, corriam em volta com as suas armas, o que produzia um grande fragor.

Quando a chama de Hefesto, Aquiles, te havia queimado de todo, recolhemos, de madrugada, os teus ossos brancos em vinho puro e em unguento. A tua mãe dera-nos uma ânfora de ouro, que afirmava ser dádiva de Dioniso e obra do ínclito Efesto. Dentro dela, ilustre Aquiles, foram colocados os teus brancos ossos, de mistura com os do defunto Pátroclo, filho de Menécio; e noutro vaso, os de Antíloco, de todos os teus companheiros o que mais honraste, após a morte de Pátroclo. Sobre eles, depois, o sacro exército dos Argivos belicosos erigiu um túmulo magestoso e magnífico, no termo do promontório, à entrada do Helesponto, para que, ao largo do mar, pudesse ser visto pelos homens de hoje e pelos vindouros.

Em seguida, a tua mãe, com o consentimento dos deuses, pôs no meio da liça prémios excelentes para os Aqueus que se distinguissem nos concursos. Apesar de teres assistido aos funerais de muitos heróis, quando os jovens se cingem e dispõem para o certame, como por ocasião da morte de um rei, havias, contudo, de te admirar em extremo no teu coração, ao ver aqueles prémios excelentes, que em tua honra depôs Tétis, a deusa dos pés argênteos, em prova de quanto eras caro aos deuses. Assim, o teu nome não pereceu com a morte; e a tua gloriosa fama continuará a subsistir entre os homens, perpetuamente. Quanto a mim, que me aproveitou ter terminado a guerra? No meu regresso à pátria, Zeus maquinou contra mim uma morte deplorável pelas mãos de Egisto e da minha esposa funesta.

341 XXIV [98-134)

Tal era o colóquio que tinham entre si, quando se aproximou deles o mensageiro Argifontes, que conduzia as almas dos pretendentes mortos por Ulisses. Os dois, como as vissem, foram, admirados, ao seu encontro. A sombra de Agamémnone

Atrida reconhecera o filho de Menelau, o ínclito Anfimedonte, porque tinha sido o seu hóspede em Ítaca, onde habitava. A primeira a falar foi a sombra do filho de Atreu:

- Porque desceste a esta lóbrega região, ó Anfimedonte, com todos esses varões de escol e em idade iguais? Quem quisesse reunir os homens mais distintos de uma cidade, não poderia escolher melhor. Matou-vos, porventura, Posidão nas vossas naus, depois de suscitar contra vós ventos furiosos e enormes vagas? Ou pereceste, na terra firme, às mãos dos vossos adversários, por lhes quererdes arrebatardes os seus bois e os bonitos rebanhos de ovelhas; ou em combate, para vos apoderardes de alguma cidade e das suas mulheres? Responde à minha pergunta, pois orgulho-me de ter sido o teu hóspede. Não te lembras de eu ir a Ítaca, à vossa casa, com o deiforme Menelau, para exortar Ulisses a seguir-nos para Ílion nas naus de boa cobertura? Foi necessário um mês completo, para atravessarmos o vasto mar e a custo convenceremos o assolador de cidades.

Replicou-lhe a sombra de Anfimedonte:

- Gloriosíssimo Atrida, comandante de guerreiros, Agamémnone, eu lembro-me de tudo quanto dizes, aluno de Zeus; e vou contar-te com toda a exactidão o caso da nossa morte desgraçada. Nós pretendíamos a esposa de Ulisses, que estava já há longo tempo ausente. Ela, porém, não recusava um casamento detestável nem se decidia a aceitá-lo, com a ideia de que nos sobreviesse a morte e a negra Parca. Eis o ardil que cogitou na sua mente. Levantou, no palácio, um grande tear e pôs-se a tecer um véu subtil e imenso; depois, disse-nos: jovens, meus pretendentes, visto o dioino Ulisses ter morrido, não apresseis as minhas núpcias. Deixai-me acabar a mortalha destinada ao herói Laertes não suceda que se inutilizem os fios), para quando o surpreender o destino fatal da

342 XXIV [135-172)

morte prostradora. Temo que as Aqueias me censurem pela

cidade, se for enterrado sem mortalha quem possuía tantos bens.

Assim falou ela; e o nosso coração deixou-se convencer. Desde então, durante o dia, lidava nessa grande teia; de noite, porém, desmanchava-a à luz das tedas. Deste modo, conseguiu, durante três anos, dissimular o artil e que os Aqueus acreditassem nela. Mas, no quarto, quando, no curso das estações, volveram a suceder-se meses e dias em grande número, então uma das suas mulheres, que conhecia bem o caso, contou-o a nós, que fomos surpreendê-la a desmanchar a teia magnífica. Foi assim que ela, mau grado seu, se viu obrigada a concluí-la.

Quando Penélope nos mostrou a mortalha, essa grande teia, toda tecida e lavada, cujo brilho se assemelhava ao do Sol ou da Lua, nesse tempo, uma divindade funesta trouxe Ulisses de um lugar, nos extremos da ilha, onde o porquero tinha a sua morada. Ali fora também ter o filho do divino Ulisses, após o seu regresso, numa nau escura, da arenosa Pilo. E, combinada a morte dos pretendentes, os dois partiram para a ínclita cidade: primeiro, Telémaco e Ulisses, atrás, conduzido pelo porquero e coberto com uns vis andrajos. Tinha a aparência de um velho e infeliz mendigo, apoiado a um bastão e vestido apenas de farrapos. Ao apresentar-se, de súbito, ninguém de nós conheceu que o mendigo era Ulisses, nem sequer os mais idosos; por isso, maltratámo-lo com palavras e golpeámo-lo. Entretanto, ele sofria de ânimo paciente os insultos e os golpes, no seu próprio palácio. Um dia, enfim, por inspiração de Zeus, portador da égide, levou, com ajuda de Telémaco, as armas esplêndidas para o seu arsenal, que fechou com os ferrolhos. Depois, com grande astúcia, ordenou a sua esposa que apresentasse aos pretendentes o arco e os ferros luzidios, para a celebração de um certame entre nós, infelizes, votados à morte, o que foi o princípio do morticínio.

Nenhum de nós pôde armar o riço arco; tínhamos muito pouca força para isso. Quando ele ia passar às mãos de Ulisses,

gritámos todos em tom ameaçador que não lho entregassem, não obstante tudo quanto pudesse alegar; mas Telémaco interveio e ordenou que lho entregassem. Apenas o paciente e egrégio Ulisses recebeu o arco, armou-o com toda a facilidade e atravessou os ferros. Em seguida, foi prostrar-se na soleira da porta com os dardos ligeiros colocados a seus pés, donde, lançando terríveis olhares em volta, matou Antínoo, o nosso chefe. Morto este, disparou com pontaria certa as penetrantes setas contra os demais, que iam caindo uns junto dos outros. Evidentemente, algum dos deuses ajudava a Ulisses e aos seus, porque, cedendo ao seu furor, arremeteram, de repente, pela sala, e matavam de um lado e doutro, entre os bramidos horrorosos dos que eram golpeados na cabeça, cujo sangue inundava todo o solo.

Foi deste modo, Agamémnone, que perecemos; e os nossos corpos jazem ainda insepultos, na morada de Ulisses. Nada sabem os nossos parentes; aliás, ter-nos-iam lavado o sangue negro das feridas e haver-nos-iam pranteado e sepultado, pois estas honras são devidas aos mortos.

A sombra do filho de Atreu tomou, então, a palavra:

- Ditoso filho de Laertes, Ulisses fecundo em recursos. Tu possuis uma esposa dotada de grande virtude. A nobre Penélope, filha de Icário, não se esqueceu de Ulisses, o seu marido legítimo; por isso, não perecerá jamais a glória da sua virtude e os imortais hão-de inspirar aos homens belos cantos em honra da sensata Penélope. Diferente dela foi a filha de Tindareu "", a qual premeditou obras iníquas e deu a morte a seu esposo. Um canto fá-la-á odiosa entre os homens- canto, que atrairá um renome infame sobre todas as mulheres, até sobre a que for honesta.

Tal era o colóquio que tinham entre si, na casa de Hades, [nos profundos seios da terra].

Ulisses "" e os seus companheiros, depois de descerem da cidade, depressa atingiram a bela e bem-cultivada fazenda de Laertes. Este próprio adquirira-a, outrora, à custa de

infinitas

344 XXIV (208-245)

canseiras. Ali tinha a sua morada, cingida das dependências, onde os escravos, que trabalhavam às suas ordens' costumavam assentar-se, comer e dormir. Uma velha da Sicília cuidava dele, no campo, longe da cidade, onde o ancião vivia.

Apenas chegaram, Ulisses ordenou aos seus escravos e ao filho:
- Entrai já na casa de construção sólida e imolai imediatamente o melhor dos porcos para a nossa refeição. Eu vou, entretanto, ver se o meu pai me reconhece, quando em mim puser os olhos, ou se lhe serei estranho, após a minha longa ausência.

Após estas palavras, entregou aos escravos as suas armas bélicas, os quais entraram logo em casa. Ulisses, por seu turno, correu ao pomar frutífero em procura do pai. Não o encontrou, porém, aí. Dólio também não estava, nem algum dos escravos ou dos seus filhos; tinham ido buscar pedra "", conduzidos pelo velho Dólio, para uma vedação em volta do pomar. Ulisses encontrara o pai a limpar o pé de uma árvore das ervas daninhas. Vestia uma roupa miseranda, suja e remendada. Em volta das pernas, para se defender das arranhaduras, pusera umas peles de boi já com remendos; as mãos protegera-as contra os espinheiros com umas luvas; e em cima, na cabeça, tinha um barrete de pele de cabra, que reforçava ainda mais o seu aspecto triste

O paciente e divino Ulisses, ao ver o seu pai assim acabrunhado da velhice, sentiu o ânimo abalado pela emoção e parou, junto de uma alta pereira, com o rosto inundado de lágrimas, sem saber se devia beijar e abraçar o pai e contar-lhe o seu regresso e como chegara à terra pátria, ou se devia, primeiro, interrogá-lo e informar-se de tudo. Achou, por fim, que era preferível tentá-lo com palavras inocentemente escarninhas. Com este pensamento, caminhou direito ao pai, que, nesta ocasião, cavava, de cabeça baixa, em volta de uma árvore. Ulisses aproximou-se e disse a Laertes:

- Velho, vejo que não és inábil para o cultivo do pomar. Aqui está tudo bem cuidado. Tanto as árvores, a figueira, a

345 XXIV [246-284)

oliveira e a pereira, como a vinha e as hortaliças, nada disto, no teu vergel, denota descuido. Outra coisa te vou dizer, que não deves levar a mal. Do que não tratas bem é de ti próprio. Que triste velhice a tua e, por demais, sujo e miseravelmente vestido! Não será isso, por o teu senhor te haver punido, por causa da preguiça? Mas o teu aspecto não inculca servidão. Há em ti qualquer coisa que denuncia um rei, ou um daqueles que, depois de um banho e de um banquete, se estiram em brando leito, como costumam fazer os velhos. Fala e responde-me sem reбуço. De quem és escravo? A quem pertence o pomar que cultivas? Responde-me também a isto, pois preciso de sabê-lo: esta terra é, na verdade, ïtaca? Assim mo afirmou um homem, que encontrei, ao vir para aqui. Como, porém, era falho de tino, não soube dar-me nenhuma informação segura nem responder-me, acerca do meu hóspede - se ainda vive ou se a morte o enviou já para o Hades. Por isso, atende ao que vou dizer. Há tempos, hospedei em nossa casa um varão, que chegou à minha pátria e que me era mais caro do que qualquer outro hóspede de terras longínquas, que tem vindo acolher-se ao meu lar. Orgulhava-se de ser oriundo de uma família de ïtaca; dizia que o seu pai era Laertes, filho de Arcésio. Eu conduzi-o para a minha casa, dei-lhe hospitalidade condigna e tratei-o com todo o carinho, conforme os recursos abastados, de que dispunha. Depois, à despedida, ofereci-lhe os dons convenientes: brindei-lhe sete talentos de ouro bem trabalhados, uma cratera toda de prata, com flores insculpidas, doze mantos singelos, outros tantos tapetes, outras tantas bonitas capas e outras tantas túnicas, afora quatro mulheres de bela aparência, que ele próprio escolheu, hábeis para a execução de finos favores.

Respondeu-lhe o pai, por entre lágrimas:

- Estrangeiro, tu chegaste à terra, pela qual perguntas.

Ela é dominada por homens insolentes e iníquos; e baldadamente deste esses presentes, em tão grande número. Se encontrasses vivo o teu hóspede, em terras de Ítaca, ele só te deixaria partir,
346 XXIV [285-317]

depois de te corresponder generosamente com os seus dons e com uma boa hospitalidade, porque manda a justiça que se dê a quem deu primeiro. Mas fala e responde-me sem reboço. Há quantos anos recebeste em tua casa ao teu infeliz hóspede? Esse desafortunado é meu filho, pelo menos foi-o um dia, o qual, talvez, longe dos amigos e da pátria, deu pasto aos peixes do mar, ou, na terra firme, às feras e às aves! A sua mãe não o chorou, depois de o ter amortalhado, nem tão-pouco eu, que o gerei. A esposa ricamente dotada "", a sensata Penélope, também não pôde, como era justo, lamentar o marido, no seu leito fúnebre, depois de lhe ter fechado os olhos - última homenagem devida aos mortos.

Fala-me com franqueza, para que fique bem informado. Quem és tu? A que país pertences? Onde fica a tua cidade? Os teus pais onde moram? Onde está a nau ligeira, que te trouxe a ti e aos teus companheiros deiformes? Ou vieste como passageiro no barco de outrem, que, depois de tu desembarcares, continuou viagem?

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

- Vou responder-te com toda a sinceridade. Eu sou de Alibante, onde habito num palácio magnífico. Meu pai é o rei Afidante, filho de Polipémone. A mim chamam-me Epérito; e fui constrangido por um deus a andar errante, desde Sicânia até aqui. A rainha não ficou ancorada longe da cidade, ao pé dos campos. Vai já há quatro anos que Ulisses partiu de além e que deixou a minha pátria. Infeliz! Na partida, os presságios eram-lhe favoráveis, eram de felicidade, pelo que despedi com alegria o meu hóspede, que se alegrava também, pois o nosso coração esperava que, um dia, ainda nos ajuntaríamos à mesa hospitaleira e daríamos ricos presentes um ao outro.

Após estas palavras de Ulisses, uma nuvem sombria de dor envolveu Laertes, que irrompeu em gemidos e, tomando com ambas as mãos poeira negra, cobria com ela a sua cabeça branca.

347 XXIV [318-350]

Comoveu-se o coração de Ulisses; e começou a sentir, à vista do pai, um forte prurido nas narinas - prenúncio de lágrimas. Lançou-se, então, para ele, estreitou-o nos braços e beijou-o, dizendo:

- Pai,..eu sou aquele por quem tu perguntas. Eis-me aqui, após vinte anos de ausência da terra pátria. Põe termo às lágrimas e aos gemidos. Escuta. Nós não temos tempo a perder. Eu matei os pretendentes na nossa casa; puni-lhes a insolência e as suas acções perversas.

Replicou-lhe Laertes: -

- Se tu és Ulisses, o meu filho, que chegou agora à sua terra dá-me um sinal evidente, para que acredite em ti.

Respondeu-lhe o prudente Ulisses:

- Primeiramente, examina com os teus olhos a cicatriz da ferida que, no Parnaso, me fez um javali com o seu alvo dente, quando tu e a veneranda mãe me enviaram a casa de Autólico, pai da minha mãe, para receber os presentes que ele, ao visitar-nos, me Prometera - promessa que confirmara com um sinal da cabeça. Além disso, sou capaz de dar-te outra prova, de apontar-te, no teu vergel bem c'uidado, as árvores, que a meu pedido me deste, quando, em criança, uma vez por aqui passeava contigo. Tu ensinavas-me, então, o nome particular de cada árvore' e deste-me, então, treze pereiras, dez macieiras e quarenta figueiras. Prometeste que me darias também cinquenta renques de cepas, cada um dos quais frutifica em época diferente; e que dão uvas de maturação variada, quando as estaçõesde Zeus as fazem medrar.

Ao ouvir estas palavras, a Laertes desfaleceram os

joelhos e o coração, pois reconhecia que eram verdadeiros os sinais que o seu filho dera, sem hesitar. Lançou, pois, os braços em redor do paciente e egrégio Ulisses, o qual, por sua vez, apertou contra o peito o ancião anelante. Mas, quando já respirava bem e o seu coração tomara alento, pronunciou, em resposta, estas palavras:

348 XXIV [351-387)

- Pai Zeus! Por certo, vós, os deuses do vasto Olimpo, se ainda existis, se na verdade os pretendentes pagaram as suas insolências loucas. Mas sobrevém-me agora um grande receio de que os Itacences nos acometam aqui, em breve, e de que enviem mensageiros a todas as cidades dos Cefalénios.

Respondeu-lhe o prudente Ulisses:

- Cobra ânimo e não cuides de tais coisas no teu coração. Vamos para a casa, que está junto do pomar, onde mandei Telémaco, o boieiro e o porqueiro preparar-nos a refeição, sem demora.

Dito isto, dirigiram-se para a bela morada. Quando chegaram, encontraram Telémaco, o boieiro e o porqueiro, atarefados com o esquartejamento da carne e a regarem as postas com excelente vinho tinto. A criada da Sicília foi logo banhar o magnânimo Laertes, que ungiu, depois, com óleo e envolveu num belo manto. Atena correu, em seguida, e fez parecerem mais desenvolvidos os membros do pastor de povos e mais alto e encorpado do que antes era. Por isso, quando saiu do banho, o seu filho admirou-se de o ver tão semelhante aos deuses imortais; e dirigiu-lhe estas palavras aladas:

- f meu pai, é, certamente, algum dos deuses sempiternos quem te faz parecer mais belo e maior.

Replicou-lhe o avisado Laertes:

- Oxalá, pai Zeus, Atena e Apolo, eu fosse tal, como quando conquistei Nérico, a cidade forte, na costa da terra

firme e reinava sobre os Cefalénios I Se ontem fosse, como então, e estivesse a teu lado, vestido de armadura, para defender-te dos pretendentes, teria, na sala, quebrado os joelhos de muitos, para alegria da tua alma.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Entretanto, Telémaco e os escravos tinham terminado os preparativos da refeição. Como estivessem já assentados, por ordem, em cadeiras e poltronas, prestes a principiar o repasto, aproximou-se, nesse momento, Dólio com os seus filhos. Estes vinham cansados dos

349 XXIV [388-422)

campos, aonde a mãe, a velha da Sicília, os tinha ido chamar, a qual tratava não só deles, mas cuidava com desvelo também do ancião, já oprimido pela velhice. Apenas viram Ulisses e o reconheceram, ficaram de pé, estupefactos. Ulisses, porém, falou a Dólio com palavras benévolas:

- Assenta-te à mesa, velho. Deixa-te de pasmos. Há muito tempo que estamos aqui, desejosos de comer, à vossa espera.

Assim disse; e Dólio foi direito a Ulisses, de braços abertos; tomou-lhe o pulso e beijou-lho, dizendo estas palavras aladas:

- Enfim, voltaste, amigo. Nós muito desejámos o teu regresso, mas já poucas esperanças tínhamos de que viesses. Foram os deuses quem te trouxe. Salve. Que eles te façam feliz. Mas responde-me com toda a franqueza, para que fique bem informado. A sensata Penélope já sabe que vieste ou devo ir avisá-la?

Replicou-lhe o prudente Ulisses:

- Ela já sabe. Não te preocupes, velho, com isso.

Ouvido a resposta, Dólio foi assentar-se num polido escabelo. Então, os seus filhos, do mesmo modo que ele, rodearam o nobre Ulisses, tomaram-lhe as mãos e saudaram-no.

Depois assentaram-se junto de Dólio, seu pai.

Enquanto eles, na casa, tomavam a sua refeição, a Fama, rápido mensageiro, divulgava pela cidade a sorte dos pretendentes e o seu fim lamentável. Os cidadãos, à medida que ouviam a notícia, acorriam, uns de um lado, outros de outro, a apresentar-se, com gemidos e lamentos, em frente do palácio de Ulisses. Cada um levava o morto da sua família e dava-lhe sepultura. Quanto aos das outras cidades, foram encarregados pescadores de os transportar em naus ligeiras e de os entregar às casas, a que pertenciam.

Em seguida, o povo pôs-se a caminho da ágora com o coração repleto de tristeza. Depois de ter concorrido e de se reunir a assembléia, levantou-se Eupites para falar. A sua alma estava

350 XXIV [388-422)

campos, aonde a mãe, a velha da Sicília, os tinha ido chamar, a qual tratava não só deles, mas cuidava com desvelo também do ancião, já oprimido pela velhice. Apenas viram Ulisses e o reconheceram, ficaram de pé, estupefactos. Ulisses, porém, falou a Dólio com palavras benévolas:

- Assenta-te à mesa, velho. Deixa-te de pasmos. Há muito tempo que estamos aqui, desejosos de comer, à vossa espera.

Assim disse; e Dólio foi direito a Ulisses, de braços abertos; tomou-lhe o pulso e beijou-lho, dizendo estas palavras aladas:

- Enfim, voltaste, amigo. Nós muito desejámos o teu regresso, mas já poucas esperanças tínhamos de que viesses. Foram os deuses quem te trouxe. Salve. Que eles te façam feliz. Mas responde-me com toda a franqueza, para que fique bem informado. A sensata Penélope já sabe que vieste ou devo ir avisá-la?

Replicou-lhe o prudente Ulisses:

- Ela já sabe. Não te preocupes, velho, com isso.

Ouvido a resposta, Dólio foi assentar-se num polido escabelo. Então, os seus filhos, do mesmo modo que ele, rodearam o nobre Ulisses, tomaram-lhe as mãos e saudaram-no. Depois assentaram-se junto de Dólio, seu pai.

Enquanto eles, na casa, tomavam a sua refeição, a Fama, rápido mensageiro, divulgava pela cidade a sorte dos pretendentes e o seu fim lamentável. Os cidadãos, à medida que ouviam a notícia, acorriam, uns de um lado, outros de outro, a apresentar-se, com gemidos e lamentos, em frente do palácio de Ulisses. Cada um levava o morto da sua família e dava-lhe sepultura. Quanto aos das outras cidades, foram encarregados pescadores de os transportar em naus ligeiras e de os entregar às casas, a que pertenciam.

Em seguida, o povo pôs-se a caminho da ágora com o coração repleto de tristeza. Depois de ter concorrido e de se reunir a assembléia, levantou-se Eupites para falar. A sua alma estava

350 XXIV (423-456)

transida de uma dor atroz, por causa de Antínoo, o seu filho, que fora a primeira vítima do divino Ulisses. Por isso, falou nestes termos, por entre lágrimas:

- Na verdade, amigos, foi enorme o crime que este homem perpetrrou contra os Aqueus. Depois de partir com muitos varões esforçados nas suas naus, fez perecer a equipagem e com ela as suas naus côncavas; em seguida, no seu regresso, matou os mais ilustres dos Cefalénios. Vamos, antes que fuja para Pilo ou para a divina Élida, onde dominam os Epeus. Marchemos contra ele, aliás, seremos perpetuamente difamados. É uma vergonha, que perdurará no futuro, se não vingamos a morte dos nossos filhos e irmãos. E eu não encontraria prazer na vida; preferiria expirar já e ir ajuntar-me aos que morreram. Partamos já, antes que eles "" embarquem.

Assim falou Eupites, a chorar; e a compaixão apoderou-se de todos os Aqueus. Neste momento, sobrevieram Medonte e o divino aedo, vindos do palácio de Ulisses, depois de o sono os ter deixado, cuja aparição, no meio da assembléia, encheu de assombro '9' a todos os circunstantes. O avisado Medonte,

tomando a palavra, disse-lhes:

- Ouvi-me, Itacenses. Não foí contra a vontade dos deuses imortais que Ulisses premeditou e realizou essa façanha. Eu próprio vi um deus ímortal, em tudo semelhante a Mentor, que estava à sua beira. Este deus ímortal umas vezes aparecia ao lado de Ulisses, incutindo-lhe ânimo, outras vezes lançava a confusão entre os pretendentes, que caíam pela sala uns sobre os outros.

Ao ouvirem estas palavras, empalideceram todos de medo. Em seguida, falou o velho herói Aliterse, filho de Mastor, o único, entre eles, que conhecia o passado e o futuro. Para bem de todos, levantou a voz e disse:

- Ouvi, Itacenses, o que vos vou dizer. Foi por fraqueza vossa, amigos, que sucedeu essa desgraça. Vós não acreditastes

XXIV [457-490)

vos exortávamos a pôr termo às loucuras dos vossos filhos, os quais com uma petulância funesta cometiam o crime infando de devorar os bens de um varão nobre e de lhe ultrajar a esposa, na convicção de que ele não voltaria mais. Agora procedei deste modo; segui o meu conselho: não partamos contra eles, que isso seria atrair sobre nós a desgraça.

Apenas acabou de falar, a maior parte da assembléia levantou-se com grande tumulto, ao passo que os outros permaneceram no mesmo lugar. Aqueles, a quem Eupites convencera, não lhes agradou o discurso e lançaram-se logo para as armas, os quais, depois de vestirem o bronze reluzente, foram reunir-se fora da cidade espaçosa. Eupites pôs-se loucamente à frente deles, na esperança de vingar a morte do filho; mas não devia regressar do campo de batalha: aí acabaria o seu destino.

Por este tempo, dizia Atena a Zeus, filho de Crono:

- Pai nosso, dominador supremo, respDnde#@ @@ pergunta.

Que intenção ocultas dentro do peito? Farás prolongar a guerra perniciosa e a sua confusão terrível, ou tencionas restabelecer a amizade entre os dois partidos?

Zeus, o amontoador das nuvens, respondeu-lhe:

- Minha filha, porque me perguntas e inquires isso de mim? Não urdiste tu própria o plano de que Ulisses, no seu regresso, se vingasse dos seus inimigos? Procede como quiseses. Todavia quero declarar-te o que é oportuno. Uma vez que o egrégio Ulisses se vingou dos pretendentes, que ele continue a reinar em Ítaca, depois de prestados os juramentos de fidelidade mútua. Nós lancemos o esquecimento sobre o morticínio dos filhos e dos irmãos; e os inimigos, amando-se uns aos outros, verão, como antes, florir a riqueza e a paz.

Assim disse; e incitou ainda mais o ardor de Atena, que, impetuosa, baixou dos cumes do Olimpo.

Na casa de Laertes, quando os convivas tinham já saciado o apetite com os manjares saborosos, o paciente e egrégio Ulisses tomou a palavra:

352 XXIV

Saia alguém a observar se os inimigos estão perto! Ouvidas estas palavras, um dos filhos de Dólio saiu, como Ulisses ordenara; mas ficou na soleira da porta, porque via o inimigo já a aproximar-se. Imediatamente, dirigiu ao filho de Laertes estas palavras aladas:

- Eles estão ali já. Armemo-nos sem demora.

Assim disse; e levantaram-se todos da mesa. Ulisses com os seus e os seis filhos de Dólio vestiram as armaduras. Laertes e Dólio-ambos encanecidos, feitos soldados à força-armaram-se também. Todos revestidos de bronze reluzente, abriram a porta e saíram atrás de Ulisses.

Então, Atena, a filha de Zeus, semelhante a Mentor na figura e na voz, aproximou-se deles. Regozijou-se o paciente e egrégio Ulisses com a sua vista e, imediatamente, disse a Telémaco, seu filho:

- Telémaco, agora que vais para o combate, para o meio da refrega, onde se distinguem os valorosos, é ocasião de mostrar a todos que não desonras a raça dos teus pais, que, pela força e valentia, nos notabilizámos sobre a terra.

Respondeu-lhe o avisado Telémaco:

- Hás-de ver, meu pai, se quiseses, que com os sentimentos que me animam não desonro, como desejas, a tua linhagem.

Estas palavras alegraram Laertes, que exclamou:

- f deuses, meus amigos, que dia para mim. Que grande júbilo sinto. O meu filho e o neto contendem acerca da valentia.

Neste momento, Atena, a deusa de olhos brilhantes, aproximou-se de Laertes e disse-lhe:

- Filho de Arcésio, ó mais caro de todos os meus amigos, eleva as preces à deusa de olhos brilhantes e a Zeus, seu pai
I Em seguida, brande e arremessa a comprida lança.

Dito isto, Palas Atena insuflou-lhe um grande valor. Ele, depois de dirigir as suas preces à filha do grande Zeus, imediatamente brandiu e arremessou a comprida lança, que feriu Eupites através do capacete de faces de bronze. Não podendo este deter

353 XXIV

o golpe, o homem caiu com grande estrondo, atravessado pela lança, e sobre Eupites a armadura ressou. Por seu turno, Ulisses e o seu filho ilustre investiram contra os inimigos da primeira linha, que feriam com espadas e com lanças de duas pontas. E, certamente, tê-los-iam matado a todos e privado do regresso, se Atena, filha de Zeus, portador da égide, não contivesse os combatentes, dizendo em alta voz:

- Cessai, Itacenses, essa peleja cruel. Separai-vos já,

sem mais efusão de sangue.

Assim falou Atena; e eles, pálidos de terror, largaram as armas, que juncaram o solo. A voz da deusa causou-lhes um tal medo, que fugiram para a cidade, não pensando em mais nada do que em conservar a vida. O paciente e egrégio Ulisses deu, então, um grito terrível; e, reunindo todas as suas forças, lançou-se a persegui-los, semelhante a uma águia de altaneiro voo. O filho de Crono, porém, despediu um raio fumegante, que foi cair aos pés da filha do deus forte. Ela, então, Atena de olhos brilhantes, disse a Ulisses:

-Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, suspende o combate funesto e teme a cólera do filho de Crono, de Zeus de voz potente.

Assim falou Atena; e Ulisses obedeceu-lhe, de coração alegre. Depois, entre os dois partidos estabeleceu-se a concórdia, por intermédio de Palas Atena, filha de Zeus, portador da égide, que, na figura e na voz, se assemelhava a Mentor.

354

VIII

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

ORIGEM E SIGNIFICADO DA "ODISSEIA"

A Odisseia dá-nos a ilusão de ter sido composta no rescaldo da guerra de Tróia, cantada na Ilíada.

Se foi Homero o autor das duas epopeias, no todo ou em parte, não cantou por certo façanhas de heróis seus contemporâneos: os factos memorados ser-lhe-iam fins de século anteriores. Heródoto escreveu as suas Histórias que os tempos de Homero lhe ficavam 400 anos atrás. Ora este historiador nasceu em 484 a. C. e morreu em ... 425 (?), 408 406 Não vá o leitor ami o entender que o grande escritor, que haja morrido três vezes. É simplesmente um caso de minuciosa precisão de três compêndios de história literária

que tenho à mão.

Segundo, pois, as Histórias de Heródoto (II, 53), Homero viveu no século XI a. C. Tucídides afirma que o poeta nasceu bastantes anos depois da guerra de Tróia, e esta ter-se-ia dado uns oitenta anos antes da invasão dos Dórios, acontecimento de irroo. Por este cô#reputo, o cerco de Tróia fixa-se por alturas de 1180. Na opinião de Teopompe, Homero viveu no século VIII.

Tudo é incerteza acerca do autor da Ilíada e Odisseia. O mesmo quanto ao assunto dos dois poemas: não há base para decidir se houve ou não tal cerco de Tróia, se a Ilíada é um poema de fundo histórico ou mera fantasia guerreira; e o que se afirmar da Ilíada tem de dizer-se também da Odisseia, porque esta, na essência, deriva daquela, aí tem seu fundamento, de lá tira a sua verdade.

Do que não pode haver dúvida é de que as ditas epopeias são os monumentos literários da língua grega, os primeiros modelos de literatura universal que, por terem sido inspirados num penetrante, profundíssimo e amplo sentido de humanidade e em uma noção de beleza e ironia extremamente apurada e delicadíssima, ficariam assegurados de vida perene. Quanto à existência material das duas epopeias, tão-pouco se poderá dizer que tenha sido danificada ou alterada na vicissitude dos tempos. Há cerca de .200 manuscritos, compreendendo#ot@ a Ilíada e a Odisseia, ou só um dos poemas. Na maior parte são acompanhados de escólios,

XI

muito desiguais em merecimento, curiosos por vezes, quase sempre pueris ou ridículos. O conjunto destes manuscritos apresenta um texto uniforwe, reconhecido desde remota antiguidade, chamado vulgata, sobre que os eruditos alexandrinos exerceram as suas faculdades de crítica, mais ou menos perspicazes. As observações feitas nesta matéria em 180 a. C. aproximadamente por Aristarco de Samotrácia foram

mantidas em parte pelos escoliastas posteriores. Os manuscritos da Ilíada e da Odisseia não são muito antigos, mas geralmente são correctos. Há numerosos fragmentos da Ilíada em papiro que remontam ao I Século a. C.; um manuscrito incompleto com imagens, do século VI da nossa era (Ambrosianus); e um palimpsesto do VI ou VII século, conservado no Museu Britânico. ora estas velhas cópias não divergem em ponto algum de importância dos manuscritos mais recentes que nos dão o texto completo dos poemas de Homero. O melhor manuscrito da Ilíada é o Venetus A, cópia magnífica, do século X; o texto foi rigorosamente castigado pela crítica de Aristarco. Há ainda dois Laurentiani do século XI e um Townleianus (no Museu Britânico), do século XIII. Os manuscritos da Odisseia são um tanto mais recentes que os da Ilíada. Os que passam por melhores são: um Venetus do século XII, um Townleianus do século XIII, um Ambrosianus do século XIV. Os restantes pertencem geralmente aos séculos XIV e XV. (Vide Dr. Gow et S. Reinach), Minerve, PP- 36 e 37)-

Os principais heróis da Odisseia são os mesmos da Ilíada, a ora desmobilizados. Certamente o poeta não tinha à vista, ao Começar a Odisseia, os escoteiros e gigantes de Tróia, nem é seguro que não seja pura invenção as personagens e acontecimentos de ambas as epopeias; mas é manifesto que na transição do primeiro para o segundo poema a veemência do estro, que subira ao mais alto ponto da tensão heróica ao narrar, descrever e cantar a gesta incomparável, vai afrouxando, a imaginação candente do Aedo se vai revestindo do furor belicoso e os heróis vão-se humanizando, isto é, passada a crise guerreira, reentram nos sentimentos normais da vida pacífica. Tal é o significado da Odisseia.

Durava havia já de nove para dez anos o assédio de Ilion. As coisas não corriam muito ao agrado dos sitiados. Os Troianos, apertados,

XVII

comprimidos, ganharam o impulso violento que dá o exaspero ou

o desespero, e irromperam, pugnacíssimos, contra os Gregos. O morticínio foi pavoroso. Os Gregos aguentaram-se algum tempo, depois recitaram, por fim debandaram a salve-se quem puder. A salvação estava nos navios; mas na armada já lavrava o incêndio. A nau de Protesilau iluminava o cenário da catástrofe de um clarão sinistro; toda ela estava em chamas. Para cúmulo, os Gregos não tinham um chefe, ou, se o tinham, estava de reserva, retraído, irado e não facundo. Agamémnon, "o mais poderoso dos reis, pastor de povos", pai de diversos príncipes e principelhos, não contava em sua prole ninguém mais valente que o Pelida cem que ao menos lhe chegasse aos calcanhares, irão obstante um dos calcanhares de herói ter de ficar#calsinado no provérbio quíe havia de correr por séculos sem fim. Ao tempo Agamémnon e detestavam-se. O "pastor de povos" fizera ao herói a desfeita de lhe roubar uma de suas escravas. Este, irritadíssimo, abandonou os Gregos e retirou-se para os seus navios.

No campo adverso sucedia precisamente o contrário: os Troianos em seu arranque eram chefiados pelo mais intrépido e heróico de seus guerreiros, o preclaro Heitor.

Os Gregos, acicatados pelo terror, enviaram emissários a Aquiles para lhe suplicar que retomasse as armas, que lhes valesse. O Peleu permanece indiferente, altivo, inabalável em seu feroz ressentimento. Muito instado, abrandou um pouco, cedeu um quase nada, consentindo apenas, e muito, e com grão desdém, que levem à guerra a sua sombra, o seu gesto, a sua pele de leão: que vá o seu favorito Pátroclo revestido das suas armas fazer medo aos Troianos. Pátroclo marchou, de facto; e os guerreiros de Tróia, não todos mas no grosso do exército, deixaram-se cair no logro, fugindo vergonhosamente ante o suposto Aquiles e adiante do realíssimo Pátroclo. O destemido Heitor, esse não abandonou o campo, mas ficou ali pronto a batalhar com todos os Aquiles verdadeiros ou fingidos; num recontro que durou instantes pôs Pátroclo fora de combate.

Aquiles mirava de longe, de cenho carregado. A cena não lhe agradou e o semblante corvo não prognosticava coisa boa.

A ira gerou-lhe a resolução fulminante de tirar vingança terrível da morte do favorito. Com a velocidade coas que negra nuvem forma raios e relâmpagos, Hefestos,

XIIIxiii

o deus ferreiro, ali logo, como era preciso, faz tilintar vertiginosamente bigorna e martelos - num abrir e fechar de olhos fabrica novas armas para o herói da sua parcialidade e preferência.

Aquiles revestiu-se das defensivas, copiou as ofensivas e precipitou-se ao encontro de Heitor. Como era belo e terrível o alentado guerreiro "Ostentava diante de si para se defender o escudo magnífico e bem forjado; E balouçava com galhardia feroz o capacete brilhante de quatro cones, donde as belas crinas em tufo, ao alto, postas por Hefaios, lhe ondeavam em redor da fronte; Como Hesperos, a mais bela das estrelas do céu, refulge entre os astros da noite, assim brilhava a aguda ponta da lança que Aquiles brandia com a mão direita, pregostando a morte do divino Heitor e procurando com os olhos ávidos no seu belo corpo o lugar onde ela penetraria mais fundo.

As belas armas de que o Pelida havia despojado o cadáver de Pátroclo, para com elas se revestir, cobriam-lhe inteiramente o corpo, excepto na junção do ombro ao pescoço, sítio este por onde a fuga da alma é mais pronta: foi por ali que o divino Aquiles ensopou a pesada lança de bronze, sem atravessar o escopo, deixando intactos os órgãos da palavra."

Heitor mordeu o pó e o divino Aquiles blasonou: "julgavas talvez que, depois de haveres matado Pátroclo, mais nada tinhas a recear. Não pensaste em mim que estava ausente e Havia de prevenido nas cavas naus um vingador mais forte do que ele: era eu, que te vim quebrar as pernas. Aí Os cães e as aves vão entrar a contas contigo; e entretanto os Aqueus prestarão a Pátroclo as honras da sepultura."
(Ilíada, xxii).

A Ilíada é o centro da poesia homérica. A Odisseia deriva da Ilíada; em parte cobre seu epílogo.

Se é devida a um ou a diversos a autoria dos dois poemas, ambos eles são percorridos pelo mesmo e único surto de inspiração. No primeiro, a emoção ou comoção épica é impetuossíssima, ardente, altiva, fero por muitas vezes, nobre quase sempre, não excluindo da ânciã invencível de glória e do triunfo os compromissos de honra e os sentimentos de humanidade.

XIV

Na Odisseia o entusiasmo bélico da Ilíada abrande até a lealdade do idílio. Os principais heróis da Odisseia ancuraram no ardentíssimo cântico de guerra; mas os ânimos estão ou curados ou pelo menos em via de cura da alma na fúria guerreira. Todos eles caem na inove, salutar, melancólica reflexão: Post tot tantosque labores...

Nin a
i p riosa eces <guém aspira a mais aventuras, todos
sentem m e n ii
dade de voltar para casa. Odisseus (Ulisses), o espírito
mais ar u o,

<g t

em que o trilbo da experiência e trabalhos incontáveis
<geraram a sabe-

doria, torna-se o modelo da Reconsideração. Numa
pequenina ilha da

Grécia esperava-o, havia quantos anos! a avorável esposa
abandonada, a admirável, a prudente, a atilada, a recatada, a
incomparável mulher, de nome Penalopaia, Penelopeia,
Penalopeié ou Penélope. A âniã de paz era tal que o herói da
sabedoria - o te, o en

prudente, o subtil, o astuto, o mestre em expedientes, o sensato Odisseus - bria de romper por todos os obstáculos deste mundo e do outro para regressar a seu lar querido. E no fim chegou. A juventude de Telêmaco rebribe de alegria; a anfitriã ama Euricleia dá a taramela, derretendo-se em ternuras e dizendo ii;fitidas graçinhas; o cão da casa, já pelado de velhice, faz festas ao dono, a agzando a cauda. Penélope reconhece o esposo e cai-lhe nos braços. O destino da pátria, da vida tranquila, das felicidades domésticas, em

Grecos e Troianos, devia ser proporcional aos extremos da bravura

que tinham chegado. A que tinham chegado... e porquê? Ora, por nada. A vaidade das mulheres, a loucura dos homens! A primórdio, enredos, insídias amorosas, costumes de príncipes; depois, p4s-se em questão a honra, o pundonor dos povos inteiros; e daqui, a guerra generalizada guerra de assédio prolongada por toda uma década, e, ao cabo, o prílio in, gente, ferocismo, a Aquileida. Tal excesso de loucura cavou um abismo de reflexão. Houvesse o que houvesse, os heróis estavam loucos... por voltar aos braços de suas Penélopes. O poeta da Odisseia escolheu, para dar relevo dramático a este geral sentimento de acalmia, como foi, gura de expressão, o prudente, o sábio, o subtil, o fino Odisseus; e nisto andou muito bem. Mais adiante, porém,

xv

desde a IV à XII rapsódia, dir-se-á ter perdido de vista o seu herói, e intercalou um acervo de patranhas mal en, gendradas, pior enfiadas e nada a propósito, o que <grandev@nte desarmoniza a estrutura e perturba a boa sequência da epopeia. Na ideia aceitável de que a <grandeza do amor se pode medir pela <grandeza dos obstáculos vencidos, entendeu o velho Aoido que, para -significar quão intenso era o amor do nostálgico herói por sua terra, sua mulher, filho, pai, servos e servas, amigos e conhecidos, casa, herdades, etc., não havia melhor do que amontoar dificuldades e fazer

soltar sobre elas... o amor da pátria | Homero, se assim se chamava o cantor, entrepôs ao peito de Odisseus e aos braços de Penélopeia - e isto no louvável intuito de lhes preparar o encontro | - tudo quanto sabia ou pôde imaginar: a sedução das Sereias, a cenreira de Poseidão, a bruta Zéfir de Políemo (vá lá, até aqui não excede os termos das liberdades poéticas) ; mas todas as terras, ilhas, mares e braços de mar, o Hades mesmo...

Isto é falsear a psicologia do herói, tecendo-lhe uma história aversiva e absurda.

O desarranjo na estrutura do poema ou o faltar a organização da lição <g fã dos episódios causa a impressão de que o poeta, moralista, fez mal

a personagem, através da qual nos quis fazer a sua história de moral doméstica.

De facto o herói da Odisseia representa mal o modelo de casados, saiu fraco exemplar do pater-famílias; tem-se a suspeita de que está ali antes o hipócrita do amor à pátria e das ternuras familiares. Em suas <grandes viagens o ínclito Odisseus teve a honra de muitas vezes ser recebido com estima ou <grandeza em <grutas de ninfas, palácios de reis, estâncias de deuses; e por toda a parte diáspora e redenção. Zia, gemia e chorava (particularmente ~ no auditório havia senhoras, tratadas então de rainhas, ninfas, deusas, conforme a pragmática mitológica) a história <gia do seu lar, as saudades da sua incomparável Penélopeia. Pois bem. Em tais andanças duas circunstâncias houve em que pareceu que o homem não tinha outro remédio sendo recolher a casa. A primeira foi ~ acabou a <guerra de Tróia. A segunda, quando vinha de Eúlia

com os ventos metidos num saco. Em ambas as ocasiões lá houve pretextos para fugir para longe, o mais longe que podia ser. Ao voltar da <terra passou pela Grécia, quase reatou à saída ilha, e foi parar à terra dos Lotófagos, que ficava, se <gindo dizem, na Líbia.

,g r

Da segunda vez o navio já estava, de toriia-viagew, com a pátria à vista: desenbava-se bem nítida a frontaria do seu "palácio de alto tecto" e um penacbo defumo, subindo do seu lar, ondeava sobre o solar dos Laertes, como bandeira fazendo sinais... Boas-vindas! Boas-vindas! Ao rever, depois de tantos amos, a terra da pátria, o nostálgico mareante, o mavioso Odisseus e terno marido de Penalopaia... ferrou-se a dormir! Adorpiemeceu precisame#te no momento em que devia estar ffiais esperto e alvorofado, se quem mexeu os cordelinbos da efabulafão não lhe metera no peito um corafjo postifo. A escusa para tão man@esta aberrafão é sipiples tramóia de bastidores. A marinhagem, aproveitando-se do sono do comandante, jul<gando que o odre tra7,ia oiro, ras <gou- o para o roubar. Os ventos, escapando do fole, arwam logo uma tempestade que faz desandar o barco. Pou.-o depois, Odisseus passeava de brafo dado com u,-@ia deusa numa ilha chamada Ogí<gia e que era, sem tirar nem pôr, a Atlântida, conforme averi<guou nestes últiwos anos o nosso contemporâneo, ,grande bomerista francês, si-. Vítor Bérard. Jo<gando com os dados da estatística naval apresentada na Il rapsódia da Ilíada, ~ averiguar-se que era de i.2i6' o número de naviox gre os

,g

surtos nas à <guas de Tróia, enquanto durou o cerco. A frota de Odisseus compunha-se de i2 naus muito galantes, pintadas de vermelbo: é tawbéw a Ilíada que Salienta esta particularidade, ro@,vo se fora uni distintivo dos barcos do almirante de fraca. A índole dos <guerreiros de Odisseus í injinuada na Ilíada ao marcar a feitio das terras e populafjes donde foi recrutada a cbusvia: "os Cefálios e fracos briosos, os da áspera Egilipe e de Crocilio, Zacinto, Samos, Nérito so,,,Ybria e os do Epiro e fronteira continuante". Na Odisseia há também boas referências àr meswas terras e povos. É o próprio cbefe itacense que di!c: "Eu sou de fraca, onde se eleva o monte Nérito, coas suas árvores torcidas dos ventos. Em redor, convi.Zinham as ilbas de Dulíquio, Saiios e Zacinto coberta de florertas. fiara é a mais

afastada da terra firme e sur ,ge no #lar do lado da noite; as outras ficam para a banda da aurora e do soL fraca é a<gresie mas criadora de @,vofos vi <gorosos e para ftiim não bá terra que tanto me enfeite os olhos." O facto de estarem os navios limpos e bem pintados já impressiona bem e por esta indicação facilmente se entende que as tripulafões irão eram gente que deixasse o caruncho verrumar-lhes no pau dos barcos nem que nos mastros apodrecessem velas e cordagens; mas o que de momento nin <gt@ém podia alcanfar era que aquela pequena esquadra estivesse destinada a tio altos feitos, como depois se viu... isto é, viu quem por gosto ou à forra de paciência lei@ a Odisseia. Terminada a gtierra, a esquadra de Odisseus tomou o ru,,@;o de Ítaca. Como os navios, aléi.4 da respectiva tripulação, só traziam carga de ,viuita <glória e saudades da pátria, pairaram iras costas da Trácia e os ítacos foram depredar Cicónia. Saquearam a cidade, mataram homens para lhes levarem as mulheres, apanharam muitas rique7,as, distribuíram o espólio, para que ninguém tivesse razão de queixa. Odisseus exortou os companheiros a que fugzssem depressa. Mas estes, comendo e bebendo como - alarves, a mover e a beber se quedaram, revl cuidar de ,ovais. Entretanto os Cí@onor foram chamar outra nafão de Cíco#os seus vi.Zinbos: juntos deram nos piratas que fu<giraw para os barcos e, se al <guma coisa lá iveteram, foi comogahínos o não como triunfadores. - Ao pdmeiro passo da aventura destes argonautas, ocorre perguntar: como foram eles tão limpos de mãos em Tróia que se contentaram com a <glória sem proveito e, apenas voltaram proa, tão vilmente as sujara#i? É por esta e por outras qiie lá nessa remota anti<guidade, paralela à lenda do triunfo dos Gre <gos, correu, e certa"jente co," i<guais direitos, a versão de um triunfo dos de Tróia. Recolhidos às naus, seguem a derrota em mar alto, mas não tarda uma borrasca q@ie os obri<ga a acostarem, àforfa de remos. Foi um temporal de dois dias e, passado mais tím, já a frota sarpava bem ordenada na alta via e em breve teria cbe<gado a salvamento, se a forra da corrente e danada Pentaneira, ao ultrapassar o cabo Maleu, a não fi7,esse perder a direcção de Citera e impelisse para rumos desconhecidos. Durante nove dias correram à ordem dos ventos e à iycê das correntes; no

décimo,

xviii

pararam no país dos Lotófagos. Depois visitarai a ilha dos Ciclopes. Dali foram a Eólia, não a Eólia da Grécia, mas à terra onde havia um -Éolo que tinha artes de assolapar os ventos dentro de um fole feito de pele de boi. Desta Eólia cop@ dez dias de via gem, che<gavam à vista de fraca, onde não entraram precisav;ente porque, levando consi

,go como

amostra de terras por onde andaram um odre de ventos, os deixaram escapar; estes, claro, formarap; lo<go usara tempestade que levou os mareantes outra vez a Eólia. Mal recebidos desta vez pelo senhor da terra, tiveram de fazer-se ao largo; navegaram seis dias e seis noites e ao sétimo ebegaram à terra dor Lestrigões, gi a tes e antropófa os, q e lnes come-

,g n <g u

ram alguma gente.

Daqui foram vij*ar Circe à ilha Eeia, ou Aiaié se<gundo o texto, e que não é a Cólquida, chaoiada anti<gamente Aia, ou Aie, emjónio, mas çi," uma ilba qualquer qu6 era e é tão conhecida cowo aquela que nós cbamamos a ilha de Aeiou. Daqui foram de visita ao Inferno. Do Inferno voltaram à ilha de Czirce. Passara,m depois pelas Sereias, enfiaraw o estreito de Cila e Caribdes e che<garam por fim à Trinácia, onde mataram e comeram as vacas de Hélios. Morreram as vacas... o acabaram-se os Gregos, porque, a brados de Hélios, Zeus lhes decorou a naco -a única que restava das doze com uw chuveiro de raios em cima. Todos morreram afo<gados, excepto Odisseus. @e teve artes de atar a qíilba e o mastro soltos que andavam a atravessar-se nas oldas, e pôs-se em cima. Os dois paus paralelos e bem li ,gados, ~ seniíram sob@e si o herói, lançaram-se ao comprido 6 deitaram a correr verá

,ginosamente; iam já a escapar de entre Cila e Caribdes, quando esta, refrescando a <goela com uns sorvos de mar, en<goliu os argueiros; o cavaleiro, advertindo a tempo no peri<go, pulou para o ramo de uma figueira o ficou à espera de

que o monstro vomitasse os seus madeiros; ~ vieram fora, continuou sua navegação durante novo dias e na décima noite estava na ilha de Océgia, que não era a ilha de Cós, também conhecida antigamente por este nome, mas outra ilha, orada para habitação de Calipso de belas tranças e para receber o sábio herói da Grécia, que por ali se ficou sete anos fazendo companhia à terrível deusa, a ardilosa Calipso, filha de Atlante. Decorrido este período,

xix

pôs-se numa jangada que foi dar à costa, no país dos Feácios. A geila feácida acolhe o naufrago com muita humanidade. Banqueteia-o, festeja-o e finalmente Plâneta o navio levar à Grécia o herói errante. Aqui terminam, felizmente, as navegações do Grego. Desde a rapsódia XIII a Odisseia reentra no assunto próprio.

Há na Odisseia dois géneros de poesia de índole muito diversa.

Constituem o primeiro fábulas e mitos, mais ou menos complicados ou equivocados de história e geografia, a que se tem chamado os Errores de Ulisses. Os Errores têm sido um verdadeiro quebra-cabeças dos homeristas de tendências para geógrafos com as pretensões a historiadores. Nestes últimos anos despendeu-se muito trabalho, graças aos talentos, para se saber sobre os Errores e criou-se, por assim dizer, uma especialidade de estudos náuticos - a geografia da Odisseia. Parece-me que a excessiva devoção do historiador baldou muito em geografia e trabalho imenso, porque fez esquecer de que o autor dos Errores não foi um geógrafo ou historiador de descobrimentos marítimos, mas sim um mitógrafo. Ora, as divinas quimeras nunca se entenderam bem nem podem entender com o saber positivo. Os mitos, em relação à História e à Geografia, são coisa muito

,9

sui generis. Não quero dizer que sejam coisas sem pés nem cabeça, mas é indubitável que podem ter cabeça e não ter pés, e aparecerem pés sem que haja em cima cabeça alguma. Por

exemplo, a superfície da Terra é ,wia espécie de tabuleiro aos ombros de Atlas; no tabuleiro repousam montanhas, corres rios, crescem ár)ores, vivem animais e gira a boneca ,gem do <géiiro htímaiio; tudo isto pesa sobre uvias espáduas; a pressão vai correndo de vértebra a vértebra iuuiv dorso; mas onde se apoiam o traseiro e calcanhares do gi ante acocorado ? Nio é obri ,g <gatão do mito

responder. As fábulas são incapazes de tais responsabilidades. É sabido que na ronda dos i@iitos anda, sem fiada dentro, a Bota de Sete Lê <guas; que@; quiser pode ir vê-la perpassar na segunda parte do Fausto. É o mito da Geo m n

,grafia, particular e te da Geo<gonia. Foi ela que, calcando e recalando a nebulosa primitiva, formou os continentes e as ilhas dos mitólo <gos.

xx

Evideiitemeiite as ilhas de Calipso, de Ciclope, de Circe, Cila e Caribdes, etc., são eiv relafão à Geografia o que são e,,4 relafão à História Calipso, Polifeivo, Circe, etc. Numa palavra: e@itando que as patranhas de Hoviero podem ser lidas e apreciadas com a' mesma liberdade de espírito e sep,?-cerimóiiia comi que foram inventadas.

Ao outro género de poesia da Odisseia poder-se-á chapar os "Amores de Ulisses" e éfor@,ado por uma série de ~-os de vida íntima, repassados dos septimeitos de hu"ianidad@@ e lei-nura, naturais, vivos, perfeitamente observados e descritos, com a notarão penetrantíssima dos P.,ais delicados aspectos; é forviado pela imensa riqueza de inteli ên ia e abu .g c n

dância de corarão que transparecem dos diálogos de Odissetls e Penalopaia, de Odisseus e Teléviaco, de Odissei@s e Laertes, de Penalopaia e Telé,.üaco. A Odisseia, por este

<gênero de poesia, está enlatada para se,'Vpre à Ética. É uva dos maiores livros da Humanidade. Neste <gênero, é poema único.

[Lisboa, 1938]

M. ALVES CORREIA

xxl

PREFÁCIO DA QUARTA EDIÇÃO O CARÁCTER DE ULISSES

Como o leitor pode ter notado, na Odisseia distinguem-se nitidamente três partes essenciais: a Viagem de Telêmaco, os Errores de Ulisses e a sua Vingança; ou, seguindo M. L. Finley, três lepras distintos: as narrações de Ulisses, a luta pelo poder em Ítaca e o regresso de Menelau

p

e dos outros heróis. Das três partes mencionadas, a Vingança, ou a luta com o arco, e os Errores de Ulisses orikiniariamente não tinham, como em geral se admite, relação al

<gíma com o protagonista do poema. O arco compósito, desconhecido, durante o Período Micénico, na Grécia, deve ter sido, na opinião de H. L. Lorimer, cantado primeiro na Jónia, onde foi conhecido, no curso do século XI V a. C.; e, se bem que F. H. Stubbings contradita esta opinião, quanto ao lugar e à data e@,, que o arco entrara na tradição épica, admite, contudo, que, dada a importância que tem na Odisseia, deve com razão considerar-se o episódio em que ele entra um dos mais anti

gos do poema. O mesmo se deduz das palavras., ele (Ulisses) ordenou a sua esposa que apresentasse aos

pretenden-

i -<istira aspa vei-s, 7o anterior tes o arco , as
quais parecem indicar que e.

do mesmo episódio, onde Ulisses se revelou primeiro a
Peiiélope e, depois, .juntamente com ela planeara a lmita com
os pretendentes. Quanto aos Errores de Ulisses, estes
era@., já conhecidos anterior- .,vente à Odisseia e faziam,
provavelmente, parte de outros cantos, como su

<gere o verso: Conta-nos também a nós, filha de Zeus,
algu- mas dessas proezas'. Alépi disso, o facto de não se
relacionarem com a Grécia ou com al

,gama localidade conl)ecida, copio os ivilos de
jásone, Héracles, Teseu ou Édipo, faz suspeitar qíie eles se
originaram na ásia, abates da composifio do poema de Ulisses,
o qíie parecem indicar também as fi

<giíras de monstros e de seres fantásticos, que aí
ocorrem, v. g., Cila, as Sereias, o Ciclope e outras -
criafões aberraiites do

I O&Sseia, XXIV, i67-i69.

O&xseia, i, i o.

xxv

ODISSEIA

espírito <gre <go e alusivas a u)7ia arte asiática milenária
e, em ileiior escala, à arte P,,inóica. Na Viagem de
Telémaco bá ta;v@bé,,7 iidi'cios de q!te o poeta da Odisseia
conhecia lendas qíie, anteriormeiiiie, estavam em voga. Estão

neste caso as referências de Menelau ao Proteu egípcio, as quais de Yonstram que ele estava bem informado acerca do poder mágico do Velho do Mar através, talvez, de alguma versão original ou de Lima via a Fenícia dos contos faraônicos. Nesses contos, de que se conhecem algumas, guiados pelos papiros do século XIII a. C., o Egito celebrava as aventuras do mágico Prouti, que se tornou, depois, sendo G. Maspero, o Proteu da Odisseia. Aí encaixam-se todas as personagens e todos os incidentes da narrativa homérica, incluindo até o encadeamento de Proteu e a traição

da sua filha

Afora estes relatos, vários outros elementos tradicionais parecem ter entrado na Odisseia e julga-se até provável que, assim como a Ilíada teve por núcleo a Cólera de Aquiles, provavelmente ela se baseasse sobre um poema que continha não só o regresso de Ulisses e as suas viagens, mas também a sua chegada à terra dos Feácios, bem como o transporte do mesmo até Ítaca, episódio certamente tradicional, como sugere a petrificação do navio em que ele fora transportado. Homero, porém, não se contentou com repetir os relatos que a tradição lhe ministrara. A Odisseia é algo, uma coisa mais do que isto; é uma criação profundamente original, pela qual, de qualquer forma, o poeta trabalhou todos estes elementos, obrigando-os a corresponderem ao fim que se propunha e reduzindo-os a uma unidade perfeita. Assim, produziu uma obra que, culturalmente está muito afastada de nós, esteticamente é bela e como obra poética não perdeu o seu caráter de modernidade, porque a verdadeira poesia conserva perenemente o seu frescor e não está sujeita às vicissitudes dos tempos. Ora, o fator unificador que deu à Odisseia essa unidade foi o seu protagonista, foi Ulisses. Ele domina desde o princípio até ao fim do poema;

3 Odisseia, iv, 383 e segs.

4 Odisseia, xvi, 160 e segs.

O CARÁCTER DE ULISSES

é a figura central de todos os episódios e a razão de ser de todas as outras personagens. Domitila até naquelas partes, onde na aparência está ausente; talvez aí dá vida à ampliação e movimenta as figuras. Telêmaco não empreenderia a viagem a Pilo e a Lacedemônia, se não o impelisse o desejo de obter notícias acerca de seu pai; e Penélope, se resiste às solicitações dos pretendentes, é porque a personalidade do seu esposo lhe paira de contínuo diante dos olhos, até o regresso espera com ansiedade. Disto teve consciência o poeta, ao apresentar Ulisses no prólogo como o único objecto do seu canto: Fala-me, ó Musa, do homem fecundo em expedientes...'. De sorte que pode dizer-se que a Odisseia é com toda a propriedade o poema de Ulisses e que a figura do protagonista

, é

a sua alma. Portanto, só ele pode explicar o poema - esse mundo de que foi o criador por sua livre determinação e intrepidez nos perigos, por sua actividade e persistência, o qual, por outra parte, é a revelação da personalidade de quem o criou. Afirma quem era Ulisses? A resposta a esta pergunta dá-a o poeta, profundamente, por meio dos epítetos que lhe aplica. Segundo o seu conceito, era um homem sujeito a todos os reveses e infortúnios, a quem,

por isso, em muitos passos do poema, quadra bem o epíteto de infeliz; era um homem paciente, que sofria a inclemência dos outros homens e dos elementos e que, por vezes, também sentia os acessos do medo, como quando se encontrava no fundo da gruta do Cíclope ou, não seu palácio, perante a turba dos pretendentes. Nos outros passos, o poeta, à semelhança da Ilíada, enobreceu Ulisses com os epítetos de prudente e de fecundo em recursos, por causa da sua perspicácia em medir a gravidade dos perigos, dos quais triunfava sempre, mediante a destreza e serenidade intelectual

Segundo o seu espírito, bem como em atenção à sua astúcia, a qual lhe fornecia meios de se livrar de apuros e dos inimigos, quando se opunham à execução dos seus projectos, sobretudo se se tratava de inimigos mais fortes. O que, porém, mais realça o carácter de Ulisses e lhe confere

as bonras de berói é a sua invicta cora<gew, que o medo não
conse<guiujamais dominar.

S Odisseia, i, i.

xxvii

Foi ela que o impeliu a ir em socorro dos companheiros
aprimonadof por Circe e a defrontar, numa débiljan ú da t; i
,gada, a f ria s o das, a
como, na planície de ïlion, defrontara, outrora, as falan

<ges troianas. Esta intrepidez, erta vontade
inflexível de triunfar, resplandece constantemente nos
hexâmetros da Odisseia e 'dá-nos a prova de quanto vale o
homem, ~ o anima uma vontade enér
<gica.

Todavia a personalidade de Ulisses não é tão simples como
à primeira vista poderá parecer. Os epítetos semelhante aos
deuses e descendente de Zeus, que o poeta lbe atribui, ainda
que entram no poema

como fórmulas cristalizadas de valor meramente
honorífico, si@gere.,v coitudo uma complexa ori<gem e
aludeiv a ii,?, , passado lon<gínqt@o, que se perde, talvez,
nas nebulosidades do mito. Não admira, pois, que al i is <go

autores modernos não hesitem em considerar Ulisses,
primitivamente, um deus solar, cujo nomeparece relacionar-se
em fraca com a lenda de um lu

,gar de culto, à qual também pertencem, possivelmente,
certos elementos dos Nostoi ou Regressos dos Heróis. Estes
elementos, como pensa O. Gruppe, entrariam na saga heróica,
num período muito antigo, que seria a fonte das
características fundamentais do Ulisses homérico. L. A.
Stella supõe, por seu turno, que, nessa anti<ga saga, Ulisses
- devia ser belo, cowo Héracles, Aquiles ou Gilgamecb, e
possuir uma forra física extraordinária, à semelljanfa dos

heróis dos poemas do Oriente -forra de que ficou um testemunho no canto xxi da Odisseia, na prova do arco, o qual ninguém pode armar, a -ijo ser ele, e que lembra o arco de Aqhat, do poema ugarítico do -,vesp.,o nome. Mas revelarão a autêntica da personalidade de Ulisses são também as empresas a ele atribuídas pela tradição; e é talvez por isso que elas ocupam uma tão <grande parte do poema. Vamos.

A primeira empresa ou aventura, a investiga contra a cidade dos Cíconos, na Trácia, tem ainda visos de, realidade, na qual Ulisses conserva certas reminiscências do herói da Ilíada. Em seguida, o poeta menciona Maleia, a última realidade <geográfica antes de Ítaca, a que sucedem realizações <gigantescas

<gigantescas, onde habitam povos que estão nas raias do mito, como os Atlântidas, os Ciclopes e os Lestrigônes. Mar, depois, Ulisses interna-se num

país mágico e imaginário, num mundo completamente estranho à Ilíada o qual constitui uma das principais características da Odisseia, no qual o herói parece ir perdendo consciência de si mesmo. Continuando viagem, aporta à ilha de Eeia, onde, num palácio esplêndido, morava Circe, a ninfa, filha do Sol, possuidora de poderes mágicos extraordinários, se <quando tinha tradição antiga, que teve repercussões na arte vascular <grega. Era tal o encanto que a feiticeira irradiava, que Ulisses esquecera já o regresso à pátria; e foi preciso que os companheiros lhe lembrassem e urgissem com ele, para que partissem. Antes, porém, do regresso a Ítaca, ele devia, por ordem de Circe, fazer, uma viagem aos confins do mundo, à região dos infernos. O episódio da viagem ao Hades, pelo menos em parte, é um dos mais vetustos temas literários da Odisseia e um dos mais característicos do poema. Com efeito, a viagem de um herói ao país dos mortos, para evocar a sombra dos defuntos, remonta a uma antiquíssima tradição; deu assunto, no III milénio, a cantos sumérios e depois, sucessivamente, a poemas babilónicos, assírios, egípcios, e a outros poemas orientais. Após Homero, teve ainda eco em Virgílio e em Dante.

De regresso do Hades sombrio, estarrecido de medo e o coração esmagado pela dor, Ulisses atira-se, como usual

tresloucado, pelo mar fora, as visões dos mortos a esvoafarem ainda diante dos seus olhos, que só a voz das Sereias lhe faz esquecer, por ivo,,,Yentos. Alas eis que sobrevém uma borrasca fatal, que lhe arrebatou os últimos companheiros, de ois .p

da visão horripilante de Cila e de Caribdes, que lhe enche de Terror a alma, do qual apenas se pode reaver, quando chega a Ogígia, como infeliz naufraga - Calipso, a senhora da ilha, descende, como a Circe e outros mitos premeditados, de uma tradição muito anterior à Odisseia, de que parece existirem indícios numa versão babilónica da Epopeia do Gilgamech, onde Siduri, nos confins do mar, acolhe também um herói errante. Nesta ilha, pela companhia da deusa e pelas vestes divinas oferecidas por ela, as quais dão a imortalidade, Ulisses atinge quase a esfera dos deuses. Em Odisseia

XXIX, nesta ilha rodeada pelas ondas e arborizada, está

XXIX

o centro do mar'. Na concepção homérica, ela assemelha-se, na aparência, a Deos, para o qual o centro do mundo é a sede de todo o verdadeiro conhecido. Ora, foi na ilha de Calipso que Ulisses, após os seus erros pelos ventos, através das regiões do mundo, se debruçou sobre si mesmo, em busca da sua verdadeira personalidade; e reconheceu, então, que estava num mundo que não era real, que não era o seu mundo. Nas profundezas do seu ser, entrevê, como em sonhos, a sua amada Ítaca e a sua fiel esposa; e, não obstante a previsão de futuros trabalhos e vicissitudes, reitorna à felicidade de uma vida paradisíaca e divina, que Calipso lhe oferece, e empreende, a ansia da sua libertação, a travessia do mar. A ilha dos Feácios, aonde o arrojavam as ondas, não é contudo ainda, na terra plena de realidade; os seus jardins em plena floração e os seus habitantes, familiares aos deuses, que vivem nos extremos da humanidade e cujos navios saem sem velas e sem remos, indicasse que a Feácia é um país meio mítico. Todavia a

paisagem d@ere da do fliundo, donde Ulisses vem; é Corais acolhedora e ami <ga; e a fi<gura de Nausícaa, a primeira pessoa da terra que ele encontra, tem uni carácter inteirapjeiite bumano, ao contrário de Calipso e de Circe. Por isso, uma ve7, quebrados os latos que o prendiam ao v,,undo da ma<gia e do mito, sii@lboli.Zados pelas vestes divinas que as ondas lhe rotíbaraw, Ulisses pode declarar aos Feácios: Eu sou Ulisses, filho de Laertes, cujas astúcias todos os homens celebram e a glória do qual chega até aos CÉUS 7. Apenas che<gado a fraca, quejá não conhe.-ia após vinte anos de ausência, Ulisses comera a reit;te <grar-se no seu mundo. Tirésias, no Hades, tinba-ojá informado acerca do estado lamentável em que se encontrava a saiu casa; mas o resto i ,gnorava-o cowpletamente. Nesta altura, o poeta i#trodt@ Atena na acfjo, que como deus ex machina intervirá em seu auxílio e o ajudará a readquirir os seus direitos de senl)or. Para isso, disfarfa-o, primeiro, de mendigo, pois, sob esse aspecto, poderá introduzir-se no seu palácio, se@,v que os pretendentes suspeitem da sua

" OdicrOia, I, 5 O- 5 I -
7 Oüsseia, ix, i g e segs.

xxx

presetifa. O seu reconhecimento é permitido apenas a Telémaco e a alguns servidores fiéis, que lhe prestarão apoio na execufão do seu plano. Mas com a morte dos pretendentes Uliçses não ficou reinte<grado de todo no seu v;titido. Só copo o seu reconhecimento pela esposa e por Laertes foi que ele conseguiu aqtfiilo que outrora o fazia suspirar, e dizer: Nada é mais doce do que a pátria e que os pais, ainda que o exilado habite num sumptuoso palácio, longe da família, em terra

estrangeira '.

Esta total integração do herói à pátria e no relvanso do seu lar foi o seu triunfo supremo, que, pelo enriquecimento da sua inteligência, pela constância nas provas, lhe restituiu a antiga felicidade, várias vezes mais doce do que a imortalidade que lhe oferecia Calipso. E o poeta, que o acompanhou em todos os passos das suas viagens, soube traduzir na música dos seus versos o carácter humano da sua personalidade e conservar-lhe viva na alma, apesar das sedições de Circe e de Calipso, a fé nos ideais superiores que dão significado à vida - o sentimento da pátria e da família e a consciência da própria responsabilidade e da dignidade humana.

.p

Por esta razão e por sua beleza poética, a Odisseia viveu através dos séculos e os seus versos chegaram até nós como uma mensagem de valores éticos que dignificasse o homem.
II-251

NOTAS

brar a silhueta das figuras que se vêem representadas na arte minoica e micénica: espaldas largas, busto triangular e cintura reduzida ao mínimo. 22 Os navegantes vindos de Tróia podiam seguir duas rotas, para atingirem a Grécia continental. A primeira era a linha Ténedos-Lesbos-Quios, donde, por Psira, Amorgos, Naxos, etc., se alcança facilmente o Peloponeso. A segunda ia a direito de Ténedos a Eubeia - via perigosa, através do mar, longe de qualquer abrigo, que só se empreendia, como no caso de Nestor, por ordem de um deus.

23 Cidade e cabo, ao sul de Eubeia.

24 Os comentadores antigos davam a este aedo o nome de Demódoco, que Timolau fazia irmão de Fémio, o aedo de Ítaca, conselheiro de Penélope (V. Bérard).

25 Este promontório, que fica a sudeste do Peloponeso, na Lacónia, não deve confundir-se com o do mesmo nome, ao sul

da ilha de Lesbos.

26 Cidade ao sul de Creta.

27 Eram povos pelásgicos que habitavam na Trifília, no Sul da Élide. Heródoto chama também Caucões os Nelidas de Pilo.

28 Bolos de farinha de cevada, ou pastas de grãos de cevada, umas vezes bem triturados no almofariz, outras levemente pisados, para casos diversos da liturgia.

29 Consistia esta cerimônia na ritual lavagem das mãos, antes de começar o sacrifício.

30 Esta é a tradução corrente. Döderlein interpreta: quô estava na adolescência.

31 Segundo o testemunho dos antigos, era uma mistura de quatro partes de ouro com uma de prata. Na opinião de Buttmann, o electro, de que fala Homero, é o âmbar.

32. Referência ao etíope Mémnone.

33 Nepodes é o termo grego, que alguns traduzem: sem pés; outros dão-lhe o significado de sem descendentes, aproximando a palavra do latim nepotex.

34 Segundo uns, estas rochas estavam na vizinhança de Eubeia; segundo outros, situavam-se perto de Mícono (uma das Cíclades).

35 Aqui o lugar de acção muda de Esparta para Ítaca. Não se sabe que convivas são os mencionados pelo texto entre colchetes, nem se entraram para o palácio de Menelau ou para o de Ulisses.

36 Isto é, de Ulisses.

37 Segundo a Odisseia, a ilha de Calipso estava situada muito longe dos mares hclénicos, para o lado do ocidente. Como diz V. Bréal, tudo leva a procurá-la nas vizinhanças de Gibraltar, onde, segundo o mesmo autor, se encontra sob o nome de Peregil. Ele visitou esta ilha por duas vezes; e, como afirma, trouxe daí fotografias, que concordam com todos os pormenores indicados pela Odisseia.

38 Orião, caçador gigante da Beócia, que a lenda colocou, depois, entre as estrelas.

39 Ou: Dolos. Homero emprega os dois nomes indistintamente.

40 Própriamente, as pranchas colocadas a prumo, sobre as quais se apoiava a coberta do navio, tanto na proa como na ré.

41 Ou: machadünha de dois fios, isto é, um instrumento destinado a desbastar e a alisar troncos de árvores.

42 Este fio era colorido com giz ou almagre, para poder assinalar, na madeira, uma linha recta.

43 Nos tempos de Homero, os navios tinham um estrado na proa e outro na ré, ficando o centro livre para os 6ancos dos remadores. Como Ulisses não

358

icé-

ios, poés de

o

cin
da

ros,

'vas
alá-

res
a
ra

os

as.

a

a

l

na
o

levava passageiros que pudessem utilizar o estrado da proa, construiu apenas o da ré, onde ele devia colocar-se, para manobrar o leme.

44 Esta é a interpretação comum. Outros interpretam: como uma fi u ira bra a.

,g e v

45 Provavelmente consistia num passo rítmico, que acompanhava o lançar e o apanhar da bola.

46 Táigeto e Erimanto são montes, respectivamente, da Lacónia e da Arcádia.

47 Evidentemente, a região de que Nausícaa fala não pode deixar de ser urn,,i ilha, a qual é, geralmente, identificado com Corfu. Segundo V. Bérard, o rcin(@ de Alcínoo ou a Esquéria estava separado do Epiro pelas montanhas

e planícies desta ilha e o seu canal; e adiante dela, entre as suas praias e a África, estendia-se a imensidade do mar. Portanto, na geografia da Odisseia, a Esquéria estava situada no limite extremo das cidades civilizadas, junto ao mar dos Monstros e dos Terrores, que se estendia para o ocidente, onde viviam Ciclopes e Lestrigones.

48 Como indica esta descrição, a cidade dos Feácios estava situada numa pequena península, que, na opinião de V. Bérard, não seria outra senão a península de Ha. glios Nicolaos, a sul da do convento de Paleokastritja, da qual está separada pelo porto Hagbios Sporidon. Com o outro porto chamado Porto Alipa, situado mais para o sul, teríamos, assim, o porto duplo, a que Nausícaa se referia.

49 Não se sabe qual a matéria desta cornija, pois que o texto não o diz. Todas as opiniões a este respeito não passam de meras conjecturas.

50 Quer dizer: o tecido é tão compacto que o óleo, em vez de se embeber nele, correria sobre a sua superfície e cairia no chão; ou, conforme outra interpretação, é tão brilhante como se dele escorresse óleo.

yx Segundo outros: que lanía o raio.

52 As Parcas dos Latinos, que, como julgavam, fiavam a sorte de cada homem, ao nascer.

53 A letra: ajo faria de outro -#odo.

54 æ letra: wulila-xe a si mejrmo.

55 Assitn interpreta A. Pierron. V. Bérard traduz: ... ao pé dele, defendera com os Æeus dardos.

56 Segundo outra versão, Éurito, rei da Ecália, na Tessália ou em Eubeia, foi morto por Heracles, por lhe recusar a sua filha Iola. De Ifito, filho de Éurito, recebera Ulisses o arco com que matou os pretendentes de Penélope.

57 O episódio seguinte, corno reconheceram os antigos, é a menos hotnérica das interpelações.

58 Eram povos oriundos da Trácia, que, primitivamente, habitaram em Lemnos,

39 Os Cíconos era um povo da Trácia, que habitava junto do Hebro e ao longo da costa marítima, até ao Lisso.

60 Ilha situada nas costas da Lacónia, ao sul do cabo Maleia, célebre por seu templo dedicado a Afrodita.

6i Povo estranho à civilização dos povos que cowem pio,

qj?e deve ter habitado ao sul, longe de Maleia, e idêntico aos povos da costa de Africa, que, em todos os tempos, têm sido conhecidos como povos que se alimentam de tâmaras, que vivem quase só de rebanhos e de palmeiras (V. Bérard).

62 Este povo chamava-se assim por ser dotado na fronte de um único olho circular. A OËsseia fá-los habitar, como pensa V. Bérard, na terra vulcânica cujas crateras activas ou extintas bordam o golfo de Nápoles, desde Baia até ao Vesúvio.

63 No mesmo golfo, no lado do norte, existe uma pequena ilha, que conserva

359

ainda o seu antigo nome grego - Nisida, diminutivo de mfôf (ilhota). Esta ilha, segundo o mencionado autor, é a pequena ilha das Cabras, a que se refere o texto, em oposição a Capri, situada um pouco fora do dito golfo, que é a grande ilha das Cabras.

64 Defronte de Nisida, a costa napolitana é uma riba friável, na qual, em todos os tempos, os homens habitaram, já em cavernas naturais transformadas em casas, já em habitações cavadas na rocha quebradiça. Uma dessas cavernas, prolongada pela mão do homem, tornou-se um verdadeiro túnel. Esta é a caverna do Ciclope, em frente da qual existe um espaço que corresponde, exactamente, à descrição homérica (V. Bérard).

65 Os antigos identificavam esta ilha com uma do grupo, a que pertencem Lipari e Stromboli, ao norte da Sicília.

66 Outro texto diz: na casa ... ressoam as vozes.

67 A pátria dos Lestrígonas foi localizada, numa época tardia, na Sicília ou no Lácio. V. Bérard, por sua vez, julga que eles habitavam na costa da Sardenha, sobre o estreito de Bonifácio.

68 Ou: Foníe do Urso.

69 No flanco oddental da Península Italiana, há uma montanha, outrora insular, que, no decorrer dos tempos, se soldou à planície do Lácio. Esta montanha, que através da Antiguidade conservou o nome que a Odisseia lhe deu, é ainda hoje conhecida pelo nome de Monte Circeu. Foi, segundo os

antigos, nesta localidade que existiu a ilha Eeia, a que se refere o episódio de Circe.

70 Estavam deitados, à espera de Ulisses.

71 Esta palavra não é grega. Os escritores tardios deram-lhe o significado de *allium nigrum* (uma espécie de alho).

72 Segundo Homero, o Oceano é uma corrente que circunda o disco da Terra, da qual partem os rios e as fontes.

73 V. Bérard traduz: ... e cbegares ao Promontdrio Pequem ...

74 Isto é, do Oceano.

75 Os antigos não consideravam este episódio de Homero, porque a alma, na concepção homérica, só baixava ao Hades após a cremação do corpo. Ora Elpcnor não tinha sido ainda cremado.

76 Este fabuloso povo, que habitava, segundo Homero, perto da entrada do Hades, estava mergulhado em contínua noite.

77 Isto é: Polifemo, o Ciclope.

78 Pequena ilha ao norte de Crcta.

79 Por ocasião da expedição dos Sete Chefes contra Tebas, Anfiarau, marido de Erifila, prevendo a derrota, recusou-se a tomar parte na guerra. Mas, por traição da sua mulher, a quem Polinices tinha subornado com o colar de Harmonia, foi constrangido a tomar parte na expedição.

80 Referência a Clitemncstra, esposa de Agamémnone.

8i Ilha no mar Egeu, a leste de Eubeia. Ulisses levava de lá Neoptólemo, porque o oráculo tinha declarado que Tróia não poderia ser tomada sem o seu concurso.

8z Astíoca, mãe de Eurípilo e irmã de Príamo, enviou o seu filho para Tróia, em atenção ao presente que lhe dera o seu irmão - um ramo de oiro, que imitava um pé de videira com as suas parras. Eurípilo marchara para a guerra com um contingente de Mísios.

83 Mémnone era rei da Etiópia e aliado dos Troianos.

84 Para se resolver a querela entre Ajax e Ulisses acerca das armas de Aquiles, instituiu-se um tribunal formado por cativas troianas, as quais deviam declarar

qual fez mais mal a Tróia. Elas sentenciaram em favor de Ulisses, pelo que Ajax, ressentido, se suicidou.

85 De todas as interpelações da Odisseia, a que principia aqui e chega até perto do fim desta rapsódia é a mais fantástica e inverosímil, cujo texto, segundo os escólios, Aristarco tinha condenado como espúrio. Não obstante, os Alexandrinos conservaram-no nas suas edições'

86 Cérbero, o cão tricéfalo que, segundo os mitólogos, guardava o Hades.

97 V. Bérard traduz contra a interpretação corrente: bordado de uma praia embranquecida de ocaso.

88 Estas rochas, segundo Homero, estavam situadas à direita de Caribdes; mais tarde, porém, foram identificados com as Simplégadas, à entrada do Bósforo, ou com uma das ilhas ao norte da Sicília.

89 Segundo a fábula, Eetes, irmão de Circe, era rei da Cólquida.

90 A ilha Trinácia ou do Tridente, onde, segundo os mitólogos, Posidão dominava, foi identificado pelos antigos com a Sicília.

gi Quem se dirigir para o sul, ao sair do estreito de Capri, encontra as ühas das Sereias. São três ilhotas rochosas, hoje desertas. (V. Bérard).

92 O cl;ifre, em cuja ponta estava fixo o anzol, era destinado a proteger a linha, para que os feixes a não cortassem. Alguns antigos, em vez de chifre, inter-

pretaram: piloj- de boi.

93 Isto é, que sobrevém de repente, sem ser precedida do crepúsculo, como sucede nas regiões equatoriais.

94 Isto é, dos geroníes, como diz a letra, ou dos ancidor. Era o vinho que costumava servir-se nos festins.

95 Ou a alegria dos l?owenr, segundo outra interpretação.

96 Ver n.o xg.

97 Ver n.o z.

98 Esse dia é iquele em que Ulisses se vingou do Ciclopç, como ficou descrito acima (ix, 378 e segs.).

99 V. Bérard conjectura porcos,. Pode ser que tenha razão, porque, segundo
A. Dacier, vtInquam Itbara boles babuit.

ioo Um deus, certamente, superar-te-ia; mas esta vitória daria grande honra ao deus, atendendo ao maravilhoso talento do adversário (A. Pierron).

ioi Referência a Atena. O cpftcto espoliadora advém-lbe da Jlrada.

102 Ou fortificações. Esta é a interpretação comum. V. Bérard traduz: ... ambaldosos or teus brilhantes.

io3 Segundo o texto adoptado por V. Bérard: tenljotr estúpido.

IO4 Homero considerava os joelhos a sede da força corporal.

to5 A nanação que começa aqui, como observa V. Bérard, pela sua fiel adaptação às circunstâncias do tempo, é um belo documento para conhecermos a época homérica.

io6 Trata-se aqui do Nilo. Homcro só conhece este rio sob o nome de Egipto.

107 Povo pclásgico de quem descenderam, posteriormente, os habitantes do Epiro, isto é, da Tesprótida.

xo8 Cidade da Tesprótida célebre pelo seu oráculo e pelo bosque de carvalhos consagrados a Zeus.

iog Eumcu fala ironicamente.

xio Traduzi, segundo a interpretação de Athenacus, iv. Outros traduzem:
owssa.ç, pratos, etc.

fiz Referência ao cavalo de madeira.

aia Isto é, sob a gacria, à entrada da Wa dos homens.

ix3 Esta impossibilidade provinha da má condição dos ca@nhos, pelos quais era um perigo transitar durante a noite.

114 Ou: casa de al@o tecto, segundo outro texto.

II5 Para os Gregos o lado direito era um sinal de bom agoiro.

ii6 Feras é uma cidade da Messénia, que não deve confundir-se com uma cidade da Tessália do mesmo nome.

I'7 Rio da Élida e da Arcádia, que os mitos consideravam um deus, filho do Oceano e de Tétis.

ii8 Esta mulher era Erifila, a sua esposa, de quem acima se fez menção (n.o 79). Uma expressão igual à empregada no texto ocorre, acima, a propósito de uma lenda semelhante à de Erifila (ver n.O 82).

iig Cidade da Acaia.

i 2.o As Fon@e£ estavam situadas a ocidente da Trifilia, na Élida, a pouca distância de Cálcide -nome, ao mesmo tempo, de uma pequena localidade e de um ribeiro.

zzi Feia ou Feias é um porto a sudoeste da Élida.

i z2. Estas ilhas, que, devido às aluviões, estão hoje situadas junto da desembocadura do rio Aqueloo, estavam, na época homérica, afastadas da costa da Acarnânia.

zz3 Sama ou Samos é uma pequena ilha junto a itaca, que mais tarde foi chamada Cefalénia.

124 Síria e Oitígia são ilhas fabulosas.

z2.5 Ver n.o 5 -

126 Outro texto diz: que regressasse do seu curso errante.

Iz7 A letra do texto diz: saiu para fora da sala, ao longo do "de muro do pátio. Parece tratar-se aqui de um verso deslocado, referente ao palácio de Ulisses, não à cabana de Eumeu. De facto, o mesmo verso ocorre adiante (xvi, 343) referido ao palácio de Ulisses.

i28 Tclémaco parece aludir ao que acima disse Ulisses, V. 26o, 26i.

i29 Destas duas pontas, a inferior, de ferro, provavelmente servia para cravam no chão e, em caso de necessidade, também para combater. V. Bérard traduz: de dois

alvador.

x30 Esta sala é a das mulheres, que comunicava por uma porta com a dos homens.

x31 Este velho do mar é Proteu, acima mencionado, em iv, 349.

z32. Espadas ou espófar? As interpretações divergem. Alguns, aludindo, talvez, ao escabelo de que Ulisses será vítima, interpretam: trípodes ou triperas.

A. Kaegi, por seu turno, dá à palavra do texto o significado de presente embe dado a um b&pede.

i33 A expressão grega significa casa£ que saem de outras casas, o que pode ter dois sentidos: entender-se de casas sobrepostas, isto é, de uma casa com vários andares, ou de várias casas reunidas, formando um bloco. A primeira interpretação é a dos antigos e, efectivamente, a mais óbvia, porque, provavelmente, o palácio de Ulisses tinha mais do que um andar.

x34 Ou: ironija e coroamen@o.

i[3j Telémaco chama Eumeu, que estava assentado à sua frente, a fim de poder falar-lhe, sem ser ouvido pelos pretendentes (A. Pierron).

x36 Note-se a ironia de Telémaco.

x37 Penélope podia encontrar-se na sala das mulheres ou no seu aposento, no andar superior. Em qualquer dos casos, podia ter ouvido o que diziam os pre-

tendentes: na primeira hipótese, através da po@ de comunicação com a "

dos homens, sobretudo se não estava fechada; na s@nda, pelas aberturas rentes ao tecto da sala dos homens ou do mégaron.

x38 Para os Gregos era um sinal de bom e, de mau agoiro. Aqui, porém, era considerado sinal de bom agoiro, como se deduz das palavras que Penélope dirigiu a Eumeu: Por isso, há-d6 ser um freto ...

i39 Ou: ... depois de terminares a ceia.

l40 Este nome foi dado a Ameu, por ele se prestam a levar mensagens, à semelhança de Iris, a mensageira dos deuses.

141 Ulisses fala ironicamente, porque não é a homms da espécie de Iro que os deuses dão as riquezas (A. Pierron).

l42 Literalmente: a Iro que já ndo í Iro ...

143 Rei mítico do Epiro, equivalente ao Papão. O seu nome significa, etimologicamente, carcereiro ou aquele que retém a quanlor lhe caeit nas mãos.

144 Ou: PelOPOnesO-

145 Enquanto a sua mulher viveu, Laertes permaneceu no palácio de Ulisses.

l46 O texto diz, propriamente; @juntar espinheiros para u#.,a sebe. Tais vedações poderiam, primitivamente, ter sido, sem dúvida, construídas com espinheiros; mais tarde, porém, começou a uti"ar-se a pedra, permanecendo o termo primitivo, que passou a ter o significado depedra. Esta é a explicação hoje admitida.

l47 O termo grego significa intervalo entre dt,<as pilartraf ou dmas Pigar, numa caxa. No tcxto, deve entender-se o espaço entre duas pilastr-as adossadas à parede, com a forma, mais ou menos, de nicho.

148 Os Dórios chamam-se assim por estarem divididos em três tribos. Outros, em vez de triparíidos, interpretam: que agitam o penacbo do seu elxo. Estes povos invadiram Creta, no século xi a. C.

l49 Rei mítico, cujo nome foi, talvez, um título dos

soberanos de Creta, durante o período florescente da ilha (1600-1400 a. C.). A sua genealogia é fictícia.

150 Isto é, um manto com o dobro da largura necessária, que podia dar duas voltas ao corpo de Ulisses.

151 Duvidou-se muito tempo se estes animais tinham sido bordados sobre o manto ou gravados na fíbula. Depois, porém, das descobertas em Micéncias de entalhes em pedras e em ouro, começou a admitir-se que se tratava aqui de gravuras sobre a placa da fíbula. Em qualquer dos casos, a descrição mostra que o poeta se inspirou em obras de arte que ele conhecia, semelhantes às descobertas pelos arqueólogos.

152 Ver acima, n.º 10.

153 Os oráculos deste robble eram interpretados segundo o sussurro das suas folhas.

154 Este nome etimologicamente significa iracundo.

155 Segundo a mitologia, Pandareu era pai de Aédon, esposa de Zeto, rei de Tebas. Levada pela inveja, Aédon pretendeu matar um dos numerosos filhos de Níobe; mas, por engano, matou o seu próprio filho, Itilo. Zeus, para mitigar a sua dor, metamorfoseou-a em rouxinol.

156 Isto é, sem consistência e sem realidade, à semelhança de fantasmas.

157 Os caminhos da bruma são os caminhos do infemo, V. Bérard traduz: caminho das >wvenx.

158 Homero refere-se aqui a outra lenda relativa a Pandareu. Segundo esta versão, ele roubara o cão de ouro do templo de Zeus em Creta. Em punição do sacrilégio, Pandarcu foi morto, mas as suas filhas sofreram também as consequências do crime: foram, segundo o texto, entregues às Erínics, em con-

363

formidade com a justiça antiga, que envolvia na punição toda a família do criminoso.

159 Trata-se da numénia, em honra de Apolo, que ocorria

no primeiro dia do mês ou da Lua.

i60 Outro texto diz: os arrogantes pretendentes.

i61 Deste lugar, poderia Ulisses facilmente pôr-se a salvo, no caso de os pretendentes provocarem qualquer distúrbio.

i62 Teoclymus prediz aqui a morte dos pretendentes, que para ele estão já no país das sombras, no seio da etérea noite do Érebo.

i63 E como se dissesse: eis-me diante de vós disposta a casar com aquele que triunfar no certame.

i64 O arco, quando estava em repouso, tinha a corda fixa apenas a uma das suas pontas; mas, para poder usar-se, era preciso curv-lo e prender a corda à outra ponta. A isto chama o texto estender a corda ou armar o arco.

i65 Este sinal é a recusa que será feita ao mendigo de tomar o arco, depois da qual Eumeu e Filétio deverão executar as ordens de Ulisses.

i66 Este dia era consagrado ao descanso; por conseguinte, o manejo do arco seria uma violação do preceito religioso (ver n.º i59).

i67 O arco estava ao pé do lume; e Ulisses permanecia assentado num escabelo, junto da soleira da porta. juntamente com o arco, o porquero levava também as flechas, para as entregar a Ulisses, segundo a ordem recebida acima (v. 234 e seg.).

i68 Esta porta era a que punha em comunicação a sala das mulheres com a dos homens.

i69 Do emprego de chifres na formação do arco de Ulisses pode concluir-se que se trata aqui do arco compósito ou asiático. Este arco, mais potente do que o arco simples e mais difícil de armar, constava de uma haste de madeira guarnecida, na face interior, de tiras córneas, ao passo que ao longo da exterior corriam tendões ressequidos - conjunto que, por fim, era atado com segurança. O arco de Pândora (Ilíada, iv, i05 e segs.) devia, talvez, ser deste género, bem como o de outros heróis, especialmente o de Heracles.

170 Cavidade na parte inferior da flecha, que se apoiava na corda do arco.

171 Porta da sala, que comunicava com o pátio.

172. Era, provavelmente, uma porta, à qual davam acesso alguns degraus. Por esta porta podia subir-se ao pavimento superior da casa ou passar-se aos alojamentos das mulheres. O texto pode também interpretar-se: ... com um limiar flutuante acima do pavimento da sala ...

173 Estes são Filéto e Eumeu.

174 A rotunda era uma construção destinada, talvez, a arrecadações, cuja cobertura se apoiava sobre colunas, em toda a volta.

175 Isto é, mais rápidos do que era a esperar da sua idade. Outros vertem: saltitante.

176 Ou: de alto Cesto, segundo outro texto.

177 Agamémnon, Aquiles, Pátroclo, etc., que combateram com Ulisses em Tróia.

178 Ou: voz das Sereias estridentes. O texto de V. Bérard diz: das Sereias marinhas.

179 Este epíteto deriva de Cilene, a ninfa do monte da Arcádia do mesmo nome, onde, segundo a fábula, nasceu Hermes.

180 Platão censurou como vulgaridade a comparação das almas a morcegos. Poderá ter razão; não obstante, não deixa de ser pitoresca a comparação do texto.

364

z8i Cortavaw o drabeleira, para corn ela cobrirem o cadáver (ver Ilkk, xxiu, i35 e seg.).

i8z As ninfas do mar, ou Nefeidas, filhas de Nereu (cf. n.o 2).

i83 Homcro desconhecia af note mv@aç. A sua menção aqui é uma das provas de que esta parte da Odisseia pertence a um poeta posterior.

l84 Referência a Clitemnestra, que com Egisto deu a morte a Agamémnonc, seu esposo.

i85 A saber: Telémaco, Eumeu e Filétio. Aqui o poeta retoma a narração que tinha interrompido no final da rapsódia xxiii.

i86 Ver acima, n.o l46.

l87 Em vez de: que refofata ainda maif o xeu afpeclo írifle, outros conjecturam: para .re defender do frio ou da chuva.

i88 Ou, segundo outra interpretação: adquirida d 4rurla de muitas dd£fitas.

i89 Ulisses e os seus companheiros.

igo Todos julgavam que eles tivessem sido mortos juntamente com os pretendentes. Daí a sua admiração.

365

Impress,ío e acabamento:

Pubiirnpresores - Artes Gráficas. Ld@.

DeP6sito legal n.' 72 798193